

MARCOS EDUARDO MEINERZ

O REICH DE MIL ANOS

O IMAGINÁRIO CONSPIRATÓRIO
DA SOBREVIVÊNCIA NAZISTA APÓS
A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL


EDUNESPAR


UNESPAR
Universidade Estadual de Paraná



Universidade Estadual do Paraná

Reitora	Salete Machado Sirino
Vice-Reitor	Edmar Bonfim de Oliveira
Chefe de Gabinete	Ivone Ceccato



Editora da Universidade Estadual do Paraná

Diretor	Luis Fernando Severo
Assessora Editorial	Anna Glaucia de Morais Vieira
Assessora Editorial	Terezinha Eckelberg

Conselho Editorial

Adilson Anacleto
Ana Carolina de Deus Bueno Krawczyk
Aurea Andrade Viana de Andrade
Bruno Flávio Lontra Fagundes
Cleber Broietti
Denise Adriana Bandeira
Fernando Henrique Lermen
Gislaine Cristina Vagetti
Jane Kelly de Oliveira
Maria Ivete Basniak
Ricardo Desidério da Silva
Rogério Antonio Krupek

MARCOS EDUARDO MEINERZ

O REICH DE MIL ANOS

O IMAGINÁRIO CONSPIRATÓRIO
DA SOBREVIVÊNCIA NAZISTA APÓS
A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

© 2024 Universidade Estadual do Paraná

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da editora.

	Equipe
Revisão gramatical e Normalização	Kadu Sena MC&G Design Editorial
Projeto gráfico e Diagramação	Glauccio Coelho MC&G Design Editorial
Ilustração capa	Marcos Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

M514 Meinerz, Marcos Eduardo.

O Reich de mil anos: o imaginário conspiratório da sobrevivência nazista após a Segunda Guerra Mundial [recurso eletrônico] / Marcos Eduardo Meinerz. - Paranavaí : Edunespar, 2024.

Dados eletrônicos (pdf)

Inclui bibliografia.

ISBN: 978- 65-6115-029-3

1. Criminosos de guerra - Alemanha. 2. Nazistas. 3. Fugitivos da justiça - Alemanha. 4. Guerra Mundial, 1939- 1945 - Atrocidades. I. Título.

CDD23: 920 . 99943086

Biblioteca: Priscila Pena Machado - CRB - 7 / 6971



DOI: 10.61367/9786561150293

Esta obra está licenciada com uma Licença Atribuição-Não Comercial-SemDerivações 4.0 Brasil

Unespar - Universidade Estadual do Paraná
Avenida Rio Grande do Norte, 1525 | Paranavaí-PR
CEP 87.701-020 - Brasil

Edunespar - Editora da Universidade Estadual do Paraná
Rua Saldanha Marinho, 131, 1º andar | Curitiba-PR
CEP 80.410-150 - Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 O DESPERTAR DA FORÇA	29
1.1 O Pangermanismo e o Movimento Völkisch	33
1.2 A Teosofia na Alemanha	36
1.3 Ariosofia	39
1.4 A Ordem dos Germanos, a Sociedade Thule e a Sociedade Edda	41
1.5 A Terra Natal Ariana Perdida	43
1.6 O Nazismo Era Ocultista?	45
1.7 A Relação do Nazismo com as Forças Ocultas e das Trevas	48
1.8 A Lança do Destino e o Santo Graal	54
1.9 Da Relação com o Ocultismo Rumo à Formação do Imaginário da Sobrevivência Nazista	58
2 A AMEAÇA FANTASMA	61
2.1 Da Alemanha para o Mundo: a Fuga dos Criminosos de Guerra	62
2.1.1 “Operação Clipe de Papel”	74
2.2 A Antártida como Refúgio dos Nazistas	76
2.3 A Suástica fora da Alemanha	81
2.4 O “Novo Perigo Alemão”	85
2.5 História Alternativa, Alo-História, Ucronia: e se os Nazistas Vencessem a Guerra?	90
3 GUERRA DOS CLONES	103
3.1 Adolf Hitler, onde Está Você?	104
3.2 Hitler está vivo: 1945-1960	111
3.2.1 O Periódico Police Gazette	121
3.2.2 “O Tsunami Nazista”	125

3.2.3 O “Especialista” Roberto Botacini	129
3.3 Hitler Está Vivo: 1980-2016	139
3.4 Limites Borrados	151
3.5 Os Discos Voadores Nazistas e a Base Secreta na Antártida: 1960-2016	155
3.6 A Luta do Bem contra o Mal	167
4 UMA NOVA ESPERANÇA	175
4.1 O “Anjo da Morte”	176
4.1.1 Mengele em Rio do Sul – Santa Catarina	179
4.1.2 Mengele e Bormann em Marechal Cândido do Rondon – Paraná	189
4.1.3 Mengele em Cândido Godói – Rio Grande do Sul	211
4.2 A Identidade Bormann	221
4.3 A Circularidade da Mensagem	242
CONSIDERAÇÕES FINAIS	245
REFERÊNCIAS	252
Livros e entrevistas	252
Teses e dissertações	256
Artigos	257
Literaturas – histórias alternativas	259
Fontes	260
Histórias alternativas conspiratórias	260
Jornais e revistas	263

INTRODUÇÃO

O filme de Steven Spielberg *Indiana Jones e os caçadores da Arca Perdida*, de 1981, narra a saga do jovem professor de arqueologia Henry Walton Jones (Harrison Ford) em busca da Arca da Aliança em 1936, que, segundo as escrituras bíblicas, conteria “Os Dez Mandamentos” revelados a Moisés no Monte Horeb, no Egito. De acordo com a lenda, o exército que conseguisse possuí-la se tornaria invencível e, por isso mesmo, Jones teve um adversário de peso na busca pela arca perdida: o próprio Adolf Hitler. O objetivo era encontrar a arca antes dos nazistas para impedi-los de capturá-la. A trama do filme se desenvolve com essa temática, na qual os nazistas, desde as suas primeiras aparições, são apresentados como os vilões.¹

Em 1989, no terceiro filme da franquia, *Indiana Jones e a Última Cruzada*, temos a volta dos nazistas como vilões principais. A trama está centrada no Santo Graal, o cálice que Jesus Cristo teria utilizado na Última Ceia. Jones descobre que seu pai, Henry Jones (Sean Connery), foi sequestrado pelos nazistas e está preso em um castelo entre a Alemanha e a Áustria. No caminho para resgatá-lo, passa por Veneza, onde encontra, em uma catacumba sob uma antiga igreja, um pergaminho que poderia levar ao Santo Graal. Obviamente os nazistas estão à procura do cálice para adquirir poderes sobrenaturais (vida eterna) e por isso a missão passa, além de salvar seu pai, a impedir que a relíquia sagrada caia em mãos erradas.²

De fato, esse modelo de representação e aparição nazista em filmes, romances, documentários e reportagens de jornais e revistas, tornou-se típico da cultura de massa ocidental ao longo das últimas décadas do séc. XX. Podemos explicar isso por meio de dois fatores básicos: os nazistas são fáceis de relacionar como agentes do mal/perigosos, além de terem uma fácil aceitação do

¹ Filme: *INDIANA Jones e Os caçadores da Arca Perdida*. Direção: Steven Spielberg. 1981. (116 min). Sinopse do filme em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-121/>. Acesso em: 22 out. 2017.

² Filme: *INDIANA Jones e a Última Cruzada*. Direção: Steven Spielberg. 1989. (127 min). Sinopse em: <http://www.cci-ne10.com.br/indiana-jones-e-a-ultima-cruzada-critica/>. Acesso em: 22 out. 2017.

público para esse papel. Tais representações, entretanto, geralmente não possuem nada relacionado com a história do III Reich. Além da saga de Indiana Jones, por exemplo, filmes como *Contato* (1997), dirigido por Robert Zemeckis, e *Hellboy* (2004), dirigido por Guilherme del Toro, usaram Hitler ou os nazistas como tropo discursivo em contextos que ninguém os esperava: o primeiro um filme sobre *aliens*, o segundo sobre a vinda de um guerreiro de outra dimensão através de um portal intergaláctico.

Não é apenas no entretenimento que se destacam tais aparições descontextualizadas. Hitler e os nazistas são frequentemente invocados e empregados em discursos sobre o Iraque, Irã ou Coreia do Norte, com o objetivo de desqualificar oponentes políticos tanto internos quanto externos. Podemos verificar esse fenômeno na conjuntura política brasileira atual (desde 2016), na qual se formou o discurso, por setores da Direita do país, relacionando o nazismo ao espectro político da Esquerda.³ Como esse fato merecerá uma atenção em trabalhos futuros, não nos debruçaremos nas suas especificidades neste momento. Cabe destacarmos que isso pertence a um esforço claro de desqualificar a Esquerda brasileira. Ligando o governo de Hitler, representado na cultura de massa como a epítome do mal, ao socialismo, temos a tentativa de demonizar, ainda mais, os partidos de Esquerda no Brasil para obter ganhos políticos. Portanto, tal fenômeno tem por objetivo uma agenda política bem definida.

Queremos chamar a atenção com esses exemplos supracitados para o fato de que atualmente, provavelmente, as pessoas são introduzidas ao nazismo primeiro por meio da cultura de massa, transformadora das experiências humanas ao longo do tempo em entretenimento, do que por um professor de história. Produções como vídeos de *youtubers*, textos de blogs, filmes, literaturas conspiratórias, histórias em quadrinhos, jogos, videogames, entre outras, que exploram o passado nazista de maneira descontextualizada e com fins comerciais ou políticos, muitas vezes atingem um público significativamente maior, tornando-se mais atraentes do que o ensino da história nas salas de aula. Por isso, fica evidente que eles são formadores de opiniões sobre o passado, de sentimentos públicos, bem como de uma consciência histórica sobre determinado acontecimento. Ao propagarem conspirações, senso comum, sensacionalismo, estereótipos, esoterismo, ocultismo, estes meios ajudam a borrar

³ Podemos interpretar, também, esse fenômeno como um caso de negacionismo histórico, pois quando os ideólogos da extrema-Direita não conseguem mais negar o Holocausto – ou seja, que de fato ele ocorreu –, eles o colocam no “colo” da Esquerda. A consequência disso é que se estabelece uma diferença entre a perspectiva fascista da Europa e a perspectiva nazista da Alemanha: o nazismo produziu o Holocausto e ele é de Esquerda, já o fascismo não. Nessa perspectiva, a extrema-Direita fica livre para recuperar suas esperanças perdidas no pós-guerra e tornar seus projetos políticos fascistas aceitáveis socialmente. Isso pode ser verificado em: <https://www.youtube.com/watch?v=nmFAPqzaAz8>; <https://www.youtube.com/watch?v=ajnkUUr4vjl>. Acesso em: 13 out. 2023.

os limites existentes entre fato e ficção, daquilo que sabemos ser verdadeiro sobre o nazismo.

É sobre esse fenômeno, representado em teorias conspiratórias sobre a sobrevivência de Hitler e de uma possível formação do IV Reich na América Latina, que se baseia este livro. Devemos frisar que ele se insere em uma conjuntura nacional marcada por um clima desfavorável aos historiadores e a História – muitas vezes vista como opinião e não como ciência –, em um país onde uma das mais importantes revistas de divulgação da área não é mais publicada (Revista de História da Biblioteca Nacional), e o “Guia politicamente incorreto da História” segue firme e forte na internet e na televisão (History Channel). Nesse ambiente, podemos observar a crescente substituição da História, entendida como portadora de condições teórico-metodológicas de explicar/averiguar o passado humano, pelas teorias conspiratórias, ou seja, um discurso com validade nula.

No dia 23 de março de 2015, uma notícia publicada pelo jornal argentino Clarín acendeu novamente uma polêmica muito debatida durante as décadas de 1960 e 1970: a presença de vários criminosos de guerra nazistas na América Latina após a Segunda Guerra Mundial. Nessa data, arqueólogos argentinos afirmaram ter encontrado no parque Teyú Cuaré, Argentina, perto da fronteira com o Paraguai, um complexo de ruínas na selva, erguido, supostamente, para abrigar líderes nazistas em caso de derrota no conflito. Segundo o diretor do Centro de Arqueologia Urbana (CAU) da Universidade de Buenos Aires, Daniel Schávelzon, a localização tem a vantagem que permite estar no Paraguai em menos de dez minutos. “O local é defensável, protegido e inacessível. Um lugar para viver em paz, um lugar de refúgio. E acho que o que encontramos é um local de refúgio para a hierarquia nazista”.⁴

Schávelzon afirmou que o complexo de ruínas conta com enormes muros, de até três metros de espessura e composto por três edifícios: uma casa para poucas pessoas; um depósito grande e complexo; e uma estrutura construída no topo de uma colina, para ser um posto de vigilância e, assim, controlar todo o território. No local foram encontrados, entre outros, pratos de porcelana feitos na Alemanha, frascos e garrafas da década de 1940, um conjunto de moedas do III Reich colocadas sob o cimento da construção – depositadas antes mesmo de as paredes serem feitas – e alguns papéis do serviço secreto alemão indicando a preparação de abrigos em locais secretos e inacessíveis. Segundo o arqueólogo, não há outra explicação plausível para alguém ter investido tanto

⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/03/arqueologos-dizem-ter-encontrado-vestigios-de-refugio-nazista-na-argentina.html>. Acesso em: 23 out. 2023.

esforço, recursos e dinheiro na construção de uma estrutura em um local tão remoto e de difícil acesso, utilizando materiais que não eram comuns à arquitetura da região.

Alguns historiadores, todavia, contestaram as afirmações de Schávelzon. Segundo Daniel Stahl, da Universidade de Jena, na Alemanha, a falta de provas e documentação concreta sobre as ruínas é um ponto-chave para os historiadores questionarem a verdade e a origem do local: “Havia muitos alemães na Argentina durante a Segunda Guerra. Houve comércio. Portanto, não é, de forma alguma, estranho que moedas alemãs e bens deste período tenham surgido na Argentina. Essas teorias de refúgios nazistas não são cientificamente comprovadas”.⁵ Outro que rechaçou a teoria foi o jornalista argentino Uki Goñi. Para ele, esse local era apenas mais uma parte do mito, uma vez que não existia nenhuma prova de que essas moedas não foram colocadas lá por alguém que estava ansioso para conseguir atrair mais alguns turistas para poder ganhar mais um pouco de dinheiro.

Apesar destas contestações, um dia depois da publicação do jornal *Clarín*, a notícia viralizou em vários portais da internet. Hoje, sabemos com certeza que personagens como Adolf Eichmann, Josef Mengele e Klaus Barbie (só para citar os mais conhecidos) conseguiram fugir da Europa, refugiando-se na América Latina. Fato escancarado ao mundo em 1960, quando Eichmann, um dos arquitetos do Holocausto, foi capturado em Buenos Aires, Argentina, por um esquadrão do serviço secreto de Israel, a Mossad. A questão da presença de criminosos de guerra no continente sempre incomodou o pensamento de muitos, pois a pergunta era: o que estariam tramando os asseclas de Hitler a milhares de quilômetros da Europa?

Quando Hitler assumiu o poder na Alemanha em 1933, sonhava que o governo iniciado por ele, o III Reich, duraria mil anos. Mas, não foi o caso. O Partido Nazista comandou o país durante apenas doze anos, período no qual jogou o mundo na Segunda Guerra Mundial. Foram seis longos anos, 1939 a 1945, de um verdadeiro inferno na Terra, guerra que acabou sendo vencida pelos países Aliados (Inglaterra, Estados Unidos e URSS). No dia 29 de abril de 1945, Hitler e Eva Braun, casados a menos de 40 horas, cometeram suicídio no chamado *Führerbunker*, instalado sob a Chancelaria do III Reich em Berlim. Ele, com um tiro na têmpora direita e ela por meio de uma cápsula de cianeto. Ambos os corpos foram queimados com gasolina por soldados presentes na Chancelaria.

⁵ Entrevista em: <http://www.dw.com/pt-br/arque%C3%B3logos-dizem-ter-achado-ref%C3%BAgio-nazista-na-argentina/a-18335377>. Acesso em: 13 out. 2023.

A ordem era para não deixar nenhum vestígio de seus corpos, pois Hitler não queria se tornar um troféu para seus inimigos, principalmente para os soviéticos. Alguns dias depois, em 7 de maio de 1945, as forças alemãs se renderam e a guerra na Europa chegava ao seu fim.

Desde então, esse conflito já foi e vem sendo analisado por várias áreas do conhecimento humano (Psicologia, Filosofia, Sociologia, Economia, História etc.) com o objetivo de tentar compreendê-lo nas suas mais variadas nuances. Por exemplo, o suicídio de Hitler e Eva Braun e os momentos finais da guerra podem ser verificados em historiadores dedicados ao tema: Joachim Fest (2005), John Lukacs (1998), Ian Kershaw (2010) e Hugh Trevor-Roper (1947). É difícil encontrar qualquer outro conflito que possa competir com a Segunda Guerra Mundial na nossa consciência histórica e, não menos, em números de representações midiáticas disponíveis: filmes históricos, documentários, reportagens, séries de televisão, literaturas e jogos. Os meios de comunicação de massa transformaram os seus acontecimentos, principalmente o Holocausto, em motivo de celebração e de comercialização.

O assunto é tão estudado e explorado pela mídia que chega a dar a impressão de que quem de fato ganhou a guerra foram os nazistas, e não os Aliados. A máquina propagandística de Goebbels disseminava constantemente a ideia de um Reich de mil anos, o qual, se não teve sucesso político (durando apenas 12 anos), teve sucesso no imaginário ocidental. Inclusive, é por causa desse fenômeno que intitulamos essa pesquisa de *O Reich de Mil Anos*.

Essa grande presentificação pode ser explicada pelo fato de que, entre todas as emoções coletivas, as guerras possuem maior recorrência no imaginário social. Apesar de 77 anos terem passado, a Segunda Guerra Mundial ainda está muito presente e viva na memória e no imaginário contemporâneo, uma vez que causou grande perplexidade, não apenas pela brutalidade dos atos cometidos, ou pela intensidade das técnicas de violência implementadas, mas também principalmente pelo desenvolvimento dos meios de comunicação em massa, que se responsabilizaram por difundir cotidianamente os seus acontecimentos em todo o mundo (Magalhães, 1995, p. 32).

Devemos compreender a grande capacidade que os meios de comunicação de massa possuem de garantir a possibilidade de um imaginário atingir ou não uma grande audiência, funcionando com excelência para controlá-los perante a sociedade. Nesse sentido, um dos imaginários mais veiculados sobre a Segunda Guerra diz respeito à ideia na qual os nazistas sobreviventes e fugitivos estariam conspirando para formar o IV Reich na Antártida ou na América do Sul e que o próprio Hitler estaria vivo para comandar novamente a raça ariana.

Isso pode ser verificado em filmes, literaturas especulativas e reportagens de jornais e revistas produzidas desde o final da guerra até os dias de hoje, representando Hitler e os nazistas como a epítome do mal, um regime das trevas em pleno mundo moderno. Em virtude disso, estas produções, mesmo não sendo a real intenção dos autores, ajudam a estimular as fantasias sobre o fascínio de um nazismo superpoderoso que renasceu dos escombros da Primeira Guerra Mundial e um dia ainda renascerá em algum lugar do mundo.

Em 1947, por exemplo, o jornalista húngaro exilado na Argentina, Ladislav Szabo (1947), publicou o livro *Hitler Está Vivo*, afirmando que Hitler não estava morto, pois havia sido transportado secretamente para a Antártida, onde estava planejando ressurgir das cinzas. Em 1974, outro escritor húngaro, Ladislav Farago (1974), publicou nos Estados Unidos a obra *Aftermath: Martin Bormann and the Fourth Reich* (Consequências: Martin Bormann e o IV Reich), no qual narra a caçada que ele próprio teria realizado na América do Sul em busca do nazista Martin Bormann, denunciando uma ampla conspiração, encabeçada pelos nazistas fugitivos, para formar o IV Reich no continente. Rapidamente, jornais da América e da Europa, como o estadunidense *Chicago Tribune*, reproduziram as suas investigações.⁶

Outros órgãos de imprensa internacionais e nacionais reproduziram e publicaram reportagens denunciando a existência de supostas células nazistas na América do Sul. Como exemplos temos: *Neue Revue*, *Der Spiegel* e *Quick* da Alemanha; *Paris Match* da França; *Police Gazette*, *Chicago Times*, *The New York Times*, *History Channel* e *Discovery Channel* dos Estados Unidos; *Daily Mail* da Inglaterra; *L'Espresso* da Itália; *G1*, *Uol*, *Jornal da Tarde*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de Londrina*, *Rondon Hoje*, *O Estado do Paraná*, *O Paraná*, *Tribuna de Imprensa*, *O Diário Carioca*, *Última Hora* e *Correio da Manhã* do Brasil.

Isso corresponde a uma pequena parte de uma grande produção mundial, principalmente literária e jornalística, sobre a temática: brasileiros, argentinos, paraguaios, chilenos, bolivianos, uruguaios, estadunidenses, ingleses, italianos, alemães, húngaros, russos, austríacos, conjecturaram sobre uma possível ressurgência do nazismo em algum lugar do mundo, pois o medo de isso acontecer parecia ser bem real nas décadas seguintes ao término da guerra. Nesse tipo de produção, as questões mais frequentes eram: os nazistas estavam se reorganizando politicamente na América do Sul, conspirando para formar o

⁶ É importante destacar que, quando ponderamos a recepção desse imaginário, é vital considerarmos as múltiplas imagens existentes de Hitler e dos nazistas no imaginário das massas. Nessas produções, nomeadas aqui de “histórias alternativas conspiratórias”, Hitler é descrito como “o maior gênio do mal do século XX”, “rei do mal”, “adorador de satã”, “perverso sexual”, “abusador de crianças, jovens e mulheres”, entre outros. Não somente o Führer, mas todos os nazistas são assim representados.

IV Reich? Os descendentes e imigrantes alemães do continente estavam participando dessa conspiração? Hitler sobreviveu à Segunda Guerra Mundial? Os nazistas possuíam orientação “das trevas” e isso explicaria, em partes, as atrocidades cometidas durante a guerra? Esses questionamentos e essa vasta produção nos levou a pesquisar criticamente o assunto. Portanto, esta tese visa analisar as teorias conspiratórias que se formaram, desde o término da Segunda Guerra Mundial até os dias de hoje, sobre a presença nazista, ou suposta, na América Latina e na Antártida. Cronologicamente falando, de 1945 a 2018.

Sabendo que a forma como o passado deve ser lembrado é uma intensa luta por significação, algumas questões se fazem essenciais para nortearmos a pesquisa: quais usos do passado nazista permeiam este grande número de mensagens escritas, televisivas, cinematográficas e digitais? O que essa grande produção diz sobre como o nazismo tem sido lembrado, memorizado e representado na cultura de massa? O que falam sobre o seu próprio presente quando escrevem sobre o passado nazista? Como se estruturam essas narrativas e quais são as suas linhas comuns? Perguntas que tentamos responder ao longo da tese.

Cabe lembrar que, desde o movimento iluminista iniciado no séc. XVIII, propondo o uso da razão para explicar o mundo e combatendo as lendas, os imaginários, as superstições, os medos e as diversas manifestações de um pensamento “mágico” nas mentes humanas, as crenças ditas “irracionais” ficaram, por muito tempo, à margem de estudos considerados relevantes por parte dos pesquisadores da área da Ciências Humanas. Os positivistas do séc. XIX, por exemplo, eliminaram de seu campo de análise essas experiências cotidianas para reter da “realidade” política aquilo que poderia ser traduzido racionalmente.

Essa marginalização teve uma consequência negativa: a impossibilidade de explicar a experiência concreta dos agentes da história, como eles a viveram ou a sofreram, como compreenderam e sentiram o seu próprio tempo. A fé na razão e a valorização da ciência desprezaram esses sistemas de pensamento e de ordenação de mundo, não explicando, conseqüentemente, a lógica da mentalidade de seus crentes, como aqueles que acreditam em teorias conspiratórias. Por mais absurdas e irrealis que sejam as ideias vinculadas a esse tipo de teoria, muitas pessoas pautam suas vidas nelas e usam-nas como base para tomar decisões em suas realidades. As pessoas são afetadas por essas ideias, pensam sobre elas e agem por causa delas em seu cotidiano.

O que torna o pensamento conspiratório interessante e historicamente importante de se estudar é que, em determinados períodos, ele frequentemente afeta milhares de pessoas por ser difundido entre amplos setores da sociedade. A importância em analisar criticamente esse tipo de fenômeno também pode ser explicada nas palavras de Marc Ferro quando nos lembrou que: “aquilo

que não aconteceu (e por que não aquilo que aconteceu?), as crenças, as intenções, o imaginário do homem, são tão História quanto a História” (Ferro, 1992, p. 86). Formam discursos sobre a sociedade que as produz, ressaltando às suas tensões e ambiguidades.

“Somos todos sofredores da história, mas o [conspiracionista] é um duplo sofredor, uma vez que ele está aflito não só pelo verdadeiro mundo, como o resto de nós, mas por suas fantasias também.”
(Richard Hofstadter, 1964)

Teorias da conspiração de vários tipos fazem parte da história humana há séculos. Desde o final do séc. XX até o início do séc. XXI, elas ganharam maior visibilidade e destaque no cerne do pensamento social, tornando-se, desde então, lugar comum nos meios de comunicação (literatura, internet, jornais, revistas, cinema e televisão), transformando-as em um fenômeno de cultura e de massas. Embora pouco estudadas em face do enorme alcance que possuem na sociedade, acreditar em teorias da conspiração tornou-se tema de interesse para sociólogos, filósofos, psicólogos, historiadores e especialistas em folclore. Como nascem? Como se espalham? Quais são as suas características? Qual é o perfil de quem as produz? Quais são os seus efeitos na sociedade? Quem as segue e por quê? São as principais perguntas feitas nos estudos até então publicados.

De acordo com Micah Issit (2012), algumas das teorias da conspiração mais persistentes da história se originaram antes do séc. XVIII, influenciando vários acontecimentos históricos e sendo aceitas, até mesmo, como uma descrição precisa da realidade por muitas pessoas de todos os estratos sociais, incluindo chefes de Estados. Para alguns historiadores, o medo de uma suposta conspiração tramada pela elite judaica com o objetivo de tomar o controle da Europa cristã desempenhou um papel importante na formação dos sentimentos dos cidadãos europeus, motivando-os a fazer parte das Cruzadas entre 1095-1291.

Na época da Revolução Francesa (1789-1799), surgiram suposições acusando vários grupos poderosos de instigar a violência revolucionária com o intuito de influenciar mudanças no governo francês. Foi também durante este período que os Maçons e os Iluminatis ganharam infâmia e alcunha como duas das sociedades secretas mais poderosas do mundo.

Nos séc. XVIII e XIX, o panorama político dos Estados Unidos já estava repleto de teorias da conspiração. Desde o processo de Independência até a Guerra Civil (1776-1861), muitos políticos e cidadãos acreditavam que algumas lideranças europeias estavam tentando se infiltrar no país para provocar a queda do governo norte-americano, a fim de governá-lo. Segundo Issit (2012), alguns norte-ameri-

canos compararam a Igreja Católica a uma monarquia estrangeira, em que o Papa servia como um soberano. Havia a suspeita de que os católicos, agindo em nome do pontífice, prejudicariam ou tentariam derrubar o governo norte-americano, que era dominado por funcionários protestantes. A crença na conspiração católica levou ao desenvolvimento de várias políticas anticatólicas que tiveram um substancial impacto na política interna do país em meados do séc. XIX.

Durante a Guerra Fria, período prolífico em teorias conspiratórias, muitos estadunidenses acreditavam na existência de um complô por parte de líderes comunistas que estariam empenhados em controlar o governo dos Estados Unidos por meio de agentes secretos disfarçados como cidadãos norte-americanos. A paranoia era tanta que, nas décadas de 1940 e 1950, o senador Joseph McCarthy decretou uma série de projetos de lei que visavam descobrir e penalizar aqueles que supostamente tivessem algum envolvimento com atividades comunistas nos Estados Unidos (política conhecida como Macartismo). Nesse ambiente, milhares de norte-americanos foram detidos e interrogados por suspeita de participação em operações antiamericanas. Anos mais tarde, as medidas políticas adotadas por McCarthy tornaram-se símbolo de como as teorias conspiratórias podem levar à paranoia e à perseguição (Issit, 2012).

Talvez uma das teorias conspiratórias mais conhecidas no mundo esteja contida no livro *Protocolos dos Sábios do Sião*, de caráter antisemita. De acordo com Carlo Ginzburg, a obra foi produzida pela polícia secreta do Czar Nicolau II (Okhrana) em 1903, para desqualificar os seus oponentes políticos. *Os Protocolos* pretendiam ser atas de um suposto congresso secreto realizado por um grupo de conspiradores judeus que planejavam se infiltrar em todos os níveis da sociedade (na economia, na imprensa, nas forças armadas, nos partidos políticos etc.), com o objetivo de implantar uma monarquia judaica que dominaria o mundo. O texto era para ser “a versão atualizada” de um projeto conspiratório idealizado por Salomão e pelos Sábios do Sião em 929 a.C. (Ginzburg, 2002, p. 201).

A obra ganhou destaque internacional depois da Revolução Bolchevique de outubro de 1917, apresentada por parte da imprensa reacionária mundial como resultado de uma conspiração judaica do mal, como estava previsto nos *Protocolos*. Em 1919, ela foi traduzida para o alemão e saudada como um documento importante, portanto digno de fé, com comentários dando ênfase especial à “Conspiração Sionista” que ameaçava as monarquias e as igrejas cristãs. Contudo, Philip Graves, correspondente do jornal Times em Istambul à época, escreveu três artigos demonstrando que os *Protocolos* eram uma falsificação, dado que muitas passagens eram cópias de trechos de um livro esquecido, publicado meio século antes, em 1864: *Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu*, do francês Maurice Joly. Nesse livro, Joly faz duras críticas ao governo de Napoleão

III (inclusive foi processado e condenado a quinze meses de prisão por ter escrito “frases sediciosas e ofensivas” contra o imperador). Isso não impediu que a obra continuasse a se disseminar pela Europa em países como Inglaterra, Espanha, França, Portugal e, conseqüentemente, para o restante do mundo. A ideia recorrente era que a democracia, o comunismo e o comércio internacional estavam sob controle dos judeus, que haviam “infectado” todos os governos, todo o comércio, todas as artes e toda a mídia mundial.

Na história, o uso mais importante dessa teoria conspiratória se deu por meio de Hitler e dos nazistas. *Os Protocolos* forneceram para a eles a imagem de um inimigo nacional em comum, um inimigo demoníaco. O antissemitismo nazista apoiava-se nessa demonologia apocalíptica que culpava os judeus por todos os males do mundo, incluindo o liberalismo, o comunismo, a corrupção da moral e a derrocada do mundo tradicional. Hitler acreditava na veracidade dos Protocolos, sendo a base principal do seu antissemitismo, e usava-o para manipular a mídia, subverter as instituições do Estado e implantar sua própria conspiração para tentar governar o mundo. Assim, ele não só adotou a falsa conspiração judaica como a sua visão do mundo, como também adotou as táticas atribuídas aos judeus pelos falsificadores czaristas como sua própria, utilizando-as com um notável sucesso (Goodrick-Clarke, 2004, p. 9).

Sobre a utilização de teorias conspiratórias com fins políticos, Chip Berlet (2009), cientista político norte-americano, afirma que as conspirações e fantasias por mais excêntricas que possam parecer, podem ter, e frequentemente têm, implicações na realidade. Pensamentos conspiratórios são sintomas de atritos sociais e, como tal, são perigosos para ignorar. Estas teorias são ferramentas que podem ser usadas por certos líderes políticos para mobilizar uma massa de seguidores ou para justificar a perseguição a determinados grupos, criando um ambiente onde o racismo, o fanatismo, o antissemitismo e outras formas de preconceito e opressão podem florescer. Assim sendo, para autor, as teorias conspiratórias são “tóxicas à democracia”.

Outras tantas teorias conspiratórias pululam no imaginário ocidental: Óvnis e extraterrestres, Nova Ordem Mundial, 11 de Setembro, John Kennedy, Elvis Presley e IV Reich. Basta fazermos uma rápida pesquisa na internet para encontrarmos centenas dessas teorias. Para termos uma ideia mais geral, Michael Newton (2006) publicou em 2006 o livro *The Encyclopedia of Conspiracies and Conspiracy Theories*, uma enciclopédia com mais de 400 páginas, na qual o autor descreve as mais famosas teorias conspiratórias existentes envolvendo países, instituições e pessoas.

No Brasil, não podemos esquecer que o governo Getúlio Vargas, em 1937, divulgou ao povo brasileiro o documento intitulado “Plano Cohen”, que revelava

uma suposta conspiração por parte dos comunistas com o objetivo de tomar o poder no Brasil. A conspiração foi apresentada no programa de rádio Hora do Brasil pelo então chefe do estado-maior do Exército, general Góes Monteiro. Logo depois, o governo decretou Estado de Guerra, perseguiu os seus opositores e colocou em vigor uma nova Constituição que eliminava partidos políticos, autorizava prisões, invasão de domicílios e instituía a pena de morte no país. Apresentando essa conspiração ao público, conseqüentemente o manipulando, Vargas ganhou o apoio social necessário para instituir a ditadura do Estado Novo, entre 1937 e 1945. Como se soube anos mais tarde, o suposto plano comunista não passava de um embuste forjado para manter Vargas no poder. Tempos depois, em 1964, um dos motivos para que o golpe civil-militar acontecesse no Brasil foi o medo existente em uma grande parcela da população de que o presidente João Goulart (Jango), com suas reformas de base, estaria conspirando para implementar o comunismo no país. Esse “perigo comunista” ou “perigo vermelho” serviu como justificativa para o Golpe de 1964, dessa forma foi um dos elementos que legitimaram o evento.

Em 2014, o fenômeno do “perigo vermelho” voltou à tona no Brasil ganhando destaque social. Após as manifestações ocorridas durante a campanha eleitoral à Presidência da República naquele ano, e das manifestações exigindo o impeachment da então presidente, Dilma Rousseff, ocorridas entre 2015 e 2016, ficou evidente que as teorias conspiratórias atingem cada vez mais as pessoas. Acusações sobre a suposta implementação do comunismo no país, maquinada pelo Partido dos Trabalhadores (PT), exacerbaram-se durante o período eleitoral, no qual pudemos observar certo irracionalismo que grassou em nossa sociedade, em que as teorias conspiratórias serviram de base para as pessoas agirem em suas realidades. Nesse ambiente, identificamos claramente a existência dos sentimentos de ódio, racismo, xenofobia e o preconceito contra pobres.⁷

As teorias conspiratórias sempre podem florescer quando as pessoas se sentem excluídas do processo político. A ascensão da classe política e a distância cada vez maior entre as elites e o eleitorado ajudam a estimular a crença em conspirações (Goodrick-Clarke, 2004, p. 381). Uma pesquisa coordenada por Pablo Ortellado, filósofo e professor do curso de Gestão de Políticas Públicas da USP, e Esther Solano, professora de relações internacionais da UNIFESP, revelou que a maioria dos manifestantes de São Paulo presentes na Avenida Paulista no dia 12

⁷ Esses discursos preconceituosos e conspiratórios podem ser observados nos links: <https://www.facebook.com/revoltadosonline?fref=nf> <http://moralbrasileira.blogspot.com.br/2013/01/neocomunismo-comunismo-no-brasil.html?m=1>. Só para citarmos alguns exemplos, mas a quantidade de sites sobre o assunto cresce cada vez mais.

de abril de 2015, exigindo o impeachment da então presidente, Dilma Rousseff, acreditavam em teorias conspiratórias. Segundo a pesquisa, que ouviu 571 pessoas: 64% achavam que o PT queria implantar um regime comunista no Brasil, 56% acreditavam que o Foro de São Paulo queria criar uma ditadura bolivariana no Brasil, 53% achavam que o Primeiro Comando da Capital (PCC) era um braço armado do PT, e 42% concordavam que o PT havia trazido 50 mil haitianos para votar em Rousseff nas últimas eleições.⁸ Sem contar os crentes na ideia da qual o programa do governo federal chamado “Mais Médicos” financiava uma ditadura cubana e que os médicos cubanos que trabalhavam no país eram espíões comunistas empenhados em ajudar o PT a implementar o comunismo.

Ao fazer uma rápida pesquisa no “*Google images*” sobre o assunto, pode-se encontrar centenas de cartazes confirmando essas estatísticas:

- ▶ “Não ao Foro de São Paulo. Comunismo no Brasil Jamais”.⁹ Esse cartaz, segurado por uma criança, apresenta as duas letras “o” da palavra “comunismo”, com pequenos chifres e caudas, simbolizando o diabo.
- ▶ “Contra a ditadura bolivariana e o comunismo. Intervenção militar já! Exército, queremos nosso país de volta”¹⁰
- ▶ “We don’t want communism in Brazil”¹¹
- ▶ “Comunismo é o império do mal. PT é a estrela da morte. Dias Toffoli é o advogado do diabo”¹²
- ▶ “Não à ditadura comunista no Brasil”¹³
- ▶ “Comunista é bom morto. Dilma, Maduro, Hugo, Fidel, Cristina, Lula – Lixo do Mundo”¹⁴

Nesse ambiente, onde as teorias conspiratórias se propagam, o discurso de ódio e o clima de intolerância ganham força não somente nas ruas, mas também principalmente na internet e nas redes sociais que ajudam a disseminar tais discursos, expandem-se ideias antes à sombra e amplificam polarizações políti-

⁸ A pesquisa completa, que teve o objetivo de analisar a confiança no sistema político e as fontes de informação, pode ser visualizada em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/04/o-que-pensa-o-manifestante-que-foi-as-ruas-no-ultimo-domingo.html>. Acesso em: 13 out. 2023.

⁹ Disponível em: http://aluizioamorim.blogspot.com.br/2013_06_01_archive.html. Acesso em: 13 out. 2023.

¹⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/03/manifestantes-no-recife-pedem-intervencao-militar-no-brasil.html>. Acesso em: 13 out. 2023.

¹¹ Disponível em: <http://www.dw.com/pt/nove-cartazes-curiosos-dos-protestos/a-18652776>. Acesso em: 13 out. 2023.

¹² Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/album/2015/04/12/veja-fotos-dos-cartazes-do-protesto-de-12-de-abril.htm>. Acesso em: 13 out. 2023.

¹³ Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/11/a-volta-dos-que-nao-foram.html>. Acesso em: 13 out. 2023.

¹⁴ Disponível em: <https://diplomatie.org.br/as-ruinas-da-intolerancia/>. Acesso em: 13 out. 2023.

cas, sociais e culturais existentes. É importante nos atentarmos ao fato de que o ódio e a intolerância não se restringiram ao governo e seus partidários, mas contribuíram para amedrontar, por exemplo, um frentista haitiano que, devido a uma suposta maquinação do PT para cooptar militantes com o objetivo de implementar o comunismo no país, estava ocupando o emprego de um brasileiro.¹⁵

Por meio desses exemplos supracitados, podemos compreender que as teorias conspiratórias possuem influência no pensamento social. Muitas pessoas pautam as suas vidas nesse tipo de ideia. Portanto, para atingir nossos objetivos, ao longo desse trabalho analisamos como isso acontece e quais são as principais características políticas e culturais dessas teorias.

É importante destacarmos que, em caráter nacional, as pesquisas sobre esse tipo de fenômeno ainda são relativamente poucas, quase inexistentes.¹⁶ Em âmbito internacional, nas últimas duas décadas, teóricos ingleses, franceses e norte-americanos têm-se debruçado cada vez mais sobre as influências das teorias conspiratórias na sociedade. Entre os estudos publicados, podemos destacar historiadores como: Richard Hofstadter (1964), Michael Barkun (2003) e Raoul Girardet (1987).¹⁷

Um dos primeiros a se preocupar em estudar as teorias da conspiração foi o historiador norte-americano Hofstadter (1964), que em 1964 publicou o ensaio *The Paranoid Style in American Politics* (O Estilo Paranoico na Política Americana), na edição de outubro da revista *Harper's Magazine*. Para Hofstadter, existe uma ligação entre conspiração e paranoia possuindo duas origens inter-relacionadas: a primeira origem, e mais geral, diz respeito à semelhança entre os sistemas delirantes de paranoias e as tramas imaginadas por teóricos da conspiração; a segunda origem demonstra que, ao contrário do paranoico clínico, o paranoico político acredita que o complô não é dirigido somente contra si, mas contra uma nação, uma cultura, um modo de vida, a milhões de outros.

Conforme Barkun (2003), a conspiração, para as pessoas que creem, parece ser tão poderosa que controla praticamente todos os meios pelas quais as informações são disseminadas – universidades, escolas, mídia e assim por diante. Elas distanciam-se ostensivamente das instituições tradicionais do saber, desprezando e desconfiando da academia e da intelectualidade, pois argumentam que elas controlam a mente das pessoas e fazem lavagem cerebral. Desconfiam

¹⁵ O caso ocorreu na cidade de Canoas, no estado do Rio Grande do Sul. Ver: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/06/homem-aborda-frentista-haitiano-cita-desemprego-no-pais-e-ironiza-sort.html>. Acesso em: 13 out. 2023.

¹⁶ Por exemplo: Marcos Meinerz (2013) Daniel Samways (2014), Ricardo Castro (2014).

¹⁷ Porém, não são os únicos: Methew Dentith (2012); Jovan Byford (2011); Mark Fenster (2008); Gregory Camp (1997); Brion David (1971); Graumann e Moscovici (1987); Daniel Pipes (1995).

também dos meios de comunicação como falsificadores e encobridores da verdade, considerando-os como parte da conspiração, uma ferramenta controlada pelos conspiradores a fim de iludir o público. Esses fatores explicam, em parte, a escolha por conhecimentos que contrariam crenças comumente aceitas. Neste sentido, o intelectual perde espaço por ser detentor do saber, e a conspiração parece ser bem mais aceita. Ao questionarem as versões oficiais dos fatos, essas teorias questionam a verdade estabelecida ou a pessoa investida dela, e ao fazerem isto podem parecer muito mais aceitáveis do que a realidade.

Outro efeito da descrença nos meios de comunicação, nos intelectuais e nas instituições tradicionais do saber é que os crentes nesse tipo de teoria encontram na internet o meio mais seguro para adquirir informações e, nesse sentido, ela torna-se o meio de excelência para a difusão e permanência das teorias conspiratórias na sociedade contemporânea. Para Barkun (2003), a internet é atraente por causa de sua grande audiência, o baixo investimento necessário para a sua utilização, e mais importante: a ausência de “porteiros” que podem censurar o conteúdo das mensagens. Não há intermediários, tais como editores e produtores que estão entre o conteúdo e a distribuição da mensagem. Sem barreiras à entrada, acessível a uma enorme quantidade de pessoas no mundo e permitindo a qualquer indivíduo publicar os conteúdos que bem entender, ela é considerada a grande impulsionadora das teorias da conspiração (Silva, 2010).¹⁸

Aquele cuja visão de mundo é construída em torno da ideia da conspiração dificilmente busca informações que contrariam as suas convicções, encontrando em comunidades virtuais da internet a ligação com suas ideias, com a sua mente. Sobre esse viés de confirmação ou a tendência pela qual as pessoas buscam e acreditam em dados que apoiem seu ponto de vista, enquanto descartam os que não apoiam, o britânico Mark Lorch, professor de ciências da comunicação, afirma que todos sofremos isso.

Basta pensar na última vez em que escutou ou viu um debate no rádio ou na televisão: até que ponto lhe pareceu convincente o argumento que ia contra sua visão das coisas, em comparação com o que coincidia com ela? O mais provável é que, fosse qual fosse a racionalidade de ambas as partes, você desprezasse em grande medida os argumentos da oposição, enquanto aplaudia os que concordavam com os seus. O viés de confirmação se manifesta também como uma tendência a selecionar a informação de fontes que já estão de acordo com nossos pontos de vista (o que provavelmente também tem origem no grupo com o qual nos relacio-

¹⁸ Porém, não é o único meio. Não podemos esquecer a enorme produção literária, jornalística, cinematográfica e televisiva existente sobre o tema.

namos). Assim, certamente suas ideias políticas ditam seus canais de notícias favoritos (Lorch, 2017).

Esse tipo de pensamento “autoconfirmador”, conforme o historiador francês Raoul Girardet (1987, p. 11), é reflexo de um sistema de valores ou de um tipo de mentalidade que eclode e surge em momentos de intensa crise e des-norteamento coletivo, como sintoma de caos social. Elas se encontram no cerne dos mitos políticos presentes no imaginário da sociedade contemporânea, sendo quatro os principais: o mito da Conspiração maléfica tendendo submeter os povos à dominação de forças obscuras e perversas; o mito do Salvador ou apelo ao chefe salvador, restaurador da ordem ou conquistador de uma nova grandeza coletiva; o mito da Idade de Ouro da qual convém redescobrir a felicidade ou de uma Revolução redentora que permitirá à humanidade entrar na fase final de sua história e assegurar para sempre o reino da justiça; e o mito da Unidade, ou seja, a ideia de uma sociedade coesa, feliz e igualitária.

Como nossos esforços estão voltados à ideia da conspiração, não cabe explorarmos os elementos dos outros três mitos presentes no cerne do imaginário político contemporâneo. Nesse sentido, nos discursos conspiratórios, identificamos um jogo simbólico, algo que podemos chamar de “bestiário do complô”: reúne tudo o que rasteja, infiltra-se, esconde-se; tudo o que é ondulamente viscoso, tudo o que é tido como portador de sujeira e da infecção como a serpente, o rato, a sanguessuga, o polvo; o subterrâneo ou seu equivalente (cripta, jazigo, quarto fechado). Não há complô cuja descoberta não se apresente como uma descida progressiva para longe da luz, ali onde as trevas se fazem mais e mais densas. É quase sempre a noite quando os conjurados escolhem para se reunir, dispersando-se com o nascer do dia. Esse imaginário carrega um fluxo de imagens, de fantasmas e de representações simbólicas:

Medo dos porões tenebrosos, das paredes sem saída que se fecham, das fossas escuras de onde não se sob de novo, medo de ser entregue a mãos desconhecidas, de ser roubado, vendido ou abandonado, medo, enfim, do ogro, dos dentes carniceiros dos animais de presa, de tudo o que tritura, despedaça e devora [...]. O inimigo opera subterraneamente, clandestinamente versátil, inapreensível, capaz de infiltrar-se em todos os meios, sua habilidade suprema é a da manipulação; suas tropas invisíveis, mas presentes em todas as partes (Girardet, 1987, p. 57).

Os homens do Complô serão antes de tudo instruídos a esconder-se nas sombras, escapando das regras elementares da normalidade social. Eles são submetidos às suas próprias leis e obedecem apenas a suas próprias necessi-

dades e apetites. Praticam a corrupção, a depreciação dos costumes, a desagregação sistemática das tradições sociais e dos valores morais, encarnando o “estrangeiro no sentido pleno do termo” (Giradert, 1987, p. 42).

De acordo com Barkun (2003, p. 3), uma visão de mundo conspiratória implica um universo governado por projetos aleatórios que se manifestam em três princípios encontrados em praticamente todas as teorias da conspiração:

- ▶ Nada acontece por acaso. Conspiração sugere um mundo baseado na intencionalidade, a partir do qual acidente e coincidência não existem. Tudo que acontece ocorre porque foi desejado, planejado. Na sua forma mais extrema, o resultado é um mundo de fantasia, muito mais coerente do que o mundo real.
- ▶ Nada é como parece. As aparências enganam, porque os conspiradores querem enganar a fim de disfarçar suas identidades ou as suas atividades.
- ▶ Tudo está conectado. Porque no mundo dos seguidores das teorias da conspiração não há espaço para acidentes e coincidências, o complô está em toda parte, ainda que escondido da vista.

Apesar das teorias da conspiração compartilharem essas características gerais, elas podem ser distinguidas, principalmente, pelo seu escopo. Barkun (2003, p. 6) as caracteriza em três diferentes tipos, por ordem crescente de abrangência:

Eventos conspiratórios: a conspiração é considerada responsável por eventos discretos ou conjunto de eventos.

Conspirações sistêmicas: acredita-se que seus objetivos são concebidos para garantir o controle sobre um país, uma região, ou até mesmo o mundo inteiro. O maquinário conspiratório geralmente é simples: uma única organização maligna implementa um plano para se infiltrar e subverter as instituições existentes.

Superconspirações: este termo refere-se a construções conspiratórias em que várias conspirações estão ligadas hierarquicamente. Eventos e sistemas conspiratórios estão unidos em complexas maneiras, de modo que as conspirações são encaixadas uma dentro da outra. No cume da hierarquia uma distante mas todo-poderosa força do mal manipula toda a conspiração.

Podemos encaixar o imaginário conspiratório da formação do IV Reich na América do Sul em dois tipos: Conspiração Sistêmica e Superconspiração. Em ambas, encontramos uma organização maléfica empenhada em dominar todo o mundo. No caso, Hitler e seus asseclas.

O livro está estruturado em quatro capítulos. No primeiro analisamos as origens das crenças míticas e ocultistas (Teosofia e Ariosofia) presentes nos movimentos nacionalistas da Alemanha (pangermanismo e movimento *völkisch*) que influenciaram a ideologia nazista e como o Nacional Socialismo foi transformado, por meio da propaganda política, em praticamente uma religião a ser seguida pelo povo alemão, com Hitler sendo o Messias salvador da pátria. Esses elementos serão fundamentais para compreendermos os motivos que levaram, depois da Segunda Guerra Mundial, o nazismo a ser mitificado como uma encarnação do mal no cerne do imaginário ocidental. Nesse sentido, foram publicadas várias obras relacionando os nazistas com supostas forças das trevas, em que estariam, até mesmo, em busca das relíquias do Santo Graal e da Lança do Destino (segundo a tradição Católica, respectivamente: o cálice usado por Jesus Cristo na Última Ceia e a arma usada pelo centurião romano Longinus para perfurar o tórax de Jesus Cristo durante a crucificação) para obter um poder sobrenatural com o objetivo de dominar o mundo.

No segundo capítulo, por sua vez, analisamos como foi possível a formação de um dos imaginários conspiratórios mais presentes e potentes sobre os nazistas no imaginário ocidental: a sua suposta sobrevivência e conspiração para formar o IV Reich em algum lugar do mundo. Afinal de contas, os nazistas – por sua maldade expressa, sua ligação com o demônio, com as trevas e outras entidades ocultas – não poderiam ser derrotados tão facilmente. Nesse momento, explicamos uma série de fatos que influenciaram a formação desse imaginário: a fuga de criminosos de guerra para a América do Sul; o resgate de cientistas nazistas por Perón na Argentina; a Operação Paperclip; o interesse nazista na Antártida; a Operação Highjump; a disseminação do Partido Nazista pela América Latina; e os submarinos U-530 e U-977 rendidos meses depois do final da guerra na Argentina.

Na última seção do segundo capítulo, analisamos a formação de outro tipo de produção sobre a Segunda Guerra Mundial que possui até hoje uma ampla recepção – as histórias alternativas: e se os nazistas vencessem a Segunda Guerra Mundial? E se Adolf Hitler escapou da Alemanha em 1945 se escondendo nas florestas da América do Sul? E se Hitler tivesse sido assassinado ou nunca tivesse nascido? Essas conjecturas foram produzidas em larga escala depois da guerra, sendo representadas em obras literárias, filmes, documentários, séries de televisão, desenhos animados e jogos de videogame. Por meio dessa abordagem, compreenderemos melhor os usos e abusos do nazismo no imaginário cultural contemporâneo, bem como delimitaremos as diretrizes teóricas e metodológicas desta pesquisa.

Nosso terceiro capítulo é composto pela análise das teorias conspiratórias produzidas entre 1945 e 2016, que abordam, entre outros: a sobrevivência de Hitler e sua fuga para a América Latina, e a suposta base secreta nazista na Antártida e o seu envolvimento com Óvnis. Essas ideias conspiracionistas foram representadas em reportagens de jornais e revistas, documentários e em literaturas com pretensão de realidade. Analisamos também a chamada “onda nazista” formada na década de 1960, que atiçou a fascinação do público com todos os detalhes do nazismo e da vida do *Führer*: uma série gigantesca de biografias históricas, filmes, novelas, escândalos, e a venda de relíquias e parafernália nazistas de todos os tipos (uniformes, mobílias, bandeiras, joias, punhais e outras peças).

No quarto e último capítulo, enfatizamos as teorias conspiratórias presentes em literaturas e reportagens de jornais e revistas, as quais possuem como tema principal a relação dos criminosos de guerra refugiados na América Latina e dos imigrantes e descendentes alemães do continente, com a suposta formação do IV Reich. Assim como Hitler, os seus “discípulos do mal”, principalmente Joseph Mengele, Martin Bormann e Klaus Barbie, foram responsáveis por gerar várias teorias conspiratórias. Focamos nossas análises em compreender como as teorias conspiratórias podem afetar a nossa realidade. Para isso, abordamos os casos das cidades brasileiras de Marechal Cândido Rondon (Paraná), Cândido Godói (Rio Grande do Sul) e Rio do Sul (Santa Catarina). Essas cidades foram acusadas de possuírem células nazistas empenhadas em reerguer o nazismo.

Toda pesquisa tem sua própria história e aqui ela se funde com minha trajetória através do tempo. Nasci e cresci na cidade paranaense de Marechal Cândido Rondon, localizada no oeste do estado, próximo à fronteira com o Paraguai. Hoje contando com apenas cinquenta mil pessoas, foi colonizada pela Industrial Madeireira Rio Paraná S.A. (MARIPÁ) no início da década de 1950, sendo que italianos e, principalmente, alemães oriundos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, foram os “elementos humanos” escolhidos pela empresa para povoarem a região.

Cidade pacata na maior parte de sua história, ganhou destaque na mídia nacional em dois momentos. Em 1995, quando uma família local teve a casa invadida por três homens fortemente armados, fazendo-os refém por 123 horas, Marechal Cândido Rondon foi centro de atenção de todo o País, que acompanhava ao vivo o desenrolar do sequestro através de várias emissoras de televisão e rádio. Na década de 1960, por sua vez, vários jornais e revistas do Brasil e

do mundo repercutiram as investigações especulativas de um caçador de nazistas que afirmou a existência de um núcleo neonazista na cidade empenhado em reerguer o partido de Hitler na América Latina (fato que analisamos no quarto capítulo).

É com base nesse último acontecimento que se desenvolveu uma das lendas mais conhecidas entre os moradores do município, perpetuada até os dias de hoje. Desde muito novo eu ouvia histórias sobre uma determinada residência que supostamente abrigava e recebia vários nazistas para reuniões secretas. Mengele e até mesmo Hitler seriam os seus hóspedes mais ilustres. De acordo com a lenda, o dono da casa era um nazista que cultivava uma sala com várias mechas de cabelo de judeus penduradas no teto e outro cômodo com esqueletos humanos. A história mais conhecida sobre a casa diz respeito a existência de um túnel interligando-a a outra residência da cidade que serviria para uma eventual fuga do seu dono e dos nazistas ali hospedados.

Com uma arquitetura ímpar na região, aguçando a imaginação das mentes mais férteis, a casa em questão foi planejada e pertencia ao imigrante alemão Heribert Gasa, que participou da Segunda Guerra Mundial como mecânico e paraquedista do exército alemão. Chegou à cidade de Marechal Rondon no começo da década de 1960 a convite de seu amigo Friedrich Seyboth, que também participara da guerra como médico. Na cidade, Gasa levou uma vida reclusa, não se expondo muito na sociedade. Isso, paralelamente, ajudou a criar as lendas sobre a casa. A pergunta era: o que esse velho alemão faz nessa casa que mais parece uma fortificação, um *bunker*? As suspeitas sobre as suas atividades eram muitas.

Por muito tempo, nunca tive a oportunidade de conhecer o interior da residência para tentar, talvez, encontrar o famoso túnel tão comentado. Contudo, as coisas mudaram em 2006, quando ingressei no curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus localizado na própria cidade. Movido mais pela curiosidade do que qualquer outro motivo, surgiu a oportunidade de trabalhar como voluntário na casa em um projeto de extensão idealizado por alguns professores do curso. Esse projeto visava higienizar, catalogar, restaurar e organizar o acervo pessoal deixado por Gasa ao falecer em 2003, com oitenta e três anos de idade. Esse acervo correspondia a uma grande quantidade de filmes e fotografias (muitas sobre o início da colonização da cidade), livros, revistas, moedas, aparelhos fotográficos, documentos particulares, instrumentos musicais e armas (inclusive algumas que trouxera da guerra).

Foram mais de três anos de trabalho, tempo o suficiente de conhecê-la muito bem e de procurar o tal túnel, mas para minha frustração não encontrei

nenhum indício de sua existência. Contudo, a casa possui muitas portas falsas, passagens, um subsolo com aspectos arquitetônicos árabes, sauna, dez banheiros, enfim, das mais variadas excentricidades. Nesse período, foi aberto na casa o “Instituto Cultural Casa Gasa” com o objetivo de preservar e expor a memória deixada por Hans Heribert Gasa ao público. Eu era responsável por guiar os visitantes pelo local, bem como explicar os mínimos detalhes da vida de Gasa. A pergunta frequente dos curiosos era sobre o suposto túnel. Muitos, inclusive, afirmavam veementemente a existência dele.

Em 2008, quando estava trabalhando no acervo deixado por Gasa, encontrei vários recortes de matérias de jornais e revistas do Brasil dentro de uma caixa de sapato, datados de 1960-1970, que indicavam uma suposta conspiração no município de Marechal Cândido Rondon para a formação do IV Reich. Reportagens apontavam a cidade como o centro do neonazismo na América do Sul e outras indicavam que alguns dos seus moradores mais célebres seriam Josef Mengele e Martin Bormann. Depois disso, encontrei na própria biblioteca de Hans Gasa vários livros de “caçadores de nazistas” empenhados em encontrar o paradeiro dos asseclas de Hitler pelo mundo. A partir desse momento comecei a pesquisar sobre o assunto.

Na graduação em História, concluída em 2010, pesquisei as condições de produção dos discursos sobre a suposta relação da cidade com o nazismo nas décadas de 1960 e 1970. Sentindo que poderia colher mais frutos sobre a temática, ingressei no Mestrado em História na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, em 2011. Na dissertação, ampliei meu horizonte e analisei a temática como parte de um imaginário conspiratório existente na América do Sul, onde os nazistas estariam empenhados em criar o IV Reich. Novamente senti que poderia ir mais a fundo nas fontes analisadas, pois a cada dia eu encontrava outros livros sobre o assunto (até mesmo com novos sendo produzidos), outras matérias de jornais e revistas, filmes e documentários. A produção sobre essa suposta conspiração parecia sem data para acabar. Por isso, em 2014 comecei o Doutorado em História, também na Universidade Federal do Paraná, para tentar concluir uma pesquisa iniciada em meados de 2008.

Desde que comecei a pesquisar o assunto, há quase 15 anos, encontrei poucos trabalhos de historiadores brasileiros e estrangeiros que se debruçaram sobre a questão dos criminosos nazistas presentes no Brasil e na América depois da Segunda Guerra Mundial, bem como as consequências desse fato. Felizmente, algumas pesquisas dos últimos anos ajudaram a diminuir essa lacuna historiográfica.

Em âmbito nacional, destaque para a tese de Doutorado em História de Bruno Leal Pastor de Carvalho (2015), apresentada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, intitulada *O “Homem dos Pedalinhos”: Herberts Cukurs, o Estado Brasileiro e a Questão dos Criminosos Nazistas no Brasil do Pós-Guerra (1945-1965)*. Como o nome indica, o foco do trabalho de Carvalho é o caso do colaboracionista nazista letão Hereberts Cukurs, que se refugiou no Brasil entre 1946 e 1965. O autor relativiza a ideia, muito difundida nas décadas de 1970 e 1980 por jornalistas e escritores, na qual o Brasil seria conivente e até mesmo protegia colaboracionistas e criminosos de guerra nazistas que residiam no País.

Temos também a dissertação de Mestrado e a tese de Doutorado em História de Felipe Cittolin Abal (2016). Sua dissertação, defendida em 2012, se intitula *Visitantes Indesejados: os Pedidos de Extradicação de Franz Stangl e Gustav Wagner em uma Análise Histórico-Jurídica*, na qual se ocupa do julgamento dos pedidos de extradição de Franz Stangl (extraditado) e Gustav Wagner (não extraditado) pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Na sua tese intitulada *O Oscilar da Balança: o Processo Decisório na Extradicação de Fugitivos Nazistas em uma Análise Histórico-Jurídica*, defendida em 2016, Abal analisa o processo decisório dos julgadores e as decisões judiciais nos pedidos de extradição contra criminosos nazistas ocorridos na América do Sul, com o objetivo de compreender os motivos que levaram aos resultados diversos obtidos.

Em âmbito internacional, destaca-se o trabalho da *Comisión para el Esclarecimiento de las Actividades del Nazismo en Argentina* – CEANA (1998), comissão criada em 1997 pelo presidente à época Carlos Menem (1989-1999), destinada a investigar a extensão e profundidade dos vínculos da Argentina com os nazistas durante e após a Segunda Guerra Mundial, determinar quantos criminosos nazistas imigraram para o país e analisar o impacto que esses tiveram na cultura, na sociedade e no governo do país. Durante os dois anos de pesquisa (1997-1999), o grupo, composto por pesquisadores de vários países (Argentina, Estados Unidos, Alemanha), publicou quatro informes, totalizando cerca de duas mil páginas. De acordo com Bruno Leal, uma das principais revelações da CEANA foi

o número de 180 imigrantes acusados de crimes de guerra nazistas, além de 100 colaboracionistas belgas e franceses que deram entrada no país, dos quais 40 já haviam sido condenados por tribunais de seus respectivos países. O relatório final da comissão apontou que a Argentina recebeu ouro nazista e croata, tendo o primeiro governo Perón facilitado o ingresso e a proteção desses “indesejáveis”, mesmo que isso tenha se dado mais por questões de interesse técnico-científico do que propriamente alinhamento

ideológico. Por outro lado, os pesquisadores da CEANA chamaram a atenção para o fato de que muitas narrativas que circulavam desde o final da guerra continham exageros e distorções, especialmente aquelas que mencionam submarinos alemães chegando às costas argentinas repletos de tesouros e fugitivos nazistas, entre os quais Bormann e o próprio Hitler. Os pesquisadores descartaram a existência da ODESSA e a inexistência de uma operação de “resgate em massa” de nazistas (Pastor de Carvalho, 2015, p. 90).

Podemos citar também os trabalhos que abordam a temática de forma mais abrangente, não se restringindo à América Latina: *Hunting Evil*, de Guy Walters (2009); *Nazi-Jagd: Südamerikas Diktaturen und die Ahndung von NS-Verbrechen*, de Daniel Stahl (2013); *Conspirações sobre Hitler*, de Richard Evans (2022); e *Os Últimos Nazistas*, de Marc Felton (2012).

Como se pode observar, cada vez mais os historiadores têm se voltado a responder às questões surgidas pela presença de criminosos nazistas no continente latino-americano. Mas não é só isso. Eles também estão preocupados em responder a constante presença e representação dos nazistas em vários meios de comunicação: jornais, revistas, televisão, cinema, ficções, jogos, quadrinhos etc. Nesse campo, alguns trabalhos merecem nosso destaque: *Monsters in the Mirror*, dos organizadores Sara Buttsworth e Maartje Abbenhuis (2010); *Invisible Eagle*, de Alan Baker (2010); *Sol Negro* (2004) e *Raízes Ocultas do Nazismo* (2002), de Nicholas Goodrick-Clarke; *Imagining Hitler*, de Alvin Rosenfeld (1985); *The World Hitler Never Made* (2005); e *Hi Hitler* (2015), de Gavriel Rosenfeld; *The Epitome of Evil*, de Michael Butter (2009); e *Hitler: the Survival Myth*, de Donald McKale (1981).

Portanto, todos esses trabalhos citados contribuíram para essa pesquisa, servindo-nos de referência historiográfica. A nossa especificidade consiste em trabalhar com obras que possuem como pretensão a realidade dos fatos narrados, denunciando a conspiração existente na América do Sul cujo objetivo era reorganizar o nazismo para formar um novo Reich.

O DESPERTAR DA FORÇA

Persiste (na atualidade) uma ideia, amplamente estimulada por certo gênero sensacionalista de literatura, de que os nazistas eram principalmente inspirados por agentes ocultos que operavam desde antes de seu advento [...] resultando num fascínio pós-guerra. Este fascínio é talvez invocado pela irracionalidade e políticas macabras e pelo curto domínio continental do Terceiro Reich. Para o jovem observador (atual) o nacional-socialismo frequentemente é tido como um misterioso interlúdio da história (Goodrick-Clarke, 2004).

Não é de hoje que o Nazismo chama a atenção de um grande público, seja de cientistas da área das humanidades, seja do público em geral. Para entendermos a fascinação que esse passado exerce no imaginário ocidental, mesmo quase oitenta anos depois do final da Segunda Guerra Mundial, torna-se imprescindível navegarmos por uma emaranhada mitologia formada antes mesmo de o Reich de Mil Anos começar: a presença de crenças ocultistas e esotéricas no cerne da sociedade alemã, tais como a Ariosofia, Teosofia, Ordem dos Germanos, Sociedade Thule e a Sociedade Edda; os elementos mitológicos presentes nas ideologias dos movimentos nacionalistas völkisch e pangermânico da Alemanha e como eles influenciaram pensamento nazista; como os nazistas incorporaram certos aspectos mitológicos à história deles; e como essas questões influenciaram no processo de transformação do Nazismo em mito após a guerra por escritores ocultistas e por teóricos conspiratórios.

Compreender o nazismo em sua plenitude significa perceber que ele não foi simplesmente um movimento político. Para entendê-lo precisamos, muitas vezes, entrar nas complexas crenças que eles seguiam, como ocultismo, conspiracionismos e tradições europeias racistas e antissemitas. Essas práticas podem ser mais bem compreendidas a partir de uma análise que leva em consideração o campo das afetividades, dado que, assim como o nacionalismo, o fascismo

é um mobilizador de afetividades e, em certos aspectos, está mais para uma religião do que para um movimento político.¹⁹ As suas ideias contribuíam para que as pessoas dessem sentido a uma realidade compreendida como inóspita e confusa, racionalizassem suas dificuldades e aliviassem parcialmente seus sentimentos de impotência. Deste modo, tentavam atrair o povo para uma participação ativa na mística nacional por meio de ritos e festivais, mitos e símbolos que davam uma expressão concreta à vontade geral. Por exemplo, Hitler era considerado um “Messias”, aquele que possuía a missão de acabar com a degeneração moral que atrapalhava o êxito do povo alemão, garantindo a sua purificação racial e cultural.

Para Roger Griffin (1995), a natureza de um sistema fascista está na manutenção de uma cultura política revolucionária, baseada em mitos palingenéticos (ou seja, de renascimento fenixiano) da nação, impregnados na história e na cultura dos países nos quais os movimentos cresceram. “O culto ultranacionalista popular aos mitos de renascimento da nação, baseado em uma liturgia ritualística, postula o autor, também fez do fascismo uma religião política” (Athaides, 2011, p. 2). Tal qual uma “religião política”, o fascismo mobiliza todas as energias sociais e políticas consideradas “saudáveis” para criar uma resistência contra uma possível “decadência” nacional, por meio de um projeto que envolve a regeneração tanto da cultura política e social quanto da cultura ética que a sustenta. Dessa forma, ao entender o fascismo como uma religião mobilizadora das afetividades, precisamos compreender cientificamente “as suas crenças, por mais absurdas que sejam, e não acreditar e concordar com elas” (Bertonha, 2007, p. 382).

Nessa religião nazista, tudo era preparado e previsto: cada entrada em cena, a marcha dos grupos, os lugares dos convidados de honra, a decoração geral, flores, florestas de bandeiras, a multidão disposta disciplinadamente, a música, as luzes. Grandes templos eram construídos para a política em forma de espetáculo, como o *Zeppelinfeld*, em Nuremberg, que abrigava cerca de cem mil pessoas. O entusiasmo do povo era incitado pelas músicas cantadas e pela presença de fanfarras. Os hinos oficiais do partido nazista, *Deutschland über alles* e

¹⁹ Hoje a teoria do fascismo trabalha com a ideia do “fascismo genérico”, conceito que serve para todos os movimentos similares. Como problematiza o historiador norte-americano Robert Owen Paxton (2007), o fascismo deve ser definido como uma forma de comportamento político marcada por alguns aspectos importantes: 1) uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima; 2) cultos compensatórios de unidade, da energia e da pureza; 3) um partido de base popular formado por membros nacionalistas engajados – operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais –, que repudia as liberdades democráticas que passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza. Sobre a teoria do fascismo ver: Roger Griffin (1995; 1991); Michael Mann (2008); Stanley Payne (1995); e Zeev Sternhell (1994).

Horst Wessel Lied, eram cantados pelas massas provocando uma sensação de unidade. Os eventos eram planejados para ganhar o sentido de um ritual religioso.

Para o historiador brasileiro Alcir Lenharo (1990, p. 42), o modo como o povo se comportava durante os espetáculos perpetuados pelo partido nazista e a maneira ritualística com que era organizado acentuavam o caráter de culto religioso desses acontecimentos, a ponto de levar qualquer observador externo, por exemplo um francês, a denominar o congresso anual de Nuremberg como “o concílio anual da religião hitlerista”. Nesse local eram definidos os dogmas da religião nazista, sendo o seu militante um crente, apóstolo, um fanático.

O culto da personalidade de Hitler assumia traços de pura idolatria. Um ser acima de todos, inatingível, o grande *Führer*, que tinha como costume chegar aos locais dos grandes comícios, encontros ou festividades de avião. “Sobrevoava lentamente sobre a esplanada para aparecer aos olhos de seus fiéis como um Deus descendo sobre a Terra” (Lenharo, 1990, p. 46). Essa cena foi retratada nas primeiras cenas do filme *O Triunfo da Vontade*, quando Hitler chega de avião a um comício como um Messias tão esperado e desejado pela multidão, um homem sagrado que levará as massas para qualquer lugar. De fato, o tom messiânico permeia o filme do começo ao final, quando a unidade entre o líder, o partido e o povo são proclamados por Rudolf Hess: “O Partido é Hitler. Mas Hitler é a Alemanha, assim como a Alemanha é Hitler. Hitler! Sieg Heil!”.

Para o historiador norte-americano Nicholas Goodrick-Clarke, a maioria do povo alemão estava envolvida em uma clara atmosfera de excitação coletiva e de entrega pessoal, pois a ostentação dos comícios nazistas e sua natureza quase religiosa eram comparadas ao fervor ardente das multidões que se faziam presentes. O carisma incontestável de Hitler e o contínuo desenvolvimento do “mito de Hitler” como o grande salvador na nação, desde os primórdios do partido, eram fatores fundamentais na construção da religião nazista. Os baluartes essenciais do culto da raça e da nação eram as congregações gigantescas, os estandartes, as piras sagradas, as procissões, os memoriais, as marchas fúnebres e o estilo de discurso popular e radical. Acima de todo o projeto estava a figura messiânica de Hitler, o salvador da Alemanha.

De acordo com o historiador Rafael Athaides (2011, p. 1.311), para Roger Griffin, historiador inglês, a natureza de um sistema fascista está na manutenção de uma cultura política revolucionária, baseada em mitos palingenéticos (ou seja, de renascimento fenixiano) da nação, impregnados na história e na cultura dos países nos quais os movimentos cresceram. “O culto ultranacionalista popular aos mitos de renascimento da nação, baseado em uma liturgia ritualística, postula o autor, também fez do fascismo uma religião política”. Como uma “religião política”, o fascismo (nazismo) mobiliza todas as energias sociais e políticas

consideradas “saudáveis” para criar uma resistência a uma possível “decadência” nacional, por meio de um projeto que envolve a regeneração (palingenesia), tanto da cultura política e social, quanto da cultura ética que as sustenta.

Nessa perspectiva, entendido como uma religião mobilizadora das afetividades, devemos entrar na irracionalidade nazista para “compreender racionalmente as suas crenças, por mais absurdas que sejam, e não acreditar e concordar com elas” (Bertonha, 2007, p. 382). Para esse objetivo, precisamos analisar a presença de crenças míticas e ocultistas em movimentos nacionalistas que influenciaram o pensamento nazista. Isso, por sua vez, não é tarefa de fácil empreendimento (tanto pela complexidade como pela falta de uma bibliografia especializada e adequada sobre o assunto²⁰), pois necessitamos explorar uma variada gama de questões que, segundo o historiador norte-americano Alan Baker, são historicamente verificáveis, mas não são muito analisadas no meio acadêmico. São elas:

- ▶ As origens das crenças ocultistas da Alemanha nazista em movimentos como o nacionalismo *völkisch*;
- ▶ A adoção de conceitos teosóficos (crença ocultista ligada à tradição das religiões orientais) pelos nazistas;
- ▶ O desenvolvimento da doutrina oculta e racista conhecida como Ariosofia (sistema de crenças de natureza esotérica, ou seja, um conjunto de tradições e interpretações filosóficas das doutrinas e religiões que buscam desvendar o seu sentido supostamente oculto);
- ▶ As sociedades ocultas que eram usadas como meio de propagação da teoria da supremacia ariana; e
- ▶ A mitologia centrada na ideia de uma terra natal ariana perdida no extremo norte da Europa.

Para Baker (2000, p. 13), as origens do interesse nazista por essas crenças esotéricas e ocultas, como a Ariosofia e a Teosofia, pode ser traçada nas condições políticas, culturais e econômicas predominantes na Prússia e na Áustria em meados do séc. XIX, durante o processo de unificação política dos estados alemães. Após essa unificação, houve a formação dos dois mais importantes movimentos nacionalistas na Alemanha, o *völkisch* e o Pangermânico, os quais tinham como objetivo preservar a supremacia da cultura e da língua alemã perante nacionalidades não germânicas que poderiam contestar essa supremacia, resultando, dessa forma, em conflitos.

²⁰ Vamos nos basear essencialmente em três trabalhos: Alan Baker (2000) e Nicholas Goodrick-Clarke (2004; 2002).

1.1 O PANGERMANISMO E O MOVIMENTO VÖLKISCH

As origens das crenças esotéricas e ocultas, como a Ariosofia e a Teosofia, podem ser traçadas nas condições políticas, culturais e econômicas predominantes na Prússia e na Áustria em meados do séc. XIX. Ou seja, durante o processo histórico da unificação política dos estados germânicos, quando os alemães passaram a conceber cada vez mais a unidade nacional em termos culturais. Essa tendência começou no final do séc. XVIII, quando escritores do movimento pré-romântico *Sturm e Drang* (movimento contrário à razão iluminista que pregava o retorno da Alemanha a uma Idade de Ouro) expressaram a identidade comum de todos os germânicos em canções populares, em costumes e na literatura. Nessas produções, invocava-se a ideia de Alemanha medieval para provar suas reivindicações de unidade espiritual, mesmo que nunca houvesse uma unidade política na região no período. Essa ênfase no passado e nas tradições conferiu um forte caráter mitológico sobre a causa da unificação. Porém, a imagem idealizada e romântica de uma Alemanha rural e medieval sofreu com as medidas econômicas adotadas pelo II Reich (1871-1918), que rapidamente modernizou e industrializou o país. Para muitos que observaram suas comunidades tradicionais destruídas pela disseminação de cidades e indústrias, as fundações míticas da unidade nacional começaram a ser ameaçadas.

Este sentimento “antimodernista” resultou na rejeição do liberalismo e do racionalismo, enquanto paradoxalmente “emprestou” conceitos científicos da Antropologia, da Linguística e da teoria da evolução de Darwin para provar a superioridade da raça germânica frente a outras etnias que estariam ameaçando a sua existência. Desta forma, um conjunto de qualidades morais estava relacionada com características raciais: os arianos tinham olhos azuis, cabelos loiros, altos e proporcionais, além de serem nobres, honestos e corajosos. Esse pensamento racial facilitou a ascensão do antissemitismo político (raivoso e conservador), que culpava os judeus pelo colapso das instituições e dos valores tradicionais dos germânicos, como também advertia que eles não eram somente uma comunidade religiosa, mas eram biologicamente diferentes das outras raças.

Os temores, o medo e as aspirações dos nacionalistas alemães frente a esse cenário levaram à formação de dois pensamentos nacionalistas altamente influentes no cenário político do país: o pangermanismo e o *völkisch*. De acordo com Guterman (2013), o nacionalismo *völkisch* (expressão que servia como termo genérico para reunir as diversas correntes de Direita nacionalistas e antissemitas da Alemanha) formado no séc. XIX e disseminado principalmente entre aqueles frustrados com os resultados da Unificação da Alemanha em 1871, tentava elevar a consciência nacional e cultural dos alemães, pois seus adeptos

compreendiam que a política havia criado uma sociedade artificial que buscava somente os ganhos materiais da Revolução Industrial, contrária à “cultura” alemã, esta sim a verdadeira e atemporal guardiã da alma germânica.

O significado desse termo não é de fácil tradução, mas misturava elementos do folclore, do romantismo e do nacionalismo alemão em doses suficientes para tornar a violência em um valor positivo. De acordo com o historiador Guterman (2013), a unificação política da Alemanha em 1871 gerou expectativas na sua população, especialmente entre os jovens que ansiavam por uma “coesão cultural”. Entretanto, a unificação gerou um forte engajamento do país com os bens materiais e com a modernidade, frustrando esses jovens que abraçaram a ideologia *völkisch*, a qual identificava o povo alemão muito mais do que uma simples unidade nacional: “era um elo da alma germânica com a Natureza, que os ‘estrangeiros’ (sobretudo os judeus) jamais alcançariam – pelo contrário, estavam tentando destruir com a sedução do progresso material” (Guterman, 2013, p. 36). Era preciso lutar contra a destruição das raízes culturais germânicas que a modernidade, com os Judeus, estava destruindo. A ideologia penetrou profundamente no sistema educacional alemão,

encorajando os jovens a preparar o corpo para lutar contra o “estrangeiro” pela manutenção da “cultura alemã” – considerando-se aí o “estrangeiro” como aquele que não integrava a *Volk* (povo), que significa muito mais do que “povo”: é a comunidade restritíssima de genuínos depositários das tradições medievais germânicas (Guterman, 2013, p. 28).

A grande queima de livros promovida pelos nazistas em 10 de maio de 1933 teria sido o símbolo da hostilidade contra o que vem de fora da *Volk*. A ideologia *völkisch*, dessa forma, ajudava a desumanizar os judeus em um processo que começava por negar-lhes uma “alma” e por considerar sua religião um “fóssil” sem ética (Guterman, 2013, p. 84). Nicholas Goodrick-Clarke (2004) estima que, por volta de 1900, mais de cento e cinquenta mil pessoas eram influenciadas diretamente pela propaganda ideológica *völkisch*, que era disseminada por meio de publicações racistas e antisemitas (o judeu era representado como um ser demoníaco de grande nariz, estereótipo que foi apropriado e utilizado posteriormente pela propaganda nacional-socialista). Os seguidores do movimento acreditavam que os problemas do contexto industrial somente seriam exorcizados com o retorno à comunidade germânica, aos deuses teutônicos anciões e a uma sociedade livre da intrusão dos corruptos estrangeiros, considerados culturalmente e moralmente inferiores. A única função do Estado germânico era administrar em nome do povo e tudo que dizia respeito ao âmbito internacional era considerado inferior e deveria ser rejeitado. De acordo

com o historiador Luis Moraes (1996), boa parte da extrema-Direita *völkisch* era caudatária não das formulações do nacionalismo liberal, mas sim de um Estado forte, centralizado e belicista.

O pangermanismo, por sua vez, foi um poderoso movimento nacionalista de inspiração imperialista que desempenhou papel central no nacionalismo alemão. Segundo Guterman (2013), o pangermanismo era essencialmente *völkisch* e pôde disseminar livremente essa ideologia até ao menos 1939, quando começou a Segunda Guerra Mundial. Operando em um contexto mais político, os ideais pangermanistas não eram apenas caracterizados pelo conceito de unidade nacional e reforma social, ambos baseados em princípios jurídicos e culturais. Sua particularidade essencial era o racismo, isto é, a ideia de que o sangue era o único critério de todos os direitos civis.

De acordo com Marion Brepohl de Magalhães (2014), o movimento pangermanista consolidou-se a partir da década de 1890, quando suas ambições políticas se tornaram mais declaradas. A “Liga Pangermânica” atraía tanto intelectuais, como Max Weber e Theodor Fischer, quanto militantes que se apoiavam em ideias dos românticos do início do séc. XIX. Contavam com o apoio de algumas entidades e partidos nacionalistas como a Sociedade Alemã Colonial (*Deutsche Kolonialgesellschaft*); a Liga pela Germanidade no Exterior (*Verein für das Deutschtum im Ausland*); e o Partido Popular Nacional Alemão (*Deutsche Nationale Volkspartei*), que tinham como principais objetivos: a divulgação e propagação dos planos expansionistas da germanidade, a união integral da germanidade em todo o mundo, a campanha em favor da germanidade no exterior e a luta contra as minorias nacionais.

Os ideais desses dois movimentos nacionalistas promoveram o fortalecimento da mitologia e do folclore germânico, corroborando com a formação ideológica do nazismo. Contudo, no contexto do final do séc. XIX e início do séc. XX, a Europa passou por um reavivamento de inúmeras sociedades dedicadas às práticas esotéricas, místicas e ocultas como o Gnosticismo, o Hermetismo e a Cabala (formadas no mediterrâneo oriental há mais de 1.500 anos), que tinham sido amplamente banidas, mas nunca deixado de existir, do pensamento ocidental pela revolução científica do séc. XVII e pela racionalidade do pensamento Iluminista. Essas sociedades ocultistas possuíam certas características em comum: o saber oculto, esotérico e reservado a poucos.

O Gnosticismo (gnose simplesmente significa conhecimento) foi um conjunto de movimentos religiosos desenvolvidos nos primeiros séculos do cristianismo institucionalizado. Considerados como heréticos, esses movimentos mesclavam o misticismo, o dualismo, o sincretismo religioso e especulações filosóficas. Os Gnósticos acreditavam ser uma classe privilegiada, pois supos-

tamente possuíam um conhecimento mais elevado e profundo sobre Deus e a vida, adquirido por um tipo de esfera mística e superior de existência.

Hermetismo é o estudo e prática das doutrinas filosóficas, místicas, mágicas, ocultas e alquímicas relacionadas a Hermes Trismegistus, nome dado pelos gregos ao deus egípcio Thoth, o deus que personificava a sabedoria universal. Para os gregos, esse “escriva dos deuses” era autor de todos os livros sagrados existentes, conhecidos como “Herméticos”. Esses livros possuiriam discursos sobre a evolução da alma humana, sobre a filosofia egípcia, e teriam sido de central importância para os alquimistas, os quais acreditavam que eles eram codificados com segredos místicos do universo. O Hermetismo influenciou o ocultismo europeu desde a época do renascimento no séc. XV, quando foi resgatado pelos italianos Giordano Bruno e Marsílio Ficino, persistindo até o séc. XIX, com a Ordem Hermética do Amanhecer Dourado e pelo ocultista francês Éliphas Lévi.

A Cabala é um sistema mítico, filosófico-religioso, judaico e clássico formado no início da era cristã, que engloba um conjunto de ensinamentos relacionados com Deus, o universo, o homem, a criação do mundo, a vida e a morte. A Cabala é uma escola de pensamento espiritual que busca decifrar o conteúdo da Torá (escrituras judaicas – os primeiros cinco livros do Antigo Testamento da Bíblia ou Pentateuco), um tipo de mapa que teria sido dado à Adão por anjos e transmitido através das Eras, pelo qual nossa espécie poderá um dia encontrar o seu caminho de volta a Deus. O cabalismo acredita que os segredos do Universo foram revelados por Deus, de forma codificada, naquelas escrituras. No ocidente, ele se tornou o principal alicerce do ocultismo, com seus amuletos mágicos e encantados, selos e demonologia, e sua concentração no poder inerente das letras do alfabeto Hebreu. Ocultistas cristãos focaram-se na decodificação do *Tetragrammaton* (o nome hebraico de Deus transcrito em quatro letras como YHWH), por meio do qual seria possível ganhar poder sobre todo o universo (Baker, 2000, p. 17).

O ressurgimento dessas três crenças esotéricas na Europa foi uma reação direta ao racionalismo iluminista, à modernização e ao materialismo do período. Nesse ambiente, surgiu a Teosofia, mais especificamente na década de 1880, fundada originalmente em Nova York por Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), considerada uma das mais importantes ocultistas do séc. XIX.

1.2 A TEOSOFIA NA ALEMANHA

Ligada à tradição ocultista e às religiões orientais, Teosofia significa o conjunto de doutrinas religiosas e místicas, frequentemente incorporadas de reflexões filosóficas, que buscam o conhecimento da divindade para alcançar

a elevação espiritual. A Sociedade Teosófica fundou fortes grupos nacionais na Alemanha, na Índia, nos Estados Unidos, na Inglaterra e em vários outros países da Europa, durante o final do séc. XIX e nas primeiras décadas do XX. O relativo sucesso do movimento deveu-se à redescoberta de antigos saberes fundamentados nas “tradições egípcias e hindus, atraentes para as pessoas do mundo anglo-americano que se sentiam perturbadas pelo crescimento do agnosticismo e pelos desafios da ciência moderna” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 106).

A fundadora da sociedade, a russa Helena Blavatsky, pertencia à alta aristocracia russa, filha do coronel czarista Pyotr Alekseyevich Gan e de Elena Andreyevna Fadeyeva, escritora de romances. Depois de abandonar seu marido, o general Nikifor Blavatsky, de quem herdou o sobrenome, teria viajado para o Oriente, Ásia Central, Índia, África, América Central, América do Sul, Europa e Estados Unidos, lugares nos quais conheceu e estudou várias seitas e rituais: dos drusos muçulmanos no Oriente Médio; dos dervixes turcos; vodus africanos; e dos yamabushi japoneses. Porém, nada disso se compararia aos sete anos que havia “passado em um vale oculto, na cordilheira do Himalaia, no Tibete, onde teria sido iniciada por uma comunidade de mestres espirituais que lhe ensinaram uma antiga sabedoria que revelava muitos dos mistérios do universo” (Barbosa da Silva, 2009, p. 90). Entretanto, segundo Goodrick-Clarke (2004), essa trajetória dificilmente é verdadeira, pois não existem provas ou testemunhas que confirmem a história. Nenhuma pessoa sem experiência em montanhismo teria feito a árdua viagem até o Himalaia e encontrado esses mestres ocultos sem ser vista pelas patrulhas chinesas, russas e britânicas que estavam na região na segunda metade do séc. XIX.

Depois desses supostos contatos, Blavatsky publicou em 1877 o seu primeiro livro, intitulado *Ísis sem Véu*, no qual expõe os princípios da Teosofia, além de narrar a história do ocultismo (leis escondidas da natureza) egípcio que teria sido a ela ditado por espíritos. Defendendo que o ocultismo deveria ser aceito pela ciência ortodoxa, o livro teve sua primeira edição esgotada em dez dias devido ao efeito por ele produzido de acalmar as mentes daqueles cuja fé religiosa tinha sido prejudicada pelas mudanças do período, em particular as teorias da evolução e da seleção natural de Darwin. A crítica especializada (de acadêmicos na maioria) rapidamente atacou a obra, por incompetência intelectual e plágio (Baker, 2000, p. 19).

Mas isso não abalou Blavatsky. Em 1888 escreveu a sua obra “chave” sobre a teosofia, na tentativa de esclarecer alguns problemas teóricos da doutrina proporcionados por seu primeiro livro. A *Doutrina Secreta*, que pretende contar nada mais do que a história do universo e da vida inteligente, teria sido produzida com base em informações contidas num hipotético manuscrito secreto

milênar chamado *Estâncias de Dzyan*, encontrado pela autora em um monastério subterrâneo no Himalaia. Segundo Blavatsky, esse manuscrito conta como a Terra foi colonizada por seres espirituais da Lua, sendo a humanidade descendente desses ancestrais através das chamadas raças-raiz.

De acordo com a *Doutrina Secreta*, a história humana teria se desenvolvido ao longo de sete raças-raiz. A primeira raça-raiz, conhecida como os “nascidos por si mesmos”, foram os habitantes do primeiro continente, chamado de “terra sagrada e imperecível”. A segunda raça-raiz foi aquela dos “nascidos do suor” ou os “sem ossos”. Essa raça habitou um continente que se estendia ao sul e ao leste do polo norte e que Blavatsky supõe ter mesmo existido tal como é descrito na mitologia grega, ou seja, a região para onde o deus Apolo ia viajar todos os anos. Desta segunda raça procedeu a terceira raça-raiz, a raça dos “duplos” (andrógenos) que, diferente das primeiras duas raças (que se reproduziam por meio espirituais), já se reproduziam de forma sexuada. Tal raça teria vivido em um continente que se estendia de Madagascar ao Ceilão e Sumatra e teria submergido sobre as águas. Tal continente foi batizado por P. L. Sclater como “Lemúria” e supunha-se que tivesse realmente existido. A quarta raça foi a lendária raça dos atlantes, habitantes do continente desaparecido a que se referia Platão (Barbosa da Silva, 2009, p. 93).

Segundo Blavatsky, atualmente a Terra é habitada pela quinta raça-raiz, a raça ariana, sendo seu continente a Europa. Aqui podemos perceber os elementos racistas presentes nessa crença, com os arianos europeus sendo a “raça superior”, mais tarde adotados pelos nazistas.

Baker (2000) afirma que a Teosofia deu muita ênfase a reencarnação. Por meio dela, os seguidores do movimento podiam imaginar-se como participantes de uma pré-história humana fabulosa, repleta de lugares mágicos, exóticos e perdidos, ao passo que tinham certeza de que suas almas estavam em uma trajetória ascendente, prontas à salvação espiritual e à união final com deus. A principal função exercida pela Teosofia no final do séc. XIX foi oferecer às pessoas uma alternativa para que elas mantivessem sua fé religiosa, à medida que simultaneamente aceitavam as novas teorias, como a da evolução, que ameaçavam comprometer sua visão de mundo anterior.

Na Alemanha, foram fundados alguns grupos baseados na Teosofia de Blavatsky. O principal deles foi a Sociedade Teosófica Alemã, constituída em 22 de julho de 1884, na cidade de Elberfeld. O grupo ajudou a fomentar o interesse pelo ocultismo no país por meio da criação, em 1886, do periódico chamado *Die Sphinx*, uma mistura de pesquisas com um ponto de vista científico e acadêmico na área do psiquismo, da paranormalidade, da arqueologia e do

misticismo cristão, com a intenção de confirmar os preceitos teosóficos. Tanto é que contava com contribuições de cientistas, historiadores e filósofos. Outro difusor do ocultismo na Alemanha foi Franz Hartmann (1838-1912), com seu periódico *Lotusblüthen*, publicado entre 1892 e 1900. Esse periódico foi o primeiro a publicar a imagem da suástica em sua capa. Em 1906, Hugo Vollrath, discípulo de Franz Hartmann, fundou em Leipzig a *Editora Teosófica*, que publicou inúmeras revistas e livros dedicados ao ocultismo. É importante ressaltar que grupos teosóficos também proliferaram em Viena, na Áustria, tais como a Associação para o Ocultismo, Clube de Leitura Esfinge e a Primeira Sociedade Astrológica Vienense (Baker, 2000).

1.3 ARIOSOFIA

A inquietação pública ocasionada pelas mudanças econômicas, sociais e culturais do final do séc. XIX e a ameaça que isto apresentava à tradicional visão de mundo foram fundamentais à ideologia *völkisch* que lembrava o povo germânico da importância da sua identidade cultural. A combinação entre cultura e espiritualidade foi fortemente expressada por meio da doutrina da Ariosofia, originada em Viena, que consistia em uma mistura das teorias racistas *völkisch* com os conceitos teosóficos de Blavatsky. Em outras palavras, trata-se de uma ideologia esotérica baseada na superioridade da raça ariana, amalgamando o racismo, o antissemitismo, a teosofia e o ocultismo, propondo o retorno a uma idade dourada e pagã, na qual seus líderes seriam dotados de poderes ocultos. Seus dois principais expoentes foram os austríacos Guido von List (1848-1919) e Jorg Lanz von Liebenfels (1874-1954).

Nascido em Viena no dia 5 de outubro de 1874, filho de uma família de comerciantes de classe média, Guido von List foi um dos principais escritores e ideólogos *völkisch* e pangermanista antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial. Os seus discursos criaram uma base pseudocientífica para o racismo e para o nacionalismo extremado, permitindo ao povo germânico ligar seus ancestrais a um tempo de esplendor e pureza racial dos anciãos teutônicos e do deus Odin. Inspirado pela Teosofia de Blavatsky, List reconstituiu a pré-história germânica escrevendo nos mínimos detalhes eventos históricos que teriam acontecido muitos séculos antes. “List conseguiu a partir dessas interpretações ocultistas nacionalizar o passado remoto de acordo com a ideologia contemporânea do pangermanismo” (Barbosa da Silva, 2009, p. 103).

Outro que influenciou o nacionalismo *völkisch* e pangermânico, por intermédio de suas visões místicas de caráter racista, foi Jörg Lanz von Liebenfels. Nascido em Viena, no dia 19 de julho de 1874, pertencente à classe-média,

Liebenfels contribuiu com a ideologia racista da época com a inclusão de preconceitos e ideias científicas em uma doutrina gnóstica (aquele que busca o conhecimento das verdades divinas), que distinguia as raças loiras e negras como entidades cósmicas que trabalhavam, respectivamente, à ordem e ao caos do universo. Liebenfels fundou, em 1905, a revista de teor racista e antisemita Ostara, que reivindicava incessantemente a restauração da “raça loira” como a força dominante do mundo, sendo isto alcançado por meio da pureza racial, da esterilização forçada ou extermínio das raças inferiores, e da destruição do socialismo, da democracia e do feminismo. Segundo Liebenfels, “os ários são a obra-mestra dos deuses e estão dotados de poderes sobrenaturais e paranormais, emanados de ‘centros de energia’ e ‘órgãos elétricos’ que lhes conferem supremacia absoluta sobre qualquer outra criatura” (Liebenfels, 1905). A Ostara oferecia uma esperança de redenção levando a cabo uma política que salvaguardaria a raça ariana das raças sub-humanas.

Esse periódico conectou alguns elementos soltos no cerne da cultura *völkisch*, como o “nacionalismo, o paganismo e o racismo, alinhando todas essas tendências em torno do núcleo razoavelmente estruturado do ocultismo, capaz de promovê-las de forma muito mais eficiente” (Barbosa da Silva, 2009, p. 105). Concomitante com a fundação da revista Ostara, Liebenfels criou a Ordem dos Novos Templários (ONT) em 1907, com sede no castelo de Burg Werfenstein. Para ele, o brutal desaparecimento dos Cavaleiros Templários representava a vitória das raças inferiores sobre a sociedade dos homens heroicos. O resultado teria sido o caos racial e a desordem do mundo moderno, e, por essa razão, Liebenfels reestruturou a Ordem, descrevendo-a como uma associação ariana de ajuda mútua fundada para promover a consciência racial mediante pesquisas genealógicas e heráldicas (Baker, 2000, p. 26). O primeiro artigo das regras da Ordem dos Novos Templários a descrevia como uma sociedade racial e religiosa, a que “podiam afiliar-se apenas pessoas de sangue predominantemente puro, quer dizer, pessoas mais ou menos loiras, de olhos azuis e que possuíssem um aspecto ‘ário-heróico” (Barbosa da Silva, 2009, p. 106).

As ideias dos ariosofistas influenciaram o *Reichsführer* Heinrich Himmler na década de 1930, contribuindo em seus projetos acerca a pré-história germânica, especialmente seus planos visionários para o Grande Reich Germânico no terceiro milênio. Devido ao surgimento do neopaganismo e a constante antipatia em relação ao cristianismo pelos fascistas, a ariosofia ofereceu a essas pessoas um plano religioso que ignorava “o cristianismo em favor de uma mistura de tradições míticas e novos conceitos científicos da elite acadêmica contemporânea na Antropologia, na Etimologia, na História Antiga e na religião comparada” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 114). Inclusive, os ariosofistas utilizaram

a teoria teosófica das raças-raiz para designar os judeus, ciganos, negros e eslavos como sobreviventes da raça inferior Lemuriana, considerados pelo nazismo como seres que deveriam desaparecer para a evolução plena dos arianos, a casta superior.

Embora as ideias de List e Liebenfels fossem inerentemente odiosas e violentas, elas permaneceram justamente como são: ideais. Muitos de seus seguidores tornaram-se cada vez mais inquietos e insatisfeitos com a falta de ação contra a ameaça à raça ariana, ou seja, aqueles “seres inferiores” – com quem eles foram forçados a compartilhar sua nação, em particular os Judeus – que eram culpados pelos males da urbanização, da industrialização e da ameaça ao tradicional modo de vida rural do “camponês ariano”. E, nesse ambiente, muitos passaram a acreditar que o tempo da teorização acadêmica tinha passado, sendo a hora da ação direta (Baker, 2000, p. 27).

1.4 A ORDEM DOS GERMANOS, A SOCIEDADE THULE E A SOCIEDADE EDDA

Em maio de 1912, foram fundados na Alemanha dois grupos influenciados pela ideologia *völkisch* e ariosofista, com o propósito de alertar os alemães dos perigos da influência dos judeus nos negócios e nas finanças do país: a *Germanenorden* e a *Reichshammerbund*. Esses grupos, antissemitas e racistas, ligavam-se à figura do alemão Theodor Fritsch, no qual o ódio nutrido pelos judeus surgiu em decorrência dos medos da rápida industrialização comandada pela influência internacional judia e a ameaça que isso representava a pequenos comerciantes e artesãos. Esses grupos refletiam a convicção de que a atuação dos judeus na vida pública só podia ser o resultado de uma conspiração internacional secreta e, como tal, deveriam ser combatidos (Barbosa da Silva, 2009, p. 108).

A *Germanenorden* espalhou-se rapidamente pela Alemanha desde a sua fundação em 1912. Em julho, lojas já existiam nas cidades de Breslau, Dresden, Königsberg, Berlim e Hamburgo. No final daquele ano, outras surgiram em Duisburg, Nuremberg e Munique. O objetivo principal dessas lojas era o monitoramento das atividades judaicas e a criação de um material antissemita para distribuição popular. Após o final da Primeira Guerra Mundial, a violência verbal da *Germanenorden* transformou-se em assassinatos contra figuras públicas, como por exemplo, o homicídio de Matthias Erzberger, o ex-ministro das finanças e chefe da delegação alemã da cidade francesa de Compienha, onde foi assinado o armistício da guerra. A partir de 1917, a Ordem dos Germanos tornou-se o foco para sentimentos antissemitas e de extrema-Direita na “odiada Repúbli-

ca de Weimar. Quando Rudolf von Sebottendorf se juntou a *Germanenorden*, a semente da lendária Sociedade Thule foi plantada” (Baker, 2000, p. 29).

Conforme Goodrick-Clarke (2004, p. 148), a Sociedade Thule foi fundada em Munique, em julho de 1918, pelo alemão Rudolf von Sebottendorf – pseudônimo para Adam Alfred Rudolf Clauer (1875-1945), sendo ela um grupo *völkisch* racista batizado em homenagem à Última Thule, uma terra do Polo Norte (provavelmente a Islândia) que teria sido descoberta cerca de 400 a.C. Esse local foi considerado sagrado por Guido von List e outros nacionalistas alemães, pois teria sido o último refúgio dos antigos teutos que rejeitaram o cristianismo. Sebottendorf acreditava que a contaminação por outras raças tinha roubado dos arianos o seu conhecimento e que só poderiam reconquistá-lo mediante a purificação da raça. Disseminava seu pensamento entre a classe média e a classe trabalhadora por meio da sua revista chamada *Beobachter und Sportblatt*.

No contexto de fortalecimento da Esquerda na Alemanha, no dia 9 de novembro de 1918, Sebottendorf fez um discurso que mistura sentimentos antissemitas e ariosóficos:

Ontem experimentamos o colapso de tudo o que era familiar, querido e valioso para nós. Em lugar de novos príncipes de sangue alemão, governa nosso inimigo mortal: o judeu. O que resultará desse caos, ainda não sabemos. Haverá um tempo de luta, dá mais amarga necessidade, um tempo de perigo. Enquanto eu sustentar o martelo de ferro, estarei determinado a comprometer os Thule em luta. Nossa ordem é uma ordem germânica, a lealdade é também germânica. Nosso Deus é Walvater, sua runa é a Av-runu. E a trindade: Wotan, Wili, We, é a unidade trindade. A Av-runu significa o ariano, o fogo original, o sol e a águia. E a águia é o símbolo dos arianos. A fim de representar a capacidade da águia para o auto-sacrifício por meio do fogo, ela está pintada de vermelho. De hoje em diante nosso símbolo será a águia vermelha, que nos adverte que devemos morrer para poder viver (Sebottendorf, 1982).

De acordo com Joachim Fest (1976), a sociedade Thule influenciou o desenvolvimento do Nacional-Socialismo, uma vez que ela foi um importante ponto de encontro de membros da extrema-Direita alemã, incluindo muitos que mais tarde se tornaram líderes do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), como Rudolf Hess e Hans Frank. Por exemplo, contatos pessoais e organizacionais foram enviados diretamente da Sociedade Thule para o Partido dos Trabalhadores Alemães, os precursores do Partido Nazista. Contudo, não podemos considerar a Thule como uma predecessora direta do Nazismo, já que não havia uma relação formal entre as organizações (Goodrick-Clarke, 2004, p. 149).

Em novembro de 1925, Rudolf John Gorsleben fundou, na cidade alemã de Dinkelsbühl, mais uma sociedade ocultista inspirada na ideologia *völkisch* e pangermânica: a Sociedade Edda. Por meio do seu periódico *Arische Freiheit* (Liberdade Ariana), Gorsleben difundiu suas ideias racistas que se centravam no conceito de pureza racial e a reativação dos poderes ocultos que todo ariano possuía, mas que estavam atrofiados. De acordo com Baker (2000, p. 32), com estes poderes mágicos mais uma vez em sua plenitude, os arianos estariam em posição de dominar e controlar o mundo. Essa sociedade reiterava a noção *völkisch* de que a mistura das raças era prejudicial aos arianos e somente a eugenia e a segregação poderiam reverter a infecção racial que predominava em toda a sociedade.

O elemento definidor das práticas ocultistas na Alemanha e na Áustria, nas décadas finais do séc. XIX e no começo do séc. XX, foi a percepção de que o mal e a corrupção eram provocados pelo mundo moderno, principalmente pela República de Weimar, considerada fraca e decadente. Para pessoas como List, Liebenfels, Blavatsky, Sebottendorf e seus seguidores, o futuro da humanidade não estava em um mundo industrializado, urbanizado e monetariamente internacionalizado, mas sim no retorno a uma antiga cultura ariana e à manutenção da sua pureza racial. Dessa forma, pensavam que os arianos eram herdeiros de um legado místico e fabuloso que remetia à pré-história: os reinos perdidos de Atlantis, Lemúria, Hiperbórea e Última Thule. Esta época dourada teria sido habitada por homens dotados de habilidades sobre-humanas, mas que desapareceram por causa da miscigenação com raças inferiores. Os movimentos ocultistas inspirados pelos ideais nacionalistas *völkisch* e pangermânicos esperavam forjar um *link* mágico e cultural com esse tempo perdido. Por meio da exclusão racial e da segregação, restabeleceriam a hegemonia global dos “super-homens” arianos (Baker, 2000, p. 33).

1.5 A TERRA NATAL ARIANA PERDIDA

A ideia de que o povo ariano seria oriundo de uma terra natal mística e fabulosa não foi inventada pelos nazistas. Para o movimento romântico alemão do séc. XIX, a palavra “ariano” denotava o grupo racial mais elevado, superior, puro, honroso e biologicamente superior aos semitas. Porém, os proponentes dessa teoria reapropriaram-se das ideias de Charles Darwin. A suposição de que a evolução humana mediante a seleção natural resultaria necessariamente em melhorias graduais para cada espécie foi invertida pelo racismo ariano, pois sustentavam que a raça branca teria alcançado há muito tempo a perfeição, sendo corrompida devido a miscigenação com as raças consideradas inferiores (Baker, 2000).

Isso teria acontecido quando os arianos imigraram de sua terra natal mítica rumo à Europa. Podemos destacar ao menos três temas em torno da origem mítica da raça ariana: o Paraíso Polar, o Reino de Hyperborea/Atlantis e a Anártida. Sobre o mito do Paraíso Polar, Baker assegura que, no desejo de redescobrir as suas raízes míticas e culturais, os arianistas afastaram-se do “calor” do éden mesopotâmico (explicação bíblica) e olharam para o “frio do extremo norte”. A primeira aparição dos arianos na região polar teria acontecido por volta de 25628 a.C., durante a era interglacial, sendo forçados a deixar sua terra natal, rumo a Europa, devido ao ambiente que estava se tornando cada vez mais frio e hostil. O advento dessa idade do gelo foi a primeira de uma série de catástrofes naturais que provocaram a queda de outras três civilizações antigas: Atlantis, Lemúria e do povo (sem nome) que ocupava a região conhecida como deserto de Gobi. Além disso, a tradição ariana teria influenciado a civilização egípcia, acadiana e babilônica (Baker, 2000).

No que se refere ao mito do Reino de Hyperborea e Atlantis, retomamos as teorias de Blavatsky. De acordo Baker, baseada no suposto documento tibetano intitulado de *Estâncias de Dzyan*, a criadora da Teosofia afirmava que os ancestrais arianos ocuparam quatro continentes perdidos e um que ainda existe:

- ▶ O primeiro, descrito como *The Imperishable Sacred land* (terra sagrada imperecível), foi o lugar dos primeiros humanos.
- ▶ O segundo continente foi *Hyperborea*, terra que se estendia por todo o Polo Norte, compreendendo o que é hoje conhecido como a Ásia do Norte.
- ▶ O terceiro continente foi Lemúria, teoricamente existido entre Madagascar e o Sri Lanka.
- ▶ O quarto continente foi Atlantis, a primeira terra histórica.
- ▶ O quinto continente se refere às Américas, à Europa e à Ásia Menor, que continuam a existir.

Enquanto os quatro primeiros continentes já não existem mais, vivendo a humanidade no quinto, os dois últimos, ainda desconhecidos, aparecerão em futuro próximo. Os princípios centrais da Teosofia – as civilizações antigas e fantásticas, e a origem da raça ariana superior –, como afirmado, foram atrativas aos ocultistas e nacionalistas alemães que odiavam o mundo moderno do final do séc. XIX e do começo do séc. XX. Modernismo era visto como um fenômeno urbano, sofisticado, intelectual, e isso incluía a ciência, a tecnologia, a Revolução Industrial e o capitalismo. Dessa forma, as doutrinas teosóficas fundiram ciência e misticismo, absorvendo as teorias de Darwin sobre a adaptação e seleção natural, aplicando-as ao conceito da luta espiritual entre as raças da Terra. O resultado

dessa luta teria sido o aparecimento da raça ariana. Baker recorda que o trabalho de Blavatsky foi extremamente convincente quando foi escrito (Baker, 2000).

Diferentemente de Blavatsky, outros ocultistas acreditavam que a antiga terra natal original da raça ariana era a Antártida, o que explicaria a atração inegável dos nazistas pela região. É fato que, alguns anos antes do início da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha ambicionava uma base de operações no continente gelado, tanto para demonstrar o seu poder por meio da propaganda como também devido à importância estratégica do território no Atlântico Sul. Isso se confirmou em dezembro de 1938 – autorizado por Heinrich Himmler e sob os auspícios da *Ahnenerbe* (associação pertencente à Schutzstaffel (organização paramilitar ligada ao Partido Nazista) voltada à pesquisa e ensino da hereditariedade) –, quando uma expedição foi despachada para a Antártida comandada pelo Capitão Alfred Ritscher. Depois de explorar a área e espalhar milhares de bandeiras com o símbolo da suástica, os nazistas reivindicaram o local, nomeando-o como Nova Suábia. Contudo, as verdadeiras razões para esta expedição (como também outras feitas à Islândia e ao Tibete) têm sido assunto de um considerável debate ao longo das décadas que se seguiram ao término do conflito. Outros rumores e especulações sobre as razões do interesse do III Reich pelo local dizem respeito à procura por um lugar no continente livre de gelo que poderia ser usado para construção de uma base secreta nazista para ser utilizada após a guerra. Alguns romancistas, conspiracionistas e pesquisadores de Óvnis, como veremos mais adiante, afirmaram que durante a guerra os alemães enviaram navios e aviões para a Nova Suábia com equipamentos e mão de obra suficientes para construir imensos complexos militares em áreas bem escondidas. No final do conflito, depois de derrotados, cientistas nazistas e tropas da SS teriam fugido para lá (Baker, 2000).

1.6 O NAZISMO ERA OCULTISTA?

Como observamos, muitos dos elementos adotados pela “religião nazista” não foram inventados do nada, uma vez que faziam parte de crenças existentes entre os povos germânicos antes mesmo de se constituírem como um partido político. Personagens como Blavatsky, List, Sebottendorf e Liebenfels foram alguns dos responsáveis por popularizá-las: um sistema de hierarquia de raças, a importância de alfabetos antigos, o antisemitismo, a superioridade dos arianos e sua origem mítica, a astrologia, a astronomia, a crença em mitos pagãos e uma terra sagrada ariana. Esses elementos podem ser encontrados tanto no cerne do pensamento dos ariosofistas, teosofistas, da Ordem dos Germanos, da Sociedade Thule, da Sociedade Edda, nos movimentos pangermânico e *völkisch*, como também no Partido Nazista.

Para muitas pessoas daquela época, esta rede de mitos e ideias municia-va a “ideologia para a defesa da identidade alemã frente a um mundo em mu- dança, e muitas dessas mitologias acabaram, associadas a outras influências, por encontrar a sua expressão definitiva na ideologia nazista” (Bertonha, 2007, p. 382). É razoável, portanto, afirmarmos que esses mitos e ideias influenciaram, de certo modo, a formação do pensamento nazista, “o que não significa dizer que estes mitos eram verdadeiros ou que sejam o único elemento a ser levado em conta para entender o nazismo” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 384), mas nos fornece elementos importantes para compreendermos a sua ascensão ao poder, pois ajudou a pavimentar o seu caminho.

Apesar disso, a evidência de que Hitler participava de seitas ocultistas é muito fraca. Historicamente não encontramos relações profundas dele com o ocultismo. Isso acontece com maior força na cultura popular. Segundo o histo-riador Eric Kurlander, ele sempre foi mais cético em relação às teorias sobrena- turais muito usadas pela propaganda nazista. Contudo, ajudou a elaborá-las, sendo que seu discurso foi criado com base na mistura de argumentos pseu- docientíficos, ocultistas, mitológicos, apelando às emoções. Se por um lado ele não “comprou” todas as ideias esotéricas como alguns nazistas o fizeram, com- preendeu a sua importância para angariar adeptos ao partido, pois reconhecia que seus apoiadores eram atraídos por ideias sobrenaturais e teorias da conspi- ração para dar sentido a um mundo cada vez mais complexo e ameaçador. Em outras palavras, as ideias esotéricas, ocultistas e pseudocientíficas se tornaram uma ferramenta poderosa de mobilização nazista, direcionadas para demoni- zar a Esquerda e, principalmente, os judeus (Kurlander, 2017).

Observamos, por exemplo, a superestimação da posição de Liebenfels em relação às políticas públicas do III Reich e ao próprio Hitler em alguns trabalhos citados aqui. Para Barbosa da Silva (2009), não seria necessário muito esforço para constatar as implicações das ideias de Liebenfels no desenvolvimento do projeto eugênico dos nazistas três décadas depois, mas “a história tradicional do Nazismo sempre passou ao largo dessas influências” (Barbosa da Silva, 2009, p. 106). O autor afirma que a importância de Liebenfels seria corroborada com o primeiro artigo das regras da “Ordem dos Novos Templários”, que a descrevia como uma sociedade racial na qual podiam se filiar apenas pessoas de sangue predominantemente puro, ou seja, pessoas mais ou menos loiras, de olhos azuis e de um aspecto “ário-heroico”. Além disso, destacou que a revista Ostara “che- gou a influenciar os devaneios de Hitler em sua juventude em Viena e a moldar a concepção de mundo nacional-socialista” (Barbosa da Silva, 2009, p. 105).

Não se sabe exatamente o que Barbosa da Silva quis dizer com “história tradicional do Nazismo”, mas, em relação a isto, há que destacar que os pro-

gramas racistas, e a elaboração de políticas públicas fundadas no pensamento eugenista, já foram extensamente investigados. Na historiografia (talvez considerada pelo autor como “história tradicional do Nazismo”), há um consenso estabelecido sobre o papel crucial de cientistas como Alfred Ploetz, Eugen Fischer e Ernst Rüdin, bem como de diversas instituições envolvidas na pesquisa e a elaboração de políticas de “Higiene Racial”, com destaque para o Kaiser-Wilhelm-Institut für Anthropologie, menschliche Erblehre und Eugenik (Instituto Kaiser Wilhelm de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenia), na elaboração e implementação de políticas públicas de esterilização e de extermínio durante o III Reich. Qualquer estudo que busque dar sentido às políticas racistas do regime nazista deve levar em consideração esses fatores históricos.

De todo modo, mesmo considerando que Barbosa da Silva optasse por reafirmar estas posições sobre Liebenfels, teria sido importante a identificação de posições divergentes, em particular a expressa por Ian Kershaw, não só por sua contundência na avaliação do material probatório, mas também pelo fato de a biografia escrita por ele estar acessível em nosso mercado editorial, ainda que em uma tradução “reduzida”. Segundo Kershaw existem elementos em comum entre as “fantasias bizarras” de Lanz e o programa de seleção racial que a SS poria em prática durante a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, “é questionável se as ideias de Lanz influenciaram a SS de Himmler. É insustentável a reivindicação de Lanz de ocupar o lugar único na história de homem que deu a Hitler suas ideias” (Kershaw, 2010, p. 62). É provável que Hitler tenha lido Ostara e outras publicações racistas que se destacavam nas bancas de jornais de Viena, mas não podemos ter certeza. Caso as tenha lido, não sabemos no que ele acreditava. Suas primeiras declarações conhecidas sobre antissemitismo, feitas logo após a Primeira Guerra Mundial, não apresentam traços da obscura doutrina racial de Lanz. Posteriormente, ele frequentemente ridicularizava as seitas *völkisch* e os extremismos do ocultismo germânico. Pelo que sabemos, ele nunca mencionou o nome de Lanz. Para o regime nazista, o excêntrico racista austríaco, longe de ser elogiado, seria acusado de “falsificar o pensamento racial através de uma doutrina secreta” (Kershaw, 2010, p. 63).

Como afirma Bertonha (2007), nem todas as ideias consideradas irracionais que os nazistas seguiam tinham origem no ocultismo, mas na mitologia nórdica, nas tradições racistas e antissemitas europeias. Mais uma vez, é razoável afirmar que as lojas, as revistas, os personagens e associações ocultistas e esotéricas tenham ajudado a fornecer elementos para a formação ideológica nazista, mas alguns autores “pecam por exagerarem a influência do oculto sem base documental que o comprove e, especialmente, por efetivamente acreditarem nas conexões místicas do Nazismo. Entretanto, por causa desses elementos em comum e uma suposta apro-

ximação com tais grupos, desenvolveu-se no imaginário ocidental do pós-guerra uma elaborada mitologia em torno da ideia na qual os nazistas praticavam magia arcana com o objetivo de adquirir forças sobrenaturais para dominar o mundo. Isso foi representado em livros populares, principalmente nas décadas de 1960 e 1970.

1.7 A RELAÇÃO DO NAZISMO COM AS FORÇAS OCULTAS E DAS TREVAS

Como acabamos de analisar, a origem da fascinação com o nazismo, que afeta a vida ocidental desde o final da Segunda Guerra Mundial, tem claras antecedências históricas nas peculiaridades do próprio regime e nos movimentos nacionalistas e ocultistas existentes na Europa que influenciaram a sua ideologia. A incorporação de certas características existentes no cerne do pensamento desses grupos, como a adoção de aspectos mitológicos à história de seus ancestrais arianos com o objetivo de legitimar suas alegações de superioridade racial, juntamente com a transformação do nazismo em uma espécie de religião a ser seguida fielmente pela população alemã e a construção de Hitler como uma figura mitológica – quase como um Messias – teve uma consequência significativa: contribuiu para que o nazismo se tornasse um mito nas décadas seguintes ao fim da guerra, alimentado por teóricos da conspiração e ocultistas.

Largamente estimulada pelo gênero sensacionalista, persiste até os dias de hoje a ideia na qual os nazistas eram inspirados e influenciados por agentes ocultos ou das trevas antes mesmo de seu advento ao poder. Esse imaginário resultou num grande fascínio e interesse pelos mistérios do nacional-socialismo, principalmente pelo suposto envolvimento com: magia negra; seitas ocultistas e demoníacas como a sociedade Thule e Vril; reinos secretos no interior da Terra; base secreta na Antártida e desenvolvimento de discos voadores (armas que seriam utilizadas para reerguer o nazismo); a busca pela Lança do Destino e pelo Santo Graal; e a crença na teoria da Terra Oca. Estes elementos discursivos são essenciais e centrais a quase todas as produções que mitificam o nazismo desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Um dos resultados da transformação do nazismo em mito conspiratório é que a especulação histórica passou a coexistir com o que é historicamente comprovado da história sobre a Alemanha nazista, formando um elemento significativo da atitude do público frente aos seus principais personagens, principalmente Adolf Hitler. Quanto mais nos distanciamos no tempo dos eventos da primeira metade do séc. XX, mais provável é que as pessoas sejam introduzidas primeiramente ao nazismo por meio da cultura e da mídia de massa (literatura, filmes, quadrinhos e jogos de videogame) e somente depois (ou não) por um professor

de história. Consequentemente, as pessoas estão formando sua consciência histórica, uma atribuição de sentido para a experiência passada posta em relação ao presente, sobre o nazismo por meio dessas produções, uma vez que pensamos historicamente, presentificamos o passado, de acordo com a bagagem e a produção cultural que nos cercam e nos afetam.²¹ É essencial, portanto, discutirmos esse suposto envolvimento nazista com as forças das trevas para tentarmos entender melhor a enorme fascinação que o III Reich exerce sobre muitas pessoas.

O extermínio industrializado dos judeus, a enorme destruição europeia devido ao militarismo alemão e todas as mazelas provocadas em decorrência das táticas de guerra nazista “se combinaram para tornar Hitler e o nacional-socialismo objetos de condenação e de horror universais” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 139). Esses fatos ressoam com grande poder de atração desde a década de 1950, contribuindo com a construção da imagem demoníaca da Alemanha à época de Hitler. O endeusamento do *Führer* pelos alemães, o breve domínio do continente europeu, somado à natureza macabra e irracional das suas políticas racistas e antisemitas distinguiram o regime nazista de qualquer outro período da história. O nazismo foi estigmatizado como a reencarnação do mal, um relapso pagão monstruoso na comunidade cristã da Europa.

No início da década de 1960, essa avaliação quase religiosa do nazismo começou a exercer um horrível fascínio sobre a mentalidade ocidental. Se antes eram associados ao III Reich um intenso horror e repulsa, agora se podia perceber uma aura mística do nazismo, uma apresentação sensacional e exagerada de suas figuras e de seus símbolos. As parafernâlias nazistas, despidas de qualquer contexto histórico e político, começaram a penetrar a cultura popular por meio de romances de suspense, de livros não-ficcionais e de filmes. Histórias de fugitivos nazistas, incluindo Bormann, Mengele, e até mesmo os ressuscitados Himmler e Hitler (sobreviventes, no final das contas), nas entranhas da floresta Amazônica, nas capitais desérticas do Oriente Médio ou em obscuras ruelas de Londres e de Nova York tornaram-se lugar comum em ficção para as massas e obras não ficcionais especulativas. Frequentemente, os fugitivos tornavam-se conspiradores, procurando subverter nosso mundo liberal aparentemente seguro e restaurar seu poder em um Quarto Reich (Goodrick-Clarke, 2004, p. 139).

²¹ Entendendo, a partir de Jörn Rüsen (2001), que a consciência histórica ajuda a compreender a realidade passada para compreender, tornar inteligível, a realidade presente, funcionando como orientação para as situações reais da vida.

Essa suposta sobrevivência está representada em inúmeras obras não ficcionais especulativas produzidas principalmente na Inglaterra, França e Estados Unidos desde a década de 1950, que explicam o fenômeno nazista como sendo produto de influências demoníacas, ligando o partido a sociedades secretas, ao oculto e à magia negra. Nelas, a ascensão de Hitler ao poder está diretamente relacionada a poderes sobrenaturais e ocultos, não podendo o nazismo ser explicado adequadamente por argumentos racionais ou materiais. Nenhuma análise empírica que centra seus argumentos somente em fatores sociais ou econômicos poderia justificar o seu irracionalismo e seus sucessos iniciais.

Isso se acontece devido ao fato de que teorias conspiratórias tentam esclarecer acontecimentos históricos que deixaram lacunas, ou na qual a explicação histórica não consegue ou não dá conta de nos fazer compreender os eventos que fogem à racionalidade humana, como é o caso do nazismo. Por tudo o que representou o governo de Hitler para a história, o simples término desse governo suscita maiores questionamentos para os predispostos a acreditar em conspirações envolvendo o regime antes e após a guerra. A explicação simples e casual não é suficiente para essas mentes. Deve haver algo maior por trás de eventos como a Segunda Guerra Mundial. Essas pessoas preferem aceitar uma complicada teoria conspiratória em vez das explicações geralmente aceitas dos processos históricos, tentando desvendar mistérios e segredos escondidos dentro deles (Barkun, 2003, p. 6).

A mitologia do nazismo explica que a ascensão do III Reich só foi possível graças ao seu envolvimento com poderes secretos (ou seja, “forças negras”, “hierarquias invisíveis”, “superiores desconhecidos”) que apoiavam e controlavam Hitler e seus seguidores. “Todos os escritos desse gênero documentam desse modo uma história secreta do Terceiro Reich, desconhecida dos historiadores convencionais, como um instrumento de poderes sombrios para a conquista de objetivos satânicos” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 142). Apesar do envolvimento dos nazistas com forças demoníacas ser considerada por historiadores e leitores como bizarra e absurda, essa ideia está presente no imaginário coletivo ocidental desde o final do *Reich de Mil Anos*. Seus elementos, pouco estudados pela historiografia, atingem amplamente o imaginário ocidental.

Nesse imaginário, a possessão demoníaca de Hitler está ligada à formação de uma nova espécie humana, um super-homem ariano que se tornaria um deus entre os mortais. A geração dessa divina mutação seria então tarefa do nacional-socialismo, que não era somente um simples movimento político, pois estava preocupado em alterar a própria natureza da vida na Terra. Segundo Goodrick-Clarke, a fonte original dessas ideias foi o alemão Hermann Rauschning (1939), no seu livro *Hitler me Disse*, de 1939. Rauschning foi membro da clas-

se dirigente prussiana conservadora e antigo presidente do Senado de Danzig, rompendo logo cedo com os nazistas. Baseado supostamente em uma série de conversas com Hitler, o livro tinha a intenção de revelar o seu niilismo, seu fanatismo, sua personalidade instável e lasciva, mostrando que o inimigo alemão era inspirado por forças infernais, pois Hitler era o diabo encarnado:

Hitler estava se entregando a forças que o estavam levando para longe – forças de sombria e destrutiva violência. Ele imaginava que ainda tinha liberdade de escolha, mas era há tanto tempo cativo de uma magia que poderia muito bem ser descrita, não apenas como metáfora, mas literalmente, como a de espíritos malignos” [...]. “O Homem é Deus sendo fabricado... aqueles que veem no nacional-socialismo nada mais que um movimento político sabem muito pouco sobre ele. É mais até que uma religião: é a vontade de recriar a humanidade”. Hitler conclui triunfante: “O novo homem está entre nós! Ele está aqui!... vou lhes contar um segredo. Eu tive a visão do novo homem – destemido e formidável. Eu me encolhi diante dele! (Rauschning, 1939, p. 243).

Essas supostas conversas de Rauschning exerceram grande influência na formação da mitologia centrada na ideia de um Hitler demoníaco na década de 1960. O autor tinha como propósito demonstrar a entrega do *Führer* a poderes malignos, sugerindo um pacto satânico dos nazistas para obter a “transformação mágica da consciência e até de natureza física da vida na Terra, a inauguração de uma nova era” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 145). Os defensores da existência do poder oculto nazista apontam, repetidamente, os elementos místicos dessa conversa para comprovar as suas teorias conspiratórias e ocultistas.

A conexão dos nazistas com forças demoníacas e ocultas também foi reforçada pela suposta crença nos poderes espirituais do *vril*. Publicado em 1871 pelo escritor inglês Edward Bulwer-Lytton, o romance intitulado *The Coming Race* descreve a história de um aventureiro que explora uma mina desconhecida e acaba encontrando um imenso mundo subterrâneo, habitado pela raça humana superior chamada *Vril-ya*. Uma vez moradores da superfície, os *Vril-ya* foram forçados a refugiar-se no centro da Terra por causa de uma catástrofe natural ocorrida há milhares de anos. Sua tecnologia era muito avançada e não podia ser encontrada no mundo da “humanidade comum”, pois baseava-se na aplicação de uma força conhecida como *vril*. Todos os *Vril-ya* eram treinados para obter essa força, a qual poderia ser usada para controlar o mundo físico, incluindo as mentes e os corpos das pessoas, bem como para melhorar as potencialidades telepáticas e telecinéticas da mente humana. Essa força era compreendida como um reservatório de energia psíquica acessível apenas para os iniciados (Baker, 2000, p. 47).

Muitos ocultistas acreditam que a teoria da força *vril*, exposta no livro *The Coming Race*, era uma verdade disfarçada de ficção, pois quem se tornasse mestre dessa força poderia controlar totalmente a natureza. Bulwer-Lytton teria baseado seu romance em um conhecimento esotérico genuíno, ou seja, nos rosacrucianos – uma poderosa sociedade oculta surgida no séc. XVI, que reivindicava possuir uma sabedoria antiga, contento os maiores segredos do universo (o estudo da tradição metafísica, mística, ocultista e alquímica moldava sua genealogia).

A conexão da força *vril* com os nazistas teria sido ato de Karl Haushofer (1869-1946), um geopolítico alemão cujas teorias deram origem ao conceito de *Lebensraum* (espaço vital), que Hitler acreditava ser essencial para a supremacia e domínio da raça ariana no continente europeu. Haushofer é frequentemente descrito pelos crentes na existência de poderes ocultos dos nazistas como praticante de magia oculta e o mágico mestre do partido nazista. A ideia de que ele era um adepto ao ocultismo foi primeiramente insinuada por Louis Pauwels e Jacques Bergier no livro *O Despertar dos Mágicos*, que serviu como modelo para inúmeras outras publicações sobre o ocultismo nazista nas décadas de 1960 e 1970.

Louis Pauwels foi um escritor e jornalista francês conhecido por suas obras no campo da literatura esotérica, ficção científica e fantasia. Jacques Bergier, por sua vez, foi escritor, cientista e agente secreto francês durante a Segunda Guerra Mundial, fazendo parte da Resistência Francesa e da OSS, a organização de inteligência americana. De acordo com os autores, a liderança nazista estava empenhada em estabelecer contatos com uma todo-poderosa teocracia subterrânea com o objetivo de adquirir o conhecimento de seus poderes. Esses poderes supostamente permitiriam que a Alemanha conquistasse o mundo inteiro. Pauwels e Bergier (1971, p. 148) afirmaram que o verdadeiro objetivo de Hitler era realizar um ato de criação, “de operação divina... uma mutação biológica que resultaria em uma exaltação sem precedentes da raça humana e a aparição de uma nova raça de heróis, semideuses e homens-deuses”.

Alianças podem ser forjadas com o Mestre do Mundo ou o Rei do Medo que reina sobre a cidade oculta, em algum lugar do Oriente. Aqueles que realizarem um pacto modificarão a superfície da Terra e concederão à aventura humana um novo significado por muitos milhares de anos... O mundo transformar-se-ia: os Senhores emergirão do centro da Terra. A menos que tenhamos feito uma aliança com eles e nos tornemos Senhores nós mesmos, encontrar-nos-emos entre os escravos, no monte de estrume que nutrirá as raízes das Novas Cidades que surgirão (Bergier; Pauwels, 1971, p. 146).

Para os autores, Haushofer seria um poderoso mentor ocultista de Hitler que o ensinava conhecimentos secretos derivados de poderes desconhecidos, além de acreditar na lenda de que a terra natal ariana, supostamente localizada no polo norte, teria sido o centro de uma civilização avançada detentora de poderes mágicos (poderes do *vril*). Conectando essa lenda com a Sociedade *völkisch*, Thule, Bergier e Pauwels acreditavam que:

Thule teria sido o centro mágico de uma civilização desaparecida [...], mas nem todos os segredos de Thule haviam perecido. Criaturas intermediárias entre o Homem e outros seres inteligentes do além colocariam à disposição dos Iniciados [ou seja, membros da Sociedade de Thule] uma série de forças que podiam ser reunidas para tornar possível que a Alemanha dominasse o mundo... [seus] líderes seriam homens que sabem de tudo, obtendo sua força da própria fonte de energia e guiados pelos Grandiosos do Mundo Antigo [...]. Sob a influência de Karl Haushofer, o grupo assumiu sua verdadeira característica como uma sociedade de Iniciados em comunhão com o Invisível e se tornou o centro mágico do movimento nazista (Bergier; Pauwels, 1971, p. 193).

A sociedade Thule, nessa visão, seria moldada a partir da mitologia tibetana, baseada nos reinos subterrâneos secretos conhecidos como Agartha e Shambala. A primeira seria a cidade da luz e da bondade, a segunda é descrita como a cidade da violência, da maldade e da escuridão, sendo governada pelo Rei do Medo, com quem poderia ser forjada uma aliança para governar o mundo. Hitler, influenciado por Haushofer e a Sociedade Thule, teria organizado inúmeras expedições na Alemanha, na Suíça, na Itália, na Europa Central e na Europa Oriental com o objetivo de encontrar a entrada desses reinos e se filiar a Shambala. O que, segundo Pauwels e Bergier, teria realmente acontecido.²²

Essa imagem sensacionalista da Sociedade Thule e de seus membros, segundo Goodrick-Clarke, é quase completamente fictícia. Hitler nunca teria comparecido a uma única reunião de tal grupo. Mesmo que seu fundador, Rudolf von Sebottendorf, mantivesse certo interesse nas questões sobre ocultismo, um diário detalhado das reuniões da sociedade entre 1918 a 1925 menciona apenas duas conferências sobre esse assunto, sendo que todas as outras palestras se dedicavam a temas como a terra natal dos teutos, mitos e poesias germânicas,

²² Em 2004, o filme intitulado *Hellboy*, dirigido por Guillermo del Toro, inicia com a mitologia em torno da Sociedade Thule. Com o fim da guerra iminente, os nazistas tentam acabar com seus inimigos usando magia negra para invocar forças ocultas. O feiticeiro Thule chamado Grigori Rasputin e seus asseclas – a imortal ocultista Ilsa Haupstein e o ciborgue assassino Karl Ruprecht Kroenen – abrem um portal que liga a Terra a outra dimensão com o objetivo de libertar o Ogdru Jahad, os Sete Deuses do Caos, para ajudar os Nazistas a vencerem a Segunda Guerra Mundial. Filme: *Hellboy*. Direção: Guillermo del Toro. Duração: 122 minutos, 2004.

a lenda de Thule, os judeus e o sionismo e assuntos políticos do contexto. Não havendo, portanto, nenhuma prova que ligasse Haushofer ao grupo. E longe de ser um grupo ocultista com plenos poderes por trás do Partido Nazista, a Sociedade Thule era politicamente insignificante em 1920 e cessou suas atividades em 1925. “Durante e depois de seu apogeu em 1918-1919, a Sociedade Thule era definida por sua ideologia nacionalista e antisemita e um corpo de membros de classe média de Munique” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 152).

Hitler, inclusive, analisou as vantagens e os limites da existência de sociedades ocultas e secretas da Alemanha no seu livro *Mein Kampf*, afirmando que não era possível criar uma organização de tamanho considerável e, ao mesmo tempo, mantê-la secreta ou mesmo disfarçar seus objetivos (Kurlander, 2017).

A existência da ideia de uma sinistra e toda poderosa Sociedade Vril, secretamente controlando o III Reich, fascinou e fascina a mente de muitas pessoas. Além de Rauschning, Pauwels e Bergier, que forneceram as bases do mito relacionando o nazismo a poderes ocultistas, muitos outros autores traçaram esse paralelo e ajudaram a fomentar esse imaginário. Na Alemanha, Dietrich Bronder com o livro *Bevor Hitler kam* (1975); na França, Pierre Mariel, com *L'Europe païenne du XXe siècle* (1964); René Alleau, *Hitler et les Sociétés Secrètes* (1969); Werner Gerson, *Le Nazisme, Société Secrète* (1969); e Jean-Claude Frère, *Nazisme et /*(1974).

Embora certamente intrigante, as reivindicações e afirmações desses escritores ocultistas não possuem provas concretas (documentos ou testemunhas). No entanto, como é frequentemente o caso na área do ocultismo e das teorias conspiratórias, o caminho permanece aberto àqueles que acreditam e confiam em fontes ilegítimas (ou dúbias) para criar sua visão apaixonante, mas irreal, da história. Enquanto historiadores acadêmicos aceitam que alguns conceitos das sociedades ocultistas e folclóricas da Alemanha exerceram um papel significativo no desenvolvimento da doutrina nazista, outros escritores reivindicam que eles foram realmente motivados por forças ocultistas existentes no mundo, ou seja, há um universo maligno onde inteligências não humanas influenciaram o destino da humanidade (para seus próprios fins) por meio dos nazistas (Baker, 2000, p. 62). O campo é indubitavelmente recheado e amplo, sendo que uma das obras mais influentes sobre o ocultismo nazista é *The Spear of Destiny* (A Lança do Destino), escrita pelo inglês Trevor Ravenscroft.

1.8 A LANÇA DO DESTINO E O SANTO GRAAL

A Lança do Destino (Lança Sagrada ou Lança de Longinus), segundo a tradição da Igreja Católica, foi a arma utilizada pelo centurião romano conhecido como Longinus para profanar o tórax de Jesus Cristo durante a crucificação.

Desde então, o artefato se transformou em uma relíquia sagrada para os cristãos. Com o passar dos séculos, formou-se a lenda em torno da Lança; quem a possuísse e compreendesse os poderes aos quais ela serviu, teria o destino do mundo em suas mãos, conquistando-o para o bem ou para o mal.²³

Em 1972, Ravenscroft (1921-1989) publicou o livro considerado mais controverso do que qualquer outro relato sobre a relação do nazismo com forças das trevas. *The Spear of Destiny*²⁴ é, por um lado, avaliado por alguns como um clássico da história do ocultismo e, por outro, ridicularizado como uma obra de ficção sem sentido. Mas, quaisquer que sejam os seus méritos e deméritos, a obra é uma das mais importantes contribuições no campo do ocultismo nazista. Ravenscroft (1972) estava convencido de que os fornos de cremação e o Holocausto foram obras de demônios que se abasteciam da energia vital dos infelizes judeus. Hitler teria sido encarregado de cometer essas atrocidades para que as forças do mal se alimentassem. Tudo o que ele fez teria sido em nome do diabo.

O autor foi soldado britânico durante a Segunda Guerra Mundial, tornando-se jornalista após o conflito. Foi nessa profissão que teria conhecido Walter Joannes Stein (1891-1957), “um judeu vienense que havia emigrado da Alemanha para a Grã-Bretanha em 1933, a quem falsamente atribuiu a mais fantástica história de inspiração demoníaca de Hitler”. Baseando-se nesse contato com Stein, Ravenscroft escreveu sua própria história oculta do nazismo, em que tentou explicar o desejo e obsessão do *Führer* pelos mistérios do Graal e da Lança do Destino. De acordo com Goodrick-Clarke, o autor relatou como Stein descobriu uma cópia do Perceval, de Eschenbach²⁵, em uma livraria de Viena, em 1912. Este exemplar possuía muitos comentários que interpretavam a obra como um documento que conduziria o homem a uma consciência transcendental, apoiada em citações sobre religiões orientais, alquimia, astrologia e misticismo, com uma forte temática de ódio antissemita e fanatismo racial pangermânico impregnando todos os comentários. Eles não eram corriqueiros ou banais, mas trabalho de quem teoricamente havia alcançado mais do que apenas o conhecimento das artes negras, pois o comentarista desconhecido teria encontrado a chave para desvendar os segredos mais profundos do Graal e da Lança do Destino. Para Stein, as anotações representavam uma mente brilhante, mas totalmente aterrorizante, uma mente que queria encontrar as relíquias para abrir o espírito humano –por

²³ Lenda que pode ser conferida no filme: **Constantine**. Direção: Francis Lawrence. Duração: 121 minutos, 2005.

²⁴ Outros que abordaram a relação de Hitler e a Lança do Destino, muitos dos quais inspirados nos escritos de Ravenscroft, são: Dusty Sklar (1990); Paul Roland (2009); Col Howard Buechner (1989); Alan Bullock (1962); Francis King (1976); e James Herbert (1978).

²⁵ Perceval é um poema épico alemão da Idade Média de autoria do poeta Wolfram von Eschenbach. A obra aborda principalmente o herói Arturiano Perceval e sua busca pelo Santo Graal.

meio do uso de magia negra – aos poderes e influências do próprio Satanás. “O nome escrito no lado de dentro da capa do livro indicava que seu dono anterior era um tal de Adolf Hitler” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 155).

Com a curiosidade a respeito desses rabiscos despertada, Stein supostamente voltou à livraria e perguntou ao proprietário se poderia lhe dizer qualquer coisa sobre esse Adolf Hitler. Ernst Pretzsche informou a Stein que o jovem Hitler era um estudante assíduo do oculto e lhe deu seu endereço. Stein procurou Hitler. Ao longo de seus frequentes encontros no final de 1912 e início de 1913, Stein aprendeu que Hitler acreditava que a Lança de Longino concederia ao seu dono poder ilimitado para o bem ou para o mal. A sucessão de donos anteriores supostamente incluía Constantino, o Grande; Carlos Martel; Henrique, o Caçador de Aves; Oto, o Grande; e os imperadores Hohenstauffen [...]. Hitler estava determinado a adquirir a lança para garantir o sucesso de sua própria tentativa de dominação mundial (Goodrick-Clarke, 2004, p. 156).

Outras conclusões de Ravenscroft merecem destaque: a) historiadores não conseguem entender o significado das ações mais peculiares e bizarras de Hitler, pois se recusam a considerar e compreender o seu satanismo; b) Hitler acreditava ser um receptáculo do Anticristo; c) o demônio que conduzia Hitler lhe dava poderes para influenciar outras pessoas, principalmente os alemães que ouviam seus discursos; d) a razão de Hitler ter se tornado tão bárbaro eram os rituais ocultistas praticados pela Sociedade Thule; e) o ódio de Hitler contra os judeus e a tentativa de exterminá-los se explicaria devido a sua possessão demoníaca.

Goodrick-Clarke (2004, p. 156) afirma que o problema da obra é que Ravenscroft estava “mentindo a respeito de sua fonte. Stein nunca conheceu Hitler pessoalmente em Viena ou em qualquer outro lugar, enquanto a figura de Ernst Pretzsche foi simplesmente inventada”. Além de conter várias incoerências históricas, o autor admitiu em 1982 que seu contato com Stein foi conduzido inteiramente por meio de um *médium*: em outras palavras, ele estava conversando com o espírito de Stein. Joscelyn Godwin (1996), pesquisador de crenças esotéricas, considera a obra como uma horripilante reinvenção histórica. Para Baker (2000, p. 70), não há nenhuma evidência que vincule Hitler diretamente com práticas de magia negra. Embora seja claro que o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães surgiu do Partido dos Trabalhadores Alemães (DAP), que por sua vez começou como a Sociedade Thule, não há indícios de que Hitler era um ocultista.

Além do *Führer*, muitos escritores ocultistas também sugeriram que Heinrich Himmler e a SS (tropa do partido nazista subordinada a Polícia Política, Gestapo) praticavam ritos de magia negra objetivando contar com a ajuda de poderes malignos a fim de assegurar a dominação do planeta pelo III Reich. Dessa forma, enquanto Hitler foi mais relacionado à Lança do Destino, a busca pelo Santo Graal entrou nos “mistérios nazistas” pela SS. A principal obra que corroborou para formação dessa lenda foi *Nouveaux cathares pour Montségur*, do escritor francês A. de Saint-Loup (1967). De acordo com o autor, após uma missão especial em que a SS encontrou a relíquia, guardaram-na no Ninho da Águia de Hitler, em Berchtesgaden (extremo sul da Alemanha). Quando o conflito terminou, o Graal teria sido escondido em uma geleira em Zillertal, na Áustria. “Essa história combinava todos os ingredientes essenciais de mistério nazista, incluindo heresias religiosas, a subversão de símbolos sagrados e de tesouros escondidos no pós-guerra” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 159).

Para Baker (2000) e Goodrick-Clarke (2004), diferentemente de Hitler, Himmler realmente acreditava em crenças ocultas e místicas, tentando incorporá-las para suas forças. A personalidade de Himmler era uma curiosa mistura de racionalidade e fantasia: extrema capacidade de planejamento burocrático, existindo ao lado de um idealismo utópico, do misticismo e do ocultismo. Em 1935, fundou a Ahnenerbe, um grupo de estudiosos centrados em pesquisas sobre a pré-história germânica, arqueologia (queriam provar a ubiquidade geográfica da antiga civilização ariana), linguística, etnografia, simbologia, ciências naturais, medicina, ocultismo e misticismo. Além disso, praticavam estudos sobre os textos sânscritos, os cátaros (sociedade secreta mais “popular” da Idade Média), o Santo Graal, os rosacrucianos e os mistérios do Tibete. Também realizavam pesquisas científicas abordando a biologia, a hereditariedade e a genética em raças raras de vida animal, na Ásia Central e na região do Cáucaso. Houve expedições do grupo para a Ásia, África e América do Sul. A Ahnenerbe contava com mais de cinquenta departamentos, com periódicos científicos e editoras espalhadas pela Alemanha. Todas essas investigações eram voltadas para justificar a ideologia racial nazista.

O fato que contribuiu para a formação do mito ligando Himmler a forças das trevas e a busca pelo Santo Graal, diz respeito à expedição realizada pela SS ao Tibete em 1938, com o suposto propósito de encontrar as origens semi-divinas da raça ariana. Himmler, acreditando que a raça nórdica teria descido dos céus para se estabelecer na Atlântida, explicou ao líder da expedição, Ernst Schäfer, seu interesse na Teoria do Gelo Mundial, segundo a qual dilúvios do começo dos tempos fizeram com que o antigo continente de Atlântida ficasse totalmente submerso. “Himmler acreditava que os emigrantes arianos vindos de

Atlântida fundaram uma grande civilização na Ásia Central. Por isso, ele estava muito interessado em explorar o Tibete” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 161). Fato é que o relatório da expedição de Schäfer não apresentou nenhuma menção dos interesses esotéricos de Himmler sobre as origens arianas, mas sim uma análise da fauna e flora, dos festivais religiosos e culturais do povo tibetano, e fotos de paisagens, fortalezas, mosteiros e templos. O explorador voltou à Alemanha com um presente dado por Dalai Lama: 108 volumes de escrituras sagradas tibetanas, o *Kangyur*.

Essa expedição científica nazista ao Tibete, entretanto, patrocinada pela SS, só poderia dar credibilidade às reivindicações dos escritores ocultistas que afirmavam ter sido tal empreendimento uma tentativa de estabelecer contato com o reino secreto de Shambala para adquirir os poderes do *vril* e, dessa forma, conquistar o mundo. Goodrick-Clarke afirma que existe um duradouro fascínio na cultura de massa sobre histórias de estranhas missões nazistas a locais remotos em busca da Lança do Destino e do Santo Graal, como nos filmes de Steven Spielberg citados na introdução: *Indiana Jones e Os caçadores da Arca Perdida* (1981) e *Indiana Jones e a Última Cruzada* (1988)²⁶, ou seja, a partir de um fato foram produzidos vários livros e filmes. Essas mistificações em torno de Himmler fortalecem a imagem pseudorreligiosa dos nazistas e da SS, pois “detalhes românticos como a suposta procura pelo Santo Graal [...], tendem a obscurecer a natureza violenta e brutal da SS por trás de uma aura de magia e de mistério” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 161).

1.9 DA RELAÇÃO COM O OCULTISMO RUMO À FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO DA SOBREVIVÊNCIA NAZISTA

Preocupamo-nos em demonstrar a existência de crenças ocultistas presentes em grupos nacionalistas racistas da Alemanha antes mesmo da guerra e como alguns aspectos dessas crenças foram apropriadas pelo Partido Nazista. Porém, muitos escritores do pós-guerra tentaram provar de todas as formas possíveis que o III Reich foi governado por um homem que era praticante de magia oculta e comandado por forças das trevas. Enquanto Hitler continuar sendo a personificação do “príncipe das trevas”, ele permanecerá, em pessoa, o herói privilegiado de uma vasta literatura inspiradora de pavor, fascínio e no mínimo curiosidade. Dessa forma, esboços diversos prosseguirão com lucrativas mistificações. Quaisquer que sejam a natureza e a aparente

²⁶ Filme: *Indiana Jones e Os Caçadores da Arca Perdida*. Direção: Steven Spielberg. Duração: 116 minutos, 1981. Filme: *Indiana Jones e a Última Cruzada*. Direção: Steven Spielberg. Duração: 127 minutos, 1989.

motivação da conspiração, trata-se sempre de corresponder a uma inesgotável vontade de poder e de retornar o sonho eterno da construção de um Império em escala universal, da unificação do globo sob uma única e total autoridade, ou seja, o *Reich de Mil Anos*”.

Certamente, ocultistas *völkisch* como Guido von List e Lanz von Liebenfels contribuíram para a formação da mitologia sobre a era nazista com suas noções de super-humanos e arianos pré-históricos que habitam continentes desaparecidos. Contudo, não podemos superestimar o papel das crenças esotéricas e ocultistas na formação do Nazismo como fizeram os seus teóricos na década de 1960 e 1970. Há muitas suposições e especulações em torno das suas influências sobre o regime, mas nem todas baseadas em fatos ou fontes confiáveis. É preciso ter cautela ao avaliar informações relacionadas a esse tema.

Como demonstra Bertonha, para entendermos a origem do pensamento nazista, devemos analisar organizações e pessoas que muitas vezes estão fora dos nossos padrões de racionalidade, mas que de alguma forma podem ter influenciado as ações do III Reich. É importantíssimo compreendermos que estas ideias estão inseridas em um contexto histórico específico (formação e consolidação do estado alemão e do sentimento nacionalista pangermânico), não as supervalorizando como se representassem a realidade. Analisar e entender a ascensão do nazismo como consequência da ação de forças arcanas e sobrenaturais e Hitler como o produto de uma conspiração do Inferno “pode ser até consolador e simplifica bastante as coisas, mas não nos ajuda a compreendê-los realmente e evitar a repetição do Inferno real que eles criaram na Terra” (Bertonha, 2007, p. 384). Do ponto de vista da história, afirma Guterman, é mais importante analisar as raízes comuns da ideologia que permeava, com maior ou menor intensidade, “todos esses movimentos ocultistas ou secretos que acabaram por ajudar a criar o repertório retórico favorável ao Nazismo. Trata-se da ideologia *völkisch*” (Guterman, 2013, p. 171).

Por mais que estas noções sejam colocadas em um segundo plano nas interpretações e análises históricas, elas atraem os crentes da ideia na qual apenas uma explicação fora dos padrões oficiais da história, ou seja, uma explicação sobrenatural, pode esclarecer as origens e ações do nacional-socialismo. Goodrick-Clarke (2004) explica que os rápidos sucessos, tanto eleitorais quanto militares, a sua capacidade para a destruição, a irracionalidade do Holocausto (inexplicável em termos lógicos, pois os judeus foram massacrados por questões de preconceito, mitos e imagens antissemitas, e não por serem uma verdadeira ameaça) e do seu pensamento, “imploravam por uma interpretação religiosa que envolvesse uma guerra dualística no paraíso, inspiração satânica

e a utilização das forças das trevas”,²⁷ pois nunca antes na história mundial um dano físico e moral tão grande foi associado ao nome de um homem e um regime: Hitler e o nazismo foram culpados em deixar mais de cinquenta milhões de mortos e outros tantos milhões de luto por seus entes perdidos.

É importante ressaltar que, além disso, a apropriação de crenças esotéricas, conspiratórias e pseudocientíficas ajudaram o partido nazista a atrair apoiadores, desumanizar seus inimigos e perseguir suas ambições imperiais e raciais. Tais mitologias surgidas no séc. XIX ainda se reproduzem, se não na mesma escala, em nosso presente recicladas por vários grupos neonazistas da Europa e Estados Unidos, fornecendo-lhes argumentos revolucionários, pois se sentem prejudicados e ameaçados de perder sua identidade e tradição cultural frente a sociedades multiculturais e multirraciais. Portanto, buscam reforçar suas identidades. Não é à toa que muitos grupos de extrema-Direita acreditam em teorias da conspiração como o Q'Anon ou negam o Holocausto. É por tais constatações que nos parece fundamental analisar estes fenômenos culturais de forma racional, uma vez que alicerçam ideologicamente estes grupos supremacistas do presente.

Essas crenças acabaram influenciando na formação de outro imaginário existente no cerne da cultura de massa ocidental ainda mais potente sobre os nazistas: a sua suposta sobrevivência em algum lugar do mundo. Afinal de contas, por sua maldade expressa, sua ligação com o demônio, com as trevas e outras entidades ocultas, não poderiam ser derrotados tão “facilmente”. Por outro lado, quando analisamos o nazismo como uma “religião política”, podemos compreender o sentido de “eternidade” desejado pelo partido, ou seja, algo que sobrevive e resiste ao tempo. Expressão disso está na frase *O Reich de Mil Anos*. Independentemente de qual das duas visões partimos, cabe ressaltar que elas formaram, ou pelo menos possibilitaram uma ideia de continuidade do nazismo no cerne do imaginário ocidental.

Da mesma forma que a mitologia apresentada até aqui, esse imaginário é composto por um emaranhado de lendas e mitos que se relacionam e se interseccionam.

²⁷ Leitores são menos céticos. Os elementos do suposto envolvimento do nazismo com seitas ocultistas e poderes das trevas, presentes nessas literaturas, foram reapropriados pelos neonazistas durante as décadas de 1960 e 1970 para criar cultos nazistas que envolveram o gnosticismo e o satanismo. Essa estigmatização como incorporação do demônio “foi revertida para celebrar os próprios tabus do mundo democrático liberal como os deuses proibidos do reino das trevas” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 164).

A AMEAÇA FANTASMA

O fantasma não tem substância, mas possui forma, o que o torna o representante daquilo que ele mesmo não pode ser. [...] O fantasma é caracterizado pela dualidade de, simultaneamente, estar presente e não ser tomado por presente; o fantasma é alguma coisa, mas não é em si mesmo; o fantasma torna-se o meio para a aparição daquilo que não é. (Wolfgang Iser, 2013)

Podemos encontrar o fantasma de Hitler e do nazismo em todos os lugares da mídia de massa contemporânea. A fascinação, a curiosidade e o interesse sobre esse período da história continuam a ocupar a mente de muitos cineastas, escritores e de um público ávido que consome toda a informação divulgada sobre a Era na qual o *Führer* governou a Alemanha. A indústria formada sobre o nazismo desde o final da Segunda Guerra Mundial (livros, biografias e filmes) e a busca pela compreensão das “origens de sua maldade” mantêm o Nacional-Socialismo vivo em nossas mentes.

A representação fundamental desse fantasma, contudo, encontra-se nos discursos sobre a sobrevivência de Hitler e da suposta conspiração nazista para a criação do IV Reich em algum lugar do mundo. Durante toda a segunda metade do séc. XX, muitos teóricos conspiratórios afirmaram que os nefastos planos de dominação mundial perpetrados pelos nazistas não foram encerrados com o final da Segunda Guerra Mundial, pois os seus principais líderes, incluindo Hitler, teriam escapado das ruínas de Berlim e se refugiado ou nos gélidos redutos da Antártida, ou nas selvas da América Latina, ou em algum outro recanto escondido do planeta Terra com o objetivo de edificar um novo Reich. Essa conspiração se tornou em um dos imaginários mais populares e estimados do pós-guerra, sendo incessantemente representada em diversos meios de comunicação: filmes (ficcionais e não ficcionais), documentários, reportagens de jornais e revistas, romances, desenhos e curtas-metragens. Essa produção traz continuamente Hitler e os nazistas “de volta à vida”.

Os teóricos conspiratórios, no entanto, não criaram essa ideia a partir do nada. Como pano de fundo para as mais incríveis e sensacionais histórias envolvendo os hierarcas nazistas, basearam-se em eventos que realmente aconteceram. Como afirma Raoul Girardet, as narrativas míticas estão inseridas em um meio social no qual já exista uma certa situação de disponibilidade, um certo estado prévio de receptividade. Isso significa que, em sua estrutura, o discurso a ser transmitido deve corresponder a um código já inscrito nas normas do imaginário para que possa ter alguma possibilidade de efetividade. A construção, aceitação e existência de um imaginário, no caso estudado o conspiratório, depende de alguma verossimilhança, de algum contado com o real.

Nenhum dos mitos políticos se desenvolve, sem dúvida, no exclusivo plano da fábula, em um universo de pura gratuidade, de transparente abstração, livre de todo contato com a presença das realidades da história. Mas, no que diz respeito à mitologia do Complô, aceita-se de boa vontade que a carga de densidade histórica se revela, com toda evidência, particularmente pesada: com efeito, nenhuma, ou quase nenhuma, de suas manifestações ou de suas expressões que não possa ser relacionada mais ou menos diretamente com dados factuais relativamente precisos, facilmente verificáveis em todo caso, e concretamente apreensíveis (Girardet, 1987, p. 51).

Isso nos leva diretamente a um dos objetivos deste trabalho: analisar as condições de produção, os fatos que contribuíram, empoderaram, possibilitaram a existência do imaginário conspiratório da sobrevivência de Hitler e da formação do IV Reich. São eles: o interesse dos alemães na Antártida durante a Segunda Guerra Mundial; os submarinos U-530 e U-977 rendidos um mês após o final do conflito na Argentina; a fuga de muitos criminosos de guerra para várias regiões do mundo, principalmente para alguns países da América do Sul; as operações do governo norte-americano Paperclip (que resgatou cientistas nazistas) e Highjump (exploração da Antártida); o envolvimento do Presidente argentino Juan Domingo Peron com o nazismo; e os tesouros escondidos dos nazistas.

2.1 DA ALEMANHA PARA O MUNDO: A FUGA DOS CRIMINOSOS DE GUERRA

“Você ficaria surpreso do quanto se fala nos círculos nazistas sobre um futuro IV Reich... Os figurões estão no exterior, conspirando novamente. Eles vivem seguros em certos países que não possuem tratados de extradição com a Alemanha”.

“Como os grandes nazistas fugiram?”

“Você nunca ouviu falar da ODESSA? Perguntou Hans”.

Eu disse: Na Ucrânia? Sim, eu estive lá antes da guerra. Uma cidade amável.

“Não, não,” Hans estava impaciente. “ODESSA, escrita em letras maiúsculas. A organização secreta de fuga da SS” (Wiesenthal, 1973, p. 78).

No dia 11 de abril de 1960, um dos criminosos nazistas mais procurados do mundo, o ex-tenente da SS Karl Adolf Eichmann, foi sequestrado em um subúrbio de Buenos Aires por agentes do serviço secreto israelense, o Mossad, e enviado para julgamento em Israel, onde foi condenado à morte em 1962 por ser considerado um dos principais culpados pelo Holocausto. Eichmann, responsável por implantar a chamada “Solução Final” (*Endlösung*) da questão judaica – organizou a administração e a logística do transporte de milhões de judeus de todos os países ocupados pelos nazistas para campos de concentração e extermínio durante a Segunda Guerra Mundial –, ingressou na Argentina no dia 14 de julho de 1950, com o nome falso de Ricardo Klement (Jackisch, 1999, p. 86). O seu sequestro, no início da década de 1960, trouxe à tona não só o fato da fuga de vários nazistas para a América Latina, mas também, como afirma Bruno Carvalho, inaugurou uma longa série de prisões de criminosos nazistas pelo mundo, marcando o “primeiro esforço sério da Alemanha para levar a julgamento indivíduos envolvidos diretamente no assassinato em massa de judeus” (Pastor de Carvalho, 2015, p. 238). De acordo com Hannah Arendt, o julgamento de Eichmann impactou as autoridades alemãs levando-os a procurar os outros “assassinos em nosso meio”, oferecendo recompensas pela captura de criminosos conhecidos. Depois disso, foram presos: Richard Baer, Franz Kovacs, Dr. Otto Hunsche, Hermann Krumey, Gustav Richter e Willi Zopf. “Pela primeira vez desde o encerramento da guerra, os jornais alemães estavam repletos de reportagens sobre os julgamentos de criminosos nazistas, todos assassinos de massa” (Arendt, 1999, p. 157).

Segundo a CEANA (1999), um dos países que mais recebeu criminosos nazistas foi a Argentina, no período do governo de Juan Domingo Perón (1946-1955). Além de Eichmann, estima-se que mais de 180 criminosos nazistas tenham desembarcado no país, migrando, depois disso, para o resto do continente: Brasil, Chile, Paraguai, Bolívia e Uruguai. Em 1946, Perón foi eleito Presidente da Argentina e com ele iniciou-se uma grande campanha de imigração para atrair à Argentina cientistas, técnicos, engenheiros e instrutores militares entendidos em aviões e armamentos que participaram do governo nazista.

O objetivo de Perón era transformar o país em uma superpotência na América Latina e para isso queria contar com as tecnologias desenvolvidas pelos nazistas nos setores bélico e industrial. A esses grupos, contudo, uniram-se as pessoas que foram procuradas pelos aliados como criminosos de guerra (nazistas e colaboracionistas franceses, belgas, holandeses, eslovacos e croatas), pois devido aos monstruosos delitos contra toda a humanidade dificilmente conseguiriam perdão dos novos governantes da Europa. Mas, de acordo com as conclusões dos pesquisadores da CEANA, não houve uma agenda política predefinida ou operação de resgate em massa desses criminosos nazistas por parte do governo Perón. Os relatórios produzidos dão a entender que tais exageros foram (e, como veremos nos próximos capítulos, continuam sendo por meio de teorias conspiratórias), utilizados como “munição política pelos opositores do peronismo” (Pastor de Carvalho, 2011).

Todavia, como afirma Bruno Pastor de Carvalho (2011), o trabalho não teve uma unanimidade. Muitos jornalistas publicaram os resultados de pesquisas independentes que iam na contramão daquilo que fora divulgado pela CEANA. O seu principal contestador foi o jornalista argentino Uki Goñi (2004). Em seu livro, de caráter bastante denunciativo (como nos seus demais trabalhos), *A Verdadeira ODESSA: o Contrabando de Nazistas para a Argentina de Perón*, tentou demonstrar (utilizando as mesmas fontes que os pesquisadores da CEANA) que o presidente argentino teve a intenção de salvar o maior número possível de criminosos de guerra nazistas, fazendo tudo o que podia para protegê-los, apoiado por setores da Cruz Vermelha e do Vaticano. Sobre os trabalhos da comissão argentina, de maneira bem clara, afirmou que o grupo estava tentando confundir a história da Argentina sobre a questão dos nazistas e, por “diferenças de critérios”, retirou-se dela depois de três dias de participação (Pastor de Carvalho, 2015, p. 55).

Independentemente desse embate em torno do suposto envolvimento ou não de Perón com o resgate dos criminosos de guerra, temos a cifra de 180 nomes, comprovados, que entraram no continente. Erich Priebke, capitão da SS, foi acusado de participar da morte de mais de 335 italianos no dia 24 de março de 1944, em represália pela morte de alguns soldados alemães vítimas de um atentado da resistência. Chegou a Buenos Aires no dia 14 de novembro de 1948, com o nome falso de Otto Pape. Gerhard Bohne colaborou com o projeto de eutanásia de 70 mil alemães com problemas mentais e deficientes físicos. Fugiu para a Argentina em 1948, onde foi detido em 1964 e extraditado à Alemanha anos mais tarde. Bohne alegou que só desempenhou cargos administrativos e que não conhecia pessoalmente Hitler. Josef Schwammberger, acusado de assassinato em massa, foi subtenente da SS e comandante dos campos de con-

centração de Rozwadów e Mielec, na cidade de Cracóvia. Chegou em Buenos Aires no dia 19 de março de 1949. Eduard Roschmann, ex-comandante do gueto de Riga na Letônia, foi indiciado por crimes de guerra. O “carniceiro de Riga” pisou na Argentina no dia 2 de outubro de 1948, com o nome falso de Federico Wegener. A Alemanha pediu sua extradição em 1977, mas nesse momento estava no Paraguai, onde faleceu no mesmo ano sem ser extraditado (Jackisch, 1999, p. 89).

Ludolf Hermann Alvensleben era dirigente das SS na Rússia e foi acusado pela matança de centenas de russos e polacos. Ingressou na Argentina em 1946 e faleceu na cidade de Córdoba em 1970, sem nenhum pedido de extradição. Kurt Christmann foi, durante a guerra, um alto oficial da SS e coronel da Gestapo em Klagenfurt e Salzburgo. Sua estadia na Argentina se deu durante o primeiro governo de Perón até 1965. Neste ano, retornou a Munique, onde foi submetido a julgamento, sendo condenado a 10 anos de prisão por executar membros da resistência. Hans Fischbach foi comissário geral das finanças e economia nos países baixos, responsável pelo recrutamento forçado de trabalhadores, General da SS e deputado do Reich. Chegou à Argentina no dia 2 de fevereiro de 1951, utilizando o nome falso de Jacob Schramm. Nunca foi solicitada a sua extradição. Voltou à Europa em 1958, falecendo em Marburg, Alemanha, em 1967 (Jackisch, 1999, p. 89).

Erwin Fleiss foi chefe da SS no Tirol e figurou na lista de criminosos de guerra por causa de sua participação ativa no homicídio de judeus. Na Argentina, chegou no dia 19 de setembro de 1948 de forma clandestina. Faleceu em 1964, sem nunca ter sido solicitado a sua extradição. Hans Friedrich Heffelman, acusado de crime de guerra por causa da sua participação no âmbito da eutanásia, eliminou sistematicamente pessoas com “defeitos” e enfermidades congênitas. Chegou ao continente latino-americano em 19 de novembro de 1948 e faleceu sem receber nenhuma pena por seus crimes. Bernhard Heilig, hierarca do partido Nacional-Socialista, durante o regime foi diretor do distrito de Braunschweig, onde, no final do conflito, teria ordenado a execução de prisioneiros por “derrotismo”. Mandou executar também várias pessoas por “traição à pátria”, motivo pelo qual foi condenado à morte em 1947. Fugiu em 1951 para a Argentina, adotando o nome falso de Juan Richwitz. Nunca se expediu um pedido de extradição para Richwitz (Jackisch, 1999, p. 87).

Klaus Barbie, chefe da Gestapo em Lyon na França e apelidado como “o carniceiro de Lyon”, foi acusado de vários crimes de guerra, entre eles o de captura e deportação de 45 crianças judias e de membros da resistência francesa. Prendeu, torturou, deportou e matou centenas de judeus. Logo após a guerra, trabalhou com os norte-americanos como especialista em comunismo. Ficou

por lá até 1950, quando imigrou à Bolívia. Com o nome falso de Klaus Altmann, Barbie administrou alguns negócios e foi assessor direto de governos de extrema-Direita na luta contra guerrilheiros comunistas. Somente em 1982, com um pedido de extradição do governo francês, Barbie, que já estava com 69 anos, foi extraditado, julgado e condenado na França (Jackisch, 1999, p. 88).

José Janco, imputado de crimes de guerra na Iugoslávia, escapou para a América do Sul rumo à Argentina, em fevereiro de 1952, com o nome falso de José Petri. Mais tarde recuperou o seu nome verdadeiro (fato que aconteceu na maioria dos casos aqui citados), mas nunca foi solicitada a sua extradição. Faleceu na cidade de Buenos Aires em 2001. Ekart Kraemer, general da Luftwaffe em Madrid e acusado por crimes de guerra, chegou clandestinamente à Argentina em 2 de fevereiro de 1948, falecendo no país em 1978. Walter Kutschmann, ex-oficial da SS e membro da Gestapo, foi acusado de dirigir o assassinato de mais de 1.500 judeus na Europa Oriental entre 1941 e 1942 e de ter ordenado a morte de 20 professores universitários poloneses. Ingressou na Argentina no dia 14 de novembro de 1948, portando o nome falso de Andrés Ricardo Olmo. Em novembro de 1985, solicitou-se sua detenção preventiva, sendo preso no mesmo mês (Jackisch, 1999, p. 91).

Fritz Lantschner participou de atividades ilegais perpetradas pelos nazistas durante a guerra. Fugiu da Europa em 1948 rumo ao continente latino-americano, vivendo em Bariloche desde 1961. Nunca houve um pedido formal de sua extradição. Friedrich Joseph Rauch foi uma autoridade de alto cargo dentro da SS durante o regime Nacional-Socialista. Ele teria planejado esconder reservas de dinheiro do *Reichsbank* em 1945, com o objetivo de financiar um IV Reich depois da guerra. Os aliados nunca recuperaram o ouro escondido. Rauch chegou à Argentina em fevereiro de 1948, com o nome falso de Juan Pavic, onde faleceu na década de 1970. Francisco Votterl também era um dirigente da SS e da Gestapo, que conseguiu escapar do julgamento do Tribunal de Nuremberg, refugiando-se em setembro de 1948 na Argentina. Guido Zimmer, comandante das SS em Gênova, acusado de crimes contra a comunidade judaica do local, fugiu para a Argentina em outubro de 1955 (Jackisch, 1999, p. 91).

Walter Rauff foi chefe do departamento técnico das SS e criador do sistema de extermínio com caminhões de gás, que assassinou mais de meio milhão de pessoas em Auschwitz. Buscado pelos Aliados por crimes de guerra, foi capturado em abril de 1945. Dois anos depois, escapou do cárcere, fugindo primeiramente para a Itália e posteriormente para a América do Sul, onde viveu nas cidades de Quito, Buenos Aires e Punta Arenas no Chile. O governo alemão fracassou em tentar extraditá-lo na década de 1960. Inclusive em 1971, Rauff se encontrou com o presidente chileno da época, Salvador Allende, que assinalou

a impossibilidade de sua extradição, pois os tribunais superiores do Chile já haviam rejeitado o pedido. O criminoso de guerra faleceu em sua casa no dia 14 de maio de 1984, devido a um ataque cardíaco. Nunca pagou por seus crimes. Gustav Franz Wagner, austríaco, foi um oficial da SS, Sargento e subcomandante do Campo de concentração de Sobibor, onde ficou conhecido como “A Besta de Sobibor”. No pós-guerra, fugiu da Alemanha em direção ao Brasil, onde viveu com o pseudônimo de Günther Mendel em São Paulo. Em 1980, teve seu paradeiro descoberto por Simon Wiesenthal e, em razão disso, suicidou-se para evitar um julgamento público na Alemanha se porventura viesse a ser extraditado.

Franz Stangl, ajudante de Eichmann, era um dos comandantes do campo de extermínio de Treblinka e de Sobibor, na Polônia, onde se calcula que 900 mil pessoas tenham sido assassinadas. Capturado pelos americanos logo após o término da guerra, em 1945, Stangl conseguiu fugir para Roma em 1947, imigrando anos depois para o Brasil, em 1951. Em maio de 1967, foi preso por agentes da Polícia Federal em São Bernardo do Campo, São Paulo, quando voltava do seu trabalho na fábrica da Volkswagen. Algumas semanas depois de sua captura, países como a Áustria, Alemanha e Polônia já haviam solicitado sua extradição ao governo brasileiro. Foi extraditado para a Alemanha em 22 de junho de 1968 (Jackisch, 1999, p. 92).

Talvez um dos criminosos de guerra que mais tenha gerado teorias conspiratórias sobre as suas supostas atividades no pós-guerra foi Josef Mengele. O “Anjo da Morte”, tenente Coronel das SS e médico do campo de concentração de Auschwitz, foi procurado por seus experimentos com os seus prisioneiros deste campo de extermínio. Fugiu da Alemanha e ingressou em Buenos Aires no dia 20 de junho de 1949 com o nome de Helmut Gregor. Com medo de ser capturado pela Mossad, como havia ocorrido com Eichmann, começou a se esconder em locais menos povoados. Viveu por um período no Paraguai e depois na cidade de Bertioga, litoral do estado de São Paulo, onde faleceu em 1979 devido de um ataque cardíaco enquanto estava mergulhando no mar. Nunca foi capturado para ser julgado por seus crimes de guerra (Jackisch, 1999, p. 86).²⁸

²⁸ Vários colaboracionistas do partido nazista também preferiram fugir de uma provável condenação na Europa. Tendo como paradeiro final à América do Sul, temos uma lista de quase cem nomes, dentre eles: José Berkovic, Gerardo Blaton, Miguel Boussemaere, Gerardo Bytebier, Miguel José Bytebier, Franz Calcoen, Alfonso Caluwe, René Cloetens, Enrique Collard Bovy, Marcos Colak, Miguel Coppens, Jaun Felipe Darnand, Pierre Daye, Jorge De Bondt, Francisco Decuyper, André Delbaere, Alfonso Enrique Demuyter, Leonardo De Roover, Daniel Devrient, Julio Emilio Dewoitine, León Friant, Jan Durcansky, Mirko Eterovic, Jorge Gilsoul, Gerardo Hoet, Juan Pedro Ingrand, Abraham Kipp, Esteban Lackovic, Rogelio Carlos Héctor Locreille, Enrique Luis Augusto Nelis, Jan Olij Hottentor, Ante Pavelic, Jan Pekar, Roberto Pincenmin, Alberto Francisco Rits, Gerardo Ruyschaert, Bilanovic Vjubonir Sakic, Wilhem Sassen, Andrés Van Den Berghe Rollms, Reinaldo Leopoldo Van Groede, Nikolic Vinki, Hora Vojtech, Juan Maler, Carlos Merck, Fritz Neubert, Dieter Vollmer, Ludwig Lienhardt, Francisco Rubatscher, Hans-Ulrich Rudel, Francisco Ruffinengo, August Siebrecht e Reinaldo Spitzky (Jackisch, 1999).

Como se pode observar, vários criminosos de guerra conseguiram escapar da justiça e de todos os caçadores de nazistas existentes, permanecendo livres e impunes por mais de seis décadas. A maioria faleceu ao longo de 1970 e 1980 nas suas novas *heimats*:²⁹ Argentina, Paraguai, Brasil, Uruguai, Bolívia e em muitos outros países de governos autoritários de Direita. De acordo com o historiador inglês Mark Felton, de janeiro de 2001 até o final de março de 2008, foram ganhas 76 causas judiciais contra criminosos de guerra nazistas e seus colaboradores: 34 nos Estados Unidos, 26 na Itália, 6 no Canadá, 3 na Alemanha, 2 na Lituânia, 1 na Polônia e 1 na França. Entre 2008 e 2009, havia cerca de 202 pessoas investigadas no mundo por suspeitas de crimes de guerra nazistas (Felton, 2012). O quadro 1 mostra quem eram os mais procurados em 2010.

Quadro 1: Nazistas mais procurados de 2010

Nome	Data de nascimento	País de nascença	Localização em 2010	Idade em 2010
Aribert Heim	28/06/1914	Áustria	Desconhecida	96
Ivan (John) Demjanjuk	03/04/1920	Ucrânia, URSS	Alemanha	90
Sandor Kepiro	18/02/1914	Hungria	Hungria	96
Milivoj Asner	21/04/1913	Croácia	Áustria	97
Soren Kam	2/11/1921	Dinamarca	Alemanha	91
Karoly (Charles) Zentai	08/10/1921	Hungria	Austrália	91
Mikhail Gorshkow	1914	Estônia	Estônia	96
Algimantas Dalide	1912	Lituânia	Lituânia	98
Alois Brunner	08/04/1912	Áustria	Desconhecida	98
Samuel Kunz	1920	Alemanha	Alemanha	90
Peter Egner	1922	Sérvia	EUA	88

Fonte: Felton (2012).

As primeiras tentativas de criar programas para a prisão e punição dos suspeitos por crimes de guerra, segundo Felton, começaram durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1942, os britânicos criaram a Comissão das Nações Unidas para Crimes de Guerra (UNWCC, na sigla em inglês); em 1944, os americanos

²⁹ "A palavra Heimat significa terra natal, ou usando um termo regional aproxima-se de querência. É uma palavra que se origina de Heim, lar em português. Como tal, sugere uma realidade construída na qual os componentes essenciais são um espaço geográfico concreto e visível, organizado em uma paisagem familiar na qual se abriga a tradição cultural. À percepção da Heimat incorporam-se invariavelmente a moradia, das Haus, as Heim, o estar em casa, der Hof, o miniterritório em que se concretizam a vida e as relações familiares. Significa, portanto, o espaço e o mundo comunal em que a pessoa nasce, cresce e se torna adulta e no qual se enraíza e com o qual desenvolve relações existenciais permanentes. Assim, uma pessoa pode construir a sua Heimat em qualquer parte do mundo e a América do Sul seria o novo lar, a sua nova Heimat, desde que mantivessem as tradições alemãs" (Rambo, 1994, p. 47).

formaram o Registro Central de Criminosos Guerra e Suspeitos de Ameaça à Segurança (CROWCASS, sigla em inglês); em 1945, os ingleses também criaram as Equipes de Investigação de Crimes de Guerra (WCIGTs, sigla em inglês). No entanto, essas organizações sofreram com a carência de recursos e funcionários, o que acarretou o fracasso das mesmas na tentativa de capturar os criminosos de guerra (Felton, 2012, p. 12).

Mas como foi possível que tantos criminosos de guerra escapassem do Tribunal de Nuremberg, refugiando-se, principalmente, em terras latino-americanas? De acordo com Felton, tanto a América do Sul como o Oriente tornaram-se paraísos para os nazistas que conseguiram escapar da Europa no pós-guerra:

Em grande medida, o fato de muitos dos criminosos mais terríveis do mundo terem sido capazes de escapar da Justiça em países que não mantinham acordos de extradição foi culpa dos Aliados. Desde o começo, a caça por criminosos de guerra foi apenas uma preocupação menor para britânicos e americanos, já que ambas as nações estavam mais interessadas em preparar-se para a Guerra Fria contra a sua antiga aliada, a União Soviética. Carecendo de homens, recursos e tempo, além de não contar com qualquer vontade política para apoiá-los, os oficiais encarregados da prisão de fugitivos enfrentavam problemas quase insuperáveis. Os Aliados haviam lançado uma rede por sobre a Europa ocidental, mas essa rede estava cheia de buracos, e a maioria dos fugitivos nazistas simplesmente escapuliu para a liberdade por meio deles. Uma vez retirado o cerco, provou-se extremamente difícil – tanto em termos logísticos como jurídicos – capturar os fugitivos, que por meio da astúcia, dos embustes e de um forte instinto de sobrevivência, constituíram uma série de esconderijos pelo mundo. Muitos desses homens caíram nas graças de governos de direita, que por sua vez ficaram felizes em poder contar com as habilidades desses ex-oficiais da SS, pagando-lhes com novas identidades e proteção (Felton, 2012, p. 17).

Muitos criminosos de guerra nazistas fugiram pela Itália, onde ouviram falar das *ratlines* (caminhos de rato), rotas de fuga mantidas por diversos indivíduos e grupos, entre eles alguns membros do Vaticano (bispos, padres, frades e freiras) que ajudaram alguns nazistas a escapar da Justiça usando o “seu dinheiro para organizar uma série de rotas de fuga bem administradas com destinos por todo o mundo. Essas são merecidamente chamadas de ‘caminhos de rato’” (Felton, 2012, p. 41).

Essas rotas de fuga também recebiam apoio de governos latino-americanos pró-fascistas (como, por exemplo, o caso de Perón, que queria atrair ao seu país técnicos e cientistas) e da Cruz Vermelha, que outorgava passaportes sem investigação prévia, ajudando assim a imigração ilegal de nazistas. Papel de destaque nesse esquema foi o bispo Alois Hudal – reitor do *Pontificio Collegio Teutonico di S. Maria dell'Anima*, um seminário da cidade de Roma para padres alemães e austríacos – que ajudava os procurados nazistas a escapar, pois considerava que os “caminhos de rato” eram uma “forma de caridade para com essas pessoas necessitadas, pessoas sem qualquer culpa que estavam destinadas a serem bodes expiatórios para as falhas do sistema maligno” (Godman, 2004, p. 53). Ele distribuía documentações de viagem autênticas da *Commisione Pontificia d'Assistenza* – organização do Vaticano para refugiados –, que permitiam conseguir passaporte de refugiado no Comitê Internacional da Cruz Vermelha, podendo ser usado na solicitação de vistos para países estrangeiros. A Cruz Vermelha deveria analisar os antecedentes dos solicitantes, mas a “palavra de um padre bastava para os burocratas suíços. Foi assim que muitos fugitivos nazistas famosos receberam novas identidades e novos documentos de trabalho do Vaticano e puderam desaparecer da Europa” (Felton, 2012, p. 45). Alguns nazistas que teriam escapado com ajuda dos “caminhos de ratos” foram: Josef Mengele, Adolf Eichmann, Franz Stangl, Klaus Barbie, Walter Rauff e Aribert Heim. Contudo, como assinala o historiador alemão e pesquisador do grupo CEANA, Holger Meding, essas rotas de fuga não foram produtos de uma posição pró-nazista da Igreja Católica, mas antes de tudo uma ação isolada de alguns membros do seu clero.

Segundo Uki Goñi (Gõni, 2004), dentro dos “caminhos de rato” existiram duas rotas principais utilizadas pelos criminosos de guerra para chegar à Argentina: a Rota dos Conventos e a Conexão Suíça. O maior número de fugitivos que logrou chegar à Argentina teria utilizado a chamada rota dos conventos – via Roma – que contava com a ajuda de alguns membros do Vaticano. Para o autor, entre os personagens mais célebres que fugiram por esse caminho, encontram-se Klaus Barbie, Adolf Eichmann e Franz Stangl. A outra rota de fuga dos nazistas para a Argentina foi pela conexão Suíça. Na capital desse país, Berna, foi estabelecido o centro das operações de resgate dessas pessoas e de lá eram traçadas as rotas de escape a partir da Alemanha ocupada pelos aliados. Josef Mengele, Gerhard Bohne, Erich Priebke e Josef Schwammberger teriam escapado por essa rota.

A fuga desses vários nazistas criminosos de guerra, entretanto, logo propiciou o aparecimento de mais um poderoso imaginário sobre o nazismo: a existência de uma fantasmagórica, rica, onipresente e quase invisível organiza-

ção dedicada a resgatá-los, conhecida como ODESSA – *Organisation der ehemaligen SS-Angehörigen* (Organização de antigos membros da SS) –, que atuaria em diversos países, principalmente na América Latina. Essa suposta organização tem fornecido, desde o final da Segunda Guerra Mundial, assunto para centenas de reportagens de jornais e revistas, documentários, romances e filmes. Segundo Leal, o principal difusor dessa organização foi o “caçador de nazistas mais conhecido do mundo”, o austríaco Simon Wiesenthal, que em 1968 publicou o livro *The Murderers among us: The Simon Wiesenthal Memoirs*, no qual passou a denunciar a existência da ODESSA: uma organização composta por antigos membros da SS nazista com o intuito de proteger seus ex-companheiros, bem como ajudar a construir um IV Reich. Segundo Wiesenthal,

Em 1947 eu comecei a traçar as rotas de escape dos nazistas que desapareceram e que agora estão nas listas de procurados de vários países. Eu sei que os líderes proeminentes da SS e membros da Gestapo receberam no final da guerra documentos falsos com novos nomes, mas eu estava muito menos interessado em nomes do que nas rotas. Era essencial encontrar o destino deles, como eles chegaram lá, quem os ajudou, e quem pagou por tudo isso [...]. ODESSA era a resposta, que tinha duas rotas principais de fuga de Bremen para Roma e de Bremen para Gênova. Entre os viajantes da ODESSA estava o deputado de Hitler, Martin Bormann, e Eichmann [...]. ODESSA era organizada em uma rede completa e eficiente. A cada quarenta milhas um porto de atendimento foi criado, tripulado por no mínimo três e no máximo cinco pessoas que sabiam somente de dois portos mais próximos – o primeiro do qual os fugitivos eram trazidos e o segundo, onde eles eram entregues (Wiesenthal, 1967, p. 80).³⁰

³⁰ Além de Wiesenthal existiram outros “caçadores de nazistas”, ou, pelo menos, pessoas que ajudaram de alguma forma a localizar os criminosos de guerra nazista. Fritz Bauer (1903-1968): juiz e promotor alemão oriundo de uma família judia, Bauer passou a maior parte da era nazista em exílio na Dinamarca e na Suécia. De volta à Alemanha, depois da guerra, ajudou os israelenses na captura de Eichmann. William Denson (1913-1998): promotor-chefe nos julgamentos de Dachau após a guerra, focou nas pessoas que dirigiam os campos de morte de Dachau, Mauthausen, Buchenwald e Flossenbürg. Ele processou 177 pessoas, ganhando vereditos de culpa para todos eles. No final, noventa e sete deles foram enforcados. Rafi Eitan (1926): Agente do Mossad que estava no comando da unidade que sequestrou Eichmann perto de sua casa em Buenos Aires, no dia 11 de maio de 1960. Benjamin Ferencz (1920): Aos vinte e sete anos de idade, Ferencz foi promotor-chefe no chamado “maior julgamento por assassinato da história”: o julgamento dos comandantes de Nuremberg do *Einsatzgruppen*, os esquadrões especiais que realizaram assassinatos em massa de judeus, ciganos e outros “inimigos” civis na Frente Oriental. Todos os vinte e dois réus foram condenados, e treze foram condenados à morte. Várias das sentenças foram, posteriormente, reduzidas, e apenas quatro foram enforcados. Tuvia Friedman (1922-2011): sobrevivente polaco judeu do Holocausto, Friedman organizou o Centro de Documentação em Viena, coletando evidências para ajudar oficiais da SS e outros culpados de crimes de guerra. Em 1952, ele fechou o seu centro e mudou-se para Israel, onde insistia que estava no rastro de Eichmann e outros criminosos de guerra. Isser Harel (1912-2003): chefe do Mossad que organizou o sequestro de Eichmann em Buenos Aires, em 1960, e seu transporte para Israel em um voo especial, levando-o a seu julgamento e execução em Jerusalém. Elizabeth Holtzman (1941): quando ela se tornou um membro do Congresso estadunidense em 1973, rapidamente começou a olhar para as acusações de que muitos alegados criminosos de guerra

Wiesenthal afirmava que a ODESSA era uma vasta e sinistra rede de ex-nazistas, que contrabandeavam armas, tesouros e uns aos outros ao redor do mundo com um nível diabólico de sigilo. As mais sensacionais versões conspiratórias colocam tal organização no coração de todo o mal do mundo moderno e reivindicam que ela é responsável por inspirar uma clandestina versão do IV Reich na sociedade ocidental. Apesar de o “caçador de nazistas” nunca ter apresentado evidências relevantes da sua existência, de acordo com Leal, na década de 1960 a mídia ocidental, já bastante pré-disposta a aceitar narrativas do gênero, multiplicou a história. “Na verdade, a incapacidade de demonstrar a materialidade da ODESSA passou a ser vista, curiosamente, como a prova cabal de sua força e de seus tentáculos” (Pastor de Carvalho, 2015, p. 71).

Ex-membros da SS afirmaram que a ODESSA nunca foi uma organização secreta mundial, mas sim o conjunto de diversas organizações “que colaboraram com o caminho de rato mantido por Hudal no Vaticano e com os outros, criados pelos governos latino-americanos e até pela CIA” (Felton, 2012, p. 51). Franz Stangl, o ex-comandante do campo de concentração de Treblinka, e Erich Priebke alegaram que a organização nunca existiu, pois se tratava de um mito. Segundo Priebke: “Eu sempre disse que a ODESSA é uma invenção de algum inglês”, disse ele, referindo-se à Frederick Forsyth. “Eu teria tido sorte se alguém tivesse me ajudado, mas não há ODESSA” (Walters, 2009, p. 258).

De fato, foi o famoso escritor inglês, Frederick Forsyth, que popularizou a referida organização no imaginário cultural ocidental. Em 1973, Forsyth publicou o romance *O Dossiê ODESSA*, no qual narra as aventuras do jovem jornalista alemão chamado Peter Miller em busca do “carneiro de Riga”, Eduard Roschmann. Nessa caça, Miller acaba deparando-se com um grupo de antigos membros da SS, reunidos em uma organização secreta e sinistra conhecida

viviam pacificamente nos Estados Unidos. Como membro da Casa de Imigração, ela, com sucesso, criou o Escritório de Investigações Especiais do Departamento de Justiça em 1979. Instituição que liderava o esforço para encontrar, desnaturalizar, e deportar criminosos de guerra nazistas. Serge Klarsfeld (1935): nascido em uma família de judeus na Romênia, que, em seguida, mudou-se para França, ele tinha um forte motivo pessoal para documentar, divulgar, e perseguir líderes nazistas que tinham sido responsáveis pelas deportações e mortes de judeus na França: seu pai morreu em Auschwitz. Meticulosamente, reuniu provas incriminatórias, divulgou registros dos nazistas e perseguiu os fugitivos nazistas. Beate Klarsfeld (1939): ela era a metade mais chamativa do casal caçador de nazistas franco-alemão. Ela sabia muito pouco sobre o legado do Terceiro Reich até que se mudou a Paris para trabalhar com seu futuro marido, Serge Klarsfeld. Junto com Serge, ela também rastreados e confrontou homens da SS culpados de deportação de judeus e outros crimes na França ocupada. Allan Ryan (1945): de 1980 a 1983, serviu como o diretor do Escritório de Investigações Especiais do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, que identificava e retirava os criminosos de guerra nazistas que possuem cidadania norte-americana. Jan Sehn (1909-1965): juiz que produziu o primeiro relato detalhado da história de Auschwitz. Ele lidou com o interrogatório de Rudolf Hoss, o mais antigo comandante do campo, convencendo-o a escrever suas memórias antes de ser enforcado em 1947. Efraim Zuroff (1948): fundador e diretor do escritório do Centro Simon Wiesenthal em Jerusalém, Zuroff nasceu em Brooklyn, mas se estabeleceu em Israel em 1970. Frequentemente referido como o último caçador de nazistas, elaborou campanhas controversas para localizar e processar guardas sobreviventes dos campos de concentração (Nagorski, 2016).

como ODESSA, que tinha como objetivo tanto resgatar antigos “camaradas” das garras da justiça como também criar um IV Reich, realizando assim os sonhos frustrados de Hitler. Além de ter sido extremamente bem-sucedido e rapidamente ter se transformado em sucesso comercial, a obra de Forsyth contém muita verossimilhança com a realidade (como a própria fuga de muitos nazistas criminosos), fato que é importantíssimo para os imaginários se tornarem inteligíveis e aceitos. Ademais, a obra é amplamente baseada no material cedido ao autor por Wisenthal, que abordou a organização nos livros *Eu Persegui Eichmann* (1961) e *Assassinos entre Nós* (1967).

Para o historiador inglês Guy Walters, o *Dossiê ODESSA* – que logo foi adaptado para as telas do cinema³¹ – foi o principal responsável por propagar a ideia de que uma organização com tal nome teria realmente existido (Walters, 2009). Forsyth contribuiu para isso indicando algumas vezes durante a obra que ela era inspirada em fatos, tanto é que no prefácio afirmou veementemente que a ODESSA existia e tinha por objetivo ajudar nazistas criminosos a escapar para “climas mais hospitaleiros”. Além disso,

a própria trama contribui para borrar os limites entre o real e a imaginação. Alguns personagens são pessoas de verdade, conhecidas publicamente, como Simon Wiesenthal, enquanto outros são inventados pelo autor, caso do protagonista. Em uma das edições americanas, o editor dá uma justificativa para essa linha tênue entre o real e o inventado. Para ele, a dúvida seria fundamental para despertar a “perplexidade do leitor” (Pastor de Carvalho, 2015, p. 75).

Não obstante, se podemos empregar a palavra ODESSA hoje em dia, devemos empregá-la mais como um termo “guarda-chuva” para se referir aos “caminhos de rato” que ajudaram vários criminosos nazistas a fugirem da Europa, do que sendo essa monstruosa e globalizada sociedade secreta existente no imaginário cultural, pois rumores da existência de qualquer sociedade secreta conspiratória existem aos montes na contemporaneidade (Walters, 2009). É interessante destacar que, por ter sido enormemente difundida, a crença na existência de tal organização atingiu vários intelectuais, entre eles Hannah Arendt. No seu livro *Eichmann em Jerusalém*, a autora afirmou que, no começo de 1950, Eichmann

conseguiu entrar em contato com a ODESSA, uma organização clandestina de veteranos da SS, e em maio desse ano atravessou a Áustria até a Itália, onde um padre franciscano, perfeitamente

³¹ Filme: *O Dossiê ODESSA*. Direção: Ronald Neame. Duração: 137 minutos, 1974.

informado sobre sua identidade, arrumou-lhe um passaporte de refugiado com o nome de Richard Klement e o mandou para Buenos Aires. Ele chegou em meados de julho, e sem nenhum [sic] dificuldade obteve documentos de identificação e uma permissão de trabalho como Ricardo Klement, católico, solteiro, apátrida, 37 anos de idade—sete a menos do que sua idade real (Arendt, 2013, p. 258).

Isso demonstra a força e o alcance que esse mito teve, chegando a influenciar até mesmo uma das maiores pensadoras do séc. XX. Mas o que devemos destacar aqui, e isso é fundamental, foi o fato de vários nazistas obterem enorme sucesso em suas fugas nos anos seguintes ao término da guerra, sendo uma prova incontestável da ineficácia das forças Aliadas em impedir a fuga de tantas pessoas suspeitas por crimes de guerra. Mas aqueles que reivindicam e reclamam a sobrevivência nazista no pós-guerra, baseiam-se também em outro fato histórico para sustentar suas teorias conspiratórias: o projeto PaperClip (clipe de papel).

2.1.1 “Operação Clipe de Papel”

Assim como Perón na Argentina, depois do final da guerra, tanto norte-americanos quanto russos começaram a cooptar para os seus governos fugitivos nazistas que possuíam conhecimentos tecnológicos e científicos avançados, principalmente para trabalhar nas indústrias bélicas e em centros de pesquisas. No caso dos Estados Unidos, cooptavam também alemães que possuíam informações valiosas para a luta contra o comunismo soviético. “Em grande medida, foi por causa dessas razões, eminentemente pragmáticas, que milhares de nazistas receberam ajuda para permanecer em liberdade” (Felton, 2012, p. 43).

No dia 4 de dezembro de 1946, o jornal *Washington Post* publicou um artigo intitulado *Best Brains in Germany to Help U.S.: 1,000 Scientists Being Brought in by Army; Some Were Nazis; 270 Already Here* (Melhores cérebros da Alemanha para ajudar os EUA: 1.000 Cientistas sendo trazidos pelo Exército; alguns eram nazistas; 270 já estão aqui). Esse artigo se refere à Operação PaperClip, autorizada pelo presidente norte-americano Harry Truman em setembro de 1946, para trazer cientistas nazistas de seu interesse, na grande maioria alemães, para a América. Utilizando alguns “caminhos de rato”, estima-se que o serviço de inteligência do Exército estadunidense transportou secretamente da Europa para o país cerca de 765 alemães que trabalharam para o governo em programas aeroespaciais e armamentistas. A União Soviética, por sua vez, exigia que os Estados Unidos entregassem tais nazistas para julgá-los por crimes de guerra, mas os americanos decidiram que os mandar de volta à Alemanha provavelmente re-

sultaria nas suas especialidades sendo exploradas pelos soviéticos, constituindo, assim, uma grande ameaça para a segurança do país (Felton, 2012, p. 46).

Entre esses cientistas nazistas, encontramos nomes famosos como o de Wernher von Braun, Hubertus Strughold e Arthur Rudolph. Von Braun foi diretor técnico do centro de pesquisa de foguete *Peenemünde* durante a guerra, inventor do míssil balístico V-2 que causou enormes estragos em Londres e outros lugares. Depois de seu advento na América, tornou-se o Diretor da NASA e responsável pelo desenvolvimento de todo o programa espacial dos EUA. Outro que também trabalhou para o governo norte-americano foi Hubertus Strughold, cientista nazista que praticava experimentos com prisioneiros do campo de concentração de Dachau, como a resistência ao frio do corpo humano. Na América, Strughold trabalhou para o Departamento de Medicina Espacial. Rudolph, na Alemanha, foi chefe de produção da fábrica Mittelwerk, que utilizava trabalho escravo dos prisioneiros do campo de concentração de Dora. Ele era responsável por fixar o número de horas de trabalho de cada prisioneiro. Nos Estados Unidos, foi designado diretor de projetos da NASA para o programa do foguete Saturno V, o qual atingiu a Lua em 1969 (Felton, 2012, p. 46).

Outro beneficiado pela Operação Paperclip foi o major-general Reinhard Gehlen, que durante a guerra era dirigente do serviço de inteligência do exército alemão. Após o conflito, cooperou com os norte-americanos montando um serviço secreto de inteligência na Alemanha Ocidental para ajudá-los a combater o avanço comunista da União Soviética. A Organização Gehlen, como ficou conhecida, contava com ex-oficiais da inteligência alemã, ex-membros da SS e da Gestapo que ajudaram centenas de nazistas a escaparem com segurança para a América por meio das “*ratlines*”.

Por esses motivos, a Operação Paperclip logo gerou várias teorias conspiratórias. Os nazistas teriam se aproveitado de tal situação para criar colônias ao redor do mundo, tendo o controle de bilhões de dólares em ativos industriais e financeiros, sem mencionar o acesso fácil a agências de inteligência das superpotências do pós-guerra. Essa rede “internacional nazista” estava em posição para superar as falhas do III Reich e finalmente conseguir a dominação de todo o globo. De acordo com os teóricos da conspiração, a base central dos nazistas era – e em alguns casos ainda é – na Antártida.³²

Mas por que as teorias conspiratórias sobre a sobrevivência do nazismo apontam para a Antártida como lugar de onde eles estariam se reorganizan-

³² Fato que exploramos no capítulo IV.

do para novamente tentar dominar o mundo? Isso se explica pelo interesse dos alemães na região durante a Segunda Guerra Mundial.

2.2 A ANTÁRTIDA COMO REFÚGIO DOS NAZISTAS

Entre 17 de dezembro de 1938 e 12 de abril de 1939, os alemães realizaram uma expedição secreta à Antártida aparentemente com a intenção de encontrar um lugar adequado para a construção de uma base baleeira na região. Comandada pelo Capitão Alfred Ritscher, piloto polar mais experiente da Alemanha, e autorizada por Herman Goering como parte de um plano econômico de desenvolvimento, a empreitada surgiu da preocupação dos alemães sobre o futuro da indústria baleeira, que era um importante fornecedor de óleo, lubrificantes, glicerina (para produzir nitroglicerina usada em explosivos), margarina e outros produtos.

Para tanto, uma série de expedições foram planejadas para os anos de 1939, 1940 e 1941, que poderiam ter levado à construção de tal base, porém tais empreendimentos não puderam acontecer devido ao início da Segunda Guerra Mundial, não havendo nenhuma outra atividade oficial da Alemanha na Antártida até 1959. Entretanto, para provar que desbravaram o lugar, os alemães fincaram suas bandeiras com suásticas em alguns pontos estratégicos da costa e do interior do continente gelado para, posteriormente, reivindicar o território que denominaram como Nova Suábia (*Neuschwabenland*). Não há menção nenhuma em documentos que prove a construção de uma base durante a expedição do Capitão Ritscher, nem de qualquer nenhuma de fazê-lo naquele momento ou posteriormente (Summerhayes; Beeching, 2007).

Mais uma vez, os teóricos conspiratórios ressignificaram esse evento transformando-o em mote para suas teorias sobre a criação do IV Reich a partir do coração do continente gelado, pois o que mais estariam eles fazendo nessa região inóspita senão uma base militar secreta? Ladislav Szabo (1947a), Mattern e Friedrich (1975), Wilhelm Landig (1971), Howard Buechner e Wilhelm Bernhart (1989) e Henry Stevens (1997) publicaram livros denunciativos e especulativos sobre bases secretas dos nazistas na Antártida, onde Hitler estaria vivo junto de seus comparsas planejando o retorno triunfal do regime. Mas como teriam escapado da Europa e chegado lá? Por meio de dois submarinos alemães que se entregaram na Argentina meses depois do final da guerra: os submarinos U-530 e U-977.

Em julho e agosto de 1945, esses dois submarinos alemães renderam-se para as autoridades argentinas no porto de Mar del Plata. Logo, algumas perguntas foram feitas a esse acontecimento: toda a tripulação era composta por simples marinheiros? Todo o armamento, carga e pertences pessoais consistiam

em materiais navais? Algum dos submarinos teria desembarcado, antes de se render, pessoas ou cargas na costa argentina? Segundo o historiador Ronald Newton, essas questões foram analisadas por autoridades argentinas e estadunidenses, chegando à conclusão de que as tripulações dos submarinos eram exatamente o que pareciam ser, ou seja, não havia indícios de que ajudaram no transporte de pessoas ou tesouros associados com o III Reich (Newton, 1998).

No dia 10 de julho de 1945, aproximadamente dois meses depois da rendição dos alemães na Segunda Guerra Mundial, a tripulação de 54 homens do submarino U-530, incluindo seu comandante Otto Wermuth de 25 anos, rendeu-se na base naval de Mar del Plata. No dia 17 de agosto, a tripulação de 31 homens do U-977 e seu comandante, Heinz Schaeffer, de 24 anos, também se rendeu na mesma base naval. Todos foram tratados como prisioneiros de guerra, transferidos para Washington nos Estados Unidos, onde foram interrogados por meses de forma individual e grupal. Nesses interrogatórios, Schaeffer foi perguntado se ele transportava alguém de “importância política”, no qual ele respondeu que não. O governo norte-americano queria averiguar a possibilidade de que o U-977 tivesse transportado Hitler e Bormann, primeiro para a Argentina e depois para uma base secreta nazista na Antártida. Mas nada foi provado. Em julho, o ministro da Marinha Argentina emitiu um comunicado afirmando que os submarinos não transportavam nenhum funcionário político ou militar; não haviam desembarcado nenhuma pessoa antes da sua rendição; todos que desembarcaram após a rendição eram legítimos integrantes da tripulação; não havia evidências para acreditar que os submarinos depositaram tesouros em algum lugar (Antártida) no caminho para Mar del Plata; e que os submarinos não faziam parte de um comboio em uma missão secreta (Newton, 1998).

Não demorou muito para esse fato se tornar um “prato cheio” aos teóricos conspiratórios, pois era possível que os hierarcas nazistas estivessem fugindo para a Argentina com ajuda de vários submarinos, não apenas o U-530 e o U-977. Uma série de rumores sobre avistamentos de submarinos na costa argentina se formaram após 1945. Como nos mostra Newton (1998):

- ▶ No final de setembro de 1945, o ativista nazista Walter Wilkening informou em Buenos Aires que:

Hitler está vivo e está escondido em um submarino perto da costa espanhola. Estes são os últimos submarinos da frota nazista. Nos últimos dias de agosto chegou a Buenos Aires uma correspondência emitida do quartel general de Hitler, contendo instruções dirigidas aos nazistas locais, para prepararem-se e permanecerem firmes em suas crenças.

- ▶ Em julho, um tal de John Mattern, um cidadão estadunidense, abordou a história sobre os submarinos classe U que haviam sido encontrados perto de Mar del Plata. Mattern afirmou que Hitler era um dos tripulantes.
- ▶ De acordo com a “fonte K” do FBI, Hitler havia fugido para a África, onde teria embarcado no U-530. Desembarcou entre Necochea e Miramar, aproximadamente no dia 20 de junho, disfarçado de pescador. Seu rosto havia sido modificado por meio de cirurgia plástica. Havia sido escoltado por oficiais pró-nazistas do Exército até a região do Chaco.
- ▶ No dia 27 de junho, duas pessoas, possivelmente um homem de uniforme e uma mulher, chegaram à costa em um bote de borracha. Ali foram recebidos por uma pessoa de origem alemã que os levou em seu veleiro até uma estância comprada, perto de Veronica.

Segundo Newton, não se encontravam entre os tripulantes dos submarinos nem Bormann (que também teria fugido para América) e muito menos Hitler. Para o autor, as condições que um submarino isolado com destino à Argentina teria de enfrentar – um grupo clandestino alemão para organizar uma recepção, a fuga da detenção antes, durante e depois do desembarque, a questão do combustível etc. – são tão formidáveis que a probabilidade que “esse desembarque tenha ocorrido alguma vez é, na minha opinião, da mesma ordem de magnitude que a probabilidade de seres extraterrestres terem aterrissado com sucesso na Terra e terem ido embora sem morrer de rir.” (Newton, 1998, p. 244).

Verificando as datas, horários e velocidades dos submarinos, Colin Summerhayes e Peter Beeching, oceanógrafos e geólogos marinhos que pesquisaram o imaginário da presença nazista na Antártida, sugerem que nem o U-530 nem o U-977 tiveram tempo de passar pela Antártida. A pergunta que os autores fazem para explicar esse fato é a seguinte: era fisicamente possível uma visita ao continente antártico nas condições vigentes daquele contexto? A resposta é negativa. As condições climáticas da região, agravadas pelo inverno no período em que os submarinos supostamente teriam deixado os líderes nazistas e seus tesouros no local (junho, julho e agosto) impossibilitavam a navegação desses modelos de submarinos que não eram capazes de navegar sob a camada de gelo existente. Ademais, o frio extremo, a escuridão de 24 horas do local, combinada com grandes e perigosos *icebergs*, significa que teria sido fisicamente impossível para o U-530 ou o U-977 ter chegado a qualquer lugar perto da costa da Antártida em junho, julho ou agosto de 1945 (Summerhayes; Beeching, 2007, p. 13).

Independentemente disso, tais fatos serviram como mote, como principal inspiração, para a construção da ideia segundo a qual vários integrantes do alto es-

calão nazista teriam escapado da destruição do III Reich para continuar com seus nefastos planos de dominação mundial a partir de algum local secreto. A jornada de ambos submarinos insinuou que o destino dos nazistas fugitivos da Europa era a Antártida, via Argentina. O que colaborava com isso, segundo alguns teóricos conspiratórios, foi uma frase, sem comprovação, pronunciada por Karl Doenitz, na qual teria afirmado: “a tropa de submarinos alemão está orgulhosa por ter construído para o *Führer* em outro lugar do mundo uma *Shangri-la* na terra, uma fortaleza impenetrável” (Baker, 2000, p. 129). Os alemães teriam encontrado túneis que possibilitavam o acesso às regiões abaixo da camada de gelo, local onde se encontravam supostas galerias e lagos pré-históricos com um clima moderado que permitiam a sobrevivência humana. Com acesso estrategicamente camuflado, os nazistas levaram ao local equipamentos e pessoal necessário para formar uma pequena comunidade de cientistas, crescendo exponencialmente em número de habitantes depois da derrota do III Reich na Segunda Guerra Mundial.

Ladislav Szabo, Mattern e Friedrich, Wilhelm Landig, Howard Buechner e Wilhelm Bernhart, Henry Stevens e James Robert reivindicaram que os Estados Unidos montaram um exercício militar com o objetivo de erradicar a base secreta dos nazistas no continente gelado: a “Operação Highjump” (Pulo alto). De fato, entre 1946 e 1947, o governo estadunidense criou a maior expedição já feita, comandada pelo contra-almirante Richard Byrd (1888-1957), para explorar a região. Byrd contava com mais de 4.700 soldados, 13 navios, tanques anfíbios, um porta-aviões com várias aeronaves e submarinos. De acordo com o relatório da Marinha dos EUA, os objetivos da operação foram: treinar soldados e equipamentos em condições climáticas geladas e desfavoráveis; determinar a viabilidade de estabelecer, manter e utilizar bases na região; encontrar possíveis locais para uma base; e aumentar o conhecimento sobre a hidrografia, geografia, geologia, meteorologia e o eletromagnetismo da área. O almirante Byrd descobriu e cartografou cerca de 1.390.000 km² de território antártico.

Highjump foi, acima de tudo, mais uma operação militar do que propriamente uma expedição científica. Ela foi composta por uma série de operações militares idealizadas para treinar a Marinha estadunidense em operações polares consideradas como um imperativo estratégico por parte da inteligência militar dos EUA, que viam a União Soviética como uma ameaça e consideravam que uma guerra no ártico poderia acontecer. Com o início da Guerra-Fria logo após 1945, em março de 1947, enquanto a expedição Highjump ainda estava em operação, o presidente Harry Truman proclamou o que ficou conhecido como a Doutrina Truman, ou seja, a tentativa do governo norte-americano de prevenir a propagação do comunismo no país e em suas áreas de influência. Para Summerhayes e Beeching (2007), devemos compreender a Operação Highjump dentro do contexto

da Guerra Fria, sendo concebida para elevar o nível da Marinha estadunidense em embates por águas gélidas no caso de algum enfrentamento contra a URSS.

Cabe frisar que essa operação foi amplamente divulgada na imprensa da época, com grandes reportagens no jornal *New York Times*, por exemplo. Dessa forma, Highjump não teve um caráter ultrassecreto promovido pelo governo norte-americano, pois, ao todo, havia onze jornalistas que participaram da expedição e que transmitiram duas mil e onze mensagens via rádio para Washington.

O relatório oficial foi publicado em três volumes e vinte e quatro anexos sobre questões operacionais, tais como: aviação; operações de navios; comunicação; navegação; movimentação de carga, rações e de pessoal. A maior parte do relatório aborda as minúcias das operações diárias no gelo. É muito provável que sua classificação inicial como confidencial – não disponível ao público em geral –, levou alguns escritores a especularem que os EUA tinham algo a esconder. Porém, no documento, que nunca foi classificado como secreto ou ultrassecreto, não há quaisquer menções sobre uma ameaça dos remanescentes do III Reich emanando da região. A única ameaça mencionada em todo o relatório era a soviética (Summerhayes; Beeching, 2007, p. 15). Contudo, devido ao caráter confidencial da missão (apesar de ela ser bem-divulgada pela imprensa), várias perguntas surgiram sobre a real intenção do governo: estavam realmente à procura de um lugar para instalar uma base militar de estudos? Estavam procurando possíveis bases nazistas? Ou estavam procurando a entrada para o centro da Terra?

Teóricos conspiratórios afirmam que o interrogatório feito às tripulações do U-530 e do U-977 revelou ao governo dos Estados Unidos que os alemães haviam construído enormes complexos subterrâneos na Antártida para a fabricação de aviões extremamente avançados, semelhantes a discos voadores, e de armas tecnologicamente avançadas. Ao tomar conhecimento disso, teriam organizado a operação Highjump a fim de localizar e destruir essa tentativa de reorganização nazista. O problema com esse tipo de afirmação é que ela vincula os interrogatórios a um súbito interesse dos Estados Unidos na Antártida, sem considerar outras possíveis razões para a expedição ou o longo interesse do país na região (Summerhayes; Beeching, 2007, p. 14). Mas os vastos recursos colocados à disposição de Byrd insinuaram para muitos conspiracionistas que a operação foi planejada como uma força de ataque real contra os nazistas que hipoteticamente se instalaram na região.

Highjump, dessa forma, teria sido uma invasão militar disfarçada como um grupo de treinamento e exploração, que lidou com uma colônia secreta de nazistas sobreviventes em uma elaborada instalação subterrânea construída durante a Segunda Guerra Mundial. Quando chegaram ao local, imediatamente entraram em batalha contra os discos voadores, não sendo páreo para eles. Isso fez com que se retirassem temporariamente para construir seus próprios

protótipos de discos voadores, com base em alguns modelos capturados dos alemães no final da guerra (Baker, 2000, p. 130).

Apesar de esse lugar belo, misterioso e hostil ter ocupado uma posição proeminente no pensamento daqueles que concordam com a teoria da sobrevivência nazista, não há nenhuma prova que indique que a operação Highjump foi atacada por discos voadores nazistas, nem que perdeu aviões ou vidas nesse suposto embate. Os americanos não foram embora da Antártida por causa disso, mas sim devido ao começo do inverno no hemisfério sul.

2.3 A SUÁSTICA FORA DA ALEMANHA

Podemos elencar como uma das condições para a formação do imaginário conspiratório do IV Reich e da sobrevivência de Hitler, a existência de várias pessoas filiadas ao NSDP na América Latina. Conforme o historiador Rafael Athaides, “braços” do Partido Nazista se instalaram em diversas regiões do globo a partir de 1928 e durante a década de 1930, arregimentando 29.099 militantes em 83 países, sendo 26.145 homens e 2.954 mulheres. A Argentina e o México, por exemplo, agrupavam, aproximadamente, 2.000 membros cada. O Chile, a terceira maior concentração na região (mas em números relativos tinha a maior proporção de filiados aptos, ou seja, “alemães natos”) reunia mais 985 filiados. O Brasil representou uma das maiores seções fora da Alemanha, cerca de 2.900 filiados ao NSDAP (Athaides, 2011, p. 26).

Nesse âmbito, o pangermanismo (ou seja, a prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã especialmente no exterior, manifestando-se na formação de instituições como agremiações esportivas, igrejas, escolas, associações culturais e imprensa em língua alemã para preservação cultural) ganhou força com a ascensão do Partido Nazista e com a criação da *Auslandsorganisation der NSDAP*, Organização para o Exterior do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (AO).

Amparando-se no conceito de cidadania baseado na raça e no sangue, a AO tinha como pretensões combater o comunismo e os Estados liberais e criar células partidárias em diversos países onde havia colônias alemãs para expandir as suas crenças para todos os cantos do planeta, como a superioridade da raça ariana e a legitimidade da exclusão dos judeus da sociedade. Rompendo os limites territoriais da Alemanha, sua agenda política era voltada a cooptar os alemães que residiam no exterior para a “órbita” ideológica do nazismo, reunir informações quanto a possibilidades de transações comerciais favoráveis à Alemanha e recrutar voluntários para caso de eventual conflito armado, ou seja, não uma expansão imperialista, mas sim um expansionismo político-partidário, racial e ideológico.

De acordo com Marion Magalhães, os integrantes cooptados deveriam obedecer a “dez mandamentos”, dos quais se destacavam os seguintes: 1) Respeitar as leis do país em que é hóspede e não se intrometer na política interna; 2) Fazer-se conhecido como partidário do NSDP; 5) Todo alemão no exterior é um partidário em potencial. Ser como um pastor entre ovelhas; 10) Ser calmo, ordeiro e pacífico – não participar de badernas (Brepohl de Magalhães, 1998).

Sobre a AO, o historiador Donald McKale (1977) afirma que os nazistas acreditavam que os alemães que viviam no exterior poderiam desempenhar um papel mais significativo nos esforços econômicos da Alemanha. Enquanto o governo estava em processo de rearmamento da Alemanha e visava tornar o país economicamente autossuficiente, o Departamento de Comércio Exterior da AO (sigla em alemão) tentou contribuir para a política de autarquia, mobilizando o apoio econômico da comunidade alemã no exterior. Este departamento nomeava um conselheiro econômico, geralmente um empresário alemão local (conhecido como *Wirtschaftsstellenleiter*), em cada grupo nazista no exterior. Esses conselheiros, de acordo com a AO, desempenhavam um papel na negociação de acordos comerciais em nome de empresas alemãs, protegendo os interesses econômicos dos alemães no exterior e promovendo a visão econômica nacional-socialista

No quadro 2, a seguir, podemos visualizar o aparato geral das nações onde a ideologia nazista conseguiu angariar adeptos:

Quadro 2: Países que possuíam adeptos ao Partido Nazista

Região	Países
Norte e Leste Europeus	Polônia, Dinamarca, Letônia, Suécia, Finlândia, Estônia, Noruega, Lituânia e Islândia
Europa Ocidental	Holanda, Inglaterra, Irlanda, Espanha, Luxemburgo, Bélgica, Portugal, França, Ilhas Canárias, Marrocos francês e Marrocos espanhol
Sudeste Europeu, Áustria e Oriente Médio	Tchecoslováquia, Romênia, Turquia, Iugoslávia, Palestina, Egito, Grécia, Bulgária, Irã, Afeganistão, Síria, Iraque, Albânia e Malta
Itália, Suíça e Hungria	Áustria, Suíça, Itália, Hungria
África	Namíbia, Tanganica, África do Sul, Camarões, Angola, Quênia, África Leste, Etiópia, Libéria, Costa do Ouro, Nigéria
América do Norte	Estados Unidos e Canadá
América Latina	Brasil, Argentina, Chile, México, Colômbia, Guatemala, Paraguai, Venezuela, Peru, Bolívia, Uruguai, Panamá, Equador, Costa Rica, Cuba, Honduras, Curaçao, Nicarágua, Porto Príncipe, Suriname, Aruba, República Dominicana e Porto Rico
Extremo Oriente e Austrália	China, Índias holandesas, Japão, Austrália, Índias inglesas, Manchúria, Manila, Sião, Samoa e Nova Zelândia

Fonte: Campelo Lucas (2012).

No Brasil, a estimativa do número de filiados ao partido em 1937, segundo as estatísticas da AO (por ano de filiação), é de 2,9 mil pessoas, entre elas: operários, comerciantes, agricultores e industriais espalhados por cerca de dezessete estados brasileiros. São Paulo contava com 785 adeptos, Rio de Janeiro 528, Rio Grande do Sul 439, Paraná 192, Minas Gerais 66, Pernambuco 43, Espírito Santo 41, Bahia 39, Mato Grosso 31, Pará 27, Goiás 23, Paraíba 21, Ceará 4, Amazonas 4, Sergipe 1, Alagoas 1, e sem informação de local 137. Esse número, porém, não reflete o total de pessoas que eram apenas simpatizantes do nazismo no país. Sobre o número de filiados, temos também fontes de natureza diferente que nos mostram outras cifras. Para os dados da *Nazy Party Membership Records*, o número de alemães filiados ao Partido, ou que pelo menos passaram por ele, na verdade, foi cerca de 4,5 mil (Campelo Lucas, 2012).

Independentemente disso, o partido nazista estava presente em dezessete estados brasileiros:

Uma presença expressiva e com números proporcionais à comunidade alemã estabelecida em cada um destes estados. Mesmo que a historiografia brasileira tenha se concentrado em estudos relativos à colônia alemã no Sul do Brasil, havia grupos germânicos por todo o País, com números significativos nos estados do Pernambuco, Mato Grosso, Goiás, Pará e Bahia. Tais grupos, a exemplo do que acontecia na região sulina brasileira, também tiveram seus representantes ligados ao governo nazista e estabeleceram grupos regionais do partido ou pontos de apoio. Também comemoravam as datas festivas do III Reich, organizavam-se em clubes, escolas e publicavam jornais em língua alemã (Dietrich, 2012, p. 119).

Como afirma a historiadora Ana Maria Dietrich, apesar de os filiados não chegarem a 5% do total de alemães no Brasil, devemos considerar que o partido possuía boa representatividade na comunidade alemã, pois os nazistas se fizeram presentes em círculos sociais, clubes, hospitais, igrejas, restaurantes, escolas, firmas e fazendas. Porém, não se deduz que todos os alemães do Brasil ou da América Latina fossem necessariamente pró-nazismo, “mas sim que o nazismo se encontrava infiltrado nos mais importantes núcleos desta comunidade” (Dietrich, 2012, p. 59).

No que diz respeito a sua estrutura no país, o Partido Nazista era dividido em departamentos: tesouraria, propaganda, sociedade e colônias. Além de algumas organizações: Frente Alemã do Trabalho, Juventude Teuto-Brasileira, Seção Feminina e Organização dos Professores Alemães. De forma geral, até 1938 os nazistas viveram tranquilamente sem serem perturbados pelas forças

oficiais brasileiras, quadro que mudou significativamente com o surgimento do Estado Novo de Getúlio Vargas (Dietrich, 2012, p. 5).

Outro dado importante que merece ser levado em consideração: havia integrantes do partido nazista presentes nos consulados e na embaixada alemã do Brasil. O partido nazista no país era importante para o III Reich, uma vez que ele havia ultrapassado suas funções de um partido no exterior, ganhando o status de representante do governo. Citando as palavras do embaixador alemão no Brasil Karl Ritter: “proibir o Partido é proibir a Alemanha”; ou “O Partido Nacional-Socialista é desde o ano de 1933 não mais um partido, no sentido comercial da palavra, mas a organização do povo inteiro alemão compreendendo um movimento nacional” (Seitenfus, 2003).

No caso do estado do Paraná, conforme Athaides, o Círculo do Partido Nazista funcionou sem nenhum problema entre 1933 e 1938, não se tratando de um partido registrado na Justiça Eleitoral ou que almejava participar das eleições. Além de Curitiba (PR), contava com nove filiais no interior do estado: Ponta Grossa, Castro, Cruz Machado, Rio Negro, Londrina, Irati, Rolândia, Paranaguá e União da Vitória:

Embora fossem poucos os filiados no Paraná, costumava dizer que sua ação foi barulhenta e se fez sentir, sobretudo, nos indivíduos mais ativos da comunidade germânica residentes no estado. Na tentativa de conquistar adeptos e de impor sua liderança, os nazistas se sentiram no direito de se portarem como administradores das entidades locais alemãs, mesmo que essas tivessem sua fundação no século 19 e carregassem toda uma tradição – alheia ao nazismo – de luta pela manutenção da cultura alemã no exterior. Os jovens e empolgados nazistas tentaram passar por cima disso, se impondo sobre alemães e descendentes nos clubes, associações e, inclusive, no Consulado. Em meados da década de 1930, um cônsul de carreira foi substituído por um cônsul nazificado, depois de muita pressão dos militantes locais. Com isso, os partidários, de fato, cindiram a comunidade germânica paranaense, sobretudo porque disputaram o poder com os grupos teutos já estabelecidos há certo tempo nos postos de gerência da comunidade.³³

Sobre o número de adeptos no estado, de acordo com Athaides, apesar da cifra de 192 filiados em 1937, colocando-o em quinto lugar entre os maiores círculos da NSDAP no Brasil, o número é considerado pequeno, haja vista que

³³ Entrevista: ATHAIDES, Rafael. *Os anos do Partido Nazista no Paraná*, 3 jul. 2015. Disponível em: <http://www.gazeta-dopovo.com.br/vida-e-cidadania/os-anos-do-partido-nazista-no-parana-9nzkpwek7x9y02khwnh66ecz>. Acesso em: 14 out. 2023.

moravam 12 mil pessoas na região indicadas pelo censo como alemães natos, ou seja, menos de 2% dos “aptos” se filiaram ao Partido (somente os alemães natos poderiam se filiar).

A presença de filiados ao NSDP no Brasil e em vários países da América Latina (vinte e cinco países no total como observado no quadro 1), teve uma consequência importante no período do pós-guerra: reforçou as suspeitas internacionais sobre um “bom acolhimento” dos nazistas fugitivos por parte dos seus correligionários do continente. Essa ajuda não viria apenas dos filiados. As suspeitas recaíram também sobre os ombros dos imigrantes e descendentes de alemães da América Latina, principalmente da região Sul do Brasil. Até 1940, as estimativas de imigrantes e descendentes presentes apenas nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná giram em torno de 810 mil a 1 milhão de indivíduos (Gertz, 1991). A ideia propagada era que tais grupos ajudariam os seus conterrâneos dando a eles tempo e estrutura suficiente para planejar o ressurgimento do Reich.

Em linhas gerais, todos os fatos abordados até agora “autorizaram” e “inspiram” demasiadamente os meios de comunicação de massa a produzirem o imaginário conspiratório segundo o qual os nazistas estariam se reorganizando politicamente para formar o IV Reich na América do Sul: o interesse da Alemanha na Antártida durante a guerra; os submarinos U-530 e U-977; a fuga de vários criminosos de guerra para a América; a Operação Paperclip; o resgate de cientistas nazistas por Perón na Argentina; a Operação Highjump; e a existência de partidos nazistas na América Latina. Desde o final da guerra até os dias de hoje, livros, filmes, documentários e reportagens de jornais e revistas utilizam esses fatos como base para suas denúncias conspiratórias. Portanto, essas são as linhas em comum entre essas narrativas.

Todavia, as ideias conspiracionistas envolvendo os alemães da América Latina não eram, de fato, novidade no pós-guerra. O que colaborou com a formação da ideia de um novo Reich foi a crença enraizada no imaginário coletivo de que os alemães estariam conspirando para anexar parte da América Latina ao seu território desde o começo do séc. XIX. Fato esse que ficou conhecido como a fantasia do “perigo alemão”.

2.4 O “NOVO PERIGO ALEMÃO”

Segundo o historiador Rene Gertz (1991), a temática principal dessa teoria conspiratória era a ideia na qual a Alemanha imperialista procuraria anexar parte da América Latina (principalmente os países sulinos) ao seu território, devido a sua política expansionista do séc. XIX. A região permaneceria como

local de influência econômica ou de direta dominação pelos germânicos e os imigrantes e descendentes de alemães residentes nesses territórios teriam papel destacado neste empreendimento, visto que os ajudariam nessa suposta dominação.

Essa teoria conspiratória adquiriu amplitude internacional, sendo notoriamente divulgada pela imprensa britânica, norte-americana e francesa. Ao mesmo tempo, intelectuais e jornalistas brasileiros produziram, igualmente, muitos trabalhos sobre o assunto, como o livro de Sílvio Romero, *O Alemanismo no Sul do Brasil*, de 1906. Romero foi um dos mais ferrenhos defensores da ideia na qual os alemães realmente queriam anexar ao seu território os países do sul do continente. Por demonstrar repulsa pelos alemães “ostentarem desprezo pela vida pública nacional, por serem avessos à assimilação e pela aversão que tinham a tudo o que era brasileiro” (Romero, 1906, p. 230), ele propôs algumas medidas com o objetivo de evitar um possível desmembramento do Sul do Brasil:

1º) proibir as grandes compras de terrenos pelos sindicatos alemães, máxime nas zonas das colônias;

2º) obstar a que estas se unam, se liguem entre si, colocando entre elas, nos terrenos ainda desocupados, núcleos de colonos nacionais ou nacionalidades diversas da alemã;

3º) vedar o uso da língua alemã nos atos públicos;

4º) forçar os colonos a aprenderem o português, multiplicando entre eles as escolas primárias e secundárias, munidas dos melhores mestres e dos mais seguros processos;

5º) ter o maior escrúpulo, o mais rigoroso cuidado em mandar para as colônias, como funcionários públicos de qualquer categoria, somente a indivíduos da mais esmerada moralidade e de segura instrução;

6º) desenvolver as relações brasileiras de toda a ordem com os colonos, protegendo o comércio nacional naquelas regiões, estimulando a navegação dos portos e dos rios por navios nossos, criando até alguma linha de vapores que trafeguem entre eles e o Rio de Janeiro;

7º) fazer estacionar sempre vasos de guerra nacionais naqueles portos;

8º) fundar nas zonas de Oeste, tolhendo a expansão germânica para o interior, fortes colônias militares de gente escolhida no exercício (Romero, 1906, p. 52).

Depois da obra de Romero, a teoria conspiratória do “perigo alemão” foi ganhando corpo, principalmente com a eclosão da Primeira Guerra Mundial na Europa. Em 1914 foi a vez de Raimundo Bandeira (escrevendo sob o pseudônimo de Arbivohn) publicar o livro *O Perigo Prussiano no Brasil*. Segundo o autor:

Nas escolas allemãs, as crianças aprendem que o Brazil é um paiz selvagem, habitado por uma raça de mulatos turbulentos e deshonestos, incapazes do *selfgovernment*; e compulsam mappas geographicos, adrede preparados, em que as províncias meridionais do Brazil figuram como domínios da corôa prussiana [...]. O Reichstag de Berlim vota anualmente uma verba para as escolas públicas alemãs do Brasil; os médicos, dentistas e advogados diplomados pelas universidades de além-Reno exercem livremente as suas profissões nas colônias teutônicas do sul. As eleições de deputados e senadores são feitas de acordo com aquelas colônias, cujos chefes políticos não se esquecem de consultar o ministro do Kaiser, acreditado no Rio de Janeiro [...]. Já estavam em elaboração em Berlim os códigos civil e criminal para aquela região, por ordem imperial” alemã (Arbivohn, 1914, p. 5).

Bandeira acreditava veementemente que a anexação das províncias do Sul do Brasil, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, por parte dos alemães, estava muito próxima. Só faltava a arrecadação de alguns impostos federais que seriam remetidos a Berlim. Depois disso, a Alemanha estenderia de vez seus tentáculos imperialistas primeiramente sob o Brasil e posteriormente sob o restante do continente.

Em 1915, foi a vez do paranaense Raul Darcanchy (1915) escrever o livro *Pangermanismo no Sul do Brasil*. De acordo com o historiador Olgario Vogt (2007), Darcanchy criticava sistematicamente os alemães que viviam em Santa Catarina por meio de artigos publicados em jornais do Paraná e do Rio de Janeiro que tinham como objetivo, entre outros: chamar a atenção dos poderes públicos nacionais para os processos importunos do alemanismo no Sul do Brasil, e combater à estupidez lastimável dos que negavam a existência do “perigo alemão”, induzidos por mero sentimento de afetividade à raça germânica. Para Darcanchy existia

[...] no estado de Santa Catarina grande número de batalhões de atiradores alemães que, no seu conjunto, constituem um perfeito exército colonial prussiano, sob o disfarce de associações de tiro teuto-brasileiras. Esse modelo de organização militar, criada e mantida pelos alemães, é, quiçá, a mais audaciosa obra do pangermanismo levado a efeito naquela porção do território nacio-

nal. Nada falta para lhes dar o caráter que efetivamente têm de há muito, tropas de desembarque já desembarcadas no sul do Brasil: quartéis, fardamentos, espingardas, disciplina prussiana e até campos para manobras (Darcanchy, 1915, p. 27).

Gertz nos mostra mais um exemplo de como essa teoria conspiratória estava presente no pensamento de muitos:

O barão de Cotegipe, por exemplo, manifestou seu temor: “De algum tempo para cá estão acontecendo na Europa as coisas mais incríveis. Uma grande potência procura reconstruir no além-mar o velho sistema colonial. Se continuarmos a estabelecer em nossas províncias grande parte de seus imigrantes, esta potência não terá dificuldades de um dia estender suas fronteiras sobre o nosso território” (Gertz, 1991, p. 16).

Não obstante, para Gertz essa campanha contra o “perigo alemão” não era baseada em pura fantasia, sem nenhuma referência na realidade. Esse imaginário sustentou-se a partir de certas interpretações de costumes e tradições de grupos de imigrantes alemães. A acusação repetida contra eles e seus descendentes, desde o início da imigração na década de 1820, era o da não integração, pois se manteriam à margem das nações – no caso a brasileira – pela ausência de miscigenação, pela conservação da língua, dos costumes e do legado cultural da Alemanha em geral. Segundo Gertz:

A ideia de não-integração, de segregação, de antipatriotismo e de anticidadania ganhou nova dimensão com a criação do império alemão em 1871 e o quadro internacional daí resultante. A Alemanha não tinha colônias e ideólogos e estrategistas alemães pensaram no aproveitamento dos “alemães no exterior” em benefício da “pátria-mãe”. Já em 1865 o geógrafo alemão Woldemar Schulz, escrevendo sobre as possibilidades de imigração para o sul do Brasil, Uruguai e Argentina, citava uma personalidade alemã que havia dito: “... ninguém praticamente lembra que com isto se criaram lugares de reunião para os ramos caídos do nosso tronco, onde todo botão de flor se transforma em um fruto maduro para a pátria alemã, onde qualquer pulsação do sangue da velha pátria é refletido”. Certamente alguns destes ideólogos e estrategistas – mais exaltados e menos realistas – pensavam até numa anexação, na criação de uma colônia alemã como os franceses as tinham na Ásia ou na África (Gertz, 1991, p. 15).

A manutenção dos costumes e tradições baseava-se no “germanismo”, um sentimento nacionalista que servia como defesa e manutenção da pureza

étnica e da identidade cultural e religiosa dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil e na América do Sul. Isso significava a “aversão a casamentos interétnicos, manutenção da língua, através da educação formal e informal, e do cultivo de costumes alemães, através da educação informal em instituições diversas, incluindo as religiosas” (Gertz, 2008, p. 132). Como resultado dessa ideologia, houve ampla difusão no país de instituições culturais, recreativas, esportivas, religiosas, sociais e econômicas; associações escolares e de professores; sínodos luteranos; associações socioeconômicas, como o Volksverein (União Popular); ligas esportivas; sociedades recreativas; e jornais em língua alemã.

Somando o grande número de alemães que imigraram para a América Latina e a conseqüente manutenção de vários aspectos culturais oriundos da sua terra natal por meio da ideologia “germanista”, com a política expansionista adotada pelos governos da Alemanha desde último quartel do séc. XIX, tivemos como resultado um forte indicativo para realmente se preocupar com esse “perigo”. O imaginário conspiratório do “perigo alemão” se estendeu “com intensidade variável por quase quarenta anos, até a Primeira Guerra, quando a derrota alemã enfraquecera seu principal argumento: as pretensões imperialistas da Alemanha” (Gertz, 1991, p. 16). A temática voltou a ficar intensa com a ascensão do nazismo na Europa e a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Gertz explica que, neste momento, “qualquer traço cultural podia ser aproveitado na tentativa de comprovar nazismo entre os teutos” (Gertz, 1987, p. 88).

A ideia do “perigo alemão” representou a crença enraizada no imaginário coletivo de que os alemães estariam conspirando para anexar parte da América Latina ao seu território desde o começo do séc. XX. Contudo, após o final da Segunda Guerra Mundial, esse imaginário sofreu uma mutação na sua temática: agora os criminosos nazistas que fugiram para o continente, juntamente aos descendentes e imigrantes alemães ali residentes, estariam conspirando para formar o IV Reich. Isso configura o que chamamos de o “novo perigo alemão”. Circunstância constatada na existência de uma vasta produção literária, cinematográfica e jornalística que possui como enredo esse conteúdo, como já mencionado.

O que colaborou ainda mais para a formação desse “novo perigo” foi a existência de organizações políticas de ideologia fascista espalhadas por toda a América, reforçando a suspeita na qual os nazistas fugitivos estariam comandando tais grupos ou, pelo menos, participando deles. Por exemplo: na Argentina havia o Movimento Nacionalista Tacuara, um grupo político terrorista de ultradireita que atuou entre 1955 a 1964, defendendo um ideário fortemente nacionalista, fascista, anticomunista, antissemita e antidemocrático; no Chile existiam muitas organizações de extrema-Direita, como a Ação Chilena Antico-

munista (ACHA), o Movimento Pró-Chileno, o Partido Socialista da Vanguarda, e o Movimento Nacional-Socialista da Juventude. Esse último, criado em 1963, tentava ser uma cópia exata do nazismo: seu emblema era uma suástica, seus membros usavam camisas pardas e o lema era “O nazismo salvará o Chile”.

Antes de analisarmos a teoria conspiratória do “novo perigo alemão” presente em diversos meios de comunicação, todavia torna-se imprescindível abordarmos outra produção sobre os nazistas que também foi influenciada pelo contexto do pós-guerra: as histórias alternativas da Segunda Guerra Mundial. Mediante essa abordagem, começaremos a entender melhor os usos e abusos do nazismo no imaginário cultural contemporâneo, bem como delimitaremos as diretrizes teóricas e metodológicas da pesquisa.

2.5 HISTÓRIA ALTERNATIVA, ALO-HISTÓRIA, UCRONIA: E SE OS NAZISTAS VENCESSEM A GUERRA?

O que é uma história alternativa? Em uma simples definição podemos afirmar que é um relato ficcional de uma “história que nunca aconteceu”. São trabalhos que narram uma sucessão de eventos hipotéticos, construindo um presente ou passado diferente daquilo que concordamos como verossímil. Perguntando como o mundo poderia ter sido diferente, ela investiga a possível consequência do “e se” dentro de um contexto histórico específico: e se os dinossauros existissem até hoje? E se Jesus tivesse escapado da crucificação? E se Colombo nunca tivesse descoberto o Novo Mundo, mas sim os Vikings? E se os nazistas vencessem a Segunda Guerra Mundial? E se Adolf Hitler escapou da Alemanha nazista em 1945 se escondendo nas florestas da América do Sul? E se Hitler tivesse sido assassinado ou nunca tivesse nascido? E se a Revolução norte-americana não tivesse ocorrido? E se o Sul ganhasse a Guerra Civil nos Estados Unidos? E se a bomba atômica nunca tivesse sido jogada no Japão? As possibilidades são inúmeras. Tais questões contrafactuais podem nos parecer absurdas, até mesmo inúteis, mas foram e são colocadas consideravelmente por um grande número de escritores, aparecendo em uma vertiginosa variedade de locais ao redor do mundo (principalmente nos EUA, Inglaterra, Alemanha e América do Sul).

Segundo o historiador norte-americano Gavriel Rosenfeld (2002, p. 80), ao longo do curso da última geração, especialmente na década de 1990, o gênero da especulação histórica contrafactual, conhecida como história alternativa, emergiu aparentemente do nada para se tornar um campo muito fértil da investigação histórica. O fato de essas narrativas estarem representadas em diversas formas culturais – literatura ficcional e não ficcional (a grande maioria),

contos, novelas, filmes, revistas em quadrinho, videogame, programas de televisão e sites da internet –, possibilitou a sua crescente aceitação no mundo acadêmico como fonte para monografias, dissertações, teses e ensaios históricos.³⁴ Para o autor, a proliferação das histórias alternativas nos mais variados meios de comunicação de massa demonstra o crescente interesse e a crescente popularidade do gênero entre o público geral, fator que as tornaram um verdadeiro fenômeno no imaginário cultural ocidental (Rosenfeld, 2005).

Não se sabe ao certo quando as histórias alternativas – também conhecidas como alo-história, história contrafactual e uchronia – começaram a ser escritas. Essa questão é amplamente debatida entre os acadêmicos que estudam o gênero. Rosenfeld afirma que as suas origens datam do advento da própria historiografia ocidental na antiguidade, quando historiadores como Tucídides e Tito Lívio se perguntaram como suas próprias sociedades seriam diferentes se os persas tivessem derrotado os gregos nas Guerras Médicas ou se Alexandre o Grande tivesse empreendido uma guerra contra Roma. Contudo, como um gênero literário moderno, histórias alternativas possuem suas raízes num passado mais recente, em meados do séc. XIX, quando as primeiras novelas nesse estilo foram publicadas na França pós-Napoleônica (Rosenfeld, 2002).

Para muitos pesquisadores, a primeira história alternativa moderna foi publicada em 1836 pelo escritor francês Louis-Napoléon Geoffroy-Château, com seu livro, *Napoléon et la Conquête du Monde 1812-1832*, seguido pela obra de seu conterrâneo Charles Renouvier, *Uchronie*, de 1876. Ambas são consideradas como as primeiras histórias alternativas atuais no sentido de servirem como textos fundadores para uma nova tradição literária. Porém, poucas apareceram até meados da década de 1950.

O cenário mais comum desse gênero é representado por eventos que deixaram marcas ou traumas no mundo contemporâneo e que continuam a ressoar no presente. Estes são frequentemente episódios de importância histórica mundial, variando de: reis e políticos mortos, vitórias ou derrotas militares decisivas, a ascensão de grandes movimentos culturais ou religiosos e mesmo tendências demográficas como migração ou pragas. Não é de se espantar, contudo, que nos últimos setenta anos – período no qual se verifica a maior produção de histórias alternativas no ocidente –, o tema mais popular e prolífico presente nesse tipo de narrativa incluem os eventos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial. Questionamentos sobre como o nosso mundo poderia ser diferente

³⁴ Principalmente na Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos. No Brasil, não encontramos nenhum estudo acadêmico voltado a analisar esse gênero. Sobre como usar esse gênero literário em análises históricas, ver: Rosenfeld (2005), Butter (2009), Schenkel (2012), Hellekson (2001), Ferguson (1999), Cowley (1999) e Demandt (1993).

se os fatos entre 1933 a 1945 terminassem com outro resultado, fornece a base da maioria das histórias alternativas produzidas no mundo ocidental atual. A razão para a popularidade da Era nazista pode ser explicada pela sua habilidade duradoura em atrair a imaginação contemporânea, refletindo a consciência da sociedade de que esse evento tem moldado o mundo contemporâneo como poucos fizeram. Resumindo, as muitas narrativas especulativas do III Reich refletem a constante centralidade da era nazista na memória ocidental (Rosenfeld, 2002, p. 94).³⁵

Para Rosenfeld, são quatro os temas mais recorrentes no cerne das histórias alternativas sobre Segunda Guerra Mundial: 1) os nazistas ganham a guerra; 2) Hitler escapa da morte em 1945, sobrevivendo escondido em algum lugar; 3) Hitler é removido do mundo histórico antes ou algum tempo depois de se tornar *Führer*; 4) o Holocausto é completado, vingado ou desfeito.³⁶

Em 1962, norte-americano Philip K. Dick (1962) publicou o livro intitulado, *The Man in the High Castle*, que traz a grande questão do: e se o Eixo tivesse vencido a Segunda Guerra Mundial? A obra narra como Franklin D. Roosevelt, presidente dos Estados Unidos da América, foi assassinado em 1933. Sem Roosevelt, o país manteve uma postura mais isolacionista durante toda a década de 1930, participando somente da guerra após os ataques a Pearl Harbor, como, de fato, aconteceu. Nesse período, contudo, a Inglaterra e a União Soviética já estavam praticamente derrotadas pelas tropas de Hitler, culminando com a fácil vitória dos japoneses e nazistas sobre os Estados Unidos. O país, então, foi dividido entre o Japão, que ficou com a Costa Oeste até as Montanhas Rochosas, e o III Reich, que ocupou a Costa Leste até o Mississipi. O romance trata sobre um autor de ficção científica que escreve uma história alternativa sobre a Segunda Guerra Mundial, num mundo no qual os Aliados vencem o conflito, ou seja, uma história alternativa dentro de uma história alternativa.

Outro exemplo é do escritor estadunidense Norman Spinrad (1972), que publicou em 1972 a história alternativa intitulada *The Iron Dream*. No romance, Hitler – que nunca chegou a se tornar o *Führer* da Alemanha – emigra em 1919

³⁵ Porém, cada contexto nacional pode produzir histórias alternativas com motes que dizem respeito a fatos específicos de sua própria história. Como é o caso dos Estados Unidos. Os escritores norte-americanos, além de produzirem um grande número dessas narrativas sobre a Segunda Guerra Mundial, também escreveram histórias alternativas sobre a sua Guerra Civil, bem como sobre a Revolução Americana. Entre as produções de histórias alternativas sobre a Segunda Guerra Mundial e o nazismo, podemos destacar: Bukowski (1972), Goss (1973), Spinrad (1972), Levin (1976), Weill (1979), Benford (1983), Heywood (1987), Charnay (2002), Erickson (1989) e Rosenbaum (1998).

³⁶ Queremos aqui atentar para um ponto importante. Os negacionistas, ou seja, aqueles que defendem a ideia da inexistência da morte em massa de milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial, autointitulam-se de “revisionistas”. Mas o termo aqui é utilizado como uma tentativa de legitimar as suas ideias, nada tendo a ver, por exemplo, com um revisionismo histórico. Para os negacionistas, o Holocausto teria sido inventado pelos judeus com o objetivo de angariar recursos financeiros por meio de uma verdadeira “indústria do Holocausto”.

para a cidade de Nova York, nos Estados Unidos, onde viveu como um escritor de ficção científica, ilustrador e editor de *fanzine* até sua morte em 1953. Sua obra mais conhecida, *O Senhor da Suástica*, é um enorme sucesso em um mundo onde a União Soviética é a maior potência no cenário político-econômico mundial. Contudo, a maior parte do livro não se baseia nesse contexto histórico fictício, mas sim no livro escrito por Hitler, no qual o líder forte e persuasivo, Feric Jaggar (alter ego de Hitler), comanda os últimos humanos normais do planeta terra (brancos, loiros, altos e olhos azuis) contra um ambiente de mutantes e alienígenas, especialmente os “zinds”, uma mescla entre judeus e soviéticos. No final do livro de Hitler, Jaggar vence a batalha garantindo que o “genótipo perfeito” perpetuará o domínio eterno neste mundo.

Em 1987, foi a vez de outro escritor norte-americano, Joseph Heywood (1987) publicar a obra *The Berkut*, na qual descreve a fuga de Hitler no final da guerra com ajuda de um esquadrão alemão especializado. O romance começa nos dias finais da Alemanha nazista quando Hitler comete suicídio com Eva Braun em seu *bunker*. No entanto, depois de Eva se matar, um dublê toma o lugar de Hitler e é eliminado com Braun no quintal da Chancelaria para que os russos encontrem os corpos. O verdadeiro Hitler escapou de Berlim, com o coronel alemão Günther Brumm. Joseph Stalin, entretanto, deduziu intuitivamente que Hitler não era um homem que cometeria suicídio. Por isso, ele organizou uma equipe especial de cinco agentes para caçá-lo e trazê-lo de volta para uma vingança pessoal. O romance logo se torna tanto uma perseguição emocionante como um jogo cruel de gato e rato. São nessas linhas que se desenvolve a trama do suspense de Heywood.

Em 2002, o estadunidense David Charnay (2002) lançou o livro *Operation Lucifer: the Chase, Capture & Trial of Adolf Hitler*. Este romance é uma compilação de dois livros. O primeiro aborda a perseguição e captura de Hitler e seus asseclas pelo herói da novela, o coronel Barton Milburn, por vários locais do mundo – Hamburgo, Munique, Malmo, Washington, Nova York, Havana, Roma, Barcelona, Paris e Buenos Aires. A história do romance inicia em 1952, quando a CIA descobre que Hitler, na verdade, escapou do seu *bunker*. Depois de submetido a uma cirurgia plástica, ele passou a se apresentar como um judeu e, com todo o dinheiro roubado das vítimas do Holocausto, ele tinha se tornado um dos homens mais rico do mundo. Além disso, vendia armas à Coreia do Norte, patrocinava grupos neonazistas e dava suporte a praticamente todos os grupos terroristas existentes no mundo. No final do primeiro livro, Bart Milburn finalmente consegue capturar Hitler com Martin Bormann e alguns nazistas de menor expressão em Havana, levando-os para a prisão de segurança máxima em Quantánamo, Cuba. O segundo livro abrange o dramático julgamento de Hitler.

Nele, os sobreviventes do Holocausto testemunham seus sofrimentos e as atrocidades indescritíveis que presenciaram.

Estes são apenas alguns exemplos de inúmeras literaturas que começaram a ser produzidas desde o final do conflito e não pararam mais. Outro campo que é muito fértil na produção de histórias alternativas sobre o nazismo é o cinema. Durante a década de 1960, foram produzidos três filmes apresentando o fugitivo Hitler como um demônio que finalmente paga por seus pecados após ser capturado e julgado: *They Saved the Hitler's Brain* (1963), do diretor David Bradley; *Flesh Feast* (1967), do diretor Brad Ginter; e *He Lives* (1967), do diretor Joseph Kane.

Em 1994, foi lançado o filme *Fatherland*, que no Brasil recebeu o nome de *Nação do Medo*, dirigido por Christopher Menaul, adaptação do livro escrito pelo romancista Robert Harris (1992). A trama parte da premissa de que a Alemanha vence a Segunda Guerra Mundial, após derrotar os aliados no Dia D, entrando, posteriormente, na Guerra Fria contra os Estados Unidos da América. Temos também o filme *The Empty Mirror* (1996), dirigido por Barry Hershey, o qual representa Hitler dentro de um *bunker* enfrentando a si mesmo, seus demônios e fantasmas, em um pós-guerra imaginário onde ele analisa filmes históricos, dita suas memórias, encontrando-se com Eva Braun, Josef Goebbels, Hermann Göring e Sigmund Freud. Recentemente, em 2009, Quentin Tarantino dirigiu o filme *Bastardos Inglórios*. A trama se passa durante a Segunda Guerra Mundial, quando um esquadrão de “caçadores de nazistas” (formado por judeus-americanos) consegue assassinar Hitler durante uma sessão de cinema.³⁷

Desde que começaram a aparecer, algumas durante a Segunda Guerra Mundial, histórias alternativas do nazismo desenvolveram-se de uma mínima curiosidade a um fenômeno digno de nota. Centenas de narrativas apareceram em forma de novelas, histórias curtas, filmes, programas de televisão, jogos, revistas em quadrinhos e ensaios históricos. De acordo com Rosenfeld, analisar as histórias alternativas do III Reich pode nos render uma percepção única de como a era nazista tem sido memorizada/lembrada na sociedade ocidental do pós-guerra, ajudando-nos a entender melhor o papel da cultura de massa (local dessas narrativas) em moldar a consciência histórica sobre o nazismo. Para o autor, o fato de essas produções possuírem venda garantida (e como toda a mercadoria que tenham o nazismo ou a suástica na capa) reflete a contínua

³⁷ Outros exemplos são: a) Filmes: *Hitler – Dead or Alive* (1942); *Went the Day Well?* (1942); *The Silent Village* (1943); *It Happened Here* (1964); *The Battle of Britain* (1969); *If Britain had Fallen* (1972); *The Dirty Dozen* (1985); *Philadelphia Experiment II* (1993); *The Last Supper* (1995); *Conversation with the Beast* (1996). b) Séries e programas de televisão: *The Master Plan of Dr. Fu Manchu* (1956); *Night Conspirators* (1962); *He's Alive* (1963); *The Other Man* (1964); *The City on the Edge of Forever* (1967); *An Englishman's Castles* (1978); *California Reich* (1998); *Cradle of Darkness* (2002).

normalização e relativização do passado nazista. Esse passado é usado fora de contexto e sem uma devida e necessária problematização.

Conforme Rosenfeld, não importa onde apareçam, sinais dessa normalização abundam na cultura contemporânea. A polêmica em torno das garrafas de vinho que carregam o rosto de Hitler é meramente uma das mais bizarras manifestações de uma larga tendência. Nos últimos anos, numerosas controvérsias surgiram em torno da crescente exploração de símbolos nazistas pela cultura de massa, entre outros: um *pub* em Seoul, Coreia do Sul, ganhou manchetes no mundo ao caracterizar seu interior com temática nazista, repleta de suásticas e garçonetes com uniforme de guerra; um romancista alemão levantou polêmica por publicar uma novela explorando o assunto da pornografia nazista; recentes filmes norte-americanos causaram objeções por focar no lado “humano” do jovem Hitler; uma companhia alemã começou a vender vasos sanitários feitos no formato da cabeça de Hitler; uma ampla variedade de revistas em quadrinho e jogos de vídeo games que usam Hitler e outros nazistas como personagens centrais; uma reprodução em tamanho real de Adolf Hitler com a qual visitantes de um museu faziam selfies foi tirada de exposição na Indonésia.

Para o autor, o que esses diversos exemplos demonstram é claro: mais de setenta anos desde o colapso do III Reich, Hitler e os nazistas deixaram de ser vistos somente como símbolos do mal. A Era nazista está sendo transformada em uma miscelânea de símbolos com o propósito de fascinar, deleitar, angariar atenção, e – sem surpresas – vender. Isso proporciona uma significativa reverberação na consciência histórica, pois a exploração comercial dos símbolos nazistas os remove do seu contexto histórico original transformando-os em significados vazios. Dessa forma, a estetização do passado nazista na cultura de massa obscurece sua excepcionalidade e contribui para a normalização desse fato (Rosenfeld, 2005, p. 374). Contudo, Rosenfeld insiste que todas essas produções normalizam o passado nazista por retirarem dele esse caráter de “maldade” intrínseca. Na verdade, como veremos mais adiante, a grande maioria das produções do pós-guerra (sejam elas histórias alternativas ou outros tipos de narrativas), continuam a representar Hitler e os nazistas como a epítome do mal.

Dado ao potencial de subverter a história acadêmica, Rosenfeld indaga até que ponto sua representação normalizadora do passado nazista simboliza uma preocupação? Histórias alternativas são uma das muitas formas culturais por meio da qual a representação – e por extensão a memória – do passado é influenciada. Logo, a proliferação dessas narrativas sobre o III Reich apresenta motivos para preocupações, dado que elas podem facilmente desviar nossa atenção para longe dos fatos. Enquanto estudar história pode ajudar a enten-

der os problemas do passado – e possivelmente descobrir novas soluções para o presente –, ler histórias contrafactuais pode distorcer o pouco que as pessoas sabem sobre o passado.

Quanto mais histórias alternativas são lidas, mais a linha tênue entre fato e ficção, entre realidade e ilusão, pode se tornar “embaçada”. Isso é percebido nas representações humorísticas da Era nazista, que são capazes de trivializar o passado e anular a sensibilidade das pessoas frente uma era de tamanha dor e sofrimento. Distraindo-nos, distorcendo nossa consciência e desencorajando-nos em lembrar a realidade, histórias alternativas representam um fenômeno que possui ampla audiência no mundo atual e por isso devem ser analisadas e estudadas cientificamente (Rosenfeld, 2005, p. 392).

Apesar dessa lamentação de Rosenfeld, como se as histórias alternativas levassem o leitor ou telespectador para um limbo entre realidade e ficção, podemos ter uma interpretação positiva acerca delas. O problema maior é a falta de uma base de conhecimento histórico (ou uma pré-consciência histórica) antes do contato com essas histórias alternativas. Como elas são capazes de atrair a atenção do público maior, podemos usá-las em sala de aula e assim atrair esse público para a História acadêmica.

A grande explosão desse tipo de narrativa depois do advento da Segunda Guerra Mundial, pode ser explicada por uma série de fatores que são subprodutos de tendências culturais e políticas amplas: 1º) o descrédito progressivo com as ideologias políticas no mundo do pós-guerra; 2º) a ascensão do pós-modernismo; 3º) as recentes tendências no mundo da ciência; 4º) a revolução da informação; 5º) a “revolução do entretenimento”.

Primeiro: o descrédito progressivo com as ideologias políticas do mundo do pós-guerra, culminando com a morte do socialismo soviético e o final da Guerra-Fria, desgastou o poder de visões de mundo deterministas e, assim, impulsionou o princípio central das histórias alternativas, ou seja, que tudo poderia ter sido diferente. Declarando o capitalismo vitorioso, o término da luta ideológica permitiu, inicialmente, reconsiderar se o mundo daquele período era de fato inevitável ou se outros mundos e resultados eram possíveis. Junto a isso, esse contexto histórico propiciou novas preocupações para mundo ocidental: o ressurgimento do nacionalismo exacerbado, os fundamentalistas religiosos, a destruição ambiental e terrorismo global. Esses fatores contribuem para formar um ambiente marcado por inseguranças e incertezas, em que os imaginários sociais atuam com maior força (Rosenfeld, 2005, p. 6).

Segundo: a ascensão do pós-modernismo, com a sua indefinição entre fato e ficção, privilegiando o “outro” ou as vozes reprimidas/alternativas, também possibilitou o aumento das histórias alternativas. Isso promoveu uma visão

do passado não convencional. Para Rosenfeld, o pós-modernismo encorajou o crescimento de uma consciência histórica mais subjetiva e relativa que é tão necessária à especulação das histórias alternativas. Se a história não é descobrir uma única verdade sobre o passado, mas sim compreender como inúmeros fatores aleatórios determinam suas representações, não é de se espantar que explicações do passado discordantes da história oficial começassem a pulular como nunca (Rosenfeld, 2005, p. 7).

Terceiro: as recentes tendências no mundo da ciência, como a teoria do caos, ou as teorias que consideram universos paralelos ou múltiplos, também ajudaram a reduzir o poder do pensamento determinista, encorajando e sustentando as histórias alternativas (Rosenfeld, 2005, p. 8).

Quarto: a revolução da informação liberou os seres humanos das restrições do espaço e tempo real por meio do *ciberespaço* e da realidade virtual, dando a confiança de nos libertarmos das restrições da história real. Em um mundo no qual *chats-online* substituem o contato face a face, nós estamos nos separando cada vez mais da vida concreta. Como o reino alternativo do ciberespaço se tornou o lugar onde nós vivemos muita parte dos nossos dias no presente, o mesmo acontece com nossa capacidade – e talvez inclinação – em imaginar um reino alternativo do passado (Rosenfeld, 2005, p. 8).

Quinto: a proeminência das histórias alternativas depois da Segunda Guerra Mundial pode ser explicada pela aceleração da chamada “revolução do entretenimento”. Se a prosperidade econômica, o acréscimo no tempo de lazer e a crescente oportunidade de consumo de massa explicam o apetite insaciável do público geral por diversão, as forças competitivas e lucrativas do livre mercado capitalista explicam porque a televisão, os filmes, os jornais, e a indústria editorial de livros têm tentado atrair espectadores e leitores com o intuito de entretê-los. As consequências desse fenômeno são preocupantes: interesse do público geral em imagens mais superficiais do que em análises complexas; fascinação com celebridades, escândalos e sensacionalismo; a transformação (e o conseqüente empobrecimento) das notícias reais em “*infotainment*”; e o estímulo a um comportamento cada vez mais extremado na tentativa de saciar o desejo por diversão. Nem mesmo a academia foi poupada dessa tendência. A disciplina histórica, por exemplo, tem sido afetada pela revolução do entretenimento com o surgimento de seus próprios catedráticos da mídia como Simon Schama, Niall Ferguson e Andrew Roberts, pelo sucesso do canal de televisão History Channel (com o “Guia politicamente incorreto da História”), e pela crescente tendência de a história escolar focar em eventos sensacionalistas como julgamento de crimes, massacres, e outros escândalos. Contudo, o impacto do entretenimento sobre a história é talvez mais óbvio na popularidade das histó-

rias alternativas. Ao contrário da história convencional, que é impelida de sérios imperativos de análises, as histórias alternativas inclinam-se para o não convencional, ao sensacionalismo, ao irreverente, atendendo um público faminto por diversão (Rosenfeld, 2005, p. 9).

Há ainda um fator determinante para a produção de histórias alternativas: o apelo do gênero pode estar enraizado nas mais profundas tendências humanas. Para Rosenfeld, muitos de nós, invariavelmente em algum momento, já se perguntaram “e se?” sobre os principais acontecimentos das nossas vidas pessoais. E se nós tivéssemos entrado em outra escola, escolhido um diferente emprego, vivido em um lugar diferente? E se nós nunca tivéssemos encontrado certos indivíduos que se tornaram colegas, amigos ou noiva(o)? Quando nós especulamos sobre o que poderia ter acontecido se certos eventos tivessem ou não tivessem ocorrido no nosso passado, de fato nós estamos expressando nossos sentimentos sobre o presente: ou nós estamos contentes por nossa vida ter tomado tal rumo, ou temos remorso pôr as coisas não terem ocorrido diferentemente. As mesmas preocupações estão envolvidas no reino das histórias alternativas. Nessa lógica, histórias alternativas são inerentemente presentistas, exploram o passado menos para sua própria causa do que o utiliza instrumentalmente para analisar o presente (Rosenfeld, 2005, p. 10).

Por essa razão, essas narrativas são relevantes documentos para uma análise histórica, uma vez que ao especularem como o passado poderia ter sido diferente, expressam invariavelmente os medos, as esperanças, as preocupações dos seus autores e leitores sobre os dias atuais, demonstrando em suas entrelinhas a subjetividade coletiva de um contexto específico. Esse caráter presentista nos leva a dois pontos importantes sobre as histórias alternativas: 1) permitem analisar as nuances de vários acontecimentos históricos na memória coletiva de uma determinada sociedade; 2) ajudam a entender melhor o papel da cultura de massa em moldar a consciência histórica sobre um fato, em razão de possuírem ampla aceitação do público, porque trabalham justamente com questões do presente e são formadas pelas transformações da contemporaneidade, sejam elas políticas, econômicas ou culturais.

Ao possuir esse caráter inerentemente presentista, Rosenfeld reconhece que as histórias alternativas realizam importantes tipos de funções culturais e políticas quando afirma que elas validam ou criticam o presente. Sendo assim, não é coincidência que elas apareçam em cenários de fantasia ou pesadelo. Cenários de fantasia profetizam o passado alternativo como superior ao passado real e, assim, expressam um senso de descontentamento com a ordem política, econômica e social dos dias atuais. Elas tendem a ter uma agenda política liberal; pois, ao imaginar o passado alternativo, melhor eles analisam o presente

como falho e incompleto, dessa forma implicitamente apoiam a mudança do mundo. Cenários de pesadelo, em contraste, representam o passado alternativo como inferior e pior ao passado real e geralmente proferem um senso de contentamento com o *status quo* contemporâneo. Tendendo a ser conservadoras por retratarem o passado alternativo em termos negativos, elas ratificam o presente como o melhor de todos os mundos possíveis e desencorajam a necessidade de mudança (Rosenfeld, 2005, p. 10).

Considerada pertencente ao gênero da “*Trivialliteratur*” (Literatura trivial ou popular voltada para o entretenimento),³⁸ as histórias alternativas somente começaram a ser analisadas e tomadas como fontes de pesquisas históricas – como produtora de opiniões e sentimentos públicos –, no início da década de 1990, assim como outras literaturas populares. Porém, a crítica raramente considerou a possibilidade de elas poderem existir fora do gênero da ficção científica, muito menos que a ela possa ser mais bem considerada como um gênero por si só.

Concordando com o historiador alemão Michael Butter, diferentemente das ficções científicas que criam múltiplos mundos, as histórias alternativas criam apenas um. Esse mundo singular não emprega a ciência e a tecnologia como seu tropo central, mas sim a história. Enquanto a ficção científica desenvolve visões de um futuro e baseia-se na tecnologia para negociar problemas contemporâneos, as narrativas alternativas negociam esses problemas imaginando um passado mudado. Tal qual na ficção científica, mas de um modo diferente, o gênero da história alternativa é inerentemente presentista, explora o passado e o utiliza instrumentalmente para analisar a conjuntura do mundo contemporâneo (Butter, 2009, p. 50).

Aceita como um “gênero literário independente”, existe uma variação de história alternativa importantíssima para o desenvolvimento deste trabalho: as histórias alternativas secretas. Essa variação descreve um passado alternativo que nunca é descoberto por que os eventos ocorridos em segredo não chegam a mudar o registro histórico oficial. Eles relatam, por exemplo, histórias ficcionais nas quais os Aliados vencem a guerra, mas Hitler escapa secretamente do *bunker* e, sem sucesso, planeja com ajuda de outros nazistas fugitivos a formação do IV Reich em algum lugar do mundo. O curso geral da história, contudo, permanece inalterado por essas ações e complôs, diferentemente de obras como

³⁸ Segundo Marion Brephol de Magalhães (2010), *Trivialliteratur* parece incorporar, em sua definição, tudo aquilo que não pode ser considerado *Hochliteratur* (literatura erudita), “um termo depreciativo que opõe a escrita e a leitura das elites à escrita e à leitura dos subalternos”, como podemos compreender pela seguinte explicação: “Fabricação industrial de obras de todos os gêneros; oposição aos cânones ético-estéticos da *Hochliteratur*; contradição da realidade nos discursos e nas descrições; caracteres sumariamente descritos, segundo um esquema simplista opondo os bons aos maus (pintura em preto e branco); lugares comuns sem originalidade; estilo medíocre; publicação por autores explorando os baixos instintos e a sensibilidade dos leitores”.

The Man in the High Castle, *The Iron Dream*, *The Berkut* e *Operation Lucifer*, em que o passado é alterado. Isso nos forneceu o *insight* necessário para catalogar e analisar o gênero literário das obras que denunciam uma conspiração para a continuação do nazismo na América do Sul: por elas terem como pretensão a realidade, a partir de agora as abordaremos como *histórias alternativas conspiratórias*. Para analisar essa produção, ao longo deste trabalho estamos utilizando a teoria do imaginário político conspiratório (abordado já na introdução). Para além de perceber as diferenças existentes entre esses campos, mais profícuo é analisá-los não vendo barreiras que os separam, mas sim os elementos que se interseccionam e relacionam-se. A incorporação desses diferentes campos não significa simplesmente uma somatória de teorias para análise do objeto de pesquisa, mas sim uma articulação, “uma busca reflexiva de compatibilidades conceituais, em vários casos inovadora, que não satura evidentemente as diferenças” (Arfuch, 2010, p. 26).

Outro ponto a destacar é nossa visão sobre os meios de comunicação, uma vez que esses discursos conspiratórios sobre um possível retorno do nazismo ecoam no imaginário coletivo por meio da literatura, cinema, jogos, televisão, jornais, revistas e sites da internet. Compreendemos esses meios como produtos e produtores dos seus contextos, uma vez que são historicamente determinadas por instituições, modos de produção e valores culturais, mas ao mesmo tempo produzem concepções, formas de percepção e narrativas nas quais moldam ideias sobre o mundo e com isso determinam a realidade social. Enquanto ocupam, ecoam e repetem discursos culturais, esses meios também os reescrevem e os criam, bem como fornecem o sistema simbólico por meio da qual os indivíduos ou grupos compreendem o mundo.

Trata-se da necessidade de reconhecer e compreender que os meios de comunicação operam, de forma crescente, com uma racionalidade produtora e organizadora de sentidos, afetando e produzindo sentimentos, aspirações, medos, angústias e inseguranças. Em consequência, atuam como uma instância que configura a realidade social interferindo nas memórias e nos imaginários produzidos. Como afirma Douglas Kellner (2001), em uma cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento contribuem para nos ensinar como nos comportar, o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar, e o que não. Influencia o modo como as pessoas pensam e se comportam, como se veem e veem os outros e como constroem sua própria identidade. É importante entender a forma pela qual os meios de comunicação convertem-se em cenários cotidianos de reconhecimento social, à medida que se encarregam de construir, expressar, oferecer e selecionar imaginários sociais relacionados a modos de ser, a expectativas, a

medos, a desejos, a esperanças, que aparecem reconstruídos pela memória. Assim sendo, a memória histórica atua como algo crucial para a internalização dos imaginários, e como processos decisivos de fixação e seleção dos fatos veiculados pelos meios de comunicação (Cogo, 2009).

Desta maneira, algumas questões e problemas são fundamentais para nossa análise: as produções que afirmam ter havido na América do Sul uma conspiração por parte dos nazistas para erguer o IV Reich dizem o que sobre como o nazismo tem sido lembrado, memorizado e representado na cultura de massa? Por que na América Latina? O que essas publicações dizem sobre o presente de quando foram publicadas? Qual é o papel dos meios de comunicação ao difundirem essas histórias? Essas produções não respondem ao medo de que o fascismo possa voltar em algum lugar do mundo? Como compreender a difusão, permanência e onipresença desses discursos no imaginário coletivo desde o final da guerra até os dias atuais? Por que são produzidos? Quais tipos de sentimentos estão presentes nesses mitos, lendas e imaginários? Quais práticas discursivas mantêm esses discursos em circulação? Qual é a circularidade dessa produção?

Pensando sobre essas questões, Rosenfeld nos fornece uma alternativa interessante para analisarmos a circularidade desse imaginário. Analisando como as histórias sobre a sobrevivência do nazismo foram recebidas pelos críticos e os leitores gerais, descobrindo se uma dada narrativa foi um sucesso de crítica ou um insucesso, se foi um sucesso comercial ou um fracasso, se foi ignorada ou causou controvérsia, fornece um panorama geral da sua repercussão e circularidade. Isso pode nos ajudar a perceber se a visão do ocidente sobre o III Reich tem permanecido estática ou está se modificando. Resumindo, um método sincrônico e diacrônico para analisar histórias alternativas conspiratórias propicia o mais completo meio de entender seus significados (Rosenfeld, 2005, p. 13).

GUERRA DOS CLONES

Seria a sociedade dominada por nazistas que ao fugirem da Alemanha continuaram sua perseguição pela dominação mundial escondidos em uma fortaleza localizada na Antártida ou na América do Sul? Teriam os nazistas criado um esquadrão de discos voadores para impor sua vontade? Afinal de contas, Hitler enganou a todos com um falso suicídio? Quais eram os planos dos vários criminosos de guerra que fugiram para a América? Há um IV Reich sendo construído debaixo dos nossos narizes? Estas e outras questões nortearam muitos teóricos conspiratórios a afirmarem que o mundo poderia estar sendo controlado por uma sinistra e ultrassecreta sociedade nazista.

Esses discursos se formaram em um contexto histórico muito frutífero para o aparecimento de vários imaginários políticos no mundo ocidental: a Guerra Fria. Não é à toa que o mercado editorial, o cinema e os jornais do mundo inteiro sofreram uma verdadeira inundação, durante a década de 1960, de relatos de discos voadores, sociedades ocultas, novos mundos, viagens interestelares, realidades paralelas, histórias alternativas e agentes secretos como o célebre James Bond – 007. Histórias que prometiam aventura, mistério, drama e ação.

Após o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o mundo ocidental mal tinha saído de um dos eventos mais trágicos de sua história e já começava a sofrer com os temores do conflito que bipolarizou o mundo. Nesse momento, o clima de tensão, medo e insegurança pairava sobre os ares. Muitos tinham medo de uma possível Terceira Guerra Mundial e da consequente destruição do planeta por bombas nucleares ou de hidrogênio, sendo que outros estavam preocupados com uma suposta conspiração comunista com o objetivo de dominar o mundo.³⁹

³⁹ Sobre esse clima de tensão e medo no qual o mundo poderia acabar por uma guerra nuclear, é interessante citarmos o documentário dos diretores norte-americanos Jayne Loader, Kevin e Pierce Rafferty, *The Atomic Cafe*. O documentário – estruturado a partir de propagandas do governo dos Estados Unidos, vídeos, comerciais de televisão e imagens produzidas durante as décadas de 1940 a 1960 – retrata primorosamente o medo e a paranoia existente na sociedade estadunidense de que poderiam sofrer um ataque nuclear comunista a qualquer momento. Documentário: *The Atomic Cafe*. Direção: Jayne Loader, Kevin e Pierce Rafferty. Duração: 86 minutos, 1982.

De acordo com Eric Hobsbawm, após os acontecimentos das duas guerras mundiais, que causaram traumas físicos e psicológicos devastadores, poucos se sentiam seguros. Havia grande medo, angústia e ansiedade em relação a um novo conflito e a uma depressão econômica nos moldes de 1929. Esse quadro foi agravado graças a intensificação de hostilidades entre as superpotências dos Estados Unidos e da União Soviética. Gerações inteiras cresceram à sombra de guerras nucleares globais que, “acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento e devastar a humanidade [...] não aconteceu, mas por cerca de 40 anos pareceu uma possibilidade diária” (Hobsbawm, 1995, p. 224).

Conforme Girardet, a denúncia de conspiração e de complô, não deixa de se inscrever em um clima psicológico e social de incerteza, insegurança, de temor ou de angústia. São nos “períodos críticos” da sociedade, como na Guerra Fria, que os mitos se afirmam e aparecem com maior clareza, impõem-se com mais intensidade e exercem com mais violência seu poder de atração. É ao longo das linhas das mais fortes tensões sociais que se desenvolvem os mitos políticos. Não há nenhum dos sistemas mitológicos – idade de ouro, revolução redentora ou do complô – que não se ligue diretamente a fenômenos de crise: “aceleração brutal do processo de evolução histórica, rupturas repentinas do meio cultural ou social, desagregação dos mecanismos de solidariedade e de complementaridade que ordenam a vida coletiva” (Girardet, 1987, p. 180). Todos se relacionam a conjunturas de vacuidade, de inquietação, de angústia ou de contestação.

Na mesma linha de raciocínio, Micah Issit (2012) afirma que as teorias da conspiração são historicamente mais comuns em momentos de agitação ou mudança social. Em tempos de crise e incerteza, as teorias da conspiração podem surgir entre grupos que acreditam estar em desvantagem política ou social em comparação a outros grupos, julgados por possuírem um *status* social superior.

Isto posto, a partir de agora analisaremos um vasto corpo documental (literaturas não ficcionais e ficcionais, documentários, filmes, reportagens de portais da internet, e reportagens de jornais e revistas) que enfatiza esse “novo perigo alemão”.

3.1 ADOLF HITLER, ONDE ESTÁ VOCÊ?

Adolf Hitler nasceu em 1889, na pequena cidade austríaca de Braunau am Inn, e faleceu no dia 30 de abril de 1945. Mesmo 73 anos após a sua morte e ao final da Segunda Guerra Mundial, ele continua a despertar um interesse popular extraordinário e contínuo sobre sua pessoa. O número de livros, artigos, filmes, programas de televisão e documentários tendo-o como figura central

ultrapassa todo o material dedicado a outras das principais personalidades do séc. XX: Stalin, Roosevelt, Churchill, de Gaulle, Mussolini e Mao, para citar alguns exemplos.

A sua imagem de derrotado, confinado em seu *Führerbunker* nas semanas finais da guerra, com uma saúde debilitada, perdendo a noção da realidade e lutando para compreender a esmagadora derrota dos nazistas, é um daqueles momentos sintomáticos da história. O fato do seu casamento apressado com Eva Braun em seu *bunker* enquanto as tropas inimigas adentravam na Alemanha e, em seguida, o suicídio de ambos já foram explorados, analisados e documentados por historiadores como Kershaw, Fest, Lukacs e Trevor-Roper.

Pode-se atestar o suicídio traçando o perfil psicológico de Hitler nos momentos finais do conflito e, mais concretamente, por meio da plausibilidade dos múltiplos testemunhos dos eventos ocorridos. Quando os soviéticos estavam invadindo Berlim, a poucos quilômetros do *Führerbunker*, por inúmeras vezes afirmou que preferiria a morte do que deixar a capital do Reich para fugir a um lugar mais seguro: “Perdemos a guerra, mas se creem que abandonarei Berlim, caros senhores, estão enganados! Prefiro dar um tiro na cabeça!” (Fest, 2005, p. 112), esbravejava Hitler aos seus comandantes. Justificava sua decisão de permanecer no local e de, “livre e espontânea vontade, escolher a morte”. Sob nenhuma circunstância ele queria “cair nas mãos do execrável inimigo, que precisava de um espetáculo novo, encenado pelos judeus, para divertir as massas instigadas” (Fest, 2005, p. 112).

Joachim Fest narra o desejo expresso de Hitler depois da última reunião com seus comandantes:

Quando terminou a reunião, Hitler foi o último a deixar a sala de conferências. Ao se aproximar de Otto Günsche, repetiu-lhe que não queria cair nas mãos dos russos, nem vivo nem morto. Ele poria fim à sua vida e a “senhorita Braun” faria o mesmo, disse ele, persistindo de forma característica em seu nome de solteira. Queria ser cremado e “permanecer desaparecido para sempre” e fez Günsche prometer que tomaria as providências necessárias para eliminar todos os vestígios de seus restos mortais. Essa ordem lhe era tão imperativa que chegou a colocá-la no papel. O executor entrou em contato, imediatamente, com o motorista de Hitler, Erich Kempka, que tinha seu escritório na ala subterrânea da garagem, perto da Chancelaria, e ordenou-lhe que conseguisse a maior quantidade disponível de gasolina, o mais rapidamente possível e, caso necessário, deveria tirá-la dos tanques dos carros estacionados. Quando Kempka perguntou qual o destino daquela gasolina, Günsche respondeu-lhe que não diria por telefone. Pouco depois,

esgueirando-se nas saliências dos prédios e escondendo-se atrás de montes de terra para protegerem-se, alguns soldados da SS chegaram, sob intenso fogo inimigo, trazendo algumas latas de gasolina, que deixaram no pré-*bunker* (Fest, 2005, p. 121).

Naquela tarde do dia 30 de abril de 1945, aproximadamente às 15h30, Hitler e Eva Braun dirigiram-se para seu estúdio pela última vez. Após esperarem dez minutos, Goebbels (Ministro da Propaganda na Alemanha Nazista), Artur Axmann (líder da Juventude Hitlerista do Terceiro Reich), Traudl Junge (secretária pessoal) e Otto Günsche (ajudante pessoal) adentraram no estúdio. Lá dentro constataram que Hitler e Eva Braun, caída à esquerda dele, estavam sentados um ao lado do outro em um pequeno sofá. Um forte odor característico de ácido cianídrico, parecido com de amêndoas amargas, emanava do corpo de Braun, enquanto de Hitler escorria sangue de um buraco de bala em sua têmpora direita. Sua pistola, uma Walther 7,65 milímetros, estava sob seus pés. Hitler e Eva Braun estavam mortos (Kershaw, 2010, p. 990).

Os corpos foram rapidamente enrolados por cobertores, providenciados pelo criado pessoal do *Führer*, Heinz Linge, e levados até o jardim da Chancelaria do Reich. Günsche, encarregado de supervisionar a queima dos corpos, depositou-os lado a lado sobre um pedaço de terreno plano, aberto e arenoso, distante apenas três metros da porta do *bunker*. A gasolina reunida foi jogada sobre os corpos e acendida por Bormann ou Linge (não se sabe ao certo), logo em seguida ambos recuaram imediatamente para a segurança da entrada da porta:

Alguém fechou a porta do bunker, deixando aberta apenas uma pequena fresta através da qual foi possível ver uma bola de fogo crescer em torno dos cadáveres embebidos em gasolina. Depois de uma breve saudação final com os braços erguidos de “Heil Hitler”, o minúsculo grupo apressou-se a descer para o bunker, longe do perigo dos obuses. Enquanto as chamas consumiam os corpos num cenário apropriadamente infernal, o fim do líder cuja presença, poucos anos antes, eletrizava milhões não foi testemunhado por nem um único de seus seguidores, inclusive os mais próximos (Kershaw, 2010, p. 992).

Sobrou pouco de Hitler e Eva Braun. Os seus restos mortais juntaram-se aos inúmeros outros corpos inidentificáveis que se encontravam jogados nas crateras abertas por bombas nos arredores da saída do *bunker* nos dias anteriores. O forte bombardeio daquele dia, 30 de abril, serviu para destruir e espalhar os restos humanos esparramados pelo jardim da Chancelaria (Kershaw, 2010,

p. 993). Quando os soviéticos chegaram ali em 2 de maio, imediatamente deram início a uma busca vigorosa dos dois corpos. Nove dias depois, baseados em comparações dentárias, encontraram os supostos restos mortais de Hitler e Braun, os quais foram levados para Moscou e mantidos numa caixa de charutos.

Esse momento final da vida de Hitler foi muito bem analisado e documentado por historiadores como Kershaw, Fest, Lukacs e Trevor-Roper. Mas fica o questionamento: essa versão dos fatos está “cravada” na consciência histórica coletiva? Não é o que afirmam os conspiracionistas. Para eles esse não foi o fim real de Adolf Hitler.

Talvez mais do que qualquer outro na história, o futuro de Hitler depois da Segunda Guerra Mundial causou grande curiosidade e controvérsia. A sua suposta sobrevivência ao conflito é uma ideia presente no imaginário do mundo ocidental há mais de setenta anos. Durante todo esse período, os meios de comunicação produzem e reproduzem, em grandes quantidades, teorias conspiratórias sobre um dublê ter morrido no seu lugar enquanto empreendia fuga para Argentina, ou Antártida, onde promoveria o futuro renascimento do nazismo.

Quando a guerra estava praticamente perdida pelos alemães, os inimigos de Hitler e o mundo naturalmente se perguntaram: O que acontecerá com ele? Será capturado e punido como os governos Aliados desejam? O mito da sua sobrevivência começou a se formar, de acordo com o historiador norte-americano Donald Mckale, já nos momentos finais da Segunda Guerra Mundial, quando uma obsessão sobre o seu destino varreu a Europa e o mundo. Russos, americanos, europeus, diplomatas e líderes governamentais questionavam-se sobre o futuro daquele que, por seis anos, tinha sido o maior arqui-inimigo, o maior vilão do mal, da história humana. Para todos, não parecia ser natural a Hitler render-se tão facilmente (Mckale, 1981).

Exemplo dessa curiosidade sobre o futuro do *Führer* depois do conflito apareceu já no final de 1944, quando o austríaco Erwin Lessner publicou a obra *Phantom Victory*. Trata-se de um romance, uma história alternativa, em que, embora derrotados, os nazistas enganam os britânicos e norte-americanos depois da guerra, construindo, por volta dos anos de 1960, um poderoso IV Reich. Hitler teria sido substituído por um dublê, Hermann Kulicke, enquanto fugia para algum lugar do mundo. Na obra, quando descobriram a verdadeira identidade de Kulicke, surgiram vários relatos sobre o paradeiro do verdadeiro Hitler: estava preso perto da cidade alemã de Magdeburgo; depois teria sido avistado na Alta Baviera e em numerosas outras cidades que ostentaram falsos Hitlers (Lessner, 1944).

Saindo da ficção de Lessner, o jornal *The New York Times* alarmou o mundo, ainda em outubro de 1944, sobre a possibilidade de Hitler escapar dos aliados utilizando uma variedade de disfarces faciais. Como ele se pareceria, perguntou o jornal, sem o bigode, com seu cabelo cortado e tingido, usando óculos com armação de tartaruga e, talvez, usando um chapéu? Logo após a guerra e do anúncio oficial da sua morte, o *The New York Times* e muitos outros meios de comunicação, assim como várias pessoas, questionavam se ele estava realmente morto ou se havia de fato escapado da invasão dos Aliados: “Hitler está escondido. Eu não acho que ele esteja morto”, afirmou um policial russo; “eu penso que ele não está morto. É um truque nazista. Eu tenho certeza que ele está seguro”, observou um capitão da força aérea russa; “eu tenho certeza que Hitler está escondido em um submarino. Ele fará um Júlio Verne”, comentou um tenente da marinha, aludindo o romance de Júlio Verne sobre a viagem ao centro da terra; a rádio *Free Dutch*, por sua vez, operada pela resistência nazista na Holanda, declarou que Hitler havia escapado para um reduto em Mecklenburg, norte da Alemanha; Hitler, segundo outros jornais, teria pedido permissão ao Japão, seu aliado, para se esconder em Tóquio e assim poder continuar a guerra de lá; um grupo antinazista autodenominado de *Free German Press Service* alertou que um dublê cuidadosamente treinado e semelhante a Hitler tinha sido enviado a Berlim no seu lugar para morrer em batalha. Eles identificaram o substituto como August Bartholdy da Saxonia, treinado até mesmo para falar igual ao ditador depois de ter passado longas horas com ele em Berchtesgaden, no sul da Alemanha. “O dublê vai servir como um trunfo para Hitler, criando uma lenda de herói em torno da sua morte enquanto ele próprio cai na clandestinidade”, avisou o grupo antinazista, pois “onde quer que o líder nazista tenha optado por passar seus últimos dias, os comandantes anglo-americanos foram oficialmente direcionados para procurá-lo e prendê-lo” (Mckale, 1981, p. 11). Muitos outros russos também salientaram a crença na qual ele teria fugido de Berlim para a Baviera, semanas antes da sua invasão a capital nazista, deixando um dublê para morrer em seu lugar.

Essas histórias sobre uma luta heroica de Hitler contra os comunistas e da sua provável fuga à liberdade já circulavam em grande número nos países europeus e nos Estados Unidos. De acordo com uma pesquisa de opinião pública feita pelos norte-americanos, dois entre três cidadãos não acreditavam que ele tinha encontrado o seu fim (Mckale, 1981, p. 48). Todos esses relatos rechaçam a história oficial da sua morte por ela ser muito instável e de pouca confiança, uma vez que toda a narrativa, até então, do seu suicídio repousaria, em grande parte, nos depoimentos de quatro nazistas: Heinz Linge (manobrista de Hitler), Otto Günsche (ajudante), Hans Baur (piloto pessoal do *Führer*) e do

chefe dos guarda-costas (sem nome).⁴⁰ Nessa visão, todos esses homens seriam fanaticamente leais ao seu guia, ajudando a encobrir a sua fuga e a inventar toda a história de sua morte.

Com essas notícias, e tantas outras, inundando os noticiários, antes mesmo do final do conflito e nos primeiros momentos do pós-guerra, o ceticismo sobre o que teria acontecido com Adolf Hitler tomou conta do pensamento de muitos. Nem mesmo o anúncio oficial da sua morte no dia 1º de maio de 1945 foi suficiente para barrar o crescimento do mito que fascina o mundo desde então, pois esse já havia nascido. Afinal de contas, ele não poderia ter simplesmente posto fim a sua vida nem desistiria de seus planos tão facilmente, não era, como concluíram erroneamente vários conspiracionistas, do “seu feitio”. Portanto, antes do término da guerra, o terreno já estava preparado de crenças preexistentes no cerne da mentalidade coletiva, em que o mito da sobrevivência de Hitler pode facilmente florescer e se propagar.

Isso foi facilitado, principalmente, pela falta do seu corpo e pela relutância política da URSS, primeiros a chegarem ao *bunker* de Hitler em Berlim, em esclarecer o destino do ditador, fazendo com que muitos no ocidente ficassem se questionando sobre o destino do arquiteto de um dos piores acontecimentos do séc. XX. No final de maio e durante os primeiros dias de junho de 1945, por meio da emissão de uma série de declarações contraditórias, os russos mantiveram à tona a impressão de que Hitler poderia ter escapado de Berlim.

Essas contradições já faziam parte de uma tática adotada pelos soviéticos com o objetivo de adquirir vantagens diplomáticas e políticas sobre os países Aliados no contexto da Guerra Fria. Como assegura McKale, a União Soviética promoveu o mito da sobrevivência de Hitler por razões políticas internas e externas. Internamente, Stalin instruiu o Marechal Zhukov, em 9 de junho de 1945, a anunciar a possível fuga de Hitler em ordem a neutralizar o florescimento da popularidade daquele na Rússia, culpando-o por ter falhado na sua captura. Externamente, a crença de que Hitler havia sobrevivido tornou-se uma ferramenta conveniente para Moscou, pois ajudou os soviéticos a justificar sua ocupação da zona oriental da Alemanha por razões de segurança. Após a rendição nazista, a Rússia não mostrava nenhum sinal de querer partilhar a capital. Eles acreditavam que Berlim era o coração da Alemanha e governá-la significaria possuir um tipo de domínio psicológico sobre o resto do país (Mckale, 1981, p. 49).

Na atmosfera de incerteza e emoção marcante do período pós-guerra e, conseqüentemente, do início da Guerra Fria, esse enredo foi reproduzido em

⁴⁰ Atualmente descobriram outros inúmeros testemunhos. O último e mais veiculado foi o de Trادل Jung (secretária pessoal de Hitler).

quase todos os grandes meios de comunicação da América e da Europa. Entre junho e julho de 1945, conjecturas sobre o que teria acontecido com o ditador já eram epidêmicas: uns afirmavam que, apesar de os russos sustentarem que Hitler não havia sido encontrado, o exército vermelho, na verdade, tinha o capturado e o enviado para Moscou, onde se tornou um conselheiro de Stalin sobre “assuntos ocidentais”; alguns alemães pensaram que tinham visto o *Führer* lutar em Berlim; outros alegaram tê-lo visto fugindo da Chancelaria com ajuda de um Mercedes blindado; pilotos nazistas reivindicavam a honra de ter levado seu herói para um lugar seguro. Um desses pilotos, o tenente Arthur Mackensen, contou em detalhes como ele havia voado com Hitler, no dia 5 de maio, de Berlim à Dinamarca: “Hitler partiu da Dinamarca para um destino desconhecido, mas somente depois de um discurso, recebido por uma festa de despedida dos nazistas com um despertar ‘Heil Hitler!’” (Mckale, 1981, p. 60); para o oficial norte-americano George Eliot, o “demônio nazista” escolheu evitar a polícia secreta russa, preferindo arriscar suas chances de sobrevivência no Ocidente, na Espanha mais especificamente, onde vários refugiados alemães estavam preparando o caminho da sua fuga. De lá teria viajado de avião ou submarino para a Argentina; o correspondente da revista Time em Montevideú, DePascal, assegurou estar praticamente certo de que Hitler e sua esposa, Eva Braun, desembarcaram na Argentina, onde passaram a morar em uma imensa propriedade pertencente ao governo alemão na região da Patagônia. Citando “canais confiáveis” de informações, DePascal sustentou a ideia na qual o casal chegou ao esconderijo por meio de um submarino alemão. Depois de desembarcarem, o submarino, supostamente, voltou à Europa para render-se aos aliados. Essa mesma ideia foi publicada por um artigo do jornal estadunidense Chicago Times, do dia 16 de julho de 1945; no dia 17 de julho, o jornal argentino Critica declarou que o *Führer* e Eva Braun haviam chegado à Antártida a bordo do submarino U-530; o jornal norte-americano Baltimore Sun constatou: “Hitler e Eva estão seguros” (Mckale, 1981, p. 62). No dia 26 de abril de 1945, o New York Times publicou a reportagem intitulada *Fake Hitler to Die in Berlim, Swiss say*, afirmando ser August Wilhelm Bartholdi, um antigo merceeiro, o duplê de Hitler preparado para morrer em seu nome.⁴¹

Devido a todas essas acusações e denúncias, os britânicos empreenderam uma investigação completa e minuciosa para tentar solucionar essa questão e colocar um ponto final no caso. A investigação, que envolveu inúmeras entrevistas com testemunhas da morte de Hitler, resultou em um relatório oficial no qual foi confirmada a sua morte por suicídio, no dia 30 de abril de 1945, no

⁴¹ “Falso Hitler para morrer em Berlim, diz suíço”. Jornal *The New York Times*. 26 de abril de 1945.

bunker em Berlim. Isso ajudou a acalmar os boatos sobre a sua sobrevivência. Dois anos depois, o historiador Hugh Trevor-Roper, um dos responsáveis por conduzir o inquérito do governo britânico, publicou o livro *The Last Days of Hitler* (Os últimos dias de Hitler), enriquecido de detalhes sobre toda operação (Trevor-Roper, 1947). Todavia, para os mais céticos isso não era o suficiente.

A mentalidade de quem acredita em uma teoria da conspiração não aceita uma explicação simples e casual dos acontecimentos, pois elas desejam desvendar os mistérios e segredos escondidos por trás dos processos históricos. Essas teorias estão associadas à criação de uma explicação fantasiosa para um fato, habitualmente fundamentada num juízo que contesta a versão oficial desse mesmo acontecimento, sendo ele passado ou atual. Os criadores e adeptos dessas teorias observam com ceticismo algumas explicações dadas à sociedade que são sustentadas por instituições respeitáveis e por pessoas com credibilidade, atribuindo outro significado e interpretação a determinado fato (Silva, 2010, p. 10).

Até hoje nenhuma dessas histórias foi comprovada, mas elas encontraram um público impaciente e ansioso para tentar descobrir a “verdade”. Todos esses sentimentos – medo, impaciência e ansiedade – foram alimentados por uma inundação de artigos sensacionalistas sobre paradeiros do *Führer* nos mais excêntricos tabloides da Europa e da América. Mas essas teorias conspiratórias não se restringiram apenas a tabloides. Durante toda a segunda metade do séc. XX e começo do séc. XXI, a sobrevivência de Hitler, seja na Argentina ou na Antártida, tornou-se a lenda mais popular do mundo ocidental pós-guerra, sendo representada repetidamente desde então em literaturas, documentários, filmes e reportagens de jornais e revistas. Para além da mera especulação sobre sua sobrevivência, esses meios de comunicação começaram a ligar esse fato a uma suposta conspiração para a formação de um IV Reich no continente latino-americano. Portanto, é uma grande produção que se mostra extremamente valiosa para analisarmos como o nazismo vem sendo representado no imaginário ocidental contemporâneo. São os discursos sobre a sobrevivência de Hitler e a conseqüente criação do IV Reich que abordamos a partir de agora.

3.2 HITLER ESTÁ VIVO: 1945-1960

“Não fomos capazes de descobrir uma pequena evidência tangível da morte de Hitler. Muitas pessoas acreditam que Hitler fugiu de Berlim.”

(Suposta fala de Dwight D. Eisenhower. Data desconhecida)

Hitler cometeu suicídio no dia 30 de abril de 1945 ou foi tudo encenado para encobrir uma fuga que já tinha sido planejada há muito tempo? Fez ele uma base militar na Antártida, preparando-se para uma possível derrota? O que se esconde por trás da chegada misteriosa do submarino U-530 e U-977 na costa argentina, tempos depois do fim da Segunda Guerra Mundial? Quais contradições surgem das versões oficiais? Que papel tem nesta história Eva Braun? Estas e outras questões foram abordadas pelo jornalista húngaro exilado na Argentina, Ladislav Szabo, no livro *Hitler Está Vivo*, de 1947.

Ele declarou que Hitler não estava morto pois havia sido transportado secretamente para a Antártida (no local conhecido como Terra da Rainha Maud, originalmente descoberto pela expedição de Ritscher em 1938) por um comboio de submarinos alemães e que de lá estaria planejando a reestruturação do Reich na América Latina (Szabo, 1947a).⁴²

Para o autor, o desaparecimento de Hitler é uma história complicadíssima e sutil em todos seus detalhes, mas simples no fundo. Uma história cheia de deturpações justapostas com a intenção deliberada de enganar e induzir ao erro o mais hábil dos pesquisadores. Tratou-se de um plano cuidadosamente preparado com armadilhas e contradições desconcertantes; porém, indubitavelmente, maquinado com uma alternativa na sua gênese, resumida como: “esconder uma agulha no palheiro”.

Szabo não acreditava que Hitler havia se suicidado ou que havia falecido lutando em campo de batalha contra o bolchevismo, pois seria “um final perfeito demais para ser verdadeiro”. Segundo a agência soviética Tass, a notícia da morte de Hitler era um estratagema fascista para tirá-lo de cena. Por isso, acreditava que o corpo encontrado no dia 8 de maio de 1945 não era de Hitler, mas sim de um dublê deixado para morrer em seu lugar. Para fugir sem ser percebido por olhos alheios, ele teria feito cirurgia plástica e transplante de cabelo. Para sustentar suas reivindicações, Szabo observou que Hitler tinha dito adeus a um grupo de mulheres durante as horas finais no *bunker*. Na despedida, no entanto, ele quase não se pronunciou, mal havia se movimentado e apenas apertou a mão de seus hóspedes. Era Hitler ou um de seus dublês? Interroga Szabo. Uma das mulheres havia dito mais tarde que, com certeza, tinha visto Hitler, mas ele havia mudado muito, não parecendo ser a mesma pessoa. Isso foi o suficiente para o autor determinar que o verdadeiro Hitler, após assinar seu testamento, abandonou o *bunker* deixando Bormann e Goebbels para cuidar da cremação do seu dublê assassinado.

^{42A} obra foi reeditada em 2006 com o nome de *Hitler no Murió em el Bunker*.

Szabo foi um dos grandes responsáveis por difundir o imaginário no qual Hitler teria deixado a Europa com o auxílio de um submarino tipo U-boat, passando vários meses escondido nele antes de, secretamente, desembarcar na Argentina com destino à Antártida, onde os alemães teriam construído uma grande base secreta, um novo lar, para seu amado *Führer*. De acordo com a sua versão, os submarinos U-530, U-977 e um terceiro formavam uma espécie de “comboio fantasma”, cuja missão era transportar Hitler, Eva Braun e, possivelmente, Bormann para esse esconderijo no pós-guerra. Entretanto, depois de perderem contato com o comboio, o U-530 e U-977 foram forçados a se render para as autoridades argentinas enquanto o terceiro submarino conseguiu atingir o seu objetivo. Querendo parecer altamente científico aos seus leitores, Szabo apresentou os diários de bordo e o testemunho dos capitães dos submarinos como prova irrefutável da sua teoria.

O autor baseia sua história na expedição germânica realizada no Polo Sul entre 1938 e 1939, comandada pelo almirante Alfred Ritscher. O autor supôs que, por meio dessa expedição, os alemães conseguiram construir um refúgio, uma base ideal para os nazistas no interior do continente gelado, contando com a assistência de submarinos que traziam os materiais necessários. A construção da base teria começado no final de 1940, em pleno verão antártico, quando a temperatura é mais propícia para o trabalho humano. Desembarcaram aviões, tratores e todos os tipos de máquinas e equipamentos que precisavam para a construção. A base possuía espaço o suficiente para abrigar milhares de pessoas que, caso a Alemanha perdesse a guerra, poderiam continuar a desenvolver armas poderosas para um eventual ressurgimento. A existência desse local, segundo Szabo, foi confirmada pelo Almirante Doenitz, quando, no final de 1943, afirmou que a frota de submarinos alemães se orgulhava de ter construído um paraíso terrestre, uma fortaleza inexpugnável para o seu *Führer* em algum lugar no mundo. Frase que não existe comprovação.

Existiam ainda outras evidências interessantes para se considerar. Os submarinos rendidos na Argentina possuíam suplementos correspondente a três vezes o normal em tempos de guerra e contavam com uma grande quantidade de armas. Além da grande abundância de comida, a grande quantidade de cigarros que foram encontrados a bordo era uma prova palpável para o autor de que a viagem empreendida era de longa duração e que no destino final havia pessoas com hábito de fumar, costume geralmente não praticado pela tripulação submersa. Outro fato interessante sustentado por Szabo foi a ideia na qual Hitler teria sido pai de pelos menos duas crianças, que no pós-guerra esconderam-se com ele na Antártida passando a treiná-los com o objetivo de um dia serem seu sucessor e para preparar seu retorno ao poder. Inclusive, afirmava que um de seus filhos nascera na Itália em janeiro de 1946.

O autor termina sua história recordando que uma voz misteriosa (provavelmente a de Martin Bormann) tinha interrompido a rádio alemã no final de junho de 1945, prometendo que Hitler ainda estava vivo. Alertava, dessa forma, todos sobre um possível retorno de Hitler e do fascismo, porque era “fato” que o nazismo não estava morto na Europa: o mundo estava em perigo com a iminente formação de um IV Reich (Szabo, 1947a). Contudo, o autor não traz evidências concretas de suas afirmações, baseando-se, na grande maioria das vezes, nas especulações formadas pela imprensa mundial logo após o término da Segunda Guerra Mundial, como o caso dos submarinos U-530 e U-977.

Estas especulações ganharam o mundo com algumas variações no âmbito do complô. No mesmo ano de sua publicação, em 1947, o livro de Szabo ganhou uma versão em francês intitulado de *Je Sais que Hitler Est Vivant*, transformando-se em um estrondoso sucesso por lá (Szabo, 1947b). Em 2006, a obra foi reeditada na Argentina pela editora Circulo Latino, com o nome de *Hitler no Murió em el Bunker: el Secreto Mejor Guardado de la Historia* (Szabo, 2006).

Além dessas edições, que atestam a circularidade dessas especulações, temos vários comentários feitos por internautas sobre as reivindicações conspiratórias de Szabo. Comentários esses que foram feitos em 2011, corroboram com suas ideias e comprovam a reverberação desse mito nos dias de hoje. José Maria Ibáñez comentou que “hay demasiadas pruebas de que Hitler no murió en el bunker de Berlin y que lo trasladaron a algún lugar secreto que habían construido para él y algunos de sus colaboradores ocultos. Un misterio más de nuestra Historia”.⁴³ Um comentário “anônimo” afirmou que Hitler escapou antes dos aliados o assassinarem e isso era logicamente certo. “La muestra se tiene en aquellos personajes que se les ha ido encontrando en otros países para ser ahorcados despues. Coincido con el escritor su propuesta que Hitler vivio en algún despues de terminada la guerra mundial.”⁴⁴ O internauta “Montgomery” concorda que “no, no murio en el bunker, huyo a argentina y murio segun muchas fuentes a la edad de 66 años, y creo que es una hipotesis bastante feaciente, saludos”.⁴⁵

Após Szabo, outros personagens importantes para a difusão do imaginário da sobrevivência do nazismo na América Latina foram Silvano Santander e Raúl Damonte Taborda. Segundo Pastor de Carvalho, ambos foram deputados

⁴³ Comentários podem ser visualizados em: <http://balearoculta.blogspot.com.br/2011/06/esta-vivo-hitler.html>. Acesso em: 15 out. 2023.

⁴⁴ Comentários podem ser visualizados em: <http://balearoculta.blogspot.com.br/2011/06/esta-vivo-hitler.html>. Acesso em: 15 out. 2023.

⁴⁵ Disponível em: <http://www.lasegundaguerra.com/viewtopic.php?f=47&t=1272>. Acesso em: 15 out. 2023.

na Argentina pelo Partido Radical, criando, em 1941, uma comissão para investigar denúncias da penetração da ideologia nazista no país – Comissão Investigadora de Atividades Antiargentinas (CAAA).

Em 1943, no entanto, após o golpe militar ocorrido no país, a CAAA foi extinta e os seus participantes perderam seus mandatos. Santander e Taborda, principais nomes da comissão, se exilaram no vizinho Uruguai. Da capital uruguaia, os dois políticos deram continuidade à sua militância contra a Casa Rosada. O primeiro ataque ocorreu em julho de 1949. Santander denunciou à imprensa americana que Perón estava recebendo e empregando dezenas de alemães em diferentes escalões do governo, entre os quais antigos oficiais nazistas especialistas em aviação (Pastor de Carvalho, 2015, p. 46).

As reclamações de Taborda e Santander não se restringiram a publicações na imprensa local ou internacional. Em 1953, Santander lançou o livro *Técnica de una Traición: Juan D. Perón y Eva Duarte, Agentes del Nazismo em la Argentina*, no qual afirma que submarinos alemães, notadamente o U-530 e o U-977, aportaram no litoral argentino após o final da guerra com várias autoridades do Reich e carregados de riquezas invaloráveis, denominadas apenas como “el tesouro nazi” (Santander, 1955). O autor insinua que se tratava de uma grande quantidade de ouro nazista o qual seria utilizado para o ressurgimento do partido no continente com o apoio de Perón.

Na década de 1950, Taborda também produziu dois livros com essas ideias. Em 1954, publicou *O Caso Perón: uma Conspiração Continental* (Taborda, 1954). Um ano depois foi a vez de *Ayer Fue San Perón – 12 Años de Humillación Argentina* (Taborda, 1955). O autor chamou a atenção sobre um pronunciamento de Perón, feito em agosto de 1951, sobre uma possível união econômica entre os países da América Latina:

Nós outros não temos e provavelmente [sic] não teremos o mundo em nossas mãos, mas possuímos algo maior e mais importante. Temos os nossos ideais e temos as nossas soluções. Estamos também persuadidos de que o mundo poderia salvar-se com êsses [sic] ideais e essas soluções, e uma nova aurora iluminaria todos os povos e todos os homens se as bandeiras do justicialismo ondeassem ao vento de todos os continentes (Taborda, 1954, p. 125).

Era Perón quem escrevia os discursos de Hitler ou será Hitler quem escreve agora os discursos de Perón? Ou acaso serão as mesmas mãos, refugiados agora em Buenos Aires, que escreveram os mesmos discursos, elaboraram as mesmas doutrinas, traçaram os mesmos planos, organizaram a mesma econo-

mia, estruturaram a mesma estratégia, ontem na Alemanha e hoje na Argentina submetida? Indaga-se Taborda insinuando que Hitler poderia estar sob proteção de Perón, ajudando-o, inclusive, a governar a Argentina.

Taborda alertava ainda que a alternativa para o hitlerismo e os seus industriais de guerra aportados na Argentina depois do final da guerra, era muito clara e bem deduzida. 1º) se a Alemanha ganhasse a guerra, a Argentina peronista era o posto avançado hitlerista na América Latina para a guerra contra o Brasil e, a seguir, para o domínio integral de todo o continente americano; 2º) se a Alemanha perdesse a guerra, a Argentina peronista se transformaria numa ilha mundial para os capitais, patentes de invenções, técnicos e dirigentes militares e adeptos do partido, para salvar as vidas dos criminosos de guerra e eventualmente, consolidados os cúmplices peronistas do governo, para desenvolver os mesmos planos de conquista do hemisfério com a ressurreição do IV Reich. Assim, segundo as investigações do autor, a Argentina, em 1941, havia se transformado na central do hitlerismo no continente (Taborda, 1954, p. 128).

Denunciava também que: o país era o centro de espionagem e da propaganda nazista na América; que a propaganda nazista gastava milhões na sua ação de infiltração na Argentina; que os nacionais fascistas argentinos recebiam dinheiro e estímulo dos conspiradores nazistas para o desenvolvimento dos seus planos de controle político e econômico da Argentina; que os planos nazistas e a sua ação constante se estendiam ao Brasil, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Chile e demais países do continente; que o grande adversário da organização eram os Estados Unidos, alvo da sua propaganda e espionagem, assim como o Brasil, principalmente depois que o país entrou na guerra contra o Eixo; e que o Ministro das Relações Exteriores, Ruiz Guiñazú, e militares argentinos de alta patente eram agentes do nazismo alemão (Taborda, 1954, p. 129).

A Comissão Investigadora encontrava seu principal adversário no Poder Executivo que, supostamente, era controlado pelos conspiradores alemães e pró-alemães. Eram os chefes do movimento conspirativo continental: Godofredo Brandt e Henrique Volberg. Em novembro de 1941, o presidente norte-americano Roosevelt, na Casa Branca, teria perguntado a Taborda: “por que não acabam duma vez com a organização nazista na Argentina?”, ele respondeu que era muito mais fácil os nazistas acabarem com a Argentina do que qualquer outra coisa. O golpe de mestre dos nazistas em Buenos Aires, para o autor, havia sido dado por meio de Perón, no dia 27 de março de 1945, com a declaração de guerra ao Eixo. O gesto do peronismo foi desprezado pelas chancelarias dos países em guerra contra a Alemanha, mas com essa simples medida tomada no papel, o

regime militar de Perón impediu que, ao finalizar a guerra, fosse considerado como aliado de Hitler e de seus crimes (Taborda, 1954, p. 130).

Segundo Taborda, o governo dos Estados Unidos possuía informações que lhe permitiriam estabelecer o seguinte: membros do governo militar colaboraram com agentes inimigos em importantes tarefas de espionagem e em outros objetivos tendentes a prejudicar o esforço de guerra das nações unidas; líderes nazistas, grupos e organizações estavam combinados com os grupos totalitários argentinos para criar um estado nazifascista; membros do regime militar que controlavam o governo, desde junho de 1943, conspiravam com o inimigo para solapar os governos dos países vizinhos e destruir a sua colaboração com os aliados, esforçando-se para alinhar esses países num bloco pró-Eixo; e os sucessivos governos argentinos conspiraram com o inimigo para obter armas da Alemanha (Taborda, 1954, p. 131).

Dessa forma, os cientistas e técnicos de guerra alemães que se refugiaram na Argentina (trabalhando nas indústrias do país), bem como os criminosos de guerra que contaram com a hipotética benevolência de Perón, estariam doutrinando o povo com a ideologia fascista:

Antes da conquista do poder no Chile pelo General Ibañez – e ainda agora – muitos chilenos são convenientemente “doutrinados” em Buenos Aires. Os membros da quinta-coluna do Uruguai e do Paraguai, da Bolívia, Venezuela, Equador, Brasil e Guatemala, tomam contato, na Polícia Federal argentina, com o Dr. H. Theiss, antigo assistente de Himmler, o Chefe da Gestapo do Terceiro Reich. Auxiliam o Dr. Theiss, homem de maneira afáveis e grande cultura literária, o Dr. H. Richner, o Dr. F. Adam e o Dr. J. Paecht, nos postos mais proeminentes da doutrinação. Os ex-criminosos de guerra tratam de criar uma nova psicologia de firmeza, frieza e insensibilidade entre os futuros e atuais membros dos governos sul-americanos. Os sistemas de contravigilância do exército, de delação por meio do serviço doméstico e de agentes provocadores, bem como a espionagem dentro dos ministérios e da polícia, são minuciosamente descritos com gráficos e lições práticas. A “Universidade de espionagem e infiltração” do Dr. Theiss ensina aos alunos latino-americanos os métodos de penetração e dissimulação, a forma de transmitir mensagem, copiar documentos, fotografar planos, destruir pontes e estradas. As lições abrangem as técnicas repressivas que devem ser empregadas pelo governo, para tornar acéfalos e anarquizar os sindicatos, desmantelar as organizações estudantis, interceptar e falsificar correspondência, aplicar torturas “científicas” aos membros da oposição política, proletária e universitária (Taborda, 1954, p. 137).

Essas pessoas estavam recebendo proteção na Argentina e todos estavam dispostos a lutar contra as democracias e os comunistas em uma Terceira Guerra Mundial, algo que Taborda e Santander consideravam iminente. A ideologia desses nazistas era difundida mediante duas revistas mensais alemãs, com edição em Buenos Aires: a *Freie Press* e a *Der Weg*, “ambas – naturalmente – em idioma alemão” (Taborda, 1954, p. 138). A *Der Weg* publicava artigos defendendo, em resumo, que o III Reich foi mal compreendido e merecia uma segunda chance. A revista circulou na Alemanha até 1949, quando o governo alemão a banuiu. Entretanto, ela continuou a entrar no país (também no Brasil) de forma clandestina para os seus mais de três mil assinantes alemães. Ambas revistas endossavam a política de guerra de Perón, exaltando-o da mesma forma como era exaltado Hitler e anunciavam “aos povos da América o advento do ‘libertador’ que arrancará as massas nativas da situação de ‘repugnante miséria’ em que vivem atualmente, sob a pseudodemocracia liberal corrompida” (Taborda, 1954, p. 138) que servia ao imperialismo dos Estados Unidos. Os editores da *Der Weg*, os alemães Eberhardt Fritsch e Gustav Friedl, segundo Taborda, viajavam frequentemente pelos estados do sul do Brasil para distribuir a sua revista, restabelecer o contato com membros das “populosas colônias alemãs”, difundir as novas linhas do pangermanismo e ressuscitar as antigas organizações nacional-socialistas.

Nesse esforço, os criminosos de guerra alemães na Argentina teriam uma tarefa a cumprir com Perón: os instrutores militares doutrinavam os chefes sobre a técnica que já havia sido insuflada ao Exército pelos antigos professores alemães residentes no país; os capitalistas da indústria pesada preparavam a indústria bélica; os membros da Gestapo, os técnicos do *putsch* e da infiltração lecionavam aos membros das quintas-colunas em todo o Continente; os homens da ciência, laboratoristas, técnicos de aviação e armas novas serviam nas usinas de guerra e nos gabinetes de estudo; os “geopolíticos” instruíam o peronismo sobre os objetivos de domínio econômico e político do novo *Lebensraum*, em que se identificam o peronismo e o nazismo; e os especialistas em política sindical e operária controlavam o movimento e a organização proletária argentina (Taborda, 1954, p. 141).

Taborda também alertou que os submarinos U-530 e U-977 descarregaram no país, em julho e agosto de 1945, instrumental secreto, documentos, arquivos, ações, barras de ouro, patentes de invenções etc. Além disso, eles estariam transportando Martin Bormann, “figura número um do nazismo, a quem se faz passar como ‘suicidado’ junto com Hitler nos porões da Chancelaria em Berlim” (Taborda, 1954, p. 141). Com falsa documentação, Bormann teria trabalhado no escritório do Ministério da Defesa Nacional de Buenos Aires.

A quanto ascendem os capitais secretamente transferidos para a Argentina, em vésperas do colapso germânico? Questiona-se o autor. Ele supõe que uma cifra de mais de 2 bilhões de dólares foi transferida para a “capital nazista na América”. Essa quantia seria a base econômica da “colossal” indústria pesada alemã na Argentina, de onde os nazistas se reorganizariam para a sua próxima “aventura continental e mundial”. O golpe militar de Perón permitiu que os nazistas “conservassem os seus capitais, os seus principais líderes e os seus técnicos, em absoluta segurança na Argentina que era o único lugar do mundo em que o Terceiro Reich ganhou a guerra” (Taborda, 1954, p. 142).

O secretário Auxiliar de Estado norte-americano, Will Clayton, declarou, segundo Taborda, que:

Todo o controle estabelecido pelo governo militar argentino sobre as empresas alemãs existentes na Argentina fôra uma farsa [sic]. “As firmas nazistas na Argentina”, afirma êle, “constituem o mais poderoso bloco de capitais alemães ainda intactos no mundo”. E acrescenta: “O Departamento de Estado tem sobejas provas de que os nazistas, antecipando a sua derrota militar, fizeram planos cuidadosos com o fim de transportar ao estrangeiro os principais elementos necessários para servir de base a uma eventual ressurreição do poder alemão”. “Com êsse objetivo transferiram-se ao estrangeiro os capitais e o pessoal especialmente treinado para continuar as atividades pangermânicas, ainda depois da ocupação da Alemanha pelos exércitos aliados” [sic] (Taborda, 1954, p. 142).

A Argentina peronista seria, portanto, o refúgio dos criminosos de guerra, dos capitais e dos técnicos nazistas, antes, durante e depois da Segunda Guerra Mundial, transformando-se no verdadeiro estado-maior do hitlerismo mundial. Para Taborda, esses criminosos estariam esperando as armas do III Reich para lançar-se na parte sul do continente, atacando o Brasil e facilitando a invasão hitlerista na América.

Para corroborar com suas denúncias, o autor narra um evento ocorrido em novembro de 1945, quando um humilde homem do campo chegou ao seu escritório, em Buenos Aires, para o informar que tinha visto, em uma fazenda de propriedade alemã na Patagônia, Adolf Hitler em pessoa. “Fiel ao caráter rigorosamente documentado que quero dar a êste livro, menciono simplesmente o episódio, sem tirar nem pôr uma vírgula” (Taborda, 1954, p. 149). Mas por que a Argentina seria o local de onde os nazistas estariam se reestruturando para tentar, novamente, dominar o mundo? Segundo Taborda (1954, p. 150):

1º) porque na Argentina estavam Martin Bormann e o grupo de criminosos de guerra e líderes nazistas mais qualificados e numerosos do mundo;

2º) porque na Argentina peronista eles gozavam da mais absoluta liberdade de reunião e movimento, assim como dispunham da maior soma de capitais, com seus laboratórios e elementos mecânicos e técnicos que lhes permitiam trabalhar com maior tranquilidade do que na Alemanha de Hitler, pois estavam longe de qualquer ameaça;

3º) porquê da Argentina peronista eram dirigidas, orientadas e preparadas as colônias de alemães nazistas de todos os países do Hemisfério, cuja organização militarizada lhes permitiria, na hora marcada, converter-se num poderoso exército disciplinado e armado; e

4º) porque essa concentração do nazismo mundial na Argentina peronista é uma exigência do próprio Perón, nos seus planos harmônicos e combinados de ação bélica, sendo que no momento decisivo ele contaria com o auxílio humano de várias divisões de soldados alemães seletos, recrutados na Argentina e nos países limítrofes, os quais, dirigidos pelos oficiais nazistas da Segunda Guerra Mundial, serviriam para a guerra no continente.

Conforme afirma o próprio autor, as suas reclamações chegaram à imprensa brasileira, em outubro de 1945:

Damonte Taborda, ex-presidente da Comissão Investigadora de Atividades Antiargentinas, disse hoje que a revolução militar na Argentina é um complô nazista para reconquistar a supremacia mundial. Disse, ademais, que além dos submarinos alemães que se sabe terem aportado à Argentina, outros teriam sido afundados depois de chegarem, pela sua própria tripulação, para não ser entregues aos aliados. Acrescentou que os submarinos, sem dúvida nenhuma, traziam políticos nazistas, técnicos e, possivelmente, Adolf Hitler [...]. Ajuntou ainda que Hitler e Goering haviam planejado o estabelecimento de uma cabeça-de-ponte na Argentina, para a eventualidade de que a Alemanha perdesse a guerra. Os enormes fundos trazidos por Mandl financiaram muitas atividades do grupo de conspiradores militares, até darem o seu golpe de estado (Taborda, 1954, p. 151).

Podemos observar, portanto, que Taborda e Santander utilizaram o passado nazista para principalmente produzir uma propaganda política contra a Casa Rosada, contra Perón, ao mesmo tempo que evidenciaram a preocupação existente do mundo pós-guerra de uma possível ressurgência do nazismo na América Latina. As histórias alternativas conspiratórias criadas por Szabo, Taborda e Santander retratam o presente, o contexto histórico da Argentina pós-guerra marcado pelo alinhamento ideológico de Perón com o fascismo (que

realmente “resgatou” vários cientistas e técnicos militares alemães para trabalhar no setor industrial e bélico do país).

A ligação da Argentina com criminosos nazistas esteve longe de ser apenas uma mera criação política da oposição a Perón. Desde a década de 1960, diversos criminosos nazistas foram localizados e identificados no país, o que reforçava as denúncias (ainda que exageradas e não comprovadas) que vinham sendo ventiladas desde o final da guerra por pessoas como Szabo, Santander e Taborda. Essas acusações, no entanto, não se restringiram ou foram preocupação apenas de pessoas da América do Sul. O tema também foi amplamente abordado pela imprensa norte-americana durante a década de 1950 e 1960, principalmente pelo periódico *Police Gazette*.

3.2.1 O Periódico *Police Gazette*

Há quase dois séculos, o *Police Gazette* se tornou famoso por ser o primeiro tabloide dos Estados Unidos da América. Durante o séc. XIX, enquanto os estadunidenses estavam envolvidos em um grande conservadorismo e puritanismo, a *Gazette* publicava em suas capas reportagens sobre adultérios, bebedeiras, consumo de drogas, corrupção e jogos de azar para chocar os seus leitores. Desde a sua criação, as publicações do periódico foram sempre marcadas pela diluição da fronteira entre a realidade e a ficção, entre o real e o falso. Segundo Steven Westlake, a revista foi a responsável por um “Big Bang” do jornalismo na cultura de massa, pois inventou ou aperfeiçoou: as ilustrações semanais das notícias e dos esportes; o departamento dos esportes; a cobertura abrangente da cultura e do entretenimento; a coluna de fofocas das celebridades; uma seção voltada ao estilo de vida masculino; e o jornalismo sensacionalista que conhecemos hoje em dia.

O *Police Gazette*, portanto, especializou-se na arte das publicações sensacionalistas, o que fazia a revista ser vendida facilmente. Nessa linha, seis anos depois do alegado suicídio da pessoa “diretamente responsável” pelas mortes que ocorreram durante a Segunda Guerra Mundial, a revista começou a apresentar evidências de que Hitler estava vivo. De 1951 a 1968, foram publicados cerca de setenta e seis artigos, com trinta e sete capas, relacionados ao *Führer*. Manchetes como *Hitler Seen Alive*, *Hitler's Fake Suicide*, *Hitler in Argentina* – eram constantemente utilizadas pela *Gazette*, que repercutia e se ancorava nas mesmas suposições de Szabo, Taborda e Santander.

As histórias abordadas pela revista nesse período envolveram, sem surpresas, os submarinos nazistas que apareceram na costa da Argentina durante os meses de julho e agosto de 1945. Estamos nos referindo aos já conhecidos

U-530 e U-977. Por que estão lá? O que eles estavam fazendo durante os três meses que ficaram no mar sem se entregar? Além de ser o médico pessoal de Hitler, quem era o Dr. Ludwig Stumpfegger? Ele desenvolveu um procedimento misterioso chamado de operação “silk-coard”, que poderia paralisar temporariamente partes do cérebro humano? Que papel isso teve no desaparecimento de Hitler? Será que Hitler escapou para um lugar desabitado, remoto e imenso para ser praticamente impossível encontrá-lo? Eram as perguntas padrões feitas pela Gazette em suas reportagens. Em suas primeiras publicações foram criadas histórias envolvendo os nazistas com *zombies*, viagens submarinas épicas e fortalezas de gelo produzidas pelos “mestres do crime”.

Esse tipo de abordagem logo começou a provocar a descrença de seus leitores, pois elas eram muito exageradas. Por isso, chamaram para fazer parte das investigações o coronel William F. Heimlich, membro da primeira equipe de inteligência dos Estados Unidos que entrou em Berlim no final da guerra para analisar a situação da cidade. Envolvido pessoalmente na procura por evidências de Hitler na capital alemã totalmente devastada pelos bombardeios, Heimlich forneceu a verossimilhança que faltava nos primeiros artigos da Gazette. O coronel havia declarado que “nenhuma empresa de seguros da América pagaria por uma reivindicação da morte de Adolf Hitler”. Esse apontamento, feito por um importante e respeitado ex-oficial do governo estadunidense, indicava que Hitler não havia falecido, fornecendo o combustível necessário para as publicações da Gazette serem mais credíveis (Westlake, 2015).

Depois disso, a narrativa das publicações da revista se baseou em uma série de supostas evidências presentes no imaginário da época para provar a sobrevivência de Hitler:

Submarinos U-530 e U-977: ligados, segundo a revista, com o maior mistério de todos os tempos: a sobrevivência e o esconderijo de Hitler, “cuja morte nem o mais alto diplomata da América, da Inglaterra, ou da Rússia acredita”.

Falso suicídio de Hitler e Eva Braun: não passou de uma simulação com o objetivo de enganar a todos e, assim, empreender uma fuga mais “tranquila”. Afinal de contas, seus corpos, supostamente cremados, não foram encontrados. O que foi encontrado eram os restos mortais de seus dublês.

Base secreta construída na Antártica: será que existe em algum lugar do mundo, um espaço suficientemente grande e desabitado, onde seria praticamente impossível encontrar Hitler e seus soldados? A resposta da revista é sim, “existe esse lugar, embora possa parecer improvável”. Esta terra era a Antártida, com mais de 6.250.000 milhas quadradas, muito

maior do que a Europa, “suas regiões inóspitas são difíceis de entrar e não são habitadas por quaisquer outros seres humanos”. Portanto, um lugar onde o *Führer* poderia viver em absoluta segurança planejando sua vingança e o seu retorno em um momento mais favorável.

Hitler na Argentina: país que “já contava com uma população argentina-alemã de mais de duzentas e cinquenta mil pessoas”. Os nazistas do país contavam com cerca de dois bilhões de dólares, dinheiro que seria usado para reerguer o nazismo a partir da América do Sul. A base secreta encontrava-se na Patagônia e era conhecida como *Little Nazi Germann* (pequena Alemanha nazista), “onde os nazistas construíram o mais extraordinário posto de sobrevivência nazista do mundo atual”. Ninguém podia chegar perto do local, pois era protegido por uma poderosa guarda armada. Perón, inclusive, sabia de tudo e protegia, além de Hitler, mais de setenta e um criminosos de guerra nazista (Weslake, 2015, p. 210).⁴⁶

Em junho de 1953, por exemplo, a revista publicou a reportagem, assinada pelo repórter George McGrath, intitulada *Hitler is Alive – Prepares to Return!*. A *Police Gazette* revelava, “pela primeira vez”, os detalhes reais da conspiração nazista para restaurar “*Der Führer*” ao poder na Alemanha e preparar o caminho para o renascimento mundial do hitlerismo:

Nos relatórios publicados anteriormente, a *Police Gazette* revelou que as evidências em mãos dos serviços de inteligência britânicos americanos e revelam o fato de que Juan Perón, o ditador argentino, está dando a sua protecção pessoal para os alemães nazistas e que estes homens são a espinha dorsal da nova Internacional Nazista, esquematizando o retorno de Hitler para governar a Alemanha (Hitler..., 1953).

De seu esconderijo na Argentina, prossegue a reportagem, Adolf Hitler teria organizado uma ampla rede internacional nazista cujas raízes estavam firmemente estabelecidas na Alemanha e cujos tentáculos estendiam-se por Cairo, Madrid, Roma e os Estados Unidos – onde os ex-membros do partido nazista se escondiam. Por meio de um emaranhado de partidos políticos alemães do pós-guerra, de associações de falsos veteranos e de movimentos clandestinos, o *Police Gazette* “traçou claramente o padrão da conspiração de Hitler para retornar ao poder”. Inclusive, esse retorno estaria marcado, provisoriamente, para 1957. Para a revista, a prova irrefutável da sobrevivência de Hitler era a incapa-

⁴⁶ Outra sandice dessa série foi a reportagem intitulada de *Luce Vidi Sees Hitler Alive* (Luce Vidi Viu Hitler Vivo). Madame Luce Vidi, uma médium conhecida nos Estados Unidos à época por ter visto na sua bola de cristal o assassinato do Presidente John Kennedy, revelou que ficou cara a cara com Hitler.

cidade dos três países aliados de 1945 (Estados Unidos, Grã-Bretanha e Rússia) em obter a prova da morte do *Führer*.

Dessa forma, supostos documentos apreendidos por agentes de inteligência militar britânica mostravam que a rede internacional nazista foi organizada por alemães “clarividentes” vários anos antes do fim da Segunda Guerra Mundial. O primeiro passo de Martin Bormann, depois de escapar das ruínas de Berlim, foi entrar em contato com vários agentes financeiros do Partido Nazista em Zurique, onde contas bancárias colossais tinham sido armazenadas. Depois teria contactado nazistas na Itália antes de ir para Madri. “Se Bormann visitou Cairo pessoalmente, onde uma forte célula Internacional Nazi foi estabelecida, ou se ele enviou um emissário para entrar em contato com os nazistas lá, não está claramente demonstrado nos documentos” (Hitler..., 1953).

Segundo a *Gazette*, Bormann havia sido visto na Argentina, onde relatou a Hitler o andamento da rede internacional. O *Führer* estava sendo escondido nos confins da Patagônia por uma forte organização nazista com o apoio ativo de Perón. Quando o periódico publicou essa reportagem, afirmando que Karl Doenitz estava tramando o retorno de Hitler, esqueceu que ele estava preso, culpado pelo Tribunal de Nuremberg por crimes contra a paz, com dez anos de sentença. Mas isso não parecia importar para os editores. A reportagem termina afirmando que dentro de algumas semanas Hitler teria a sua disposição uma pesada indústria de guerra, por isso uma intervenção por parte dos Aliados já era muito tarde. O mundo estava prestes a entrar em uma Terceira Guerra Mundial. “Este é o padrão para o retorno de Hitler. Que medidas tencionam tomar os Aliados, agora que eles sabem?”

Para a revista não existia nada, literalmente nada, que podia ser feito para evitar o retorno triunfante de Hitler ao poder. Ele uniria mais uma vez a Alemanha Ocidental e Oriental gerando uma grande confusão na Europa, e a “*Police Gazette* era o primeiro periódico em ambos os lados da Cortina de Ferro a apresentar esta verdade surpreendente” (Hitler..., 1953). Novamente utilizaram a fala de um militar, dessa vez a do General Dwight Eisenhower: “há toda presunção de que Hitler está morto, mas não há prova conclusiva. Os russos (que ocuparam Berlim antes das forças norte-americanas) são incapazes de descobrir uma única prova tangível da morte de Hitler”. Thomas Dodd, chefe da Tribunal de Nuremberg, declarou que “ninguém pode afirmar que ele está morto”. O Major Floyd Parks contou para a *Police Gazette* que Hitler pode muito bem estar vivo. O General soviético Nikolai Berzarin declarou que sua opinião pessoal é a de que Hitler desapareceu dentro da Europa, pois não encontraram nenhuma evidência do seu corpo. Hector MacNeil, Subsecretário britânico de Negócios Estrangeiros, afirmou que o governo não tinha nenhuma evidência conclusiva provando se Hitler estava vivo ou morto.

A utilização de pronunciamentos desses comandantes faz parte de uma tática muito clara para tentar legitimar o discurso da revista, pois estavam reproduzindo a fala de alguém que estava “autorizado a falar”, militares, criando um efeito de veracidade, dinâmica observada na grande maioria das publicações do periódico. A *Police Gazette* legitima suas reivindicações com base em pronunciamentos feitos por pessoas “autorizadas a falar”. Se tais afirmações fossem feitas por pessoas “não autorizadas” (não militares ou governantes), provavelmente não seriam aceitas pela sociedade.

Em um tom quase sempre apocalíptico, fica claro que o periódico *Police Gazette* utilizou o imaginário da sobrevivência de Hitler e da consequente conspiração para reerguer o nazismo, assim como o passado nazista, com o objetivo de vender sensações, ou seja, com fins de entretenimento. A revista não estava preocupada, ao longo de suas publicações sobre o tema, em uma investigação séria com fontes plausíveis e fidedignas.

Em 1960, as reportagens da revista sofreram uma mudança de foco assim como a produção geral sobre o assunto. De acordo com Evans (2022) as aparições de Hitler fazem parte de uma longa tradição de sensacionalismo de imprensa popular. O fato de as pessoas realmente acreditarem nessas histórias é irrelevante; elas são publicadas como forma de entretenimento, seguindo uma tradição que remonta à “imprensa marrom” da década de 1890, quando os editores Joseph Pulitzer e William Hearst competiam ferozmente por maiores tiragens, publicando relatos cada vez mais sensacionalistas em seus jornais. Essa prática se conecta às histórias violentas e macabras dos livretos da era vitoriana, aos textos simplórios de escritores mercenários empobrecidos do século XVIII, e até mesmo ao século XVI, quando a imprensa começou a divulgar os primeiros relatos de eventos extraordinários. Milagres, fantasmas e outros aspectos do sobrenatural e do inexplicável foram, por séculos, a base da literatura popular e dos contos folclóricos. A história da fuga de Hitler do bunker pode ser vista como uma versão moderna dessa tradição, “equipada com notas de rodapé, referências de fontes e declarações de testemunhas que hoje são emblemas de veracidade” (Evans, 2022, p. 211).

Em 1960, um fato importantíssimo ampliou significativamente a fabricação de histórias alternativas conspiratórias sobre o hipotético complô nazista para a formação do IV Reich na América do Sul. Estamos nos referindo à captura de Adolph Eichmann em Buenos Aires e o seu julgamento em Nuremberg, que refletiram no aumento da atenção ao passado nazista da Alemanha.

3.2.2 “O *Tsunami* Nazista”

Depois de esse acontecimento ganhar os holofotes do mundo inteiro, tivemos a ascensão da chamada “onda de Hitler” (podemos também chamar de “onda

do nazismo”), que atiçou a fascinação do público com todos os detalhes da vida do *Führer*, como por exemplo, a sua sexualidade (Hitler teria apenas um testículo). Tal termo foi cunhado pelo historiador alemão Eberhard Jackel para descrever o interesse na vida de Hitler, indo de um foco acadêmico na sua biografia à fascinação com sua personalidade, ou seja, uma série aparentemente interminável de biografias históricas, filmes, novelas e escândalos. Em consequência disso tivemos também a expansão do mercado à época de relíquias e parafernália nazistas, abrangendo uniformes, mobílias, bandeiras, joias, punhais e outras peças. Originalmente, esse fenômeno foi uma reação contra a representação simplista, mas que perdura até hoje, do início do pós-guerra de analisar o *Führer* como uma figura demoníaca, cujo poderes monstruosos tinham jogado o mundo em um grande tumulto. Esta mudança de paradigma necessitava vê-lo menos como um demônio – isto é, alguém removido da esfera da explicação racional – e mais como um ser humano.

A atenção em Hitler, portanto, começou a se mover das suas políticas públicas para os prós e contras da sua vida privada – incluindo sua educação, amigos, relacionamentos amorosos, interesses artísticos, hábitos, *hobbies* e animais de estimação. Embora compreensiva, essa nova tendência em humanizar Hitler logo despertou preocupações entre vários pesquisadores. Alguns argumentaram que a aventura em tentar entendê-lo em todas as suas dimensões humanas foi adulterada pela indústria do entretenimento, a qual estava ansiosa em explorar o crescimento do interesse popular no falecido ditador para, obviamente, obter ganhos comerciais. Outros expressaram preocupações sobre o que identificaram como uma profunda fascinação com Hitler, enraizada no contraste sedutor entre a sua banalidade pessoal e sua capacidade maníaca por destruição. Para todos, a coisa mais horrível foi a tendência dessa “onda” em estetizar a Era nazista, focando sobre sua peculiar fascinação em vez de seus crimes contra a humanidade (Rosenfeld, 2005, p 217).

Essa preocupação com o nazismo representou uma mudança de paradigma do mundo marcado pela Guerra Fria. Nos primeiros anos após a Segunda Guerra Mundial, as preocupações ocidentais estavam voltadas, principalmente, para a ameaça comunista. O medo do avanço do regime de Stalin levou as pessoas a esquecerem por um certo tempo os horrores perpetrados pelos nazistas. O caso Eichmann recolocou o nazismo em foco, mas dessa vez para ficar. Segundo o historiador John Lukacs existem mais algumas razões para esse recrudescimento do fascínio pela guerra e pelos nazistas:

A primeira, o surgimento de uma nova geração de pessoas jovens demais para terem vivido durante a guerra, e daí seu interesse pelas figuras e eventos dramáticos desse período. A segunda, e

mais evidente, a publicação e disponibilidade de um número cada vez maior de fontes e documentos. A terceira, o declínio gradual da chamada Guerra Fria com a Rússia: tornou-se óbvio nessa ocasião que a II Guerra Mundial fora não só mais dramática do que a Guerra Fria, mas que Hitler era mais interessante do que Stalin (e os nazistas do que os comunistas) [...]. Nas décadas de 1960 e 1970, começaram a multiplicar-se as biografias de Hitler; o mesmo aconteceu com livros, artigos, peças de teatro, programas de televisão, filmes, incluindo os denominados documentários, e assim por diante (Lukacs, 1998, p. 17).

Contudo, não consideramos que isso seja apenas uma onda, pois ondas vem e vão, são passageiras. Essa fascinação com o nazismo, despertada com a captura de Eichmann, permanece firme e forte até os dias de hoje. Por isso, essa onda está mais para um “tsunami devastador” que evidencia como a era nazista tem sido representada na consciência histórica, no imaginário coletivo e na cultura de massa do mundo ocidental desde 1960.

Acompanhando o “tsunami nazista”, a captura e julgamento de Eichmann proporcionou um significativo aumento na produção de histórias alternativas conspiratórias sobre o nazismo. Esse caso trouxe à tona o fato da fuga de vários nazistas criminosos de guerra para diversas regiões do mundo, principalmente para a América do Sul. Se antes as pessoas desconfiavam, agora era fato: muitos nazistas fugiram impunes da Segunda Guerra Mundial. A pergunta feita por muitos: o que eles estariam tramando? A resposta parecia ser somente uma: o IV Reich.

Em setembro de 1960, a Gazette publicou a reportagem intitulada de *Eichmann's Capture Spotlights Hitler's Hideout (Captura de Eichmann evidencia esconderijo de Hitler)*, em que relacionava os fugitivos nazistas e Hitler à tentativa de reorganização política a partir do continente latino-americano. De acordo com a reportagem, um comando secreto israelense afirmava: Hitler está escondido em algum lugar da Argentina, pois Eichmann era apenas um dos vários criminosos de guerra que se refugiaram no país. A sua captura tinha chamado a atenção do mundo todo sobre o esconderijo secreto de Hitler e seus capangas (incluindo Martin Bormann) em uma área desolada da Patagônia. Construída com o tesouro adquirido em período de guerra, afirma a revista, a base era tão fortemente vigiada que agentes da Inteligência Aliada não foram capazes de identificar todos os nazistas do alto escalão que estavam vivendo no local. A lógica usada pelo periódico era a seguinte: obviamente, o líder nazista não havia cometido suicídio e, se Eichmann conseguiu escapar, Hitler poderia facilmente ter feito o mesmo, pois tinha muito mais recursos à disposição. Inclusive, teria feito uma cirurgia plástica para se tornar irreconhecível e dificultar a sua identi-

ficção (como havia dito Szabo), mas os agentes secretos israelenses, com seus fundos ilimitados, poderiam um dia chocar o mundo encontrando essa base secreta e, quem sabe, o próprio *Führer* (Eichmann's..., 1960).

No cinema, podemos destacar a produção das primeiras histórias alternativas durante a década de 1960 e no início de 1970. Trata-se dos filmes: *They Saved the Hitler's Brain* (1963), de David Bradley; *Flesh Feast* (1967), filme de horror de Brad Ginter; e *He Lives* (1967), filme de suspense de Joseph Kane. Estes três filmes apresentaram a duradoura fantasia de trazer Hitler à justiça, além de representá-lo como um demônio que finalmente paga por seus pecados com sua vida. Esse era um tema recorrente nas produções de histórias alternativas ficcionais das décadas de 1960 e 1970.

No mais famoso dos três filmes, *They Saved Hitler Brain*, Hitler escapa de Berlim depois de uma cirurgia que o transformou radicalmente: sua cabeça foi retirada de seu corpo e colocada em um tanque cheio de água montado sobre um enorme rádio transmissor. Seu esconderijo após o conflito foi na América do Sul, onde estava planejando dominar o mundo por meio de um plano ousado: fazer chover uma forma de gás asfixiante sobre o planeta. Contudo, seu plano logo é descoberto e ele tem uma terrível morte quando uma granada inimiga explode em seu carro, deixando sua cabeça em chamas, derretendo-a e transformando-a em uma gosma preta.

Similarmente, *Flesh Feast* representa Hitler encontrando um, digamos, “final justo” aos olhos do mundo ocidental. Enquanto estava conspirando com seus sombrios nazistas da América Latina para um retorno político, ele sofre uma morte sangrenta quando a cirurgiã plástica encarregada de alterar a sua aparência o faz passar por um procedimento que implicava ter larvas que comiam a carne do seu rosto. Resultado: morte. Por sua vez, *He Lives* representa o ditador nazista à espreita na América do Sul, escondido com Martin Bormann, planejando o estabelecimento do IV Reich. Porém, são descobertos por um time de agentes secretos de Israel que os matam com uma enxurrada de morteiros.

De acordo com Rosenfeld, a “impressionante” representação similar do fugitivo Hitler em *They Saved Hitler Brain*, *Flesh Feast* e *He Lives* é significativa, uma vez que representa Hitler sendo finalmente punido pelos seus crimes, sugerindo um grande desejo por trazê-lo à justiça. É claro que o julgamento de Eichmann no começo da década teve uma grande influência nessas produções. Para o autor, os três filmes servem largamente para entretenimento de baixo orçamento e qualidade, e todos não se preocuparam em demonstrar Hitler como uma figura de importância histórica. Em vez disso, usaram-no como um conveniente vilão comercial para ancorar suas narrativas sensacionalistas. Esta afirmação é confirmada pelas críticas negativas e uniformes que os filmes receberam.

Encabeçando a lista está *They Saved Hitler Brain*, o qual, quando originalmente produzido, foi criticado como “um fiasco melodramático” e uma “desordem incoerente”. Desde então, ganhou a reputação entre os aficionados por cinema como o pior filme já feito na história americana. Muitos críticos nem se preocuparam em despender forças condenando *Flesh Feast* e *He Lives*, que foram largamente ignorados, conhecidos somente por aqueles apaixonados por cinema “trash”. Mas para Rosenfeld, seria um engano ignorá-los, pois, por uma razão, atraíram grandes talentos do cinema norte-americano à época. O diretor de *They Saved Hitler Brain*, David Bradley, já havia dirigido grandes filmes, tais como *Peer Gynt* (1941) e *Julius Caesar* (1950) – ambos estrelando Charlton Heston. *Flesh Feast* contou com a importante estrela de Hollywood à época Veronica Lake no seu último papel de “estrelato” (ela também foi a produtora do filme). E *He Lives* foi dirigido por Joseph Kane, um diretor de *westerns* de longa data de Hollywood apresentando lendas como Roy Rogers e John Wayne. Estas figuras com notáveis carreiras não evitaram o fracasso de seus filmes, mas foram, no entanto, importantes por confirmarem a visão dominante do pós-guerra de Hitler como a incorporação do mal (Rosenfeld, 2005, p. 212).

Esse tsunami não deixou de fora autores brasileiros. De 1964 a 1977, o escritor Roberto Botacini lançou seis obras dedicadas ao tema: *Onde estará Hitler?* (1964), *Nazistas na América* (1964), *A Fuga de Hitler* (1966), *Hitler não morreu em Berlim* (1967), *Perón, a volta do Nazismo* (1973) e *O Nazismo sobrevive ao Terceiro Reich* (1977). É por causa dessa produtividade que a partir de agora, focamos nossas análises em Botacini.

3.2.3 O “Especialista” Roberto Botacini

De acordo com Pastor de Carvalho, Botacini foi jornalista, membro da União Brasileira de Escritores, professor primário, contador, ex-jogador de futebol profissional, proprietário da Editora Combrig e produtor da TV Gazeta de São Paulo:

Em 1978, envolveu-se em duas situações inusitadas. Na primeira, preparou um requerimento na Câmara dos Vereadores que propunha aposentar a mula *Menina*, após 30 anos de serviços prestados à cidade de Ribeirão Pires. Na segunda, enviou ao Vaticano sua candidatura como Papa. Esta ideia lhe ocorreu logo após descobrir que, para ocupar o posto máxima da Igreja Católica, era necessário apenas que o requerente fosse católico, batizado e crismado. Este episódio lhe rendeu, inclusive, uma aparição no programa *Fantástico*, da TV Globo, que passou a acompanhá-lo em sua surreal jornada (Pastor de Carvalho, 2015, p. 78).

Apesar de ser uma figura um tanto quanto “pitoresca”, segundo Pastor de Carvalho, Botacini se tornou especialista em criminosos nazistas, mesmo não apresentando provas de suas denúncias. Quando o assunto estava em pauta no Brasil, os meios de comunicação não procuravam historiadores acadêmicos para analisar o fato, mas sim ao “especialista” Roberto Botacini. Como foi o caso de uma entrevista sobre o tema para o jornal O Globo, na qual o autor alertava para o que chamava de “perigo nazista”, ou seja, o fato de o nazismo estar prestes a retornar, já sendo uma força em quase todo o mundo (Pastor de Carvalho, 2015).

As suas obras eram apresentadas como,

resultado de mais de vinte anos de experiência e pesquisa sobre o problema Nazi-Fascismo em todo o mundo, e reflete uma série de acontecimentos, que praticamente irão mudar a história do após guerra a partir de 1945, quando a cúpula do III Reich iniciou sua fuga rumo ao Continente Americano. Roberto Botacini, um dos mais categorizados e aceitos escritores sobre o problema, descreve numa linguagem simples e ao alcance de todos, os acontecimentos que até agora foram marginalizados do grande público leitor. Dispondo de preciosas fontes e manejando um apurado sentido seletor e de classificação, reconstitui a sub-história da sobrevivência e ressurgimento do Nazismo (Botacini, 1977, p. 3).

Botacini era adepto da suposição que tinha “apaixonado toda a Europa e o mundo”, ou seja: a fuga e a sobrevivência de Adolf Hitler na América do Sul, onde viveria ao lado de Eva Braun e de alguns fiéis oficiais e soldados remanescentes da Wehrmacht, encarregados de protegê-lo (Botacini, 1964, p. 27). Em suas seis obras, o autor tece sua narrativa com base nesses fatos presentes no imaginário da época que comprovariam a sobrevivência de Hitler e a conspiração para formar o IV Reich na América do Sul, inclusive repetidos em quase todos seus livros.⁴⁷

Um dos seus principais argumentos era o suposto suicídio de Hitler. O fato oficial a registrar, reforçando a hipótese de que ele tinha saído com vida do abrigo subterrâneo, segundo o autor, era o seguinte:

Como sabemos, a versão oficial cita que Hitler teria se suicidado na tarde de 30 de abril, aproximadamente às 15 horas e 30 minutos. Causa estranheza, porém, que na tarde de 30 de abril e mesmo

⁴⁷ Tais argumentos já estavam presentes nos livros de Ladislao Szabo, nas obras de Santander e Taborda, bem como nas reportagens da revista Police Gazette. Ainda estarão presentes, como veremos mais adiante, nos livros que foram produzidas no início do séc. XXI.

durante todo o dia 1º de maio, várias mensagens fossem trocadas entre Bormann e o almirante Doenitz, sem nenhuma palavra informando sobre a morte de Hitler. Se o falecimento tivesse ocorrido realmente, o sucessor de Adolf Hitler deveria ser informado oficialmente por Martin Bormann. A mensagem dirigida na noite de 30 de abril para a madrugada de 1º de maio estava assim dirigida: “O Fuhrer ainda vive e dirige a defesa de Berlim”. Nem uma palavra sobre a morte de Hitler! Por outro lado, a mensagem acrescentava que Hitler ordenava a Doenitz que tomasse medidas radicais contra todos os traidores (Botacini, 1964, p. 32).

Outra pessoa teria sido queimada com o uniforme e as divisas de Hitler, sendo que o cadáver carbonizado encontrado seria o de um sargento chamado Schimdt, o qual apresentava um orifício de bala na testa. Que o plano funcionou, afirma o autor, “tenho absoluta certeza, Hitler conseguir fugir à captura e à morte durante a noite de 30 de abril para 1º de maio” (Botacini, 1964, p. 34). Ute Eva Bormann, filha de Martin Bormann, confirmou ao jornalista Antonio Vischi a fuga e a sobrevivência do comandante nazista em uma entrevista que teria sido publicada pela revista italiana “*Domenica del Corriere*”, de 8 de julho de 1962. Ute comentou a última reunião do Estado Maior de Hitler, em fins de abril de 1945, quando as tropas aliadas estavam ocupando Berlim:

Estava Hitler muito agitado. Estavam lá também Goebbels, Krebs, Burgdorf e muitos outros oficiais. Meu pai também estava presente. Estudaram todos um plano para fugirem à captura. O Major Kainitsch havia preparado tudo. Hitler deveria fugir em um pequeno avião; meu pai permaneceria ainda mais algum tempo em Berlim para que propalasse o suicídio de Hitler e comunicasse ao Almirante Doenitz. Também deveria dar a conhecer o testamento do Fuhrer. Hitler conseguira colocar-se a salvo, porém, o segundo avião, o que viria buscar meu pai não retornou, ficando ele no bunker, fugindo mais tarde pelo subterrâneo do Metropolitano [...] Todos disseram que meu pai havia fugido e que hoje estaria na América do Sul (Botacin, 1964, p. 33).

Uma notícia de fonte norte-americana confirmaria a hipótese de Ute Eva Bormann. Hitler, após alcançar a Espanha, embarcou com Eva Braun em um submarino rumo à costa da Argentina, seguindo, logo depois, para a Patagônia. No dia 26 de junho de 1945, surgiram novos indícios de que ele estaria vivo. Segundo Botacini, quase dois meses depois da fuga do ditador nazista, a voz de um posto emissor de rádio clandestino “rompeu repentinamente o silêncio, para anunciar: – ‘Atenção, Alemães! Hitler está vivo e se encontra em local segu-

ro!” (Botacin, 1964, p. 40). Tratava-se de uma “emissão relâmpago” pronunciada, supostamente, por Martin Bormann, que durou um minuto apenas e, por isso, não foi possível descobrir a sua proveniência, exclama Botacini. Porém, durou tempo suficiente para anunciar a seguinte mensagem:

Os falsos amigos que cercavam Hitler o enganaram, mas todos morreram ou morrem nas prisões, e o poder pelo qual se entregaram a tantas maquinações, foi efêmero. Ao contrário, o führer vive cercado por alguns dos seus mais leais compatriotas e colaboradores “fora do alcance do inimigo”. E terminou assim a mensagem: “A luz surgirá, mais uma vez das trevas” (Botacin, 1964, p. 40).

As provas da sobrevivência de Hitler para Botacini seriam: os submarinos U-530 e U-977; o discurso clandestino pronunciado supostamente por Bormann no dia 26 de junho de 1945, que anunciava a sua fuga; algumas contradições dos depoimentos sobre os seus momentos finais e a cremação do seu corpo; o dublê que teria sido colocado no seu lugar para morrer; e a fala de Stalin na Conferência de Potsdam, em que afirmava sua dúvida sobre a morte do *Führer*.

Um argumento muito utilizado por Botacini para provar a sua teoria foi a sobrevivência de Martin Bormann, um dos mais fiéis colaboradores de Hitler: “hoje, em alguma parte do mundo, talvez viva alguém, cujo desaparecimento representa um dos maiores e mais pantanosos mistérios de nossa época” (Botacini, 1965, p. 80). Após a guerra, teria vivido na Espanha, Brasil e Paraguai, onde, segundo boatos, teria falecido devido a um câncer de estômago e que o seu médico era o próprio Mengele. Nesse tempo, Bormann preparou os planos de sobrevivência e ascensão dos hierarcas nazistas ao poder na América Latina, com ajuda de uma imensa fortuna escondida e depositada em bancos estrangeiros pelos alemães. Quem iria ajudá-lo era os demais nazistas que estariam no continente: o professor Van Leers, Capitão Huensche, Capitão Teodor Danacker, Capitão Heinz Roethke, Franz Rademacher, Ante Pavelic, Werner Jung, Alois Bruner, Roef Gunther, Alban Krug, Otto Schwaner, Joseph Uschau, Franz Tenfek, Josef Mengele, Heinrich Muller, Eric Rarja e outros. Todos acusados de crimes de guerra.

Bormann foi dado como desaparecido por muito tempo, o que claramente alimentou muitas teorias conspiratórias sobre a sua pessoa. Após o final da guerra, acreditava-se que ele havia cometido suicídio com o médico da SS, Dr. Stumpfegger, nas imediações da estação de Lehrter, em Berlim, enquanto estava fugindo do ataque soviético. Este fato foi confirmado no início dos anos de 1970, quando seu esqueleto foi encontrado no local. Posteriormente, as suas cinzas foram jogadas no mar Báltico (Fest, 2005, p. 159). Mesmo assim,

muitos ainda foram céticos sobre a sua morte no final da guerra, acreditando veementemente que não passava de mais uma conspiração para enganar o público geral. Botacini ignorou essa descoberta ou ela simplesmente não chegou ao seu conhecimento, pois publicou livros sobre a sobrevivência de Bormann após o ocorrido.

Apesar disso, o autor alertava ainda para o fato de organizações como a “Nova ODESSA”, “Der Spinne”, “Camisas Negras” e “Tacuara”, que congregavam elementos filiados à Internacional Nazista (aquela mesma denunciada pela revista *Police Gazette*), estarem conspirando e agindo em todos os pontos do mundo, principalmente na América Latina, para proteger os sobreviventes do Reich e cuidar da administração dos bens do Partido Nazista e da grande fortuna acumulada durante a Segunda Guerra Mundial. Esse dinheiro estava sendo empregado em várias indústrias espalhadas por todo o mundo, representando um poderio econômico que poderia propiciar a reorganização e o ressurgimento do nazismo no continente.

Os criadores do IV Reich alemão, notadamente Martin Bormann, teriam desviado fundos para bancos estrangeiros, principalmente da Suíça, Suécia e Argentina, preparando locais de refúgio na própria Alemanha, Itália, Áustria, Espanha, Egito, Argentina, Brasil e África do Sul, ou seja, “onde quer que existissem minorias germânicas concentradas”. Dessa forma, construíram uma rede de organizações que abarcavam praticamente todo o mundo ocidental, onde as organizações SS começaram a atuar desde o primeiro dia após o término da Segunda Guerra Mundial, como teias invisíveis, “primeiro na sua tarefa de salvar criminosos de guerra, depois para a reconstrução da ‘nova ordem’ imaginada por Hitler” (Botacini, 1977, p. 48). As SS, que criaram a tão temida organização ODESSA, tinha por finalidade levar em segurança para fora da Alemanha os seus companheiros acusados de crimes de guerra. Botacini afirma que a organização já tinha estabelecido laços estreitos com a Argentina de Juan Perón, que havia emitido sete mil passaportes argentinos em branco, de modo que o refugiado tinha apenas de escrever o seu nome falso, colocar a sua fotografia e “fazê-la carimbar por um solícito cônsul argentino, para então embarcar para Buenos Aires” (Botacini, 1977, p. 61).

A ODESSA possuía cinco tarefas a cumprir:

1º) reinfiltar os ex-nazistas em todos os setores da vida da nova Alemanha: nos escritórios de advocacia, nos tribunais, na polícia, nos governos municipais e nos consultórios médicos. Dessa forma, conseguiriam proteger-se mutuamente de investigações e de pressões, zelar pelos interesses uns dos outros e providenciar para que os processos contra os

antigos camaradas tivessem o andamento mais lento possível ou até nenhum andamento;

2º) infiltrar-se nos mecanismos de poder político de vários países. Evitando os altos níveis, os ex-nazistas penetrariam na base da organização do partido governante, na base dos distritos ou seções eleitorais;

3º) reinfiltar-se nos negócios, no comércio e na indústria alemã. Para esse fim, alguns nazistas formariam seus próprios negócios no início da década de 1950, financiados com fundos dos depósitos em Zurique. A importância disso era usar os lucros provenientes dessas empresas para influenciar a cobertura jornalística dos crimes nazistas, criar propagandas favoráveis ao movimento neonazista, manter algumas editoras da extrema-Direita e proporcionar empregos a antigos partidários em dificuldade;

4º) dispensar a melhor defesa legal possível a qualquer nazista forçado a julgamento;

5º) propaganda, que ia desde o estímulo à disseminação de folhetos direitistas até campanhas pela ratificação final do Estatuto das Limitações, de cujos dispositivos constava a terminação de toda a culpabilidade legal dos nazistas. Outra função da propaganda seria a da dissimulação. Como exemplo temos o caso Bormann: quando a Interpol ou outra polícia conseguia alguma pista de um expoente do nazismo, a ODESSA propagava com informes falsos ou forjados da morte deste ou daquele membro importante do III Reich (Botacini, 1977, p. 63).

Assim, para Botacini:

De um modo geral, a ODESSA tem tido sucesso nas suas tarefas de impedir os esforços da Alemanha Ocidental para caçar e julgar os membros da SS. Os nazistas vencidos na guerra perceberam cedo as crescentes divergências entre as nações vencedoras, de que resultou a “Guerra Fria”, começando jogar com a sensibilidade anticomunista dos serviços secretos norte-americanos. Há várias provas de venda de informações e a ODESSA contata com a OSS, depois a sua sucessora a CIA, para um negócio quase técnico: a troca de informações por proteção, só esta permuta pode fornecer facilidades indispensáveis para que os criminosos de guerra conseguissem refúgio na América Latina e no Oriente Médio. A ODESSA fundada inicialmente, para dar proteção aos antigos membros da SS e membros da cúpula do governo alemão, passou posteriormente a atividades paralelas com o tráfico de armas, drogas e divisas, tendo ligações com a Máfia e a Cosa Nosta, possuindo departamentos ligados a falsificação de documentos, preparação de contatos e ligações com a imprensa, propiciando levantamento

de meios materiais de ajuda pessoal a todos que estavam e estão na clandestinidade (Botacini, 1977, p. 63).

Botacini alertava para o fato de que antigos pertencentes do Partido Nazista estavam retornando ao poder na Alemanha Ocidental e para o fato de como grupos neonazistas estavam se formando em vários países ocidentais. Isso, principalmente, depois da “emissão relâmpago” feita supostamente por Bormann em que anunciava a sobrevivência de Hitler. Com esse fato, segundo o autor, começava efetivamente a propaganda que daria início ao ressurgimento do nazifacismo em todo o mundo. “Eram os primeiros passos dados pelos homens incumbidos de propagarem as ideias de Adolf Hitler e seus seguidores, mesmo após ter terminada a guerra e vencidos seus exércitos” (Botacini, 1977, p. 85). Os neonazistas teriam suas campanhas financiadas por grupos e complexos industriais, os quais possuíam seus tentáculos enraizados por toda a América Latina, “onde as atividades nazi-fascistas, exercidas por antigos líderes do III Reich é de estarrecer”, pois vários deles encontraram refúgio e abrigo nos governos da Argentina, Brasil, Paraguai, Bolívia, Uruguai, Colômbia e Chile. As denúncias conspiratórias do autor terminam afirmando que “a história dramática de Hitler não teve, pois, um epílogo; o império que ele edificou foi sacudido em seus alicerces, mas não tombou” (Botacini, 1977, p. 96).

Analisando seus livros, percebemos que uma das principais fontes de informação do autor, era um alemão chamado Enrico Steiner, que conhecera nos seus tempos de futebolista do C.A. Juventus em São Paulo, entre 1953 e 1955. Enrico comercializava joias, moedas antigas e *souvenirs* (teria presenteado Botacini, certa vez, com duas moedas alemãs, sendo uma da época Hitleriana). “Dizia ser natural de um lugarejo, às margens do Danúbio, e que servira como simples soldado nos exércitos alemães” (Botacini, 1977, p. 96). O alemão, como fonte de Botacini, fez algumas citações que coincidiram e complementaram certas informações colhidas pelo autor nos depoimentos de Nuremberg. Enrico informou:

1º) A fuga empreendida durante a noite de 1º de maio de 1945, por túneis que ligavam a Chancelaria ao Metropolitano e por este até o Rio Spree.

2º) A participação de Bormann nesta fuga.

3º) A fuga de inúmeros líderes para a Espanha e de lá para a Argentina. Entre os quais: Bormann, Mengele e Eichmann (Adolf Eichmann, de fato foi localizado alguns anos após em Buenos Aires).

4º) Submarino alemão, em 1945, deixou grande número de refugiados na Argentina.

5º) Frade espanhol lhe segredara, que Hitler fugira para a Espanha

e que agora estaria oculto em um mosteiro protegido pelo próprio Franco.

6º) Cirurgiões plásticos empreenderam a fuga juntamente com Hitler. O que lhe facilitaria uma operação.

7º) Muitos tesouros nazistas estariam enterrados e ocultos na Suíça e, também, na Turquia. (localizados ouro e documentos no fundo do lago Toplitzsee, nos Alpes Austríacos em 1963).

8º) Bormann e Mengele estariam no Brasil e, talvez, o próprio Hitler. Nestes depoimentos, pudemos observar que muitas citações feitas durante os anos de 1953 a 1955, foram comprovadas em 1960 a 1963 (Botacini, 1977, p. 98).

Depois de um tempo, Stainer desapareceu sem deixar rastro. Botacini foi em busca de seu paradeiro, mas não havia registro de nenhum Erico Stainer na Delegacia de Estrangeiros, tudo levando a crer, portanto, que ele era um nazista fugitivo e usava nome falso. Botacini até menciona sua “principal fonte” de pesquisa nos agradecimentos do livro *Onde Estará Hitler* (Botacini, 1964, p. 7): “pelas suas recordações, conversas, citações e por muitos pormenores sobre os últimos momentos da guerra, durante o mês de abril de 1945”.

Botacini utilizou o passado nazista, por meio de suas histórias alternativas conspiratórias que denunciaram a possibilidade da sobrevivência de Hitler e de seus asseclas, para denunciar, principalmente, a presença impune de criminosos de guerra na América, a existência de grupos neonazistas espalhados pelo ocidente e o efeito disso: o medo do retorno do nazismo, ou seja, criticou o presente por meio dessas narrativas contrafactuais.

Outro autor brasileiro que corroborou, inclusive sendo fonte de Botacini, para a fixação do IV Reich no imaginário coletivo foi o jornalista Juracy Costa (1969). Em 1969, dedicou-se a denunciar o perigo da volta do nazismo em seu livro *O IV Reich: o Ressurgimento do Nazismo*. O autor foca suas denúncias em ex-nazistas que atuavam à época como diplomatas da República Federal Alemã (Alemanha Ocidental) na América Latina. “Entre os embaixadores mais importantes da Alemanha Ocidental, funcionários diplomáticos e colaboradores do Ministério do Exterior, acham-se duzentos ex-nazistas, acusados de crimes durante o regime hitlerista” (Costa, 1969, p. 1). Eles atuariam em toda a América, África, Ásia e Austrália, formando uma extensa organização empenhada em reerguer o nazismo dentro da Alemanha e fora dela.

Dos escombros do III Reich hitlerista – que era para durar mil anos – renasce, mais apurado do que nunca, o IV Reich dos “sociais-democratas” de hoje, remanescentes, em sua maioria, dos barões industriais da Renânia e dos generais da Wehrmacht e da Reichswehr,

que nunca deixaram de existir. E sobre os cadáveres de 40 milhões de mortos – que foi quanto custou a chacina desencadeada pelo “genial estrategista” – ergue-se como uma afronta e um deboche, a Alemanha Federal de hoje, mais gorda e mais corada, eriçada de chaminés e de mísseis [...] (Costa, 1969, p. 13).

Esse é o tom do livro de Costa, em que procura demonstrar como a “Alemanha imperialista de Bonn” estava se reestruturando economicamente com a participação de vários nazistas no poder, até mesmo com tentáculos espalhados por várias regiões do mundo. As especulações do autor, que não apresenta provas concretas para suas afirmações, foram utilizadas por Botacini em seus últimos livros.

É importante frisarmos que tanto o “pitoresco” Botacini (repete informações, não cita provas ou documentos, inclusive usando como fonte o romance *O Dossiê ODESSA*, de Frederic Forsyth), como Juracy Costa escreviam em um período no qual a imprensa mundial, a cultura de massa e até mesmo alguns círculos historiográficos pensavam que o Brasil havia acobertado ou era conivente com os criminosos de guerra que estavam no país. Isso aconteceu devido a alguns casos que trouxeram profundo mal-estar internacional, como, por exemplo, os de: Franz Stangl, Gustav Wagner e, o mais conhecido de todos, Josef Mengele.

Stangl e sua família encontraram refúgio no Brasil em 1951. Porém, em maio de 1967, quando voltava de seu trabalho em São Bernardo do Campo foi preso por agentes da Polícia Federal. Semanas após a sua captura, países como a Áustria, Alemanha e Polônia já haviam requerido sua extradição ao governo brasileiro. Consoante Leal, o caso ficou famoso fora do Brasil gerando expectativas em torno da decisão do governo brasileiro. Robert Kennedy, senador democrata norte-americano, afirmou que não espera outra ação do Brasil a não ser a extradição. Simon Wiesenthal, lembrou que o governo brasileiro “sustentava uma grande responsabilidade neste assunto, devendo, assim, tomar cuidado para não aparecer como defensor de criminosos de guerra” (Pastor de Carvalho, 2015, p. 69). Três meses após a prisão de Stangl, o Supremo Tribunal Federal anunciou que acataria os pedidos da Alemanha e Áustria, enviando-o para a Alemanha Federal em 1969, onde faleceu na prisão em 1971 por causas naturais. Contudo, a grande repercussão do caso acabou “associando, mais uma vez, a imagem do Brasil a criminosos nazistas. Os jornais pareciam mais do que nunca convictos de que os países sul-americanos haviam se transformado em um refúgio para criminosos nazistas” (Pastor de Carvalho, 2015, p. 69).

Gustav Wagner, por sua vez, foi preso pela polícia de São Paulo em 1978, depois de ter seu paradeiro descoberto por Simon Wiesenthal. Alemanha, Polônia, Áustria e Israel solicitaram a extradição dele por ter cometido sequestros

e assassinatos durante a guerra. Mas o Supremo Tribunal Federal (STF) brasileiro indeferiu todos os quatro pedidos alegando erros técnicos na montagem do processo. Dois anos depois de ser solto, Wagner cometeu suicídio por medo de ser capturado pelo serviço secreto israelense, a Mossad. De acordo com Pastor de Carvalho, esta decisão do STF a favor de Wagner causou sérios problemas diplomáticos entre esses países.

Sepp Binder, porta-voz do governo da Alemanha Federal, classificou a decisão do STF como “lamentável” e “incompreensível”. O governo alemão elaborou um *release* – reproduzido em quase todos os jornais de grande circulação do Brasil – declarando que a decisão do governo brasileiro enchia as autoridades alemãs de “muita preocupação” e que era “lamentável o fato de que [o Brasil] tinha dificultado o eficiente combate aos crimes nazistas”. O então Ministro da Justiça de Israel, Shmuel Tamir, taxou a recusa das autoridades de justiça do Brasil de “dolorosa, para não dizer cruel”. O líder judeu Heinz Galinski acusou o Brasil de apoiar um suspeito de ter cometido assassinatos em massa nos campos de extermínio da Polônia. Em Londres, o popular jornal *The Sun*, escreveu que a ação das autoridades brasileiras era “indigna de qualquer governo que queira ser considerado civilizado”. Já Simon Wiesenthal entregou uma carta endereçada ao presidente João Figueiredo revelando “profunda preocupação” diante da decisão do STF (Pastor de Carvalho, 2015, p. 82).

O caso mais famoso, sem dúvidas, foi o do ex-médico do campo de concentração de Auschwitz, Josef Mengele. O “anjo da morte” ficou quatro anos na Alemanha depois da guerra com o auxílio de uma identidade falsa. Em 1949, imigrou para a Argentina. Em 1960, depois da captura de Eichmann e com medo de uma ordem de prisão e de extradição emitida pela Alemanha Federal, trocou de país rumo ao Paraguai. Quando começaram a procurá-lo nesse país, atravessou a fronteira e passou a morar no Brasil, onde viveu até 1979, ano em que morreu afogado depois de sofrer um derrame enquanto nadava em uma praia de Bertioga, litoral do estado de São Paulo. Em 1985, a Alemanha descobriu o local onde ele foi sepultado, exumando o corpo para exames laboratoriais que confirmaram que se tratava realmente de Mengele. De acordo com Pastor de Carvalho, o “caso Mengele” não despertou muitas críticas diretas ao governo brasileiro, pois ele “entrara no país ilegalmente e aqui tinha permanecido longe dos centros urbanos graças à sua identidade falsa”.

O que mais chama mesmo atenção neste caso foi a sua enorme repercussão, fato que cimentou de vez a imagem que associa criminosos nazistas ao Brasil. A descoberta de Mengele foi talvez o acontecimento mais midiático do Brasil em 1985, chegando a ri-

valizar com a cobertura da “Nova República”. *O Estado de S. Paulo*, surpreendido com a quantidade de repórteres de todo o mundo que afluíram para o país a fim de cobrir a descoberta, afirmou que o cenário se assemelhava ao que acontecia em Copas do Mundo, “porém sem o estilo de credenciais penduradas no pescoço”. Em algumas coletivas de imprensa, conta o jornal, os jornalistas estrangeiros eram tantos que superavam os jornalistas do próprio Brasil. De fato, o país testemunhou naquele ano uma verdadeira invasão de equipes de televisão e de repórteres de veículos impressos estrangeiros. Contava-se na casa das centenas os correspondentes de agências de notícias, provenientes principalmente da Europa, mas também dos Estados Unidos, Israel, América Latina e da África. Uma equipe da rede americana NBC fretou um jato para chegar mais rápido ao Brasil (Pastor de Carvalho, 2015, p. 84).

A descoberta do corpo de Mengele no Brasil foi um prato cheio para a imprensa mundial relacionar o país e a América do Sul como um refúgio seguro para oficiais nazistas. Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai seriam verdadeiros paraísos para esses criminosos de guerra. Por exemplo, em 1985 o jornal Estado de S. Paulo publicou uma reportagem denunciando que os criminosos nazistas residentes no continente haviam formado várias organizações entre imigrantes alemães que já moravam na Argentina, na Bolívia e no Brasil (Brasil..., 1985).

Como demonstra Pastor de Carvalho – que analisou em sua tese de doutorado especificamente o caso do colaboracionista letão Herberts Cukurs, morador do Brasil entre 1946 e 1965 – a relação do governo brasileiro com os criminosos de guerra era vista pela imprensa mundial por meio da fórmula explicativa baseada muito mais em especulações do que em pesquisa empírica de fato. Contudo, esta fórmula simplória, reducionista e denunciante contrasta com uma realidade mais complexa, repleta de nuance e contradições, ou seja, não devemos ver uma “proteção” ou “conivência” esquemática e absoluta por parte do governo como falaram muitos jornalistas, cineastas e escritores.

O que se formou com a presença de criminosos de guerra no Brasil, ou uma consequência disso, foram as teorias conspiratórias envolvendo tais pessoas com a suposta reorganização nazista na América do Sul (assunto abordado no próximo capítulo).

3.3 HITLER ESTÁ VIVO: 1980-2016

A queda do Muro de Berlim em 1989 e o conseqüente fim da Guerra Fria colocou o mundo em uma séria crise ideológica, uma vez que o socialismo começava a perder espaço político para o modelo capitalista e o liberalismo eco-

nômico. Essa perspectiva aparecia como a melhor alternativa de sobrevivência para os países desmembrados da URSS e os demais do Leste Europeu recém-democratizados. Essa crise, com o capitalismo sobressaindo-se como a ideologia dominante, impulsionou um dos princípios centrais em todas as histórias alternativas, ou seja, que tudo poderia ter sido diferente, que outras realidades poderiam ser possíveis. O que aconteceria se a URSS tivesse conseguido impor-se ideologicamente sobre todo o mundo? E se o capitalismo tivesse entrado em decadência, gerada por uma nova crise mundial? Nesse contexto, muitas histórias alternativas conspiratórias, com a sobrevivência de Hitler como mote principal, surgiram contestando o *status quo* internacional.

Essas “novas produções”, que não possuem como objetivo produzir conhecimento relevante ou fornecer dados corretos e confiáveis, fazem uma recompilação das informações já apresentadas pelas outras histórias alternativas conspiratórias abordadas até aqui (Szabo, Botacini, Taborda e Santander por exemplo). Por esse motivo, é importante ressaltarmos que a formação de um mito, imaginário ou lenda, acontece a partir de uma contínua repetição e recriação de uma imagem. É a sequência de uma história contada, repetida e reelaborada que vai dando corpo, substância ao imaginário, ou seja, a reprodução e representação em quantidades razoáveis da mesma ideia em literaturas, filmes, programas de televisão e matérias de jornais e revistas, contribui para construir, formar e presentificar essas lendas e mitos no imaginário ocidental.

Identificamos mais de vinte publicações nesse período abordando a temática das histórias alternativas conspiratórias de Hitler. Algumas dessas merecem nosso destaque. Em 1995, o jornalista alemão radicado nos Estados Unidos da América, Gregory Douglas (1995) – cujo verdadeiro nome era Peter Stahl – publicou uma série de quatro livros intitulados de *Gestapo Chief*. Na primeira edição, que obteve mais de setenta mil exemplares vendidos e foi publicado na Alemanha sob o título de *Geheimakte Gestapo-Müller*, o autor pretendeu apresentar documentos secretos contendo “revelações surpreendentes” sobre o III Reich, Hitler, Roosevelt, Churchill e da Segunda Guerra Mundial. A série baseou-se, principalmente, sobre o que o autor afirmou ser acusações detalhadas de Henrich Müller, chefe da polícia secreta nazista – Gestapo, sobre a guerra. O que aconteceu com Müller no final do conflito nunca foi satisfatoriamente estabelecido, assim como vários outros líderes nazistas. Seu corpo jamais foi encontrado, fato que gerou teorias conspiratórias sobre a sua vida secreta em Washington, onde teria trabalhado para a inteligência militar norte-americana durante a administração do Presidente Truman. De acordo com Douglas, o ex-comandante da Gestapo chegou a participar de importantes conferências de segurança da Casa Branca e que, até mesmo, encontrava-se periodicamente com o presidente.

Os três primeiros livros são hipoteticamente baseados em conversas ocorridas na Suíça, em 1948, entre Müller e um agente de inteligência americana chamado James Kronthal. Os temas abordados nessa “entrevista-interrogatório” são variados, envolvendo a política interna e as relações internacionais dos aliados, bem como personagens do período de guerra. Obviamente, a revelação na qual Hitler não havia se suicidado no dia 30 de abril de 1945, pois ele teria fugido para a Espanha com o seu próprio supervisionamento, foi a mais sensacional feita por Müller. Para confirmar a sua teoria, ele apresenta um documento alemão “autêntico” (falso na verdade) datado do dia 20 de abril de 1945, que pretende ser a evidência cabal de que o *Führer* voou da Alemanha para a Espanha duas semanas antes de a guerra acabar na Europa.

Como Douglas conseguiu ter esse documento? Em entrevista à revista norte-americana *The Spotlight*, o autor afirmou que Müller lhe deu pessoalmente esse “documento extraordinário”, quando teriam se encontrado em 1963.⁴⁸ No entanto, não são apresentadas provas concretas da existência desse encontro, muito menos alguma gravação do diálogo/interrogatório entre Müller e o “agente de inteligência americano” James Kronthal. Na conclusão da obra, não há dados, lugares ou datas irrefutáveis que comprovariam a tese da sobrevivência de Hitler, muito menos de que Müller sobreviveu à guerra (a teoria mais aceita é que ele morreu tentando fugir das ruínas de Berlim), ou seja, na obra temos alguns eventos e nomes conhecidos, mas tudo sem uma única evidência que comprovaria tal reivindicação. Como podemos observar, a falta de provas é uma constante nas publicações conspiratórias.

Apesar das repetidas advertências de que Douglas era um mentiroso e que seus livros *Gestapo Chief* eram fraudes, um fator importante para a propagação das suas narrativas foi o apoio do negacionista do Holocausto Willis Carto, mediante dois periódicos que controlava na década de 1990: o semanal *The Spotlight* e a revista bimensal de história *The Barnes Review*. Durante anos, Carto promoveu a venda da série *Gestapo Chief*, organizando a publicação de numerosos artigos e entrevistas com Gregory Douglas.

Os livros de Douglas fizeram tanto sucesso que, em 2005, foi publicado *Hitler's Escape*, de H. D. Baumann e Ron T. Hansic, um livro de apenas 125 páginas pretendendo ser “a maior história de detetive do século XX”. Os autores utilizaram como principal premissa da narrativa o documento falso de Douglas e reafirmaram a teoria da fuga de Hitler antes da queda de Berlim para a Espanha, fazendo conjecturas sem indícios concretos (Baumann; Hansig, 2005). Para o

⁴⁸ Entrevista: *The Spotlight*, 6 de janeiro de 1997, p. 12-14. Pode ser visualizada no site: <https://cryptome.org/douglas.htm>. Acesso em: 15 out. 2023.

internauta Alan Smith, esse livro é uma excelente fonte para qualquer entusiasta interessado no destino de Hitler depois do final da guerra, pois a quantidade de tempo e esforço que os autores investiram na pesquisa do material é “incrível”. Segue Smith: “Eles fizeram um excelente trabalho ao explicar por que e como as informações se encaixam em uma teoria acerca do que aconteceu com Hitler. Este livro é repleto de detalhes credíveis sobre um dos mistérios mais intrigantes da história”.⁴⁹

Para a internauta Sigrid Crining, finalmente um livro citando fatos comprováveis foi publicado em comparação com muitas narrativas ficcionais baseadas em rumores e teorias conspiratórias. “Graças a Deus, este não é um daqueles livros ‘fictícios’ sobre a fuga de Hitler de Berlim que recentemente inundaram o mercado”.⁵⁰ Fenwick Babbit foi mais efusivo: “Surpreendente! Este livro simplesmente explodiu a minha mente. E pensar que Hitler fugiu com milhões de mortes, me deixa doente. Eu realmente espero que ele tenha sofrido uma morte miserável. Espero que ele não tenha deixado descendentes”.⁵¹

Em 2006, outro livro, *Escape from the Bunker*, com cerca de 90 páginas, foi publicado por Harry Cooper (2006) – diretor de uma organização pró-nazista chamada de *Sharkhunters*, com base na Flórida e fundada em 1980 – que ancorou a teoria da sobrevivência de Hitler por meio de uma carta escrita por Don Angel Alcazar de Velasco, um controverso personagem espanhol nazifascista. Velasco era um jovem peão da espionagem nazista na época da Segunda Guerra Mundial, passando informações de um lado para o outro, enquanto no período pós-guerra, além de ser um teórico conspiracionista, foi um alardeador de si mesmo, inventando uma autobiografia antes da sua morte nonagenária na Espanha. No final dos anos setenta, Velasco (1979) afirmou que Hitler escapou da Espanha em 1946, local onde estava escondido desde o final da guerra, com destino à Patagônia. Tudo teria sido acompanhado por ele.

Segundo Cooper:

Este livro é a transcrição fiel de uma carta de 1984 de um homem que eu conheci através da minha organização *Sharkhunters* [...]. Esse sujeito escreveu uma carta me contando a história fantástica de sua experiência como espião da Segunda Guerra Mundial e como “contrabandista de nazistas”. Ele tinha um codinome e tudo.

⁴⁹ Comentário feito no dia 18 set. 2014 e pode ser visualizado no site: <https://www.amazon.com/Hitlers-Escape-Second-H-Baumann/dp/193973990X>. Acesso em: 15 out. 2023. Tradução livre do autor.

⁵⁰ Comentário feito no dia 31 jan. 2015 e pode ser visualizado no site: <https://www.amazon.com/Hitlers-Escape-Second-H-Baumann/dp/193973990X>. Acesso em: 15 out. 2023. Tradução livre do autor.

⁵¹ Comentário feito no dia 30 jan. 2016 e pode ser visualizado no site: <https://www.amazon.com/Hitlers-Escape-Second-H-Baumann/dp/193973990X>. Acesso em: 15 out. 2023. Tradução livre do autor.

Afirmou que era um espanhol e seu nome era Don Angel Alcazar de Velasco. Ele reivindicou ter “contrabandeado” Martin Bormann para fora do *bunker* de Berlim, levando-o com segurança para a América do Sul. Alegou que em 1953 conheceu um homem que aqueles que estavam ao seu redor chamavam de “*Führer*”. O homem tinha uma semelhança estranha, parecido com um envelhecido Adolf Hitler. Don Angel disse que sabia todos os detalhes da fuga de Hitler de Berlim: Hitler tinha sido drogado e em segredo levado por agentes escolhidos para a tarefa. O “Hitler morto” não era nada mais do que um dublê [...]. As alegações são fantásticas – mas tão fascinantes – que eu verifiquei através de contatos com muitos sobreviventes da Segunda Guerra Mundial. Ele era quem ele disse que ele era. E sua história era bastante plausível. Quanto mais eu leio o manuscrito – passando horas com outros especialistas tentando achar buracos na história – mais eu percebo que havia uma boa chance de que este homem estava me dizendo a verdade. Agora eu sei que eu era. Aqui está a história de Don Angel (Cooper, 2006, p. 1).

No mais, o livro é outro que está recheado de erros e inconsistências. O texto é muito desorganizado, não há nenhum índice e a tipografia e impressão são amadoras, deixando a obra com um aspecto de amadorismo e, sobretudo, tosco. Velasco nunca conseguiu provar suas teorias, sendo na verdade um grande falsário e crente em teorias conspiratórias. Chega a ser irônico o fato de outro jornalista que acredita na sobrevivência de Hitler, o espanhol Patrick Burnside (2000), tê-lo identificado como um ludibriador barato. Burnside publicou em 2000, antes mesmo das três obras “toscas” de Cooper, o livro *El Escape de Hitler* com quase setecentas páginas, das quais mais da metade são dedicadas à reconstrução completa dos fatos históricos antes e depois da guerra, do envolvimento da Argentina de Perón com o nazismo e da fuga de criminosos de guerra para a América. Tudo muito bem documentado com base em centenas de citações bibliográficas que suportam e diferenciam o trabalho das demais narrativas sobre o tema que apresentamos. O autor inclusive traça críticas a alguns livros produzidos nas décadas de 1960 e 1970 que representaram a ideia do nascimento do IV Reich.

Apesar de possuir uma certa relevância histórica, o autor faz esse gigantesco trabalho para interpretar os fatos conhecidos por meio da ótica da fuga de Hitler. Burnside sustenta, mediante algumas testemunhas oculares, que o *Führer* se refugiou na Patagônia até a sua morte em 1959, em uma estância próxima ao Lago Argentino e ao Glaciar Perito Moreno, na Patagônia.

No mesmo caminho de Burnside, o jornalista argentino Abel Basti escreveu, até o momento, cinco obras sobre a fuga de Hitler para a Argentina e a vida deste na Patagônia: em 2004, lançou o livro intitulado *Bariloche Nazi*; em

2006, *Hitler en Argentina*; em 2010, *El Exílio de Hitler en Argentina*; em 2011, *Los secretos de Hitler*; em 2014, *Tras los Passos de Hitler: la Investigación Definitiva*. A obra *Bariloche Nazi* (2004) é uma espécie de guia turístico da passagem de vários líderes nazistas, inclusive Hitler, por Bariloche. *Hitler en Argentina* (2006) é mais “surpreendente”, se é que podemos colocar dessa forma, uma vez que Basti desenvolve um livro estilo “book” fotográfico da passagem de Hitler por inúmeras regiões da Argentina.

Os demais escritos do autor tentam ser uma pesquisa séria, aportada por notas de rodapé, supostos documentos oficiais e muitas “testemunhas oculares” (um jesuíta nonagenário que garante ter conhecido Hitler na Argentina é apresentado por Basti como uma de suas mais importantes fontes) que afirmam ter se relacionado com o *Führer*. Fato é que o autor se apropriou do conteúdo dos textos de Douglas, Cooper, Hansic, Burnside e Baumann para oferecer um quadro realístico dos fatos, citando-os repetidas vezes em suas obras como fontes seguras de informações. Além disso, tentou agregar mais valor com o relato de Velasco (um farsante) para fazer suas conclusões conspiratórias acerca da sobrevivência de Hitler.

De acordo com o próprio Basti, em entrevista:

Nunca houve provas de sua morte. Não há perícias criminalísticas que demonstrem o suicídio. O Estado alemão deu Hitler como morto quase 11 anos depois, em 1956, por presunção de falecimento. Ou seja, legalmente, para a Alemanha, Hitler estava vivo depois de 1945. Não só vivo – não era um homem condenado pela Justiça; não havia ordem de captura, nem processo judicial. Enquanto Hitler se encontrava na Espanha, no bunker se representava uma grande farsa, cujo ator principal foi um dos duplos [sósias] de Hitler. Durante as últimas horas, o duplo foi drogado e preparado para que representasse o ato final [...]. A fuga de Hitler estava prevista em um grande plano de evasão – de homens, capital e tecnologia – preparado pelos nazistas. Esse plano, em 1945, recebeu luz verde dos norte-americanos, como resultado de um pacto secreto militar. Os milhares de nazistas que puderam fugir para o Ocidente – dos quais cerca de 300 mil foram para os Estados Unidos – foram ‘reciclados’ [recrutados] para lutar contra o comunismo. Hitler se transformou num dinossauro vivo, protegido e refugiado (Basti, 2014).

Na versão do autor, Hitler chegou à Argentina com 56 anos de idade, vivendo com identidade falsa (usou nomes como Kurt Bruno Kirchner e Adolf Schütelmayer) e no anonimato para não chamar a atenção. Morou em várias partes do país, além de ter passado pelo Paraguai, Colômbia e Brasil. Sempre estava

acompanhado por seguranças e sua atividade política se limitou a algumas reuniões com “velhos camaradas” e com alguns militares argentinos. Hitler teria falecido na Argentina nos anos 1970. A testemunha seria um ex-militar brasileiro, filho de um nazista do alto escalão, que presenciou o sepultamento do *Führer* no dia 5 de fevereiro de 1971. Ele estaria enterrado em uma cripta de um antigo *bunker* nazista no Paraguai, onde hoje está um “moderno e exclusivo hotel”.

Basti ainda utiliza a “Operação Paperclip” como base para sustentar a sua teoria. Sabendo que os Estados Unidos realmente cooptaram cientistas nazistas para o seu lado, para o autor Hitler não teria fugido sem um acordo militar entre os países, o qual consistia em imigração de alemães, dinheiro e tecnologia militar para serem utilizados contra o comunismo em plena paranoia política do Macartismo, em troca da imunidade aos nazistas.

Baseando-se mais em reportagens de agências de notícias que revelavam especulações de suas épocas do que em documentos aceitos por historiadores, Basti não esclarece como Hitler viveu na Argentina, não relata como chegou em suas mãos – nem quem entregou a ele – uma série de outros documentos que comprovariam as suas afirmações e muito menos nos é apresentado datas ou lugares precisos. Basti amplia e requeixa algumas informações contidas nos trabalhos de Douglas, Cooper, Burnside, Baumann e Hansic, mas não apresentou testemunhas fidedignas, pois trabalha mais com “sugestões”, especulações e alguns indícios do que com fatos comprováveis. Sempre alega que se alguma afirmação sua não é convincente a culpa é dos governos, principalmente o norte-americano, que não classificaram os documentos necessários à compreensão do caso.⁵²

Recentemente tivemos uma polêmica envolvendo os escritores britânicos Gerrard Williams e Simon Dunstan (2011), autores do livro *Grey Wolf: the Escape of Adolf Hitler*, publicado em 2011, e o jornalista argentino Abel Basti. Segundo o argentino, o livro lançado pelos dois autores britânicos é uma compilação não autorizada de suas obras: *Hitler en Argentina* (2006) e *El Exílio de Hitler* (2010). *Grey Wolf* refaz o mesmo argumento que Basti já defendeu em seus livros: o de que Hitler teria chegado à costa da Patagônia após semanas de viagem dentro de um submarino, e de lá teria se refugiado na estância “San Ramón”, no sopé dos Andes, próximo a Bariloche. Os britânicos “inovam” apenas quando apresentam uma data exata da morte do *Führer*, aos 73 anos (refutada por Basti, pois acredita no ano de 1971), no dia 13 de fevereiro de 1962, às três horas da tarde, demente, atormentado e traído por Martin Bormann (que não

⁵² Entrevista: *Jornalista afirma que Hitler morou e morreu na Argentina*. A reportagem pode ser visualizada no site: <http://www.revistabula.com/525-jornalista-afirma-que-hitler-morou-e-morreu-na-argentina/>. Acesso em: 15 out. 2023.

sobreviveu aos ataques a Berlim, mas que milagrosamente acompanhou seu chefe nessa “sobrevida”), com a presença apenas de seu médico, Otto Lehmann, e seu fiel assistente, Heinrich Bethe. Outra inovação dos britânicos seria a existência de duas filhas dele com Eva Braun (e não de um menino e uma menina, como sustenta o jornalista argentino). Para Basti:

Eles [os autores] vieram até a Argentina e levaram os meus dados. Eu lhes dei acesso a testemunhas e a documentos para a produção de um livro e de um filme. Eu já havia entregado a Williams toda a investigação publicada em meus livros, quando num determinado momento, ele me informou que a crise econômica de 2008 tinha afetado o projeto e que o mesmo não teria como ter uma continuidade porque os investidores haviam desistido. E agora, ele publica um livro junto com Dunstan, assumindo como se fossem deles as minhas investigações.⁵³

Dunstan e Williams defenderam-se afirmando que nem toda informação de Basti era confiável e por isso romperam com ele. Mantiveram, porém, o seu nome nos créditos do livro. Mas se você espera uma revelação por parte dos autores do local do túmulo de Hitler e Eva Braun na América do Sul, esqueça. Não há detalhes de um funeral, muito menos do local do sepultamento, o que inviabiliza a exumação dos corpos para fazer um exame de DNA.

Apesar de não conseguirem provar suas aclamações em nenhum momento, o livro vendeu significativamente bem, cerca de cinquenta mil cópias nos primeiros meses depois da sua publicação. Nem mesmo as críticas pesadas aos autores – como a de Guy Walters afirmando que eles deveriam ter vergonha por vender este tipo de disparate, pois apelam para fantasias de teóricos da conspiração e não dão lugar a qualquer pesquisa histórica séria –, impossibilitou a obra de ter ganhado a sua versão para os cinemas em 2012, estilo drama documentário, dirigido e escrito por Gerrard Williams e produzido por Magnus Peterson. De acordo com Williams, o filme é uma dramatização dos eventos supostamente reais – a história não contada da fuga de Adolf Hitler para a Argentina no final da Segunda Guerra Mundial – baseado em entrevistas com “testemunhos oculares” e em anos de pesquisas detalhadas.

Não obstante a essas polêmicas, tanto no livro de Gerrard Williams e Simon Dunstan e como nos de Abel Basti – *Los Secretos de Hitler* –, os autores apresentam a mesma casa localizada na Patagônia, onde Hitler teria vivido por algum tempo após a sua fuga da Alemanha, com sua esposa Eva Braun.

⁵³ Jornal on-line *Brasil de Fato*. “Novo livro sobre fuga de Hitler para América do Sul é plágio, garante jornalista argentino”. 20 out. 2011: <https://www.brasildefato.com.br/>. Acesso em: 15 set. 2024.

Quais são as evidências dos autores? Uma testemunha ocular teria avistado Hitler na região. Quem era essa pessoa? Não são apresentados dados sobre. Mesmo assim, a mansão ganhou os noticiários da América e do mundo. Por exemplo, foi destaque de uma reportagem produzida pelo programa de televisão do canal Rede Globo – Fantástico – do primeiro dia de 2012.⁵⁴

Além dessas obras, tivemos outras histórias alternativas conspiratórias da sobrevivência de Hitler que traçaram o mesmo caminho: *Ultramar Sul: a Última Operação Secreta do Terceiro Reich*, de Juan Salinas e Carlos de Nápoli (2010); *Hitler Sigue Vivo: de los Secretos Nazis a Los Experimentos Globalistas para Implantar un Nuevo Orden Mundial*, de Pablo Alegretti (2015); e *The Complete Story of the Planned Escape of Hitler*, de Maximilien de Lafayette (2013). Contudo, antes de encerrarmos essa seção, destacamos mais duas obras: a de Jerome Corsi *Hunting Hitler: New Scientific Evidence that Hitler Escaped Nazi Germany* (2014) e a de Simoni Renée Guerreiro Dias “*Hitler No Brasil—Sua Vida e Sua Morte*” (2012) – livro oriundo da dissertação de mestrado em jornalismo da autora.

Corsi, doutor em Ciência Política pela Universidade de Harvard e autor de alguns *bestsellers*⁵⁵, enfatizou em *Hunting Hitler* os exames de DNA realizados em 2009, na qual comprovaram que o alegado crânio de Hitler mantido pelos russos desde o final da Segunda Guerra Mundial, como prova da morte da sua morte, pertencia a uma mulher de meia-idade. Essa notícia, além de ter sido difundida rapidamente pelo mundo, ajudou a impulsionar as histórias alternativas conspiratórias produzidos de 2009 em diante. Mas, como padrão na grande maioria dessas obras, o autor não apresenta nenhuma fotografia ou outra prova irrefutável que pudesse confirmar a principal tese do livro, ou seja, que Hitler permaneceu vivo após o término da guerra. Quem compra este livro esperando encontrar uma “nova evidência científica” sobre o assunto ficará desapontado, pois o autor não oferece nenhum indício científico. O fato de o crânio não pertencer a Hitler não prova de maneira nenhuma a sua sobrevivência. Prova, antes de tudo, que o fragmento foi mal identificado entre milhares de partes de corpos humanos em torno da Chancelaria, região transformada no final da guerra em um vasto cemitério aberto. Corsi ignorou esses “pequenos” detalhes, acreditando veementemente ser o “não crânio” a prova científica da fuga de Hitler da Alemanha. Nessa lógica, sempre podemos questionar: como ele sobreviveu tanto tempo sem ser descoberto? Conspiracionistas afirmarão que um esquema internacional foi montado para escondê-lo da mídia.

⁵⁴ A matéria pode ser visualizada no site: <https://history.uol.com.br/historia-geral/o-misterio-da-suposta-casa-de-hitler-na-argentina>. Acesso em: 15 out. 2023.

⁵⁵ Os livros: *The Obama Nation* (2008) e *The Great Oil Conspiracy* (2012).

Corsi retoma alguns assuntos costumeiros para provar o seu ponto: a história dos submarinos U-530 e U-977; a suposta sobrevivência de Bormann na Argentina; o duplê deixado para morrer no lugar de Hitler; entre outros. O que torna o livro menos crível ainda é o fato de o autor frequentemente citar outras obras conspiratórias como fonte de informação. Encontramos inúmeras referências aos livros de: Williams e Simon Dunstan, *Grey Wolf*, uma admirável e excelente pesquisa segundo Corsi; Abel Basti, principalmente *El Exilio de Hitler*; Patrick Burnside, *El Escape de Hitler*; e Juan Salinas e Carlos de Nápoli, *Ultramar Sul*.

Em um “documento” apresentado pelo autor, podemos analisar melhor os mecanismos utilizados para provar a sua teoria. Nele, temos a descrição de como Hitler e Eva Braun chegaram ao sul da Argentina a bordo de um submarino. Contudo, uma frase desse documento nos chama atenção: “Newsmen have also reported the following rumors” (jornalistas também relataram os seguintes rumores), ou seja, Corsi baseia-se em rumores, e não em “evidências científicas”, como o nome do livro sugere. Não existe um único documento real em toda obra que comprove a fuga de Hitler para a Argentina.

Seguindo os passos de Corsi, para finalizarmos, em 2014 Simoni Renée Guerreiro Dias publicou o livro *Hitler no Brasil – Sua Vida e Sua Morte*, fruto da sua dissertação de mestrado em jornalismo. A autora repete alguns fatos narrados pela grande maioria das obras conspiratórias, como a teoria na qual Hitler teria forjado o seu suicídio em Berlim para escapar rumo à América do Sul. Simoni inova, todavia, quando afirma que ele viveu até os 95 anos, idade do seu falecimento em 1984, na cidadezinha de Nossa Senhora do Livramento (11 mil habitantes), cerca de 42 quilômetros de Cuiabá, capital do estado brasileiro do Mato Grosso. Na região teria usado o nome falso de Adolf Leipzig, conhecido popularmente como “Alemão Velho”. De acordo com a reportagem do portal de notícias G1:

Graduada em Educação Artística, Simoni começou a pesquisar os últimos anos de Hitler após ouvir boatos de que ele, assim como outros nazistas de primeiro escalão, teria perambulado pela América do Sul após a guerra que derrubou o Reich na Europa. Em “Hitler no Brasil”, a autora registrou a parte inicial da pesquisa e ligou as versões de passagem pela América do Sul a outra história, a de que o Vaticano teria oferecido ao ditador derrotado o direito de posse e o mapa para localização de um tesouro jesuíta escondido desde o século XVIII em uma caverna em Nobres, cidade turística a 151 km de Cuiabá.⁵⁶

⁵⁶ Portal de notícias G1: *Livro defende tese de que Hitler foi enterrado em cidade de Mato Grosso*. 23 jan. 2014. <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2014/01/livro-defende-tese-de-que-hitler-foi-enterrado-em-cidade-de-mato-grosso.html>. Acesso em: 15 out. 2023

A prova da bizarra teoria de Dias é uma fotografia na qual Hitler está ao lado de uma mulher negra. De acordo com a autora, o líder nazista casou-se com ela para não levantar suspeitas da sua presença na região. A pergunta que fica é: o que o antes todo poderoso líder alemão estava fazendo nessa remota localidade do Brasil além de se esconder? Segundo Dias, com auxílio de um mapa cedido pelo Papa Pio XII, ele estava caçando um tesouro hipoteticamente enterrado em uma caverna perto de Livramento. Obviamente, a versão Indiana Jones de Hitler não encontrou tesouro nenhum, mas Dias apresenta outros argumentos para comprovar a sua tese: uma freira polonesa que trabalhava na Santa Casa de Misericórdia de Cuiabá teria identificado Hitler quando foi se tratar no local e quando teria se relacionado com um grupo de moradores suíços da região.

Quanto à publicação de seu livro, 2014, a autora garantiu que faria um exame de DNA com os restos mortais de Adolf Leipzig, comparando com um suposto descendente de Hitler residente em Israel. Mas, até o momento, Renée não se pronunciou sobre tal exame de DNA. Apesar disso, as suposições bizarras da autora se espalharam rapidamente e foram reproduzidas em portais da internet como o G1, History Channel, Uol e o britânico Daily Mail. Somente no portal G1, a reportagem possui mais de 1.600 comentários.⁵⁷ Ainda em 2014, as investigações da autora ganharam espaço em uma reportagem do programa de televisão do canal Record *Domingo Espetacular*, com cerca de vinte e cinco minutos.⁵⁸

Parecendo a sociedade ocidental ter um certo apetite interminável por todas as coisas nazistas, esse discurso também foi reproduzido por dezenas de documentários dos canais por assinatura Discovery Channel e History Channel, evidenciando a enorme fascinação existente, que não parece ter fim, sobre os nazistas. A maioria desses documentários ligam a sobrevivência de Hitler a uma possível conspiração para a construção do IV Reich na América. O enredo, comprovando essa teoria, é basicamente o mesmo apresentado nos livros abordados neste capítulo: submarinos, dublê, Organização ODESSA, presença de vários nazistas na América, Operação Paperclip, falta de um cadáver etc. Do History Channel, emissora mais prolífica sobre o assunto – não é à toa que recebeu a alcunha de Hitler Channel –, podemos destacar: *A Fuga de Hitler* (2011),

⁵⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2014/01/livro-defende-tese-de-que-hitler-foi-enterado-em-cidade-de-mato-grosso.html>; <http://seuhistory.com/noticias/fbi-libera-documento-com-evidencias-que-fortalecem-teoria-sobre-fuga-de-hitler-para>; <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2545770/New-book-claims-THIS-picture-proves-Hitler-escaped-Berlin-bunker-died-South-America-1984-aged-95.html>.

⁵⁸ A reportagem pode ser visualizada no site: <https://www.youtube.com/watch?v=9sOoxRAHpzo>. Acesso em: 24 dez. 2016.

Conspiração Nazi: Plano para Tomar a América Latina (2011), *Continent Nazi* (2015) e *Caçando Hitler* (2016). Do canal Discovery Channel temos: *Adolf Hitler en Argentina* (2011); o episódio número 17 da série *Arquivos Confidenciais* (2015); e *Reescrevendo a História: Caça aos Nazistas* (2015).

Conforme Eva Kingsepp (2010), esses documentários usam o efeito de verdade, ou seja, repetem frequentemente a mesma ideia para parecer real, lançando dúvidas sobre a maneira e a realidade da morte de Hitler. Com seu próprio motor e lógica interna, essa “indústria dos documentários nazistas” tem se autoperpetuado, mesmo quando a maioria do conteúdo apresentado à audiência é amplamente repetitivo, não oferecendo nenhuma introspecção real sobre o regime fascista. Eles focam nos elementos misteriosos do passado e destacam segredos encobertos, questões não respondidas e dúvidas. Como resultado, esse tipo de produção ajuda a remover muitas das certezas que temos sobre a era nazista, aumentando nosso senso de querer mais: mais investigação, mais pesquisas, mais tempo gasto assistindo outros documentários sobre o tema. Portanto, Kingsepp afirma que o nazismo se tornou uma ferramenta de marketing para documentaristas com sua própria racionalidade interna.

Hitler é usualmente o personagem central e frequentemente o único assunto. Os outros líderes nazistas são representados como seus fiéis seguidores. Salvo raras exceções, ele sempre é invocado como a representação do mal, como equivalente no mundo moderno ao Diabo. Para esse fim, Hitler não recebe uma devida “introdução” em muitos documentários, indicando a suposição de um nível de conhecimento do público sobre ele, e quando o introduzem é em termos extremos. Alguns descrevem-no como “o maior gênio do mal do século XX, senhor e criminoso de guerra”, “rei do mal” e “adorador de satã”. Por exemplo, o episódio número 17 da série *Arquivos Confidenciais* do *Discovery Channel* apresenta a teoria na qual o “perverso” Hitler trabalhou para o governo norte-americano depois da guerra ajudando a combater o comunismo de Stalin, e que planejava conquistar o país para reerguer o nazismo.

Estas histórias alternativas conspiratórias que se pretendem reais, tentando ser “uma pesquisa séria”, aportada por notas de rodapé, supostos documentos oficiais e em testemunhas, simbolizam outra característica importante da literatura conspiratória: se não totalmente racional, elas buscam ser intensamente racionalistas e empiricamente relevantes, ou seja, a fim de fundamentar as suas alegações, elaboram e acumulam provas com aparente solidez, imitando, muitas vezes, a metodologia de citação de fonte e apresentação de evidências encontradas em estudos científicos (Hofstadter, 1964). Por outro lado, quanto mais a história é contada, quanto mais as pessoas ouvem isso, mais provável é de se acreditar. O resultado é que as mesmas fontes são repetidas várias

e várias vezes, produzindo uma espécie de retroconfirmação. Se a fonte é citada muitas vezes, “deve ser verdade”.

Observamos esse fato, quando os teóricos da conspiração citam uns aos outros em seus trabalhos, utilizando notas de rodapé. Aqui chegamos a um ponto importante: a distinção do senso comum entre fato e ficção se derrete no mundo conspiratório. De acordo com Barkun, os conspiracionistas alegam que aquilo considerado pelo mundo como fato é, na verdade, ficção, e aquilo que se apresenta como ficção é realmente verdade. Nesse sentido, a realidade toma forma de ficção (por meio da literatura, do cinema e da televisão), porque a sua representação direta seria muito perturbadora e por isso precisava ser embrulhada em uma ficção (Barkun, 2003).

3.4 LIMITES BORRADOS

O termo ficção geralmente está relacionado a inverdade, imaginação, atos ou efeitos do fingir, simulação, criação. Segundo o historiador norte-americano David Lowenthal (1995), a ficção é componente importante para a compreensão histórica, pois muitas pessoas apreendem o passado mais por intermédio de romances históricos do que por meio de alguma história formal. Isso aconteceu porque enquanto os historiadores retiraram-se ao rigor empírico, os romancistas assumiram “os mais ricos, senão os mais fantasiosos aspectos do passado que os historiadores abandonaram” (Lowenthal, 1995, p. 127). Entretanto, para uma história ser “verdadeiramente” fictícia, ela precisa ser parcialmente “fiel” ao passado. Não pode ser meramente imaginada, dado que ninguém poderia entendê-la:

Alguns romances usam a história como pano de fundo para personagens imaginários; outras transformam em ficção as vidas de personagens reais, inserindo episódios inventados entre acontecimentos verdadeiros; já outros distorcem, acrescentam e omitem. Assim como na ficção científica, alguns passados ficcionais são paradigmas do presente, e outros são exoticamente diferentes; ambos inventam o passado para deleite dos leitores (Lowenthal, 1995, p. 126).

O historiador José Carlos Reis afirma que a narrativa ficcional não está obrigada às datas do tempo calendário, à sucessão de gerações, ao local e aos vestígios como os historiadores o fazem. O produtor de ficções envia a sua memória aos braços da imaginação, que se entrelaçam e se confundem. Para ser persuasivo, verossímil, ou possuir certo grau de inteligibilidade, o “provável” da ficção deve ser como o “provável” da historiografia – plausível, aceitável como real. Uma ficção muito delirante, improvável, não se refere à realidade do leitor nem a transforma (Reis, 2010, p. 81).

De acordo com o alemão Wolfgang Iser (2013), um dos maiores expoentes da Teoria da Recepção, a ficção é a condição para superar o existente e projetar o ainda inexistente, possibilitando a invenção de um possível acontecimento como prognóstico de uma outra realidade. Ela pode romper os horizontes limitados de expectativas que a pessoa possa ter do mundo e de si mesmo. Nessa lógica, a ficção não se opõe à realidade, mas antes a complementa.

A relação opositiva entre realidade e ficção retira da discussão uma dimensão importante, pois para Iser há na narrativa ficcional muita realidade que não só deve ser identificável como realidade social, mas também pode ser de ordem sentimental e emocional. Realidade e ficção, portanto, não devem ser considerados opostos, mas são diferentes, interdependentes, complementares e, principalmente, intercambiáveis. Trata-se da necessidade de compreender a narrativa ficcional, independentemente do meio ao qual está veiculado, como um elemento importante na formação da subjetividade humana e na construção da realidade e da consciência histórica (Iser, 2013).

Para Iser, a ficção não deixa de se inscrever em um determinado imaginário que torna presente o ausente ou o não dado, guiado pelo conhecimento e por fatores cognitivos carregados de memória. A ficção, ou o ato de ficcionalizar o real, é inerente ao ser humano, e “tenha consciência dele ou não, depende dele para praticamente tudo, da realização das tarefas corriqueiras à busca de conhecimento sobre si mesmo acerca do mundo” (Iser, 2013, p. 9).

Ao compreendermos a ficção e os imaginários como elementos que compõem a sociedade, em consequência nos constituindo, podemos saber um pouco mais sobre a nossa realidade. Assim, as ficções podem integrar uma importante fonte histórica quando nos fornece acesso ao imaginário de uma determinada época. Por meio delas podemos identificar as sensibilidades, as afetividades e as formas de ver a realidade de um outro tempo.

Contudo, ainda que existam pontos de intersecção e relação entre ficção e realidade, história e ficção, por sua vez, possuem diferenças e limites. De acordo com Lowenthal (1995), o escritor de ficção é forçado a inventar personagens e acontecimentos, ou pensamentos e ações imaginárias para pessoas reais do passado. Para o historiador, o seu ofício proíbe-o sabidamente de inventar ou de excluir algo que afete suas conclusões, ou seja:

Ao se denominar um historiador e a seu trabalho a história, ele escolhe que ela seja julgada pela exatidão, consistência interna e congruência com os registros remanescentes. E ele não se atreve a inventar um personagem, atribuir características desconhecidas ou incidentais aos personagens verdadeiros, ou ignorar caracterís-

ticas incompatíveis de modo a tornar sua narrativa mais inteligível, porque não poderia esconder tais invenções daqueles que têm acesso aos registros públicos nem justificá-las quando descobertas (Lowenthal, 1995, p. 134).

Para Ginzburg, o compromisso com a verdade é o principal diferencial do texto dos historiadores para com o texto literário, uma vez que o historiador articula seus argumentos apresentados com provas, documentos e testemunhos. No texto ficcional, não há necessidade de embasamento em provas e testemunhas, a liberdade poética é seu principal alicerce (Ginzburg, 2002).

Michael de Certeau (1999) afirma que a possibilidade de verificação de seus resultados por meio dos vestígios faz com que a história possua um caráter científico. Dessa forma, apesar de reconhecer a impossibilidade de reconstituição do passado, o ofício do historiador, a sua metodologia, apresenta várias etapas: a escrita, a pesquisa em arquivos, as entrevistas, a consulta de testemunhas etc. Partindo da premissa de seu lugar de fala, Certeau não separa a história das outras ciências, pois todas estão ligadas às suas respectivas comunidades científicas, ou seja, aos seus pares.

Paul Ricoeur (1997), corroborando com a premissa de o passado não poder ser resgatado em sua completude, também defende o caráter científico da pesquisa histórica, porque acredita que ela estabelece um compromisso com o passado por meio de seu discurso sobre ele. Diferentemente do campo ficcional com sua liberdade poética, o historiador não possui uma liberdade discursiva para narrar os fatos da maneira como ele quiser.

Todos esses historiadores citados possuem em comum o fato de compreenderem que a história tem um compromisso com a verdade, diferenciando-se do campo ficcional. Sendo assim, a História tem como: 1) *objeto de estudo* – as rupturas e permanências através do tempo; 2) *metodologia* – o recorte temporal, o recorte de documentos, as pesquisas em arquivos, as entrevistas com testemunhas, as perguntas feitas aos vestígios etc.; 3) *base* – critérios de verificabilidade. O discurso do historiador é legitimado por aquilo que o documento oferece como prova.

O mito da sobrevivência de Hitler persuadiu milhares de pessoas de que é correto rejeitar os historiadores, menosprezá-los como mentirosos e enganadores. Os teóricos da conspiração poluem o conhecimento, incentivando as pessoas a duvidar de obras de pesquisa e erudição acadêmica e desmoralizam a reputação de historiadores legítimos. Ao arruinar a credibilidade de livros, as conspirações substituem a realidade por mitos. Se historiadores sérios estão errados sobre a morte de Hitler, então talvez estejam errados em relação a todo o

resto, incluindo o Holocausto. Podemos perceber que muitos adeptos da teoria da sobrevivência de Hitler são também antissemitas e negacionistas do Holocausto. Essa narrativa fraudulenta é uma ofensa aos veteranos de guerra e às milhões de vítimas do nazismo, ao retratar Hitler e seus comparsas como super-homens astutos, capazes de derrotar seus inimigos por meio da astúcia. Certamente, nem todas as teorias conspiratórias têm motivações políticas malignas. No entanto, todas compartilham um ceticismo radical, embora de certa forma ingênuo, que não apenas questiona as conclusões de pesquisas históricas, mas também a própria noção de verdade. Quando a ideia de verdade é desacreditada, a capacidade de organizar a sociedade de forma racional e baseada em decisões sensatas, fundamentadas e criteriosas é comprometida (Evans, 2022).

Apesar desse debate, queremos destacar que as produções ficcionais são amplamente representadas na cultura de massa, possuindo um grande alcance e, portanto, são importantes para a formação de uma consciência histórica para um bom número de pessoas. Isso acontece, por exemplo, com as histórias alternativas aqui estudadas. Quando as pessoas não possuem os instrumentos necessários em sua “caixa de ferramenta” para analisar mais profundamente esses discursos – que se apresentam de forma fascinante e fundamentados em supostos documentos, provas, imagens, entrevistas –, elas podem acreditar mais facilmente em um mundo recheado de conspirações.

Há alguns anos, escutei de um amigo a seguinte frase: “desculpe-me, mas tudo o que você aprende no curso de História, você pode aprender assistindo o *History Channel*”. Esse exemplo demonstra que a História acadêmica, com várias metodologias e teorias, muitas vezes, não é a mesma para a grande maioria das pessoas. Nesse sentido, não é de se espantar que livros, filmes, programas de televisão, matérias de jornais e revistas que abordam a temática da sobrevivência nazista, assim como os *youtubers* que disseminam a ideia de o nazismo ser de Esquerda, tenham vendagem garantida nas livrarias e bancas de todo o mundo e que exista um público predisposto a acreditar nesses discursos, nessas versões da história. Colabora com isso o fato de os historiadores não poderem tecer narrativas cômicas, ou mesmo irônicas, sobre alguns eventos muito marcantes na memória coletiva, como o Holocausto. Em outros gêneros, por exemplo, produções cômicas sobre tais fatos do passado chamam ainda mais a atenção do público.

Não podemos negar que as narrativas conspiratórias sobre o nazismo surgiram, e muitas outras surgirão, do fato de não sabermos com certeza o destino final dos restos mortais do *Führer*, ainda mais quando a maior prova de sua morte foi considerada falsa (a ossada em domínio russo). No cerne dessas teorias, temos um tipo de história alternativa que chama nossa atenção pela gran-

de produção: a ideia na qual os nazistas foram para a Antártida após a derrota na Segunda Guerra Mundial.

3.5 OS DISCOS VOADORES NAZISTAS E A BASE SECRETA NA ANTÁRTIDA: 1960-2016

“O almirante Byrd declarou hoje que era necessário que os Estados Unidos iniciassem medidas de defesa contra a possível invasão do país por aviões hostis vindos das regiões polares. O Almirante declarou: “Não quero assustar ninguém indevidamente, mas é uma amarga realidade que, no caso de uma nova guerra, o continental Estados Unidos será atacado por aviões voando de um ou de ambos os polos”.⁵⁹

Diferentemente das publicações focadas em denunciar apenas a sobrevivência de Hitler, as abordadas nesse tópico enfatizaram suas hipóteses na construção de uma fortaleza nazista localizada na Antártida, onde teriam criado um esquadrão de discos voadores com o objetivo de dominar o mundo. Tais narrativas apresentam os nazistas de Hitler, o líder messiânico salvador da nação, com origem ou, pelo menos, orientação alienígena.

Analizamos que Szabo, em 1947, já denunciava a existência de uma base nazista na Antártida – *New Berchtesgaden* – com o intuito de proteção no pós-guerra. Longe de ser o único a escrever sobre o assunto, dezenas de outros escritores também teceram suas narrativas sensacionais de tal imaginário ao longo da segunda metade do séc. XX e início do séc. XXI. Essa grande produção, trinta e duas computadas por nós, evidencia a circularidade do imaginário conspiratório da sobrevivência do nazismo, dessa vez com requintes ainda mais fantásticos.

Nessa produção, merece destaque as obras de: Mattern e Friedrich, imigrantes alemães radicados em Santiago do Chile⁶⁰; Wilhelm Landig (1980), ex-membro da SS e adepto do ocultismo; e dos norte-americanos Buechner e Bernhart (1989) e Henry Stevens (1997). Segundo Summerhayes e Beeching (2007, p. 6), as alegações desses autores sobre a construção de uma base alemã na Antártida com o objetivo de se refugiar, após o fim da Segunda Guerra Mundial, parecem ser especulações inteiramente criadas por suas mentes férteis, dado que diferem uns dos outros quanto a localização, tamanho da operação e momento e forma da sua construção.

⁵⁹ *Jornal El Mercurio*. Santiago do Chile, 5 mar. 1947.

⁶⁰ *UFOs: Nazi Secret Weapons?* (1975) e *Germany's Antarctic Claim* (1979).

Segundo os autores, um deles fabricou a prova, Szabo, e nenhum outro foi capaz de citar as fontes literárias originais que sustentariam suas reivindicações. Ademais, todos utilizaram a frase do Almirante Dönitz para dar inteligibilidade aos seus argumentos, quando este afirmou que a frota submarina alemã tinha orgulho de ter construído para o *Führer*, em outra parte do mundo, um *Shangri-La* na terra, uma “fortaleza inexpugnável”. Citando um ao outro, nenhum desses autores menciona nenhuma fonte original da referida frase, simplesmente a repetem como prova irrefutável da existência da base. Sob tais circunstâncias, as declarações criadas por Szabo sobre essa possível base nazista parecem ser pura invenção da sua mente, um alicerce instável que outros autores construíram ao longo do tempo como um “castelo de cartas”.

Muitos desses escritores, entretanto, não restringiram suas especulações conspiratórias apenas em localizar a base nazista na Antártida. Eles relacionaram tal empreitada com o desenvolvimento de um esquadrão de discos voadores, com tecnologia altamente avançada, que tinham como objetivo ajudar os nazistas a voltar ao poder e, assim, formar o IV Reich. Rodolpho Gauthier Cardoso dos Santos afirma que podemos identificar no contexto da Guerra Fria o aparecimento dos objetos voadores não identificados – Óvnis – e sua relação com seres extraterrestres. Segundo o autor, o clima de tensão, insegurança e medo proporcionado por esse momento histórico influenciou a formação dos relatos sobre os óvnis, ao estimular muitos a olhar para o céu em busca de novas armas e aeronaves.

Reais ou não, provocados pelo medo da guerra ou não, os discos voadores foram interpretados pelas pessoas a partir dos dados e sentimentos daquele momento histórico, os quais, não sem razão, eram bastante pessimistas. Os *flying saucers* nasceram em uma época permeada pelo horror e pela ansiedade e isso ficou registrado nas crônicas angustiadas da época (Gauthier, 2009, p. 59).

Cardoso dos Santos explica como os discos voadores, vistos inicialmente como meros boatos, passaram a ser pensados como armas secretas, depois como aeronaves extraterrestres, para finalmente se cristalizarem na ideia de visitantes de outros planetas, pois seu suposto desempenho era muito maior ao de qualquer tecnologia humana conhecida. “Avistados” pela primeira vez em 1947 na cidade de Chevalis, estado de Washington, pelo empresário Kenneth Arnold, os discos voadores logo se transformaram em uma importante representação no imaginário cultural popular. Revistas e filmes de ficção científica⁶¹,

⁶¹ Filme: *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*. Direção: Steven Spielberg. Duração: 135 minutos, 1978. Filme: *E.T. – o Extraterrestre*. Direção: Steven Spielberg. Duração: 120 minutos, 1982. Filme: *Independence Day*. Direção: Roland

relatos de encontros com alienígenas, séries de televisão como Arquivo X, corroboravam com a ideia de visitas extraterrestres e generalizavam a crença na qual o governo norte-americano estaria conspirando para acobertar a existência de óvnis e alienígenas. “Uma indústria real de óvnis existe hoje em dia, com centenas de livros sendo publicados todos os anos, abordando ‘avistamentos’, abduções, recuperação de naves acidentadas e até mesmo autópsias de alienígenas” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 196).

Os teóricos conspiratórios não perderam tempo e logo relacionaram os nazistas com a poderosa mitologia dos óvnis. Desde o final da guerra, começaram a circular boatos de que os objetos voadores não identificados eram armas alemãs superdesenvolvidas construídas na época do III Reich. Após a rendição dos alemães em 1945, tal tecnologia teria sido transportada para bases secretas na Antártida e na América do Sul, sendo que o grande número de “avistamentos” de óvnis a partir de então foi atribuído à presença de nazistas em regiões remotas e inacessíveis do mundo. Durante a década de 1970, conspiracionistas alegavam que uma grande força militar de óvnis nazistas altamente avançados, controladores de quase toda a Antártida, poderiam, a qualquer momento, “decolar para libertar o mundo ignorante do jugo das duas superpotências, assim como dos males do pós-guerra, a democracia e o liberalismo” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 197).

Entre 1951 a 1955, Erich Halik, um membro do círculo neonazista de Wilhelm Landig, publicou uma série de artigos na revista austríaca *Mensch und Schicksal*, afirmando que os “avistamentos” de discos voadores no pós-guerra eram, na verdade, aeronaves alemãs que decolavam a partir de algum lugar do Polo Norte. Conforme Goodrick-Clarke, a publicação de Halik chamou pouca atenção na época, mas nela já estava esboçado o conteúdo principal da mitologia dos óvnis nazistas, ou seja: os discos voadores eram um importante parte do plano alemão de criar um Estado extraterritorial antes de um novo ataque dos inimigos Aliados após 1945.

A primeira conexão feita entre os óvnis do pós-guerra e os fugitivos nazistas no Hemisfério Sul foi feita por Michael X. Barton em alguns livros sensacionalistas publicados em Los Angeles durante a década de 1960. Seu primeiro livro, *We Want You: is Hitler Alive?* (1960), foi baseado nas histórias dos submarinos U-530 e U-977, sustentando veementemente a ideia na qual o *Führer* estava na Argentina, onde óvnis estariam sendo desenvolvidos por cientistas alemães em instalações subterrâneas secretas:

Emmerich. Duração: 140 minutos, 1996. Filme: *Independence Day: O Ressurgimento*. Direção: Roland Emmerich. Duração: 120 minutos, 2016.

[...] esses óvnis eram supostamente modelados a partir dos discos voadores “eletromagnéticos” em forma de sinos e feitos de cobre, em Viena, por Viktor Schauberger, um inventor austríaco, em 1940. O segundo livro de Barton, *The German Saucer Story* (A história dos Discos Alemães – 1968), descrevia [...] que os cientistas alemães estavam agora ocupados, montando discos voadores de grande porte, em fábricas subterrâneas, comparáveis às instalações da época da guerra em Nordhausen e Bleicherode, em regiões remotas da América do Sul, África do Sul e, possivelmente, Antártida (Goodrick-Clarke, 2004, p. 202).

Na década de 1970, dois editores neonazistas ajudaram a elaborar mais um pouco esse poderoso mito da ressurgência nazista ligada a discos voadores. Estamos nos referindo ao austríaco Wilhelm Landig e ao alemão-canadense Ernst Zundel. Por meio da editora criada por eles, Samisdat Publications, de Toronto, eles inundaram o submundo neonazista com livros não ficcionais que glorificavam Hitler e o III Reich, negando também o Holocausto (Goodrick-Clarke, 2004, p. 204). O enredo das publicações da Samisdat era o mesmo de Barton: acreditavam na fuga do “messias Hitler” e na construção de enormes bases secretas na Antártida, onde eram desenvolvidos os discos voadores que possibilitariam o retorno nazista.

O primeiro livro publicado pela editora foi *UFOs: Unbekanntes Flugobjekt? Letzte Geheimwaffe des Dritten Reiches (Objeto voador não identificado? Última arma secreta do Terceiro Reich)*, de 1974, escrito por Willibald Mattern. Em 1975, Mattern com Christof Friedrich (ou seja, Ernst Zundel) publicaram o livro *UFOs: Nazi Secret Weapons?* (Mattern; Friedrich, 1975). Segundo os autores:

- 1) O resultado final da Segunda Guerra Mundial ainda estava para ser decidido. O “Último Batalhão” de Hitler (os discos voadores) estava esperando por sua oportunidade de ouro para ser a arma letal em qualquer nova conflagração prestes a ocorrer;
- 2) As guerras da Coreia e do Vietnã, provocaram uma exibição prematura do Último Batalhão;
- 3) Hitler defendeu seu esconderijo secreto com sucesso contra Byrd, que recuou e reconheceu a superioridade das armas secretas e dos óvnis nazistas;
- 4) O “novo III Reich” (ou o IV Reich) tem vantagem tecnológica em relação aos seus adversários da Segunda Guerra Mundial;
- 5) Idealismo (espírito) triunfou sobre o materialismo (dinheiro), uma vez que apenas o Estado alemão foi destruído, mas não a ideologia do nacional-socialismo;

6) Há uma cobertura há mais de 30 anos sobre a verdadeira identidade dos óvnis. Suas origens são conhecidas, mas foram suprimidas deliberadamente pelos governantes da “Aliança Profana” de 1939-1945;

7) A verdadeira e única razão do insano encobrimento dos óvnis pode ser encontrada na origem germânica da maioria deles. Os Aliados do Oriente e do Ocidente contaram tantas mentiras sobre o comportamento bárbaro e sádico dos nazistas, que agora temiam o pânico generalizado entre suas populações, caso a verdade seja conhecida. Afinal, se os nazistas ainda estão por perto, não seria lógico e natural para eles se vingarem um dia? Isso aconteceria com a ajuda de seus óvnis altamente desenvolvidos (Mattern; Friedrich, 1975, p. 100).

Ernst Zundel também publicou seus livros sobre o tema com o pseudônimo de Christof Friedrich: *Secret Nazi Polar Expedition*, de 1978 (*Expedições Polares Secretas dos Nazistas*) e *Hitler am Südpol*, de 1979 (*Hitler no Polo Sul?*). Tanto Zundel como Mattern acreditavam na existência de um gigantesco complexo de fábricas subterrâneas, silos de discos voadores e guarnições militares nazistas no continente gelado, de onde poderiam se reorganizar após a derrota na Europa. O fenômeno global de “avistamentos” de discos voadores após 1947 confirmaria a existência dessa colônia nazista com tecnologia extremamente avançada. Os autores citam a Operação Highjump, comandada pelo almirante Richard Byrd nos anos de 1946-1947, como um forte indício da ameaça imposta pelo “Último Batalhão” nazista, ainda mais quando a missão foi abortada “inesperadamente”. Dessa forma, desde 1947 o poder nazista na região antártica teria permanecido indisputado. “Em um cenário de crescente caos racial e catástrofe econômica, milhares de óvnis nazistas irão um dia alçar voo para restaurar o poder mundial da Alemanha, em um ato apocalíptico de libertação” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 207).

Zundel também relacionou os nazistas e sua suposta base com visitas extraterrestres: será que eles na Antártida descobriram um acesso ao centro da terra? Os nazistas descobriram antigos segredos em suas expedições ao Himalaia e Tibete? Os extraterrestres de outras galáxias ajudaram os alemães com seus projetos de discos? Para o autor, essa colaboração se baseou em uma espécie de parentesco ancestral entre alemães e extraterrestres e o que legitimaria esse fato era um suposto relato de contato com óvnis cuja tripulação falava alemão. A partir disso, Zundel especulou se a nação alemã não seria, na verdade, uma colônia de Saturno estabelecida na Terra há muito tempo: “será que isso explicaria por que os alemães se destacam como soldados, engenheiros e tecnólogos?” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 208).

Em 1964, o escritor esotérico estadunidense Raymond Bernard alegou, em seu livro *A Terra Oca*, que o próprio Almirante Byrd (comandante da Operação Highjump) teria declarado, em alto e bom tom, ter visitado uma região do interior da Antártida habitada por uma raça de alienígenas que estava ali há milênios com a missão de analisar o desenvolvimento da vida humana na Terra. Tudo isso foi descrito em um suposto diário secreto de Byrd, no qual afirmava ter descoberto uma abertura para entrar no interior da terra através dos polos. Bernard difundiu esse suposto diário em sua obra, a qual dedicava aos:

Futuros Exploradores do Novo Mundo que existe além dos Pólos Norte e Sul, no interior oco da terra. Àqueles que repetirão o vôo histórico do Almirante Byrd, por 2.730 quilômetros além do Pólo Norte, e o da sua expedição, por 3.690 quilômetros além do Pólo Sul, penetrando num Novo Território Desconhecido, que não é mostrado em qualquer mapa, e sobre uma imensa superfície de terras, cujo tamanho total é maior do que o da América do Norte, constituindo-se de florestas, montanhas, lagos, vegetação e vida animal. O aviador que for o primeiro a alcançar este Território Novo, desconhecido até que o Almirante Byrd o descobriu, ficará na história como um Novo Colombo, e até mesmo maior do que Colombo, porque enquanto Colombo descobriu um novo Continente ele descobrirá um Novo Mundo (Bernard, 1969, p. 3).

De acordo com o “diário”, Byrd teria pousado em uma floresta tropical dentro da Terra, onde foi recepcionado por seres Atlantes, descendentes do antigo reino perdido da Atlântida. Ele teria sido proibido de falar sobre o caso pela Marinha dos Estados Unidos, sob pena de ser preso, e pelos próprios extraterrestres. Os Atlantes revelaram-se espiritualmente evoluídos e queriam impedir os humanos de detonar mais bombas atômicas na superfície do planeta, pois isso estava abalando as suas estruturas internas.

Seguem algumas passagens do “diário” de Byrd:

Escrevo este diário em absoluto segredo me referindo ao meu voo no Ártico do dia 19 de fevereiro de 1947, virá uma época onde a racionalidade do homem se dissolverá em nada e então deverá ser aceita a inevitabilidade da verdade. Eu não tenho a liberdade de divulgar este documento e talvez ele nunca chegue ao conhecimento de todos, mas, de qualquer forma devo fazer o meu dever de relatar com a esperança de que um dia todos possam viver em um mundo onde o egoísmo e a avareza de certos homens já não poderão esconder a verdade [...]. Volto a dizer que não alucino, existem estranhas aeronaves sobrevoando ao nosso lado e quando se aproximam algo irradia delas. Estão muito próximos e apro-

veito para ver suas insígnias, sem sucesso, posso comprovar que se trata de um símbolo estranho, uma suástica nazista, mas não se trata de um exército ou civilização conhecida. Onde estamos? O que aconteceu?.⁶²

As partes mais bizarras desse diário dão conta dos traços nazistas dos alienígenas. Eles eram chamados de Ariannis, falavam inglês com um sotaque alemão, eram descritos como típicos loiros nórdicos e suas embarcações e aviões possuíam a suástica nazista. Todo o “diário” soa quase como uma paródia Teosófica com os alienígenas nazistas representados como radiantes criaturas pacíficas que só queriam o melhor para os humanos. Não há provas de que Byrd tenha deixado um diário contendo tais afirmações, mas isso não o impediu de ser amplamente difundido e utilizado como base para futuras reivindicações envolvendo os nazistas com discos voadores, bases secretas e extraterrestres.⁶³

Ao longo da segunda metade do séc. XX, o diplomata, explorador e poeta chileno Miguel Serrano publicou quatro obras “não ficcionais” sobre a crença na qual Hitler havia escapado das ruínas de Berlim e encontrado refúgio ou na Antártida ou bem abaixo da calota polar, repetindo as alegações feitas por Ladislao Szabó: *La Antártica y otros Mitos* (1948), *El Cordón Dorado: Hitlerismo Esotérico* (1978), *Adolf Hitler, el Último Avatãra* (1984) e “*Manú: por el Hombre que Vendra* (1991).

Para Serrano, antes da derrota do III Reich, os nazistas já haviam preparado um refúgio secreto sob a calota polar da Antártida, possivelmente aliados com a raça humana dos hiperbóreos⁶⁴, que há muito tempo colonizaram o interior da Terra, oca no final das contas. O autor também mencionou “universos paralelos” e “fendas espaciais astrais” para justificar a sua crença na sobrevivência de Hitler em outra dimensão e a iminente transfiguração de nosso mundo. Hitler era identificado como um avatar (o décimo) dos deuses Vishnu, Shiva ou Wotan, que veio liderar os heroicos arianos de volta para sua divindade há muito perdida, inaugurando uma nova Era. Sendo avatar de Vishnu, Hitler não teria morrido no *bunker* e muito menos perdido a guerra. Ele escapou de Berlim em 1945, provavelmente por meio de uma espaçonave de tecnologia extraterrestre, exilando-se em uma base subterrânea no Polo Sul de onde continua, até hoje, comandando uma guerra oculta e invisível no mundo.

⁶² Trechos do suposto diário do Almirante Byrd pode ser encontrado em: http://viafazine.jor.br/site_vf/pag/1/antar-tida.htm. Acesso em: 15 out. 2023.

⁶³ Em 2014, o diário foi publicado como se o próprio Byrd (2014) fosse o autor, com o nome de *The Missing Diary of Admiral Richard E. Byrd*.

⁶⁴ De acordo com a mitologia grega, hiperbóreos são povos que habitam o extremo norte da Europa e da Ásia em um território inalcançável onde não há doenças, guerras e levam uma vida perfeita.

Serrano concorda que os arianos são Homens-deuses Hiperbóreos, enquanto os judeus são uma sub-raça ou antirraça criada por uma divindade inferior.⁶⁵

Em entrevista realizada por Kerry Bolton a Miguel Serrano em 1994, o autor definiu o que é ser um “hitlerista esotérico”:

Hitler disse que “quem pensa que o Nacional-Socialismo é somente um movimento político, não entendeu absolutamente nada sobre ele”. O Nacional Socialismo sempre foi o hitlerismo, e o hitlerismo sempre possuiu um fundo esotérico. No fim de 1930 e durante os anos de guerra, não foi possível, ou conveniente, que este tema fosse amplamente conhecido. De qualquer maneira, após a guerra e a sua aparente perda, não houve outro caminho para o hitlerismo senão o desenvolvimento esotérico. Para mim o hitlerismo esotérico é um ser possuído pelos arquétipos da inconsciência coletiva que os gregos usaram para venerar deuses como Apolo, que representa Wotan para os germânicos e Vishnu ou Shiva para os hindus – e este é o desenvolvimento nas almas, individuais e coletivas, dos atuais guerreiros hitleristas. Isto significa uma nova/velha religião, com todos os seus rituais e mitos que são necessários serem descobertos ou redescobertos. O seu drama principal é a aparição da pessoa de Adolf Hitler nesta terra, o último avatar que veio para produzir está enorme tempestade, esta catástrofe ordenada, com o intuito de despertar todos aqueles que estão adormecidos, abrindo a Nova Era que virá após o dilúvio. Esta é a razão por que nós demos início à contagem do começo da Nova Era após o aniversário de Hitler. Nós estamos no ano de 105.⁶⁶

Serrano (um negacionista, ou seja, acreditava que o Holocausto foi uma grande farsa, uma invenção) afirmou saber as raízes secretas do hitlerismo e quem de fato Adolf Hitler foi: um mago detentor da capacidade de sair do seu próprio corpo para comunicar-se com outros seres de formas espirituais, não corporais. Para ele, o hitlerismo ressurgirá de forma imparável e no futuro será mais do que um sistema político, será uma religião. Similar ao que os próprios nazistas fizeram com o partido durante o período no qual governaram a Alemanha.

A temática dessas histórias alternativas conspiratórias também foi abordada por outros escritores conspiracionistas durante as duas décadas finais

⁶⁵ Miguel Serrano nasceu em Santiago, Chile, em 1917. Viajou para a Antártida e para o Himalaia, onde esteve junto do Dalai Lama. Ocupou o cargo de embaixador chileno na Índia, entre 1953 e 1963; Iugoslávia, entre 1962 e 1964; Áustria, entre 1964 e 1970; e esteve em várias outras comissões internacionais. Ele se autodenomina “Hitlerista esotérico”.

⁶⁶ SERRANO, Miguel. Entrevista. *Clube Cético*, s.d. A entrevista pode ser visualizada em: https://es.metapedia.org/wiki/Miguel_Serrano#Entrevista_realizada_por_Kerry_R._Bolton_a_Miguel_Serrano_en_1994. Acesso em: 15 set. 2024.

do séc. XX. Em 1980, podemos destacar as seguintes publicações: do austríaco Wilhelm Landig (1980) (escritor prolífico sobre o tema, isso pode ser explicado por ser um neonazista); do escritor britânico W. A. Harbinson (1980);⁶⁷ e das editoras alemãs neonazistas, a Hugin-Gesellschaft e a Teut-Verlag, que publicaram várias histórias alternativas conspiratórias sobre ressurgência do nazismo por meio de armas milagrosas, óvnis nazistas e bases alemãs secretas na Antártida.⁶⁸

Na década de 1990, por sua vez, podemos destacar alguns autores que escreveram sobre o tema: os austríacos Nobert Jurgen-Ratthofer e Ralf Ettel (1992), que desenvolveram novos mitos sobre óvnis nazistas, envolvendo a antiga Babilônia, a energia Vril e uma civilização extraterrestre do sistema solar de Aldebaran. Eles estavam convencidos de que os povos da região da Mesopotâmia eram descendentes de extraterrestres originários desse sistema solar, situado a sessenta e oito anos-luz do nosso planeta. Estes alienígenas teriam iniciado um processo de expansão e colonização do Universo há milhares de anos, culminando na conquista da Via Láctea e do planeta Terra. Os nazistas, com ajuda da *médium* Maria Orsic, após entrarem em contato com os aldebarianos e adquirirem a sua tecnologia, teriam conseguido desenvolver seus discos voadores; Jan van Helsing, “principal teórico conspiracionista” alemão, recapitulou a história dos discos voadores nazistas e sua relação com seres extraterrestres de Aldebaran (os alemães seriam seus parentes próximos) em duas obras;⁶⁹ Jim Keith (1994), um veterano teórico conspiracionista norte-americano que elaborou uma complexa conspiração sobre cientistas alemães, resgatados pela Operação Paperclip, poderiam ter estabelecido bases secretas em Marte, onde levariam a pureza racial ariana para longe do que consideravam uma terra fadada a catástrofe.

Para finalizar, temos duas obras produzidas na década de 2010 que comprovam a constante circulação desse mito envolvendo os nazistas com Óvnis e a Antártida no imaginário Ocidental. Em 2012, foi publicado pelo autor boliviano Pablo Santa Cruz de la Veja (2012) a obra *Proyecto Ovnis*. Em 2013, o estadunidense Henry Stevens (2013) publicou *Hitler's Flying Saucers: a Guide to German Flying Discs of the Second World War*. Ambos elaboraram seus “guias” com base

⁶⁷ O autor publicou ainda uma série, dividida em cinco obras, chamada de *Project Saucer: Projekt Saucer I: Inception* (1991), *Projekt Saucer II: Phoenix* (1995), *Projekt Saucer III: Genesis* (1995), *Projekt Saucer IV: Millennium* (1995), *Projekt Saucer V: Resurrection* (1999).

⁶⁸ Exemplo das publicações dessas editoras é a obra dividida em três volumes, intitulada de “Armas Milagrosas”, de D. H. Haarmann, lançada durante os anos 1983 e 1985.

⁶⁹ São elas: *Geheimgesellschaften um ihre Macht im 20* (1993) e *Unternehmen Aldebaran* (1997).

nas informações colhidas das outras obras de história alternativa conspiratória produzidas desde 1950.

Essas histórias alternativas conspiratórias, ao relacionarem os nazistas com os óvnis, acabam por identificar os alemães como uma raça mestre e superior a todas as outras. Em contato com inteligências e tecnologias não humanas, eles certamente tentariam voltar ao poder a qualquer momento. A ênfase das histórias sempre recai sobre certos temas “chave”, a saber: o mito da sobrevivência nazista e de Hitler; a habilidade dos alemães para construir naves e bases secretas na Antártida e na América Latina; os eventos mundiais serem controlados por uma colônia secreta de nazistas operando de uma fortaleza impetrável de algum lugar da Antártida. Tais histórias alternativas conspiratórias tentam revelar um suposto lado esotérico da Segunda Guerra Mundial, no qual um núcleo oculto continua a influenciar em questões importantes da política, da economia e da sociedade global.

Muitos podem achar um absurdo total a ideia de os nazistas terem criado uma colônia secreta na Antártida, armados com um esquadrão de discos voadores para protegê-los. Todavia, as teorias conspiratórias que se proliferaram na segunda metade do séc. XX e continuam a se proliferar nos dias de hoje atestam a popularidade e circularidade dessas crenças baseadas não muito na razão, mas em evidências, digamos, inconclusivas. Somando o inegável interesse do III Reich na Antártida durante a guerra, os submarinos U-977 e U-530, o projeto PaperClip, a fuga de inúmeros nazistas para a América do Sul, o fracasso da operação Highjump, a relação do nazismo com o ocultismo, nós temos a receita de um poderoso e duradouro imaginário, no qual os planos demoníacos dos nazistas em dominar o mundo não cessaram em 1945, mas sim continuaram a influenciar a vida de muitas pessoas até os dias atuais.

É importante ressaltarmos que o contexto da Guerra Fria, marcado pela corrida espacial das duas superpotências (EUA e URSS) e por uma grande produção de ficções científicas sobre o tema (filmes como Star Wars e Star Trek), criou uma demanda por essas histórias, sobretudo na imprensa ocidental. Como conclui Goodrick-Clarke, além de essas publicações se tornarem famosas entre os neonazistas da Alemanha e do mundo, os “medos recorrentes de acobertamentos governamentais dos óvnis – será que as autoridades sabiam muito mais do que estavam dizendo? – criaram um espaço psicológico no qual o fenômeno dos óvnis poderia ser ligado a teorias conspiracionistas” (Goodrick-Clarke, 2004, p. 209). Segredos esotéricos, sábios orientadores extraterrestres, pureza espiritual e os discos voadores oferecem símbolos positivos do III Reich, ajudando a apagar a cruel memória que deixaram e sugerindo que eles eram um povo interessante e espiritual. Tal é o poder da mitologia nazista para a

reconfiguração do nazismo no séc. XXI: influencia ideólogos neonazistas a extraírem dessa literatura os elementos místicos de suas convicções (Goodrick-Clarke, 2004, p. 209).

Nesse sentido, o mito da base nazista na Antártida com seus óvnis, por meio de alguns de seus expoentes como Miguel Serrano, Wilhelm Landig e Ernst Zündel, desempenhou, e por que não continua a desempenhar, para grupos neonazistas que lamentam a derrota na Segunda Guerra Mundial, um sonho de recuperação e ressurreição de uma Alemanha sob o signo do nazismo. São para esses fins que os teóricos conspiracionistas utilizam tal passado.

Mas por que a Antártida como local para inúmeras conspirações? Essa região polar é particularmente um bom local para uma teoria da conspiração proliferar. Além de ser um lugar inóspito e pouco conhecido (o desconhecido e o inexplicável podem gerar muitas teorias conspiratórias), por muito tempo as pessoas exploradoras dessa região tinham o hábito de não voltar. Não voltam por quê? Há algo por trás desses desaparecimentos? Caíram eles nas mãos dos nazistas? Ficavam os questionamentos das mentes conspiracionistas. Não devemos esquecer que para os ocultistas List, Liebenfels e Sebottendorf a região era a antiga terra natal da raça ariana, isso explicaria a atração dos nazistas pelo local. Portanto, não era só uma base secreta de óvnis, mas era também a terra natal perdida dos arianos.

Parece altamente improvável que algum dia leremos notícias sobre a descoberta de uma base nazista na Antártida. Esse silêncio, sem dúvida, representará mais uma prova da sua real existência, pelo menos para aquelas mentes aficionadas em gostar de ver conspirações em toda parte. Cabe perguntarmos o que leva as pessoas a acreditar em teorias conspiratórias e por que algumas delas persistem por tanto tempo no imaginário coletivo? Não temos uma resposta definitiva para essa questão, mas compartilhamos da ideia na qual as pessoas querem acreditar nelas, o que torna todo o esforço de, digamos, explicá-la racionalmente parecer um pouco trivial. Exemplificando de outra forma, acreditar em uma dada teoria da conspiração, em última análise, torna-se uma questão de fé, crença e sentimento ao invés de alguma prova empírica. De acordo com o filósofo australiano Steve Clarke (2002), acreditamos nessas teorias devido aos sentimentos e emoções que elas despertam e provocam em nós.

David Hume (2004), no livro *Investigações sobre o Entendimento Humano e sobre os Princípios da Moral*, verificou o fato da paixão por surpresa e admiração provocada por milagres, essa, uma emoção afável, proporciona às pessoas uma tendência a serem sensíveis a esses eventos, afirmando que o mesmo acontece com as teorias da conspiração. Por mais fantasiosas que possam parecer, tendemos a acreditar nelas pelas boas sensações que experimentamos quando toma-

mos conhecimento delas. Isso pode despertar a sensação de posse sobre algo secreto e não acessível a todos, fazendo-nos sentirmos especiais e privilegiadas perante os demais. Para Clarke (2002), as pessoas acreditam em tais teorias baseando-se em mínimas evidências, provando ser plausível admitir que elas são “emocionalmente atraídas” por esse tipo de ideia.

Corroborando para tal entendimento o fato de os apelos presentes no cerne dos imaginários políticos e sociais de nosso tempo, em sua multiplicidade e em suas contradições, poder encontrar em nós mesmos “virtualidades de resposta, já que foi em nós mesmos, por nós mesmos, na banalidade de nosso inconsciente, que encontramos sua primeira expressão, manifestaram suas primeiras exigências” (Girardet, 1987, p. 186). Deste modo, como afirma Raoul Girardet, um mito, um imaginário, antes mesmo de ser coletivo é individual:

O nascimento do mito político situa-se no instante em que o traumatismo social se transforma em traumatismo psíquico. É na intensidade secreta das angústias ou das incertezas, na obscuridade dos impulsos insatisfeitos e das esperas vãs que ele encontra sua origem [...]. Os grandes mitos políticos das sociedades contemporâneas não podem deixar de aparecer como uma das formas de expressão de bom número das principais constantes psicológicas inerentes à pessoa humana. A denúncia do complô é libertadora do medo, do ressentimento e da cólera (Girardet, 1987, p. 181).

Na visão de Michael Barkun – para quem a crença numa teoria conspiracionista é uma questão de fé ao invés de prova –, as teorias conspiracionistas são atrativas porque elas começam com um grão de verdade envolto em crenças sociais preexistentes e que uma necessidade de explicar o mundo está por trás da sua aceitação:

[...] mas eu acredito que a maior razão é para tentar atribuir um sentido ao mundo. Obviamente, as pessoas querem que o mundo faça sentido, elas querem ser capazes de entendê-lo, e uma das coisas que as teorias conspiratórias fazem é simplificar o mundo. Elas pegam uma realidade que pode parecer caótica e complicada, e dizem que há uma causa simples. Então elas estabelecem uma causa para eventos que as pessoas não conseguem explicar satisfatoriamente de outra forma. E isso fornece um benefício psicológico para as pessoas que acreditam nessas teorias (Barkun, 2003).

Porém, ao mesmo tempo em que as teorias conspiratórias tentam explicar o mundo simplificando-o, elas parecem ser construções mentais bastante complexas. Barkun acredita que essas teorias complexas são criadas quando as pessoas acham difícil de aceitar a explicação oficial de um determinado evento,

porque a relação entre os efeitos (as coisas ruins que aconteceram) e a causa dada oficialmente não é considerada aceitável ou plausível. Então, para essas pessoas, torna-se mais fácil aceitar uma elaborada teoria conspiratória ao invés de aceitar a explicação oficial. Barkun crê que a mesma coisa se aplicou:

às teorias conspiratórias que tratam sobre o assassinato do presidente John Kennedy, em 1963, onde você tem esse presidente jovem e dinâmico assassinado por Lee Harvey Oswald, que era um ninguém, um perdedor, um preguiçoso, e a ideia de que esse presidente dinâmico pudesse ser assassinado por alguém assim era algo, de novo, que eu acho que para muitas pessoas foi difícil de aceitar, e foi mais fácil para elas acreditar que alguma organização o havia matado, fosse o crime organizado, fossem os comunistas, ou outros. Então, há situações em que pode ser mais satisfatório aceitar uma complexa teoria conspiratória do que uma simples (Barkun, 2003).

Apesar de compartilharmos da ideia na qual acreditar em uma teoria conspiratória é mais uma questão de fé, crença e sentimento ao invés de alguma prova empírica, devemos considerar a tendência de elas parecerem cada vez mais elaboradas, lógicas e bem fundamentadas (e isso não podemos ignorar em nossas análises). O que ajuda a tornar esse tipo de pensamento em uma crença razoável para alguém a sustentar depende da capacidade de produção de argumentos e evidências por parte de seu criador (como vimos, existem muitos fatos fomentando ideias nas mentes dos conspiradores). Como os teóricos quase sempre desejam ver suas conspirações expostas, eles inundam as suas narrativas com evidências a favor de sua teoria buscando explicar empiricamente as mais relevantes, mesmo fracassando ao buscar tal objetivo como analisamos nesse capítulo.

3.6 A LUTA DO BEM CONTRA O MAL

Os nazistas, por terem cometido incontáveis atrocidades durante o período no qual comandaram a Alemanha, geraram traumas psicológicos em milhares de pessoas. Por isso mesmo, transformaram-se na representação, no epítome do mal no imaginário cultural de massa. A denúncia da suposta sobrevivência de Hitler e um possível reagrupamento dos hierarcas nazistas a partir da América Latina ou da Antártida, alimentou o medo e o ressentimento de muitas pessoas em todo o mundo. As perguntas que pairavam no ar eram: será que pode acontecer novamente? A reencarnação do mal (Hitler) está realmente viva? As possibilidades pareciam ser muito reais durante as décadas de 1960 e 1970.

Desde o surgimento dos meios de comunicação de massa, aqueles que se tornaram os mais conhecidos da história parecem não possuírem o direito de morrer. Não importa se são famosas ou apenas abomináveis, as pessoas com muito poder, fama ou carisma não morrem simplesmente, são “duras de matar”. Aparentemente, elas não são transportadas em um caixão, enterradas e esquecidas com o devido passar do tempo, como é o destino da maioria de nós. Algumas pessoas, simplesmente, não acreditam que estejam mortas. Basta observarmos alguns exemplos do passado para percebermos como muitos se negam a aceitar a morte de indivíduos representantes de certos valores éticos e estéticos, impossíveis de materializarem-se em outros sujeitos ou de desaparecerem por completo.

John F. Kennedy, ex-presidente dos Estados Unidos, foi assassinado diante de um público enorme no dia 22 de novembro de 1963, mesmo assim, dois anos após a sua morte, surgiram rumores da sua sobrevivência, mas parálítico, em um hospital na cidade norte-americana de Dallas. Quando Elvis Presley, o “Rei do Rock’n Roll”, faleceu no dia 16 de agosto de 1977 em Memphis, muitas teorias conspiratórias insinuaram que ele, na verdade, havia se tornado um agente secreto da CIA, trocando de identidade para salvar a própria vida e de seus familiares depois de ter desmantelado um poderoso grupo mafioso. Muitos avistamentos do “Rei” foram noticiados pela imprensa norte-americana depois da sua morte.

Contudo, não só pessoas “do bem” ou heróis permanecem vivos no imaginário coletivo. O mal parece ser muito atraente. Ainda mais quando a morte das pessoas consideradas do mal acontece sob circunstâncias misteriosas e/ou por motivos e razões desconhecidas do grande público. Isso ocorreu com Osama Bin Laden, ex-líder da organização terrorista Al Qaeda: “além de estar vivo, está vivendo um estilo de vida luxuoso, nas Bahamas, graças a pagamentos regulares da CIA”, afirmam as teorias conspiratórias. E foram as “desconhecidas e duvidosas” circunstâncias da morte de Hitler, representado como um ser diabólico na cultura de massa, que possibilitaram a sua sobrevivência, pelo menos na mente das pessoas, assim como a ideia do ressurgimento do nazismo.

Apesar das múltiplas histórias alternativas conspiratórias sobre um Hitler errante, desde a sua alegada fuga em 1945, viajando pela América Latina, Antártida, ou qualquer outro canto do mundo, ele nunca reapareceu. Acreditar na versão na qual Hitler sobreviveu à Segunda Guerra Mundial é mais uma questão de fé, uma vez que as obras analisadas são marcadas por falta de rigor científico, testemunhas anônimas e sensacionalismo barato.

Os defensores da conspiração sobre a sobrevivência de Hitler frequentemente dão continuidade a uma tradição de heresia e conhecimento alternativo com uma longa linhagem histórica. A internet permitiu que esse universo

de desinformação subterrânea se disseminasse mais amplamente e de forma mais rápida do que antes. Na verdade, esse tipo de narrativa se encaixa perfeitamente em um contexto antigo: o do grande líder que supostamente trapaceia a morte e continua vivo em segredo, servindo como fonte de inspiração para seus seguidores (Evans, 2022).

Ameaçando e minando nossa compreensão histórica acerca do nazismo, todos os autores abordados neste capítulo perseguiram fantasmas ou, mais especificamente, apenas um fantasma: Hitler, “a encarnação do mal”. A indústria formada sobre o imaginário da sua sobrevivência e da formação do IV Reich parece ter um mercado contínuo, sem data para saturar. Isso muito se deve ao fato de os temas ligados ao nazismo serem enormemente recicláveis e tão atraivos que chegam, até mesmo, a influenciar como esse imaginário conspiratório é interiorizado por nossa consciência histórica: ocultismo, crenças esotéricas, elementos míticos, relação com extraterrestres e com o diabo, o Santo Graal e a Lança do Destino, discos voadores e óvnis etc. É uma lista de temas aparentemente sem fim que gera uma grande fascinação e curiosidade com todas as coisas nazistas, transformando a realidade do seu passado ainda mais fascinante e excitante.

Outro elemento muito atraente ao público consumidor de tais teorias conspiratórias é o fato de a maldade perpetrada pelos nazistas parecer ser inexplicável em termos racionais – o Holocausto é o exemplo mais sintomático da extremidade dos crimes cometidos pelo III Reich. Essa maldade permanece um grande mistério sem fim, sem chances de ser resolvido, e é essa inexplicabilidade do mistério que as pessoas compram, de novo e de novo. O nazismo, nesse sentido, como afirma Eva Kingsepp (2010), apresenta-se como um perfeito produto de consumo. Como todas as coisas feitas pelos humanos são transformadas pela indústria cultural, o nazismo passa a ser visto mais como uma mercadoria comercializável, um produto que pode ser trocado por dinheiro e consumido como qualquer outro, do que como um evento de caráter histórico. Isso transforma o nazismo, e conseqüentemente a Segunda Guerra Mundial, em um objeto vazio de sentido, porque sua única função agora é entreter.

Se hoje a história acadêmica afirma a não sobrevivência de Hitler à queda de Berlim, por que a alegação de uma possível fuga ainda pode fazer parte das *frontpages* de vários meios de comunicação, mesmo mais de setenta anos depois do final da Segunda Guerra Mundial? Primeiro, porque lendas urbanas e teorias conspiratórias nunca morrem realmente, elas retornam com alguns retoques aqui, algumas modificações ali, mas sempre com o mesmo enredo. Em segundo lugar, o fato de a imagem de Hitler e dos nazistas como a epítome do mal encontrar-se profundamente enraizada na consciência coletiva faz esse imaginário

conspiratório ter uma ampla recepção por meio de filmes, livros e documentários reprodutores em grandes quantidades dessa ideia desde o final do conflito.

Contudo, não foi apenas a literatura conspiratória e ocultista que relacionou os nazistas e Hitler como agentes das trevas. Segundo Daniel Macfarlane (2004), historiadores que produziram estudos biográficos nas primeiras décadas depois do final da guerra (1950, 1960 e 1970) também ajudaram a criar tal relação. Na sua grande maioria, estes trabalhos sobre Hitler desempenharam o papel principal na formação de questões e dúvidas sobre sua humanidade. O historiador Ron Rosenbaum (1998) afirma que vários historiadores que pesquisaram Hitler como Alan Bullock (1952), Hugh Trevor-Roper (1947) e John Toland (1976) o demonizaram de várias maneiras. Uma tendência ainda mais exacerbada pelos estudos psico-históricos produzido na década de 1970, principalmente por Robert Waite (1977) e Walter Langer (1972).

De acordo com MacFarlane (2004), essa tendência é exemplificada pelos comentários de dois historiadores: Martin Broszat e Joachim Fest. Em 1985, Broszat pediu uma “humanização” de Hitler e Fest, na edição de 1995 de seu livro *Hitler*, escreveu que o *Führer* não havia se tornado “absolutamente histórico”, pois foi indevidamente demonizado sem ter uma devida historicização. A concepção sobre Hitler como uma figura demoníaca ou a-histórica foi, portanto, apoiada – se não diretamente formada – pela literatura acadêmica nas três décadas após a Segunda Guerra Mundial.

O impacto da literatura acadêmica na cultura popular é tênue, mas parece que as representações literárias e cinematográficas de Adolf Hitler foram influenciadas, pelo menos em algum grau, por representações historiográficas. Além disso, em *Imagining Hitler*, o historiador Alvin Rosenfeld (1985) afirmou que foi Hugh Trevor-Roper (1947) quem forneceu a imagem de um Hitler gótico e demoníaco, sendo a principal fonte para as ficções produzidas nas décadas posteriores.

Macfarlane (2004) afirma que um dos filmes mais conhecidos e assistidos do líder nazista, representando-o como fruto das trevas, *Hitler: Os Últimos Dez Dias* (1973), foi baseado diretamente no trabalho de Trevor-Roper. Além disso, filmes como *The Bunker* (1981) e *Inside the Third Reich* (1982) citam várias literaturas históricas em seus créditos e pode-se supor que muitos outros cineastas também consultaram uma ampla gama de fontes acadêmicas. Dessa forma, tais avaliações de Hitler exerceram grande influência sobre as representações populares das décadas seguintes a guerra. Macfarlane, inclusive, vai mais longe ao afirmar que a ligação do líder nazista com forças das trevas parece ter origem em trabalhos acadêmicos, assumindo novas formas e aumentando a sua popularidade por meio da cultura popular.

O fato é que tal conexão encontrar-se profundamente enraizada na consciência coletiva, fazendo este imaginário conspiratório ter uma ampla recepção por intermédio de filmes, livros e documentários reprodutores em grandes quantidades dessa ideia desde o final do conflito. Conclui-se que esta é uma das principais causas da formação, difusão e permanência das histórias alternativas conspiratórias no imaginário coletivo ocidental e a causa fundamental para “Hitler não ir embora”. Todas as obras estudadas até aqui comprovam a predominância, no cerne do imaginário cultural, da ideia na qual a Segunda Guerra Mundial foi uma batalha épica entre as forças do mal (o nazismo como um regime do mal governado por um agente do mal) contra as forças do bem (países Aliados). A dicotomia entre “Bem” e “Mal” se tornou a maneira mais familiar de representar o III Reich na mídia *mainstream* e esse mito é amplamente propagado e facilmente disponível, basta fazer uma rápida pesquisa no Google e você encontrará várias referências. A Alemanha nazista é mais atraente e vende melhor quando é empacotada e embrulhada nesse simples binarismo, com foco mais no misticismo, no ocultismo, no conspiracionismo, na violência e na fantasia do que em ideias ou pesquisas eruditas e complexas.

Hannah Arendt (1999) demonstra isso com o seu livro *Eichmann em Jerusalém*, quando todos esperavam ver Adolf Eichmann como um gênio do mal, como um homem violento e racista. Ao contrário disso, Arendt afirma que, apesar dos esforços para torná-lo um ser diabólico, ela era um medíocre burocrata que cumpria ordens, um homem normal sem capacidade de avaliar o mal que praticava.

Norbert Elias (1997), por sua vez, no livro *Os Alemães*, afirma que os genocídios nazistas durante a guerra subsistiram como a imagem central da maldade para a maioria das pessoas no Ocidente, e que o “Holocausto” permaneceu certamente como a imagem central do mal para a maioria dos cientistas sociais, pelo menos desde o julgamento de Eichmann em 1961, e provavelmente desde os julgamentos de Nuremberg. Segundo Tzvetan Todorov (1995), o “mal” é o personagem principal da literatura relativa aos campos de concentração. O nazista é apresentado, na maioria das vezes, como o agente do mal. Para comprovar o fato, Todorov apresenta o depoimento de um ex-prisioneiro de Auschwitz sobre como ele e seus companheiros formulavam constantemente a questão relativa a se o alemão era um ser humano como outro qualquer. A resposta era sempre categórica: “não, o alemão não é um homem, o alemão é um boche, um monstro, e mais que isso: um monstro consciente de sua monstruosidade” (Todorov, 1995, p. 226).

O historiador Donald Mckale (1981) questionou por que existe uma certa paixão por essa “besta nazista assassina do mal”? Para o autor, precisamos de

Hitler aparentemente para um tipo de entretenimento perverso que pensar e vê-lo pode nos dar. O imaginário da sua sobrevivência em algum lugar remoto pode refletir uma relutância do mundo em permitir que ele tenha encontrado a paz por meio da morte, à luz dos crimes deixados na sua conta; pois, como poderia o demagogo e assassino de milhões de pessoas, responsável por mergulhar o mundo em seis anos infernais, ter morrido “tão facilmente”, escapando da vingança de seus inimigos? Segundo Mckale, nossa imaginação insiste em trazê-lo de volta à vida, em todas as formas possíveis, para podermos condená-lo e matá-lo novamente. Prazer “tão diabolicamente” privado por ele ao mundo em 1945 quando se suicidou. Além do mais, precisaríamos de Hitler como prova de algo perto do inumano e do divino: teria sido ele o Satanás em um corpo humano? O anticristo moderno? (Mckale, 1981, p. 208).

Conforme Gavriel Rosenfeld (2015, p. 31), essa visão da guerra foi criada no começo do pós-guerra, quando várias crenças foram produzidas sobre o evento que modificou o séc. XX: a Segunda Guerra Mundial na Europa foi deliberadamente desencadeada pelos nazistas; a campanha Aliada para os derrotar fez parte de uma cruzada moral; e a vitória final dos Aliados foi fundamental para a sobrevivência da civilização ocidental. Este consenso foi moldado durante o conflito como parte da propaganda de guerra da Inglaterra e dos Estados Unidos, com o objetivo de influenciar a população a apoiar os seus países. Isso foi reforçado depois de 1945, com os julgamentos do Tribunal de Nuremberg e pelos próprios governos Aliados que sancionaram oficialmente o mito da guerra do bem contra o mal para reforçar a seu comando no pós-guerra.

Convenientemente, a crença na qual a Segunda Guerra Mundial foi uma guerra sagrada pareceu ser justificada por alguns eventos históricos subsequentes, como a queda do comunismo e o fim da Guerra Fria em 1989-90. Esses fatos levaram os norte-americanos, por exemplo, a perceber cada vez mais a guerra como um tipo de prenúncio do sucesso final do seu país.

Nos anos que se seguiram, o conflito foi santificado na vida política e cultural dos norte-americanos. Os presidentes George W. Bush e Bill Clinton, invocaram o legado da guerra para justificar campanhas militares ao redor do mundo, quer no Iraque ou na Iugoslávia. Na cultura americana, enquanto isso, a popularidade de livros relacionados à guerra, tal como *Band of Brothers* (1992) de Stephen Ambrose e *The Greatest Generation* (1998) de Tom Brokaw, filmes como *Saving Private Ryan* (1998) de Steven Spielberg [...], confirmam o lugar dominante da guerra do bem na memória histórica americana (Rosenfeld, 2015, p. 32).

Entretanto, há grandes problemas nessa interpretação maniqueísta do passado nazista. Aparentemente, não há necessidade de explicar que o nazismo é do “mal” em consequência de ele ser assim universalmente entendido e, quase completamente, aceito acriticamente. Michael Butter (2009), ao trabalhar com a distinção entre “mal” como substantivo e “mal” como adjetivo, assegura que, se “mal” é concebido como um substantivo (ou seja, como uma coisa), atribuímos-lhe uma essência ontológica própria. É então dizer que existe objetivamente e se manifesta em diferentes trajes, seja em Satã ou em Hitler. Satã faz certas coisas, porque ele é mau, e Hitler (e o nazismo), nessa perspectiva, não parece ter sido moldado por forças ideológicas, culturais, e históricas específicas, mas alguém que cometeu seus crimes por sua essência maligna. O recurso ao mal, assim, substitui a explicação ideológica e histórica por uma explicação ontológica da realidade, no qual o nazismo só existiu por causa da sua maldade intrínseca.

Para grande parte da cultura ocidental de hoje, Hitler como manifestação ontológica do mal se tornou completamente naturalizado. E isso gira em torno de causa e efeito. A natureza maligna de Hitler figura como a origem do nazismo e dos seus crimes horríveis. Ao conceber o regime neste molde, e não mais como um fenômeno histórico explicado e entendido racionalmente, torna-se difícil compreender os fatos do passado.

Como nos explica John Lukacs (1998), ao afirmarmos e pensarmos que os nazistas eram representantes de forças malignas na Terra, tendo em Hitler a imagem do Diabo, “falhamos duas vezes”. Se eles eram do mal, então todo o período hitlerista nada mais foi do que um caso de maldade, loucura, tornando-se irrelevante pensar mais no assunto. Definindo Hitler dessa forma, exonera-o de toda a sua responsabilidade. É importante lembrar que o mal, assim como o bem, é inerente à natureza humana. Nossas propensões para o mal, independentemente de se concretizarem em ações ou não, são uma parte da nossa condição, e não devem ser ignoradas. Negar essa realidade humana implica considerar Hitler como uma exceção, e uma classificação simplista como “anormal” atribuída a ele absolve-o de toda a responsabilidade, o que, na verdade, não deveria ocorrer.

Apesar disso, encontramos nesse binarismo um dos motivos de o nazismo ter se tornado fonte para inúmeras teorias conspiratórias, uma vez que, de acordo com Barkun, adeptos às crenças conspiratórias possuem suas visões de mundo caracterizadas como maniqueístas, no sentido de entenderem o mundo como uma luta mítica entre a luz e as trevas, entre os reinos do bem e do mal, e acham que esta polarização persistirá até o final da história, quando o mal

finalmente será derrotado. Em seu mais amplo significado, essas teorias veem a história como controlada por enormes forças ocultas e demoníacas. O conspirador, ou seu grupo, é visto como dotado de grande poder e com isso capaz de influenciar por meio de seus planos um acontecimento, o funcionamento de um sistema ou uma totalidade social (Barkun, 2003). As teorias conspiracionistas apresentam uma explicação alternativa para qualquer acontecimento histórico, desmentindo a versão oficial (a morte de Hitler por exemplo) e tentando desmascarar os intentos malévolos e ocultos de certos indivíduos.

Assim sendo, a ampla difusão e permanência das teorias conspiratórias da sobrevivência de Hitler e da formação do IV Reich no imaginário ocidental encontra sua base fundamental na imagem mítica predominante da Alemanha nazista desde a sua ascensão ao poder: Hitler como a versão do Diabo dos dias modernos e os nazistas como seus capangas endemoniados. Evidentemente que tal maldade não poderia ter sido completamente derrotada no final da guerra e os seguidores de satanás também não se contentariam com isso, continuariam com seus sinistros planos de dominar o mundo a partir de outro lugar. A captura de Eichmann em Buenos Aires, no início da década de 1960, escancarou o fato da fuga de muitos desses nazistas “endemoniados” da Alemanha rumo à América Latina. A presença dessas pessoas ajudou a formar um “clima” psicológico e social de incerteza, de temor e de angústia, dada a desconfiança de que eles poderiam estar guiando a reestruturação do nazismo nesse continente. Muitos saíram à caça desses “monstros”. A temporada de “caça” estava aberta.

UMA NOVA ESPERANÇA

Neste capítulo, enfatizamos as histórias alternativas conspiratórias presentes em literaturas e reportagens de jornais e revistas publicadas após o término da Segunda Guerra Mundial, as quais possuem como tema principal a relação entre os criminosos de guerra refugiados na América Latina e os imigrantes e descendentes alemães do continente com a suposta formação do IV Reich, ou seja, o “novo perigo alemão”.

Assim como Hitler, os seus “discípulos do mal”, principalmente Joseph Mengele, Martin Bormann e Klaus Barbie, foram responsáveis por gerar várias teorias conspiratórias. Muitas pessoas autointituladas de “caçadores de nazistas” (como Simon Wiesenthal), empenharam-se em descobrir o paradeiro desses fugitivos ao mesmo tempo em que denunciavam a existência de uma grande conspiração por parte de células nazistas espalhadas pelos países latino-americanos com o objetivo de reerguer o nazismo. Tais caçadores causaram grandes celeumas por onde passaram e por isso mesmo a análise central deste capítulo focou-se em compreender como as teorias conspiratórias podem afetar a realidade.

Diferentemente do “mentor do mal”, Hitler, “caçado” imediatamente após o final da guerra, Mengele, Bormann e Klaus Barbie entraram para o mundo conspiratório depois da prisão e julgamento de Eichmann em 1960, período correspondente ao “tsunami nazista” no imaginário ocidental. Não coube aqui elaborarmos um itinerário da vida desses criminosos enquanto viveram na América (ou que hipoteticamente viveram, como o caso de Bormann), mas sim destacarmos as teorias conspiratórias formadas devido a essa estadia pelas terras do continente. No imaginário conspiratório, a rota clandestina dessas pessoas criou uma trilha de enigma e temor cuja sombra perdurará por um extenso período.

Por iniciativa própria ou involuntariamente, verifica-se que há várias pessoas expostas a teorias conspiratórias. O fato de elas serem absurdas ou esdrúxulas não significa a não existência de pessoas crentes nelas e, dada a sua

permeabilidade no corpo social, devemos analisá-las empiricamente. Segundo Hofstadter (1964), o caráter corrosivo destas no debate público e político é que, à medida que prejudicam a capacidade de diálogo dentro da sociedade, transformam adversários em inimigos e, conseqüentemente, ameaçam a ordem democrática. Se o adversário conspira, as ferramentas da democracia não funcionam, formando um crescente discurso gerador de ressentimentos que podem produzir violência, ódio e intolerância.

Essas teorias, para além de mera produção da fantasia humana, também são um fenômeno político, social e cultural. Formam ilusões coletivas que, no entanto, refletem medos reais e problemas sociais verdadeiros. As pessoas que acreditam em alegações conspiratórias às vezes agem sobre essas crenças irracionais e isso pode acarretar conseqüências, implicações e intervenções concretas em suas realidades. Elas ajudam as pessoas a dar sentido a uma realidade inóspita e confusa, racionaliza as suas dificuldades atuais e alivia parcialmente seus sentimentos de impotência. Neste sentido, não são diferentes de quaisquer crenças religiosas, sociais ou políticas, e por isso são merecedoras de um estudo sério.

Elas também são produtoras de opiniões, sustentando identidades, valores, ações de sujeitos e grupos sociais. Exercem determinadas funções explicativas, auxiliando-nos a compreender como as pessoas pensavam e sentiam o passado, bem como o presente.

4.1 O “ANJO DA MORTE”

Indubitavelmente, Mengele, ou mais popularmente conhecido como “anjo da morte” devido a frieza com que ditava o destino dos prisioneiros que chegavam a Auschwitz, foi o que mais chamou a atenção dos criadores das histórias alternativas conspiratórias. Médico do campo de extermínio de Auschwitz durante a guerra, era responsável por selecionar, quando chegavam novos prisioneiros, quem iria morrer imediatamente nas câmaras de gás, quem seria poupado para trabalhar como escravo e quem serviria para as suas experiências “em nome da ciência”. As cobaias preferidas eram crianças gêmeas, pois queria descobrir como engravidar as mães arianas com gêmeos, para multiplicar a “raça pura” e assim a desenvolver mais rapidamente. O objetivo era “produzir” alemães para repovoar as regiões conquistadas do *Lebensraum* (espaço vital) germânico, depois de limpá-las da presença dos húngaros, poloneses, checos e outros povos (Guterman, 2016, p. 77).

Entre outros experimentos, Mengele: mutilava indiscriminadamente os prisioneiros a ele submetidos; retirava órgãos sem anestesia; realizava cirur-

gias para provocar paralisia e drenava quase todo o sangue do corpo de várias vítimas para os “estudos”; muitos foram mortos porque interessava a Mengele fazer autópsia de seus corpos para comprovar as suas teses; e retirava os olhos de suas vítimas, guardando-os para pesquisar suas cores.

As assim chamadas “experiências” do doutor Mengele em Auschwitz, realizadas em nome da necessidade de aperfeiçoamento da raça ariana, não eram fruto da insanidade do notório médico. Elas se baseavam na *Weltanschauung* (visão de mundo baseada não na realidade, mas na intuição) dos “cientistas” alemães que trabalharam para os nazistas. Muitas aspas aqui são necessárias: a ciência a serviço do Terceiro Reich nada tinha de conhecimento real. Era uma impostura monstruosa, baseada não em experiências comprovadas, mas nas certezas raciais dos ideólogos do regime, que por sua vez eram herdeiros de um pensamento cuja origem se pode localizar no século XIX – quando se desenvolveu a chamada ideologia *völkisch*, que misturava nacionalismo e romantismo em nome da defesa incondicional da nação germânica, a *Volk* (Guterman, 2016, p. 78).

De acordo com o historiador Marcos Guterman, essa “comunidade idealizada” deveria ser protegida de todas as ameaças da mesma forma que um corpo humano é protegido das doenças: exterminando-se as bactérias (judeus) que pudessem destruí-la e aperfeiçoando o organismo para imunizá-lo. A medicina nazista estava voltada para tentar melhorar a raça ariana a partir da eliminação física dos considerados incapazes ou inferiores. Assim, “uma das principais tarefas dos médicos era decidir quem deveria continuar vivendo e quem deveria morrer, para o bem da raça. Os médicos eram cientistas que cuidavam não apenas dos corpos dos indivíduos, mas da saúde da sociedade” (Guterman, 2016, p. 79). Mengele, portanto, era fruto desse pensamento.

Como analisamos no segundo capítulo, ele escapou da Alemanha rumo a Buenos Aires, aonde chegou no dia 20 de junho de 1949 com o nome falso de Helmut Gregor. Sob o medo de ser capturado pela Mossad, como havia ocorrido com Eichmann, começou a se esconder em locais menos povoados. Viveu por um período na Argentina, Paraguai e finalmente no Brasil, na cidade de Bertoga litoral do estado de São Paulo, onde faleceu em 1979 devido a um ataque cardíaco sofrido enquanto mergulhava no mar.

Quando as atrocidades cometidas por Mengele em Auschwitz tornaram-se conhecidas, ele se tornou um dos criminosos nazistas mais procurados do mundo. Caçadores de nazistas, agentes do Mossad, serviços secretos dos Estados Unidos e polícias de vários países empenharam-se para capturá-lo. Havia,

obviamente, uma recompensa por sua cabeça. Não é à toa que muitos jornais do mundo noticiaram em suas páginas o seu paradeiro nas mais variadas localidades do mundo: Dinamarca, Brasil, Paraguai, Egito, Grécia, Argentina, Bolívia, Uruguai, entre outros.

Para Guterman, lendas sobre Mengele se formaram e se multiplicaram devido aos exageros criados pela publicidade dada ao trabalho de caçadores de nazistas como Simon Wiesenthal, que o descreveram como um sofisticado fugitivo que gastava fortunas viajando para vários lugares do mundo sob a proteção de ditadores e agentes nazistas. Tal representação de Mengele como um personagem típico de romances de espionagem, “capaz de estar em diversos lugares do mundo, sempre escoltado por uma rede secreta de colaboradores, estimulou a fantasia de muitos, inclusive no Brasil” (Guterman, 2016, p. 81).

Uma das teorias conspiratórias mais difundidas pelo mundo articulando Mengele e suas ações clandestinas durante o tempo que passou no continente deu-se por meio do romance do autor norte-americano Ira Levin, *Os Meninos do Brasil* (1976). A trama narra a ambição de Mengele em formar o IV Reich na América Latina mediante a criação de 94 clones de Hitler, os quais foram distribuídos a casais na Europa, Canadá e Estados Unidos. Todos os casais teriam que possuir a mesma diferença de idade dos pais do *Führer*, bem como as características de suas personalidades: uma mãe amorosa e um pai funcionário público que possuía uma relação de dominação e conflito com o seu filho. A intenção de Mengele era possibilitar a esses clones as condições ambientais idênticas às da vida de Hitler. Assim, as famílias deveriam ser cristãs e o pai morrer aos 65 anos de idade. A trama se desenrola com os nazistas empenhados em assassinar os pais adotivos dos clones, pois, para Mengele, todos os detalhes deveriam ser reproduzidos para o IV Reich ser criado (Levin, 1976).

Levin fez questão de afirmar que sua obra era uma ficção: “Os acontecimentos nele descritos são imaginários, e as personagens – com exceção das pessoas famosas citadas por seus nomes verdadeiros – são também imaginárias” (Levin, 1976, p. 8). Em 1978, o livro ganhou a sua adaptação para os cinemas sob o mesmo nome, *Os Meninos do Brasil*, com direção de Franklin J. Schaffner e participação de atores famosos como Gregory Peck e Laurence Olivier.⁷⁰

Outro filme que colaborou para reforçar esse estereótipo, ligando o médico de Auschwitz com a criação do IV Reich, foi *Commando Mengele* (1987). Dirigido pelo italiano Andrea Bianchi, o longa, que se passa no Uruguai, e não no Paraguai como *Boys From Brazil*, apresenta alguns caçadores de nazistas judeus

⁷⁰ Filme. *Os Meninos do Brasil*. Título original: *The Boys From Brazil*. Direção: Franklin J. Schaffner. Duração: 123 minutos, 1978.

tentando barrar Mengele e seu sonho de construir o novo Reich na América do Sul. Nessa versão, Mengele tem um gigantesco castelo no Paraguai, um helicóptero com a logo “4R” – aludindo ao suposto nascimento do IV Reich – e um exército de guarda costas com braçadeiras vermelhas e brancas contendo, da mesma forma, o símbolo “4R”. A trama se desenrola com Mengele injetando embriões de chimpanzés em mulheres para tentar criar um superexército e assim conseguir atingir seu objetivo final. Um filme um tanto quanto bizarro, que recebeu duras críticas por ser considerado horrível, ridículo e tosco, diferentemente do que aconteceu com *Boys from Brazil*.

Todavia, Levin e Bianchi não foram os únicos que escreveram sobre os fugitivos de guerra e a sua relação com a formação do IV Reich. Tivemos outros que ajudaram a difundir a teoria de um Mengele conspiracionista, mas com um diferencial muito importante: a pretensão à realidade.

4.1.1 Mengele em Rio do Sul – Santa Catarina

No final da década de 1960, apareceu um dos pseudocaçadores de nazistas mais prolíficos e imaginativo que já existiu: o judeu-austríaco Erich Erdstein. Entretanto, não em um bom sentido, uma vez que não ajudou a encontrar o paradeiro de nenhum nazista, mas sim propagou ainda mais a teoria conspiratória da formação do IV Reich na América Latina. Erdstein perseguiu Mengele por todo o continente, principalmente no Brasil, onde afirmou tê-lo assassinado no final da década de 1960. Em 1977, lançou, com a escritora Bárbara Bean, o livro intitulado *Inside the Fourth Reich: the Real Story of the Nazis in Brazil by the Hunter They Feared Most!* (*Por Dentro do IV Reich: a Verdadeira História dos Nazistas no Brasil pelo Caçador que Eles Mais Temiam!*), no qual narra as suas peripécias pelo continente em busca do “anjo da morte”, enquanto denunciava a existência de células nazistas que estariam conspirando para formar o IV Reich (Erdstein; Bean, 1977a). O livro também ganhou sua publicação em português no ano de seu lançamento, com o nome de *O Renascimento da Suástica no Brasil* (Erdstein; Bean, 1977). A segunda edição de 1978 contou ainda com uma menção ao livro de Ira Levin: *The Real Story of the Boys from Brazil (A História Real dos Meninos do Brasil)*. Portanto, ao passo que no romance de Levin a conspiração nazista para a formação do IV Reich é apresentada como ficção, no livro de Erich Erdstein ela é apresentada como verdadeira.

O Renascimento da Suástica no Brasil foi fruto das investigações de Erdstein, investido como “caçador de nazistas” e “agente” da DOPS do Paraná, feitas e publicadas em vários jornais e revistas do Brasil e do mundo durante as décadas de 1960 e 1970. Como o conteúdo do livro e das reportagens se assemelham

muito, optamos por interseccionar e relacionar essas produções para melhor compreender as atividades de Erdstein.

De acordo com o próprio “caçador”, a sua história começou em 1939, quando fugiu de Viena, Áustria, com apenas 18 anos de idade devido à perseguição nazista aos judeus na Europa. O local escolhido para refugiar-se foi a Argentina, onde adentrou no mesmo ano. Logo depois foi para o Uruguai, onde, segundo ele, passou a trabalhar como um agente do governo devido ao seu conhecimento das línguas alemã, francesa e inglesa. Seu trabalho era de mensageiro e tradutor, tendo também a função de elaborar alguns relatórios a respeito do posicionamento de diferentes grupos étnicos em Montevideú. Sua principal missão no país era misturar-se na comunidade de língua alemã e entre os “nativos”, bem como redigir um relatório sobre os seus pensamentos com relação à guerra (Erdstein; Bean, 1977, p. 37).

Em 1941, foi transferido para o Paraguai, onde trabalhou como agente infiltrado do governo uruguaio investigando supostas conspirações nazistas e elaborando relatórios entregues às embaixadas inglesas e norte-americanas. Depois da guerra, perambulou entre Argentina, Paraguai e Uruguai, até que em 1957 teria supostamente conhecido João Goulart, que o convidou para vir ao Brasil trabalhar no Conselho de Segurança Nacional, um departamento que conjugava as funções de uma força policial nacional, uma espécie de organização de serviço secreto. Aceitou o convite no mesmo ano.

Não temos como comprovar essas informações, mas fato é que Erdstein inaugurou sua carreira na polícia paranaense em 1966, ao conseguir emprego como tradutor na Delegacia de Estrangeiros do estado, sendo que logo depois conseguiu uma carteira que o identificava como detetive da Delegacia de Furtos e Roubos, autodenominando-se agente da Polícia paranaense. Aparentemente, nasceu aí a ideia de se transformar em “caçador de nazistas” e passou a atribuir a si próprio o papel de “agente especial” da polícia paranaense; “nessa condição saiu à caça de criminosos de guerra que estariam refugiados nos Estados sulinos” (O IV..., 1991c, p. 26). Essa “carreira” o levou a Santa Catarina e ao interior do Paraná em busca de Mengele, Bormann e outras personalidades de menor quilate. Erdstein cita essa parte de sua vida como “agente” em terras brasileiras como “a última e mais importante de minha carreira na América do Sul” (Erdstein; Bean, 1977, p. 88).

No último mês de 1967, o “agente” Erdstein vendeu a sua “incrível” história investigativa – quase um James Bond – para o jornal O Estado do Paraná. Dividida em quatro reportagens intituladas de *Mini-Reich Opera no Brasil*, elas abordaram os “trabalhos policiais” executados por ele nas cidades de Rio do Sul

e Dona Ema, ambas da região do Vale do Itajaí em Santa Catarina. A primeira reportagem afirmou a existência de uma organização protetora de nível mundial que acobertava os criminosos nazistas na América.

Joseph Mengele, Martin Bormann e outros criminosos nazistas – em liberdade desde 1945 – estão no Brasil, mais precisamente em Santa Catarina, numa cidadezinha no Vale do Itajaí. Depois de um determinado tempo, se locomovem para Mato Grosso, passando então a percorrer a Argentina, Uruguai e Paraguai. Este círculo de viagem, percorrido há 22 anos, foi descoberto agora, depois de investigações de um agente especial da Diretoria da Polícia Civil do Paraná [...] Graças ao que se denominou “círculo de ferro”, feito por ex-nazistas e refugiados, os criminosos recebem toda a cobertura, sendo quase impossível estabelecer todas as ligações e a extensão da organização protetora, que mantém contato com outras células espalhadas pelo mundo (O Estado do Paraná, 1967a).

A jornada para chegar a essa conclusão começou quando Erdstein solicitou ao seu chefe de gabinete, Ângelo (sem sobrenome), investigar um estrangeiro que vivia em Curitiba (PR), que, devido ao seu comportamento, chamou a sua atenção.

Desde que chegara a Curitiba, PR, há quase um mês, tinha trocado de hotel de três em três dias. A gerência dos dois últimos estabelecimentos nos quais se hospedara tinha se queixado por ele não ter saldado as contas [...] Falava pouca coisa de português, com forte sotaque alemão, e quase todos os que mantiveram contato com ele descreviam o seu comportamento como “estranho”. Ao que parece não tinha emprego na cidade, nem procurava arranjar um. Meu instinto advertia-me de que alguma coisa não estava certa, portanto, uma semana antes eu dera ordens para que fosse seguido (Erdstein; Bean, 1977, p. 89).

O estrangeiro em questão se tratava de Eugène Parries, cidadão de Luxemburgo, que chegara ao Brasil em 1952. Erdstein teria conseguido interrogar Parries, querendo descobrir as suas atividades na capital paranaense, mas ao ouvir voz de prisão o cidadão de Luxemburgo exclamou que era um homem muito velho e praticamente sem nada. Cansado de viver, cansado de fugir.

Contarei tudo quanto desejar saber... mais do que possa querer ouvir – assegurou-me. Tudo quanto me pediu foi para continuar no hotel e não ir para a prisão. Deu-me sua palavra de que no dia seguinte, pela manhã, iria até o meu escritório, mas já estava velho demais para aguentar as prisões brasileiras (Erdstein; Bean, 1977, p. 93).

O agente aceitou o pedido de Parries, mas nesse meio tempo ficou pensando a respeito do estrangeiro:

O que sabia ele? Imaginei que fosse alemão e não um cidadão de Luxemburgo. Pela sua idade poderia ter ocupado uma posição destacada na Alemanha nazista, talvez servindo em Luxemburgo. Mantinha contato com os nazistas ali, no Paraná, e não escondia a sua ansiedade para evitar que seu passado sofresse uma investigação. Suas palavras voltaram-me a cabeça: “Vou lhe contar mais coisas do que deseja ouvir!” (Erdstein; Bean, 1977, p. 94).

Naquela noite, infelizmente para o agente, Parries foi encontrado morto no seu quarto de hotel, horas antes de ele “dizer mais coisas do que ele deseja ouvir”. A polícia de Curitiba concluiu que ele havia cometido suicídio, mas para Erdstein existia algo a mais no caso. Ele suspeitava que Parries era um colaborador dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial e “viu no episódio uma típica queima de arquivo, que só poderia ter sido encomendada por uma temível organização nazista, cujos sócios o luxemburguês estaria chantageando” (I IV [...], 1991c, p. 26).

A legenda afirma que, pela posição do cadáver e pelas mãos, Parries supostamente reagiu, tendo sido, portanto, assassinado pelos nazistas, e não se suicidou. A suspeita era de que ele estava chantageando a organização “círculo de ferro” para extrair dinheiro dos criminosos de guerra e de pessoas ligadas à organização. Erdstein intrigado com o caso, conseguiu dados e provas em vários países da América do Sul, como Paraguai, Uruguai e Argentina, que comprovaram as suas suspeitas: Parries estava realmente envolvido com tal organização, que tinha como objetivo dar cobertura e proteger ex-líderes da Alemanha de Hitler, fornecendo-lhes documentos de identidade falsos, escondendo-os e sustentando-os. Descobriu ainda que na cidade catarinense de Rio do Sul funcionava uma célula da organização e que lá morava o cunhado de Parries, o farmacêutico Dr. Gemballa, o qual Erdstein identificou como sendo o “líder do movimento nazista em Rio do Sul, o Führer local. Gemballa estudara Farmácia na Alemanha, em 1930, e voltara como um partidário de Hitler” (Erdstein; Bean, 1977, p. 108).

Em Rio do Sul,

em contato com ex-nazistas, o agente comprovou tudo. Velhos nazis, a maioria gente de importância social, estavam por detrás do manto que encobre, há muitos anos as atividades nazistas no Brasil. Willie Wiess, ex-nazista e oficial da “SS”, ajudou muito nos trabalhos policiais. Conhecedor da vida e atividades dos ex-companheiros, forneceu informações importantes [...]. Confirmou a situação de chantagista de Eugene Parries e deu mais detalhes [...].

Suas informações apenas atestaram a veracidade da existência do “círculo de ferro”, composto de “grandes homens da cidade” (O Estado do Paraná, 1967b).

Esse trecho faz parte da segunda reportagem do jornal O Estado do Paraná, do dia 14 de dezembro de 1967, sobre a cidade, na qual temos a afirmação de que, embora difícil de provar, a situação de certos alemães no Vale do Itajaí levantava suspeitas, pois sem documentação viajavam para outros países constantemente, sem qualquer embaraço. A reportagem apontou ainda o fato de a região do Vale ter sido colonizada por alemães como um forte indicativo de que ali poderia ser um reduto de nazistas, uma vez que era “um país dentro do país” onde o português só era falado quando chegava um

estrangeiro, uma pessoa de fora, e o conservadorismo chega até a fazer com que certos pais não ensinem nossa língua a seus filhos [...]. Um médico de lá é exemplo disso e muito mais. Seu filho mais velho, nascido no Brasil, fala muito pouco o português, sabendo, em contrapartida, o alemão, inglês, francês e russo (O Estado do Paraná, 1967b).

O que também ajudou a constatar isso foi fato de que vários descendentes de alemães teriam participado de manifestações pró-Hitler em Rio do Sul, durante a Segunda Guerra Mundial. Além do “ex-oficial da SS” citado na reportagem, Willie Wiess, outro que prestou informações sobre as atividades nazistas na região foi o delegado da cidade à época, Von Schee. Segundo ele, os nazistas exerciam o controle por meio de uma organização chamada Aliança Cultural Alemanha-Brasil, que ainda veneravam Adolf Hitler e sonhavam em ressuscitar o Reich alemão. Erdstein “descobriu” que 10% da população rio-sulense seria adepta do nazismo e que figuras como Mengele, o “anjo da morte” de Auschwitz, e Martin Bormann, lugar-tenente de Hitler, eram auxiliados pela Aliança e seriam hóspedes habituais da cidade, passando pelo local para verificar o funcionamento da célula nazista existente ali.

A reportagem do dia 14 de dezembro termina com a informação na qual todas as pistas indicavam que o foco principal do hitlerismo no Vale do Itajaí seria a casa de um “misterioso” médico húngaro – Alexander Lenard –, situada na localidade de Dona Ema, ao norte de Rio do Sul. Isso nos leva para a terceira e penúltima reportagem do jornal O Estado do Paraná – subintitulada de *Mengele Escapou por Muito Pouco* –, de 15 de dezembro de 1967, que fala como Mengele,

em suas viagens entre o Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina, utiliza um carro Simca, dois Fuques, ou um Jipe. Quando aparece em Santa Catarina, tudo indica que se homizia numa casa retirada

de Dona Ema. Esta casa, de um estranho médico, que diz não ser médico, embora faça operações e tratamentos. Pelo ciclo de suas viagens, está atualmente em Santa Catarina, não sendo preso pelo alarme dado a tempo pelo “círculo de ferro” que lhe dá cobertura no Brasil. Os informantes que colaboram nas investigações, confirmaram a época de sua aparição: “O carro usado por Mengele já chegou com quatro ocupantes”. Em contato com as autoridades do Rio do Sul e Dona Ema, o agente especial deu início a “caça” (O Estado do Paraná, 1967c).

Com isso, a *Operação Caça a Mengele* teve início. Erdstein, mediante um depoimento prestado por Klaus Wemmer, um garçom de Rio do Sul, chegou ao conhecimento de que tal propriedade recebia visitantes um tanto quanto misteriosos e possivelmente um desses seria Mengele. O dono da propriedade era o Dr. Alexander Lenard, um refugiado húngaro que “naquele momento fazia-se passar por fazendeiro, mas comenta-se que tratava doentes naquela região, e receitava medicamentos. Significativamente, tivera muitos visitantes misteriosos” (Erdstein; Bean, 1977, p. 114).

Essa suspeita motivou o “007” a fazer um cerco noturno na propriedade onde Mengele estaria hospedado, ajudado supostamente por seis soldados da Polícia Militar catarinense, mais o delegado de Ibirama e Rio do Sul, Mário Mafaldo.

O escuro, apesar da noite estrelada, fazia com que tudo tomasse forma fantástica, quase sobrenatural. A casa, localizada na elevação de uma montanha, estava com as luzes apagadas. O silêncio era cortado apenas pelos grilos e alguns cachorros, de casas próximas. Como existem duas estradas nas proximidades, foi necessário dividir o número de policiais, para que todas as saídas ficassem bloqueadas [...] O cerco começou a ser fechado, até a casa. O carro não estava lá, nem havia pessoas dentro da casa. Mengele havia recebido o aviso e, de alguma maneira, conseguiu escapar [...]. As marcas do Simca, no entanto, foram encontradas nas proximidades do local (O Estado do Paraná, 1967c).

Depois do cerco fracassado, Erdstein partiu para Curitiba a fim de investigar algumas informações recolhidas na cidade em arquivos da polícia da capital paranaense, da Polícia Federal e os da Interpol. Ele queria reunir provas suficientes para poder prender os líderes nazistas de Rio do Sul. Voltou à cidade duas semanas depois para efetuar uma “batida” na casa de Lenard com o objetivo de prendê-lo. Todavia, Erdstein não encontrou ninguém no local, mas acabou descobrindo na casa várias pistas que confirmaram ainda mais as suas

suspeitas. Na verdade, o “caçador de nazistas” invadiu o domicílio – mesmo sem ordem judicial – e lá dentro localizou diversos livros e discos de música clássica, um busto de Bach, uma fortuna em antiguidades, além de um piano de marca alemã. Já no porão, a sua “busca foi mais recompensadora”, uma vez que encontrou um grande salão de conferências repleto de lembranças nazistas, inclusive um retrato da máscara mortuária de Adolf Hitler: “Tirei-a da parede e virei-a. Nas costas estava gravado: ‘Esculpida por Fiedler, 1946, Roma’. A data deixou-me intrigado, de vez que indicava que a máscara fora feita um ano depois do suicídio de Hitler na casamata de Berlim” (Erdstein; Bean, 1977, p. 130). Além disso, achou um fichário médico, uma mesa rústica para operações, milhares de remédios, drogas e entorpecentes, bem como instrumentais cirúrgicos e uma maca. Tudo estava se encaixando e devido a essas evidências, Erdstein começou a se perguntar se Dr. Lenard não era, de fato, Josef Mengele disfarçado. Ele estava com a “pulga atrás da orelha”.

As suspeitas recaíram ainda mais sobre Lenard principalmente pelo motivo de poucos conhecerem seu real paradeiro à época em que Erdstein passou pela cidade: “alguns dizem que ele está nos Estados Unidos, outros não. Ele já regressou. Seu passado é mais misterioso ainda” (O Estado do Paraná, 1967c), afirma a reportagem. Outra suspeita recaía sobre o estilo de sua propriedade que lembrava algum lugar Alemanha.

pela formação do terreno, com pouca vegetação nas encostas dos morros, e muitos campos verdejantes (com algumas vacas pastando), “parece nos transportar para a Baviera ou para Alpes. Uma elevação entre cinco árvores frondosas, está a casa do “dr. L.”, o médico misterioso de Dona Ema (O Estado do Paraná, 1967c).

Assim, no decorrer das investigações, Erdstein chegou à conclusão de que o misterioso “dr. L” seria um alto funcionário da Alemanha nazista ou o próprio Joseph Mengele. Por meio de alguns depoimentos de trabalhadores rurais e de pessoas “menos favorecidas”, ficou claro que Lenard (ou Mengele) estava realizando intervenções cirúrgicas, inclusive com uma operação de córnea. A pergunta era se não se tratava do “anjo da morte”, que como “se sobe [sic] era especialista em pele (dermatologista) e, em Auschwitz e Belsen, chegou ao cúmulo do sadismo, confeccionando ‘abajur’ e capas de livros com pele humana?” (O Estado do Paraná, 1967c).

As investigações ainda não puderam responder estas perguntas, nem comprovar sua verdadeira identidade, pois ele não tem paradeiro conhecido e, para alguns, “está nos Estados Unidos”, apesar de não ter documentação completa no Brasil, não podendo, conse-

quentemente, obter passaporte. O mistério sobre o “dr. L” persiste, mas poderá ser desvendado em breve (O Estado do Paraná, 1967c).

A última reportagem do jornal O Estado do Paraná sobre as investigações de Erdstein foi publicada no dia 16 de dezembro de 1967. Sub-intitulada de *A Reaparição do Fantasma Pardo*, termina por denunciar a passagem de Mengele pelo Brasil:

A esta hora, em algum ponto de Santa Catarina – ou talvez já de Mato Grosso – um homem de quase setenta anos, usando nome e documentação falsos, estava tentando deixar o País. Não será difícil conseguir seu intento, pois com a “cobertura” que possui e a farta documentação forjada que carrega, ninguém, certamente, o deterá para averiguações. Tanto poderá se apresentar como “dr. Maya”, “Meyer” ou “Muller”. Para cada situação, terá uma personalidade diferente. Este homem é Joseph Mengele, o criminoso nazista mais procurado no mundo atualmente, junto com Martin Bormann, os monstros fabricados pela mente doentia de Adolf Hitler. Mesmo que alguém possua uma foto de Mengele, dificilmente conseguiria identificá-lo: os 22 anos desde o fim da II Guerra Mundial, transformou sua face, que conserva tenuamente o sadismo, a bestialidade que recaiu sobre milhares de vítimas do Reich (O Estado do Paraná, 1967d).

A reportagem ainda se dedicou a explicar o surgimento do Partido Nazista nos Estados Unidos e, particularmente, na Alemanha, onde tinham arranjado um “nome mais respeitável: Partido Nacional Democrata” (PND), liderado pelo industrial chamado Friedrich Thielen. “Como explicar o neonazismo 22 anos depois após a derrocada de Hitler?” indaga a reportagem. “Em consequência da vigilância imposta pelos vitoriosos, a nação alemã sofre, à medida que se desenvolve sua própria prosperidade, um complexo coletivo de frustração cada vez mais profundo” (O Estado do Paraná, 1967d). O partido neonazista PND acenaria, entretanto, com a abertura das portas para seu próprio futuro, explorando o nacionalismo e o chauvinismo. “O perigo pardo existe não a curto, mas sim a longo prazo.” A série de quatro reportagens termina deixando um aviso “preocupante”:

“A Alemanha para os alemães e a Europa para os europeus” é um dos “slogans” do PND, que conta com uma ala militante de 20 mil membros, dos quais 1.200 são “velhos guerreiros de Hitler”, a elite de veteranos nazistas que recebeu suásticas de ouro pessoalmente das mãos do “Führer” Hitler gabava-se de ter atingido o poder sob a constituição: o PND faz questão de se manter dentro da lei

evitando cair na ilegalidade como o Partido Comunista em 1956. A guerra terminou, fazem 22 anos. O fantasma pardo está saindo do baú? (O Estado do Paraná, 1967d).

O que identificamos com o discurso final da reportagem era o medo existente durante as décadas de 1960 e 1970 de um partido nazifascista voltar ao poder, seja na Europa ou seja a partir das “entranhas da América do Sul” comandada pelos criminosos de guerra que fugiram do Tribunal de Nuremberg. É importante frisar que as investigações de Erich Erdstein não se restringiram ao Brasil, mas sim ganharam destaque em importantes jornais e revistas da Europa. Em janeiro de 1969, o “agente especial” vendeu a história das suas incríveis peripécias pelo “submundo da suástica” à revista alemã *Neue Revue* e para o jornal inglês *The People*. Desse material recebido, a revista alemã produziu uma reportagem dividida em séries, ilustrando um dos capítulos com uma foto que o “superagente” trouxera de Dona Ema, na qual afirmava ser Mengele. Contudo, a foto não retratava o “anjo da morte”, mas sim Alexander Lenard (I IV..., 1991c).

Lenard nasceu em Budapeste, capital da Hungria, no dia 9 de março de 1910, e faleceu em Dona Ema, no dia 13 de abril de 1972. Foi médico, filósofo, poeta, desenhista, romancista, conhecedor de mais de doze línguas e estudioso da obra de Johann Sebastian Bach. Produziu cerca de dezesseis obras em húngaro ou alemão nas áreas da literatura, da linguística, da medicina, além de poemas. Algumas produções foram traduzidas para outras línguas pelo próprio autor, mas não deixou nenhuma em português.⁷¹

O medo de uma guerra nuclear à época da Guerra Fria fez com que ele e sua esposa, Andrietta Lenard, deixassem a Europa rumo ao Brasil, pois acreditavam que os continentes com grande concentração de florestas e vegetações estariam mais protegidos aos efeitos de uma guerra desse quilate. Por isso mesmo, escolheu a cidadezinha do interior de Santa Catarina, Dona Ema, para se estabelecer.

Quando a matéria da revista *Neue Revue* foi publicada na Alemanha, reproduzindo a foto que hipoteticamente seria de Mengele no Brasil, o professor Josef Eberle, editor do jornal alemão *Stuttgarter Zeitung*, reconheceu seu amigo Alexander Lenard e o avisou logo em seguida. Nesse momento Lenard estava lecionando línguas clássicas em Charleston, nos Estados Unidos, quando soube dessa teoria conspiratória que afirmava ser ele, possivelmente, Mengele. “O falso Mengele se divertiu muito com a fábula de Erdstein, mas não deixou o

⁷¹ Entre as obras que Lenard produziu, podemos destacar *The Valley of the Latin Bear* (1965) e *Ein Tag im Unsichtbaren Haus* (1970).

caso sem resposta. Produziu um artigo carregado de ironia para a 'Stuttgarter Zeitung' e reduziu a história do austríaco a pedaços" (I IV[...], 1991c, p. 27).

A teoria conspiratória criada por Erdstein fez com que Lenard agisse sobre a realidade publicando um artigo no dia 9 de abril de 1968, no jornal alemão *Stuttgarter Zeitung*, sob o título de *Como Cheguei a Ser Bormann e Mengele: um Relatório da Floresta Virgem* (Lenard, 1968, p. 3). Lenard confirmou que, realmente, um indivíduo dizendo-se policial vasculhara sua casa em Dona Ema e se aposara de algumas fotografias. Entre elas, a que a revista *Neue Revue* estampara afirmando se tratar de Mengele.

Para Lenard, Erdstein era um mero leitor de James Bond que passava pela cidade em dezembro de 1967, quando ouviu falar de um velho alemão riquíssimo que havia construído uma vila luxuosa em Dona Ema, onde vivia escondido e alegre. Erdstein, então, convenceu o delegado da cidade de Rio do Sul que a casa estava cheia de ouro, brilhantes e notas de libras falsas, além de armas. Prometeu ao delegado participação no que encontrariam e, no dia 6 de dezembro, organizaram uma expedição até a casa contando com 13 homens em carros e armados de metralhadoras.

Cercaram minha casa de madrugada e queriam me prender ao amanhecer. Também o teriam feito se eu não estivesse realmente em Charleston [...] Vasculharam a casa, encontraram 8 volumes de Goethe (ele é um alemão), um quadro de Bach (Hitler disfarçado), e um cartão postal que dizia "Vou conseguir as sementes que perdi" (considerado código secreto), ouro e brilhantes procuraram em vão. Até o galinheiro e os pés de eucalipto não foram poupados com a procura [...]. Tudo que a força policial achou foi um jornal com o título em primeira página: O criminoso conseguiu fugir na última hora, antes da chegada da polícia. Até havia algumas pessoas que mediante dinheiro, afirmaram terem me visto fugir num carro amarelo (Lenard, 1968, p. 3).

Lenard termina seu artigo afirmando que Erdstein apresentou novamente as suas aventuras ao jornal Estado de São Paulo, publicando-as em quatro sequências. Na "continuação nº 4 revelava que toda a SS no Brasil costumava se reunir diante do busto de Hitler, escondido no porão de minha casa" (Lenard, 1968, p. 3). A publicação do artigo de Lenard na revista *Stuttgarter Zeitung* foi o bastante para que a *Neue Revue* interrompesse a série e submetesse Erdstein a uma inquirição juramentada, com o objetivo de provar a veracidade do relato. O "caçador de nazistas" insistiu na veracidade de sua história, mas a revista achou melhor colocar um ponto final nela (Oeste, 1991c, p. 27). Os seus leitores esperavam o prosseguimento da sensacional série, o que não ocorreu: a revista se deu

conta da mancada e, “na edição seguinte, publicou apenas uma declaração assinada pelo vigarista, atestando a veracidade dos fatos narrados. E nunca mais se falou no assunto, pelo menos na ‘Neue Revue’” (Oeste, 1991c, p. 27).

As suas investigações geraram tamanha celeuma que as autoridades de Santa Catarina foram obrigadas a intervir, proibindo-lhe de continuar com a farsa em jurisdição que não era de sua alçada, sugerindo o seu retorno ao Paraná. A Secretaria de Segurança do estado catarinense determinou ainda a abertura de um inquérito policial ante os problemas causados pelas atividades de Erdstein na região de Dona Ema e outras cidades de origem e descendência alemã do estado (O Estado do Paraná, 1969, p. 8).

Depois de fracassar e ter sido praticamente expulso de Santa Catarina, Erdstein achou mais prudente continuar sua caçada nos limites do Paraná. No início de 1968, ele “descobriu” que uma pequena cidade localizada no interior do Estado, não muito distante da fronteira com o Paraguai, fora “tomada por um grupo de nazistas que estaria intimidando a população. A Polícia local nada fazia – segundo o Sherlock das araucárias –, porque era controlada pelos hitleristas” (Oeste, 1991c, p. 27). Esta cidade era Marechal Cândido Rondon, cujo prefeito, Werner Wanderer, “não sabia de que maneira poderia controlar a situação. Nas escolas, os alunos cantavam velhos hinos nacional-socialistas. E nas igrejas, padres e pastores estariam trocando os ensinamentos do Evangelho pelo credo nazista” (Oeste, 1991c, p. 27). Segundo Erdstein, esse suposto núcleo nazista dava cobertura e refúgio para os criminosos de guerra Martin Bormann e Josef Mengele, que teriam sido vistos na cidade mais de uma vez, tanto juntos como separadamente. Implodir esse foco de “subversão” não era, obviamente, tarefa para qualquer um. Só um policial experimentado poderia se “incumbir de tão árdua e perigosa missão. Erich Erdstein, naturalmente” (Oeste, 1991c, p. 27).

E lá se foi o “agente especial”, rumo à infeliz cidadezinha situada a 5000 quilômetros de Berlim. Com um revólver na maleta e óculos escuros sobre o nariz, Erdstein desembarcou em Marechal Cândido Rondon num dia de calor intenso. O mês de março chegava ao fim, e no ar pairava uma fina e incômoda poeira vermelha (Oeste, 1991c, p. 27).

4.1.2 Mengele e Bormann em Marechal Cândido do Rondon – Paraná

Erdstein, além de “caçador” de pseudonazistas, foi um ótimo vendedor de suas aventuras. Antes de ser plenamente desmascarado, negociou o seu conto – dessa vez sobre a cidade de Marechal Cândido Rondon, localizada no Oeste do Paraná e a 590 km da capital Curitiba – com o Jornal da Tarde, uma edição

vespertina do jornal O Estado de São Paulo. No dia 18 de maio de 1968, foi publicada, com texto e fotos do jornalista Moisés Rabinovici (que de fato acompanhou Erdstein na sua passagem pela cidade), a reportagem intitulada *Onde está nascendo o IV Reich*:

A nove mil quilômetros de Berlim, no Brasil, no interior do Paraná, em Marechal Cândido Rondon, a polícia descobriu uma nova Alemanha. Num relatório oficial, já entregue ao governador Paulo Pimentel, um investigador garante: “É uma Alemanha nazista. Seus cidadãos mais importantes e protegidos são Martin Bormann e Joseph Mengele”. A nova Alemanha, há 23 anos do fim da guerra contra Hitler, é presidida por seis nazistas, segundo a polícia. E é também o IV Reich em instalação no Brasil (Onde [...], 1968, p. 10).

Investido como agente da DOPS do Paraná (Departamento de Ordem Política e Social, utilizado durante o período da Ditadura Militar do Brasil – 1964 a 1985 – com o objetivo de censurar e reprimir movimentos sociais e políticos que se mostravam contrários ao regime), Erdstein foi à cidade quando teria recebido o convite do seu então prefeito, Werner Wanderer. Ao conversarem, Wanderer relatou a ele o fato de sua cidade ter sido tomada por um grupo de nazistas, que estava intimidando os brasileiros. Muitos habitantes haviam se queixado ao prefeito, mas ele não sabia como proceder para controlar a situação. Depois de ter feito algumas perguntas, o “agente” concordou em passar alguns dias no local para averiguar a situação. Quando chegou, constatou que a maioria dos 65 mil habitantes do município na época eram alemães, havendo “um resto de sonho nazista”.

Marechal Cândido Rondon foi colonizada só por alemães. Os primeiros brasileiros que apareceram por lá foram sendo mal vistos e chamados de negros. Os morenos foram proibidos de dançar nos bailes do clube da cidade. O cinema não passa filmes americanos de guerra. E os brasileiros que moram lá ouviram falar muito de “raça pura” e “nacional-nacionalismo”. É o resto do sonho de Hitler: a “Alemanha Antártida”. O líder nazista de Marechal Rondon é vereador, dono de um hospital. Chama-se dr. Friedrich Rupprecht Seyboth. Na cidade de Rondon, uma cidade com duas avenidas largas e vermelhas de pó, há sete mil pessoas, a maioria alemã, a minoria eleitora. E quase só se fala alemão, nos anúncios da rádio, nos bares, principalmente nos cumprimentos comuns, *Wie geht's?* (ou como vai?), *Guten Tag* (ou bom dia), *Guten Abend* (ou boa tarde). Até as lápides dos cemitérios estão escritas em alemão nessa cidade. É uma região que começou a ser colonizada há menos de dez anos, por uma empresa que só vendia terras a alemães, ou a seus descendentes (Onde [...], 1968, p. 10).

A empresa em questão, “que só vendia terras a alemães, ou a seus descendentes”, tratava-se da Industrial Madeireira Rio Paraná S. A. – MARIPÁ. De fato, ela colonizou a região, povoando-a, principalmente, de alemães do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Para Erdstein, a presença majoritária desse “elemento humano”, somado com a manutenção da língua alemã, mostrava-se como um forte indicativo para comprovar as suas denúncias da “Nova Alemanha nazista”. Na sua visão, “Marechal Rondon, era uma cidade pequena demais para aparecer na maioria dos mapas” (Erdstein; Bean, 1977, p. 151).

A reportagem aponta ainda o descontentamento de várias pessoas importantes da cidade com o grupo nazista que ali agia, além do prefeito Werner Wanderer: o médico Aylson Confuncio Lima, o capitão da polícia Eduardo Machado Lima, o advogado Josué do Amaral Campos, o vereador Antonio Ceretta e o delegado de polícia Marcio Sarraceno Lemos Pinto. Depois de conversar com essas autoridades, Erdstein soube que o local era politicamente dominado por seis partidários de Hitler, que queriam implementar o IV Reich: os líderes Friedrich e Ingrun Seyboth, Heribert Hans Gasa, Joseph Wenzler, Ernest von Blüchner e um certo Reschke.

1. Friedrich Rupprecht Seyboth – foi oficial médico da SS e é o homem que naturalizou Adolf Hitler, austríaco, como cidadão alemão. Depois da guerra, um tribunal o condenou a doze anos de cadeia. Ele se casou com a filha do ex-ministro presidente de Braunschweig, sra. Ingrun Klagges. Montou um hospital em Rondon, é um de seus melhores médicos. Afirma que nunca dirá onde se encontram Martin Bormann e Joseph Mengele. Atualmente, está com a esposa em Hamburgo, Alemanha, a passeio;
2. Ingrun Klagess Seyboth – a mulher de Friedrich, amiga pessoal de Hitler, Goebbels e Himmler. Declara-se francamente Nacional Socialista, menospreza o Brasil. Os seus filhos, nascidos aqui, são registrados no Consulado Alemão. Ela se naturalizou, foi diretora de uma escola em Marechal Cândido Rondon;
3. Ernest August Von Bluchner, dono de terras, vive afastado e isolado do mundo. Ele é parente do Marechal – de – Campo Von Bluchner, do antigo exército alemão do III Reich;
4. Heriberto Von Gasa, estabelecido em Rondon com uma ótica. Chegou ao Brasil regularmente, usando um contrato frio feito por Seyboth, para trabalhar como técnico em seu hospital. Receita e dá consultas como oculista, ilegalmente. Com um irmão de Ingrun Klagges, logo depois da guerra, fundou um partido político ultranazista, na Alemanha. Foi amigo particu-

- lar do general Brehner, que capturou e executou os oficiais que tentaram matar Hitler, em 25 de julho de 1944;
5. Joseph Wenzler, que trabalha como torneiro mecânico. Num de seus braços está tatuado ainda o número de identificação da SS. É ultranazista e foi um dos “führer” austríacos;
 6. Reschke (o primeiro nome não consta no relatório) atualmente vive como carpinteiro. Foi membro da SS austríaca e continua nazista (Caso [...], 1976, p. 5).

Esses cinco homens e uma mulher liderariam uma sinistra confraria secreta responsável em alimentar o mito da “raça pura” e proteger criminosos de guerra, como Bormann, “o príncipe herdeiro de Adolf Hitler”, que já havia passado por Rondon. Além disso, promoviam misteriosas reuniões em fazendas afastadas ou na própria cidade, com a participação de adeptos do nazismo. O casal Seyboth foram os primeiros interrogados por Erdstein:

Interroguei-os a respeito das suas atividades políticas, e perguntei-lhes se eram membros do partido nazista, fato que não hesitaram em confirmar. Seyboth pousou em mim os olhos grotescamente aumentados pelos óculos de lentes fortes e aros de metal. – O senhor é alemão, não é... austríaco?... muito bem, deveria estar a nosso favor. Não consigo entender o porquê da sua preocupação. Sua pátria faz parte da Gross Deutschland. Somos pessoas superiores e temos o direito de governar aqui (Erdstein; Bean, 1977, p. 152).

Esse era o tom das respostas dos “nazistas” locais à Erdstein: ele deveria os ajudar, e não os ameaçar. Após ter interrogado outro suspeito, Wenzler, no interior da cidade, o “agente” percebeu que alguém havia furado os pneus de seu carro, tendo que voltar, em plena noite, caminhando até o hotel no qual estava hospedado. Nesse trajeto, acompanhado por Rabinovici, foram perseguidos:

A cidade estava envolta num silêncio mortal. Ao dobrarmos a esquina, escutei um barulho [...]. Era o cantar de rodas de bicicletas, e quando me virei na direção de onde vinha o ruído, cinco ciclistas surgiram das trevas [...]. Os homens de meia-idade que ocupavam as bicicletas lançavam sombras na escuridão [...] e um deles exclamou: – Não vão conseguir sair daqui. Sabemos como lidar com comunistas! [...]. Os dois homens que seguiam à frente desmontaram e encostaram as bicicletas contra uma árvore. Deram meia-volta e começaram a caminhar de volta na nossa direção. Saquei a arma. Mirei para seus pés e disparei contra o chão por diversas vezes. Diante daquilo, os homens deram uma volta e correram para o meio da escuridão da noite, desaparecendo em poucos segundos (Erdstein; Bean, 1977, p. 159).

Aventura digna de um legítimo “James Bond” versão brasileira. Toda essa fantástica cruzada contra os “nazistas” do Extremo-Oeste paranaense levou Erdstein a afirmar: “com certeza, com raiva, com tristeza, como um profeta: – Aqui, está nascendo o IV Reich” (Onde [...], 1968, p. 10). Querendo obter mais algumas informações a respeito dos nazistas da cidade, o “agente da DOPS” foi à cidade de São Paulo, onde interrogou Fritz von Ammon, apontado por uma testemunha de ser uma espécie de “mensageiro dos nazistas”. Ammon teria explicado bem claramente a situação de toda a rede nazista que funcionava no continente. Marechal Cândido Rondon estava localizada em uma região ideal para ser o quartel general daquela área, em razão de ficar próxima à fronteira com o Paraguai. “Os nazistas tinham controle da localidade e ficava isolada de tal sorte que ninguém perceberia o constante movimento de homens”, finaliza o mensageiro (Erdstein; Bean, 1977, p. 162). Erdstein percebeu nesse momento que não estava lidando apenas com uma organização local, mas sim uma organização continental, que recebia ordens dos mais importantes nazistas como Mengele e Bormann – que ainda dava as cartas. O governo paraguaio, por sua vez, simpatizava com eles e no país existia a principal base de operações dos nazistas, com tentáculos espalhados no Rio de Janeiro, São Paulo e em todas as maiores cidades do Brasil.

Como não podiam viajar legalmente entre um país e outro, cruzavam as fronteiras de um lado para o outro às escondidas, com dinheiro e ordens para as atividades terroristas. Já contavam com a simpatia de um legislador no Paraguai e queria ver toda a América do Sul dominada por governos da extrema direita (Erdstein; Bean, 1977, p. 162).

Os nazistas nutriam grandes esperanças de poder manipular os ditadores dos países sul-americanos: Paraguai, Chile, Peru, Brasil e Venezuela. “Estamos ficando cada vez mais fortes – esbravejou Von Ammon. – Também controlaremos todo o resto do mundo!” (Erdstein; Bean, 1977, p. 162).

Depois disso, Erdstein viajou até Curitiba para conseguir mandados de prisão para os nazistas de Marechal Rondon. Entretanto, ao voltar com eles em mãos, todos os “nazistas” já haviam deixado a localidade: Von Seyboth e a esposa, Von Gaza, Isenberg e Wenzler. Deixaram tudo para trás e fugiram com medo de serem presos. Mas Erdstein não estava satisfeito. A aventura pela cidadezinha do Oeste paranaense havia acabado, mas seu grande desafio estava prestes a se tornar realidade: capturar Mengele, que estaria escondido na região de Foz do Iguaçu, cidade situada na fronteira com a Argentina e o Paraguai.

Quando chegou à cidade da tríplice fronteira, teve que adiar seus planos por um tempo, pois obteve a informação de que Martin Bormann vivia em

uma espécie de fortaleza na selva paraguaia, não muito longe da fronteira com o Brasil, protegida por centenas de militares guaranis e por ex-soldados da SS. Em um fatídico dia, enquanto levantava documentos sobre o caso, acabou se deparando com Bormann na rodoviária de Foz do Iguaçu. Rapidamente começou uma desenfreada perseguição ao longo da estrada que cortava o Oeste do Paraná, em direção a Guaíra. Mas, na altura de Marechal Cândido Rondon, perdeu o rastro de Bormann. Agindo ligeiramente, pegou emprestado o avião particular de Werner Wanderer e sobrevoou o local próximo a Porto Mendes, onde estaria a fortaleza.

Vimos diversos homens saírem correndo de dentro das construções, acompanhados por dois pastores alemães. Quatro ou cinco estavam à paisana. Outros envergavam uma espécie de farda, com camisas escuras, botas de cano alto e quepes. Sentindo um calafrio lembrei-me do uniforme usado pela SS durante a Segunda Guerra Mundial, mas tratei de afastar aquilo da cabeça. Percebi que os homens fardados corriam muito rijos, como se fossem velhos. Inesperadamente, escutamos o cantar intercalado das metralhadoras. O piloto soltou uma praga e levantou o nariz do avião, efetuando uma subida rápida [...] (Erdstein; Bean, 1977, p. 171).

Tentou ainda vasculhar a região por terra, mas foi em vão. Foi a última vez que Erdstein soube algo sobre o paradeiro de Bormann. Depois de tropeçar várias vezes na rede hitlerista que dava proteção aos nazistas em Santa Catarina e no Oeste do Paraná, “o esforçado policial” teria finalmente conseguido encontrar o médico em um vilarejo do noroeste paranaense chamado de São João do Alcaide. Neste local, Erdstein conseguiu prender Mengele, que na ocasião usava o nome falso de Cyrilo Chavez Flores, recambiando-o para o xadrez da Polícia Federal em Curitiba, para ser extraditado à Alemanha. No entanto, Mengele foi libertado 24 horas depois de ser preso, mergulhando novamente na clandestinidade, o que levantou a suspeita do envolvimento de autoridades brasileiras com os nazistas. “Estava pasmo, minha cabeça continuava se recusando a aceitar o fato de que a Polícia tivesse simplesmente aberto a porta da sua cela e o deixado sair” (I IV [...], 1991a, p. 33).

Mas o “caçador de nazistas” não se deu por vencido. Imaginava que Mengele tentaria cruzar a fronteira com o Paraguai por Foz do Iguaçu e lá ficou à espera dele. Quando ele tentava cruzar o Rio Paraná, Erdstein conseguiu aprisioná-lo: “Outra vez?, teria esbravejado o velho nazista, ao reconhecer o ‘agente especial’” (I IV [...], 1991a, p. 33). Algemou Mengele e o escondeu em uma cabana até a conclusão das negociações com autoridades de Puerto Iguazu, Argentina, que se disporem a recebê-lo. De lá, ele seria extraditado para a Alemanha. En-

tretanto, mais uma vez a rede nazista do Cone Sul veio em socorro do médico: no momento que Erdstein transportava o prisioneiro para a Argentina, o barco em que viajavam foi atacado por um comando militar paraguaio. O objetivo dos soldados era claro: libertar Mengele. O “agente 007” não teve outra alternativa a não ser abrir fogo contra o “carrasco de Auschwitz”, que caiu na água, mortalmente ferido. “Vi diante de mim o corpo de Mengele mergulhado dentro da água.” O cadáver, inerte, teria sido resgatado pelos paraguaios, fato que o impossibilitava de ter algo concreto para provar a sua teoria. Mas tudo era verídico segundo ele.

Erdstein termina a sua incrível saga com uma frase profética, uma filosofia barata: “Um nazista morto. Mas que importava isto? Um nazista nunca morre. Aparecerá amanhã, com um rosto diferente e um nome diverso, talvez falando uma língua diferente, mas com as mesmas antigas ideias. Senti-me, de repente, cansado demais” (Erdstein; Bean, 1977, p. 194).

Obviamente que toda essa história criada por Erdstein não possui nenhuma evidência, nenhum respaldo e, na verdade, ela começou a ser desmascarada ao longo dos anos que se seguiram a passagem do “agente” pela cidade, mas não sem antes causar grandes celeumas. As notícias representando Marechal Cândido Rondon como a maternidade do IV Reich se espalharam rapidamente. A reportagem de janeiro de 1969 da revista alemã *Neue Revue*, a mesma que apresentou a história de Lenard, também publicou os detalhes sobre as investigações de Erdstein na cidade do Oeste paranaense.

Em 1970, a revista *Siete Dias*, de Buenos Aires, enviou dois repórteres à cidade, com o objetivo de encontrar evidências de que Mengele e Bormann ali se refugiaram; pois, com base nas afirmações de Erdstein, a localidade era um covil de nazistas. Entretanto, os jornalistas não encontraram nada que comprovasse as alegações do “agente” e, na ausência de fatos inéditos, os repórteres se limitaram a tecer comentários sobre as denúncias feitas por Erdstein. “O material foi aproveitado pela revista no bojo de uma ampla reportagem sobre o paradeiro de Bormann e ilustrado com fotos da cidade e de dois conhecidos rondonenses: o óptico Hans Gasa e seu amigo Friedrich Seyboth” (I IV [...], 1991b, p. 29).

Quando deixaram se fotografar pelos jornalistas argentinos, Gasa e Seyboth “não imaginavam que esse registro – feito no dia 7 de setembro de 1970, durante o desfile alusivo à independência do Brasil – haveria de correr o mundo” (I IV [...], 1991b, p. 29). Isso porque em 1974, o jornalista, roteirista e escritor Ladislav Farago, húngaro radicado nos Estados Unidos da América desde 1937, escreveu a história alternativa conspiratória intitulada de *Aftermath: Martin Bormann and the Fourth Reich (Consequências: Martin Bormann e o IV Reich)*,

no qual narra uma exaustiva caçada que ele próprio teria realizado na América do Sul, em busca de Martin Bormann (Farago, 1974). Logo depois de publicado, o livro se tornou um best-seller ganhando as livrarias de vários países. Em 1975, foi publicada a segunda edição com o título de “*Aftermath: The Most Daring Manhunt of our Time. The final Search for Martin Bormann*” (Consequências: A caça humana mais ousada do nosso tempo. A busca final por Martin Bormann), e no mesmo ano ganhou a sua versão em língua alemã, sob o título de *Scheinot* (Aparentemente Morto).

Argumentando com base em hipotéticos relatórios oficiais de países sul-americanos, informes do FBI, dados historicamente comprovados e informações de fontes privadas, Farago tentou produzir uma obra aparentemente sólida. Assim como outras personalidades do III Reich, Bormann também teria sobrevivido à Segunda Guerra Mundial migrando para a América do Sul. O escritor não acreditava na versão na qual ele tinha morrido em Berlim, em 1945, muito menos acreditava ser a ossada encontrada nas proximidades de uma estação ferroviária na antiga capital do Reich alemão, em 1972, os restos mortais do homem que teve decisiva influência na implantação dos campos de concentração. Nas suas investigações (que analisamos detalhadamente no tópico 4.2) pelo continente da suástica, ele acabou se deparando com a cidade de Marechal Cândido Rondon. Seguindo a trilha que Erdstein havia feito há seis anos, Farago afirmou ter comprovado pessoalmente a existência de um “microcosmo nazista” na cidade, que era composta por “figuras sinistras”.

O centro do neonazismo era a cidade de Marechal Cândido Rondon, nome de um herói militar brasileiro, agora infestada por alguns dos mais viciosos e velhacos espécimes de uma era que nós pensávamos ter passado e um regime que nós gostaríamos de acreditar termos erradicado. Eu achei a cidade, no extremo oeste do estado do Paraná, um verdadeiro microorganismo Nazista. O prefeito na época da minha visita era um jovem brasileiro de origem alemã, Werner Wanderer. Um implacável anti-nazista, ele fez o que podia para inibir as atividades desses “alemães” que escolheram essa cidade como abrigo, provavelmente porque ela forneceu o refúgio para pessoas que cuja sobrevivência depende de sua ocultação (Farago, 1975, p. 79).

Farago identificou os líderes nazistas da cidade: Heribert Gaza, Dr. Friedrich Rupprecht Seyboth e sua esposa Ingrun Klagges. Todos estariam se refugiando. Ingrun, “amiga pessoal de Hitler, Goebbels e Himmler”, teria promovido

uma passeata de estudantes “loiros e de olhos azuis” com cartazes de apologia ao nazismo. Inclusive, seria a “Primeira Dama do Nazismo da América do Sul”:

[...] conhecida como a Primeira Dama do Nazismo da América do Sul. Ela, ao lembrar de Hitler afirmou que: Ele amava crianças, ela conta, “e eu, uma pequena garota, era sua favorita. Meu Deus”, ela acrescenta, seus olhos brilhavam como que acalentando as memórias, “como era maravilhoso quando me pegava no colo e me acariciava afetuosamente, nosso Führer, o grande homem da história (Farago, 1975, p. 79).

Todos os nazistas da cidade eram protegidos por um homem “estranhamente arrojado” perto dos cinquenta anos, “com paixão pelo anonimato. Ele era (e ainda pode ser) um dos Nazistas mais perigosos em atividade, apesar de nenhuma lista de criminosos de guerra citá-lo e ele não ser procurado em nenhum lugar por algum crime conhecido” (Farago, 1975, p. 79). Esse homem era Herbert von Gaza, o “cérebro”, o chefe de um movimento neonazista denominado “Ultras”, o ideólogo e a testa de ferro do nazismo nesta parte da América do Sul. “Gaza” teria conversado livremente com Farago, admitindo a existência dos Ultras e que ainda possuía em bom estado o uniforme da SS usado na guerra pela Alemanha nazista. Intimado a posar para uma fotografia com tal uniforme, “Gaza” recusou com um sorriso perplexo: “‘É cedo demais’, ele disse em voz baixa, deixando-me com uma dúvida, se ele estava se referindo ao tempo daquele dia – era dez horas da manhã – ou se para a fase da evolução do seu movimento” (Farago, 1975, p. 80).

Depois de algumas investigações na cidade, Farago encontrou vários nazistas, mas somente traços de Martin Bormann, levando-no para outras regiões da América Latina. O seu discurso só se diferencia do de Erdstein quando afirmou ser o líder nazista de Marechal Rondon “Heribert Gaza”, e não Seyboth. Porém, não existem evidências, testemunhas, relatos sobre a passagem do jornalista norte-americano pela cidade do Oeste paranaense. O mais provável é que fez suas as palavras de terceiros – no caso, relatos como o que Erdstein vendeu a várias revistas e jornais do Brasil e da Europa no final da década de 1960. Comprova-se isso quando ele reutilizou a foto de “Heribert Gaza” e Seyboth estampada pela revista argentina Siete Dias, quatro anos antes da publicação de Aftermath, com uma nova legenda. Agora, o médico e o óptico foram apresentados como “Martin Bormann e seu amigo Adolf Hundhammer”. A “prova” de que o braço direito de Hitler estaria vivo teria sido obtida em uma remota localidade boliviana chamada Apolo, em 1958.

Na verdade, o “Bormann” da fotografia era o óptico Heribert Gasa (não “Gaza”), e Adolf Hundhammer era o médico Friedrich Seyboth. Ambos eram moradores da cidade onde faleceram muito tempo depois. Isso desmente a fala de Erdstein quando este afirmou que eles haviam fugido do local com medo de serem presos. Depois de Farago ter publicado a imagem em seu livro, ela foi reproduzida por várias reportagens de jornais e revistas do mundo que se basearam nos seus escritos. Na edição de 24/30 de abril de 1975, a revista sensacionista alemã *Quick* republicou a fotografia na reportagem intitulada *Bormann vive na Argentina*, na qual são contadas as peripécias do autor em busca do “braço direito” de Hitler pela América (O Paraná, 1976). Na Itália, por sua vez, coube à revista semanal *L'espresso* estampar na matéria *L'uomo che Parlò com Bormann* (*O homem que falou com Bormann*) a fotografia dos dois rondonenses. O discurso da reportagem italiana, fundamentada em uma entrevista cedida por Farago, afirma que “um dos maiores criminosos de guerra da Alemanha” viveu luxuosamente em uma vila do Rio da Prata, Argentina, cercado por cães e guardas (*L'uomo [...], s. d.*).

No Brasil, houve duas publicações baseadas no livro de Farago contendo a fotografia de Gasa e Seyboth como se eles fossem Bormann e seu amigo Adolf Hundhammer. A edição do dia 9 de agosto de 1975 da revista *Manchete* e a edição de fevereiro de 1976 da revista *Realidade*, intitulada *O IV Reich*” (*O IV [...]*, 1976, p. 75). Inclusive, em 1975, Farago utilizou a fotografia como referência para a capa da segunda edição do seu livro *Aftermath*.

Mas a história da cidade envolvendo o nazismo não acabou com essa “fotografia famosa”. Ela teve mais alguns capítulos. Devido à disseminação por várias partes do mundo dessa teoria conspiratória envolvendo Marechal Cândido Rondon e a formação do IV Reich, Friedrich Seyboth quase foi sequestrado por “caçadores de nazistas”, loucos por uma boa recompensa, em junho de 1976. A acusação era que ele, e não Gasa, seria Martin Bormann em conta da sua “incrível” semelhança física com o braço direito de Hitler. O autor do plano e execução foi o jovem Alcione Martins, de 22 anos de idade, preso no dia 10 de junho de 1976. A polícia local o deteve alguns dias depois que a esposa de Seyboth, Ingrun, recebeu um telefonema anônimo advertindo a possibilidade de seu marido ser morto ou sequestrado durante uma viagem a Curitiba. De acordo com o depoimento de Alcione à polícia, o sequestro seria executado por nove elementos, contando com três automóveis, que utilizariam drogas injetáveis para manter “Bormann” dopado até ser entregue aos interessados em São Paulo. “As drogas e seringa hipodérmica foram encontradas em poder dele. Ele revelou quem eram os seus cúmplices, que estão desaparecidos até o momento” (*Tribuna do Paraná*, 1976).

Quando Alcione foi interrogado, confessou também que todo o plano para sequestrar o médico Friedrich Seyboth consistia na sua certeza de que este se tratava de Bormann. Sua convicção estava baseada em uma fotografia publicada “por uma revista”, em 1975. Trata-se claramente da publicação da revista Manchete, quando esta reproduziu a foto dos dois rondonenses como sendo Bormann e seu amigo. Desde então, Alcione estava estudando uma maneira de ganhar dinheiro com a caça de Bormann. “Os ‘interessados’ com os quais entrou em contato, em São Paulo, prometeram pagar-lhe 150 mil dólares por aquele homem, desde que fosse realmente o criminoso e de guerra nazista” (Tribuna do Paraná, 1976).

Depois desse primeiro depoimento, Alcione prestou mais um. Agora a história passou a ter outra versão: Seyboth passou repentinamente de vítima para acusado. Segundo Alcione, Seyboth planejou seu próprio sequestro, tendo-o como cúmplice, com o objetivo de incriminar o também médico da cidade, Ítalo Fernando Fumagalli, manchando a sua reputação e o levando para a prisão, por conta de uma rivalidade local. Em troca do serviço, Alcione receberia uma elevada quantia em dinheiro, 40 mil cruzeiros (moeda da época) para contratar o pessoal que realizaria a operação e cobrir as despesas iniciais, e mais de cem alqueires de terras no Paraguai (na região do Chaco). E havia mais: “deveria deixar se prender, sem se preocupar, pois receberia amplo apoio jurídico [...]. Seyboth lhe assegurara que ‘não haveria problemas’, pois possuía dinheiro ‘para comprar tudo e todos nesta cidade’” (Tribuna do Paraná, 1976).

Justificando este segundo depoimento ao delegado Alberto Maier, de Marechal Cândido Rondon, no qual o médico Friedrich Seyboth passa repentinamente de vítima para acusado, Alcione ressaltou que por questão de consciência resolvera “declarar a verdade, não colocando um inocente à margem da Lei” (Caso [...], 1976, p. 3).

Após os dois depoimentos, Alcione desapareceu “misteriosamente” de Marechal Cândido Rondon. “Ninguém sabe onde ele se encontra, nem as pessoas mais chegadas a ele” (Nazismo [...], 1976, p. 5). Como o crime não se concretizou, Alcione não ficou detido e tanto Seyboth como Fumagalli negaram qualquer envolvimento com o suposto sequestrador. Seyboth, inclusive, defendeu-se das acusações de que era Martin Bormann afirmando ter nascido em 1919. Tendo, portanto, 55 anos. “O Bormann deve estar com 80 anos. Não posso ser o Bormann...” (Bormann, 1978, p. 14).

Essa história, por si só, comprova que quando as pessoas acreditam em certas teorias conspiratórias, como Alcione, elas podem agir sob a influência dessas crenças irracionais, interferindo na realidade das pessoas. Tanto é que,

da mesma forma que Lenard, Casa e Seyboth não se calaram sobre as acusações proferidas por Erdstein e Farago, nem sobre as reportagens do Jornal da Tarde, nem sobre as publicações que reproduziram a “famosa fotografia”. Tiveram sua realidade afetada e, a partir disso, agiram sobre ela.

Friedrich Rupprecht Seyboth, filho de pais alemães, nasceu no dia 13 de junho de 1919 na cidade brasileira de Estrela, Rio Grande do Sul. Quando tinha apenas 6 anos de idade, sua família mudou-se para a Alemanha. Em 1939, entrou na faculdade de Medicina em Berlim e, em 1940, na Academia Médica da Aeronáutica. No começo da Segunda Guerra Mundial, foi enviado para a região do Norte da África, como integrante do corpo médico. Quase no final do conflito ainda atuou em Hamburgo, onde foi aprisionado pelas forças aliadas, sendo posteriormente libertado. Mudou-se, com sua esposa Ingrun, que conhecera na Alemanha, para Marechal Cândido Rondon em 1953, onde exerceu a profissão de médico até o final de sua vida no início da década de 1980 (Bormann [...], 1978, p. 13).

Um fator importante facilitou a ligação da família Seyboth com essas histórias alternativas conspiratórias: Ingrun Klagges Seyboth era filha de Dietrich Klagges, um dos pioneiros do Nacional-Socialismo, que designou Hitler como funcionário de Braunschweig em Berlim, conseqüentemente tornando-o cidadão alemão. Em entrevista à Revista Oeste, ela explica essa relação de sua família com o Partido Nazista, quando indagada sobre o papel de seu pai em conceder a nacionalidade alemã ao “austríaco Adolf Hitler em 1932”:

Embora fosse chefe de um partido em ascensão, Hitler não podia ser candidato a posto eletivo por não ter a nacionalidade alemã. Inicialmente pensaram em nomeá-lo cabo da Polícia de Turíngia, mas isto seria meio ridículo. Então meu pai entrou no caso e designou Hitler como funcionário da representação do Estado de Braunschweig em Berlim. Se bem me lembro, deu-lhe o cargo de adido cultural. Assim, Hitler tornou-se cidadão de Braunschweig e, automaticamente, cidadão alemão, e pôde se candidatar à presidência da Alemanha em 1932 [...]. Meu pai conhecia, evidentemente, os maiores do regime. Mas não tinha com eles um relacionamento de compadrio. Era uma coisa mais formal. Não me lembro de ninguém que tivesse sido amigo do peito de meu pai [...]. **Hitler frequentava sua casa?** – Sim, Hitler, o marechal Goering, o ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, o chefe da SS, Heinrich Himmler. Quando iam a Braunschweig, eles visitavam meu pai (I IV [...], 1993, s.p.).

Ficou fácil para os caçadores de nazistas relacionarem Ingrun como sendo a “Primeira Dama do Nazismo da América do Sul”, ou a “favorita de Hitler”.

A aparência física de Friedrich Seyboth, sua participação na guerra, somado ao passado Nacional-Socialista da família de Ingrun, possibilitaram às mentes conspiracionistas estabelecê-los como os líderes do movimento empenhado em erguer o IV Reich nas Américas a partir de Marechal Cândido Rondon. Pois, “uma vez nazista, sempre nazista”. Essa era a ideia.

Por sua vez, Heribert Hans Joachim Gasa nasceu no dia 14 de março de 1920 em Dambritsch, Silésia (hoje em dia região pertencente à Polônia), e faleceu na cidade de Marechal Cândido Rondon em 2003, aos 83 anos de idade. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi motorista de caminhão de abastecimento da Força Aérea Alemã e depois, quase no final da guerra, paraquedista. Com essa nova função, foi enviado para a Holanda, onde foi aprisionado em 1945. Depois da guerra, já em liberdade, dedicou-se ao ramo óptico. Pretendia se mudar para a Austrália, porque na Alemanha do pós-guerra, arrasada e afundada em uma grave crise econômica, era difícil montar um negócio próprio com pouco capital, mas acabou indo para Marechal Cândido Rondon em 1961 a convite de Seyboth, que o conhecera na Alemanha depois da guerra. No município, trabalhou como fotógrafo e óptico (Entrevista [...], 1997, p. 4).

Sobre a edição do dia 9 de agosto de 1975 da revista Manchete, Gasa e Seyboth enviaram uma carta para o diretor da revista solicitando uma retratação da reportagem:

Senhor Diretor: A revista “Manchete”, em seu número 1.126, que circulou em data de 9 de agosto de 1975, reproduziu uma fotografia em que aparecem os signatários desta, respectivamente, Dr. FRIEDRICH RUPPRECHT SEYBOTH e HERIBERT HANS-JOACHIM GASA, o primeiro médico e o segundo proprietário de uma ótica na cidade de Mal. Cdo. Rondon, estado do Paraná, fotografia que levou a seguinte legenda: “a direita, em 1958 com um amigo em La Paz, Bolívia”. Dita fotografia se refere a Martin Bormann, o mítico nazista desaparecido, inserida que está numa reportagem de autoria de Ladislav Farago, autor do livro com circulação internacional “Aftermath. Martin Bormann and the Fourth Reich”, editado, originalmente, por Simon and Schuster, New York, 1974. Senhor Diretor: Ocorre que a fotografia publicada por ‘Manchete’ como sendo Bormann e um amigo seu, na verdade retrata os signatários, Seyboth e Gasa, que há muitos anos vivem pacificamente na tranquila cidade de Mal. Cdo. Rondon, no oeste paranaense, conhecidos de toda a população. A foto em questão foi tomada durante uma festa cívica, no ano de 1970, e os moradores dessa cidade reconheceram de imediato a foto e os seus retratados, tão logo a mesma saiu em ‘Manchete’ [...]. É lamentável que a prestigiosa

revista 'Manchete', cuja seriedade e amor à verdade são por de mais conhecidos, da mesma forma como Ladislav Farago, tenham sido vítima das tiradas sensacionalistas de ERICH ERDSTEIN, um misto de escroque e 007, hoje, segundo informações de Farago, vivendo no Canadá, o qual, faz alguns anos, andou pela cidade de Mal. Cdo. Rondon, onde sua vocação para a fantasia rendosa e para a emissão de cheques sem fundo se tornou por demais conhecida. Pois foi Erdstein o primeiro que divulgou a malsinada e tão repetida fotografia acima referida. Aliás, é o próprio Farago que dá a ficha de Erdstein, o qual no Brasil se fez conhecido pelo apelido de 'Doutor Erico', expulso da casa paterna em Viena como 'ovelha negra da família', em virtude de suas inúmeras bandalheiras, correu o mundo em busca de sensações fortes, prestando serviços nem sempre bem caracterizado as polícias de diversos países, e foi nas solitárias margens do Rio Paraná, durante uma vigília noturna, que sentiu despertar em si a vocação de caça-nazistas, sendo que a partir daí, Erdstein se auto-investiu das funções de agente secreto, estilo James Bond (Vd. Faremath, ed. Alemã pg. 336). Face ao ocorrido, vêm agora os signatários perante V.Sa. afirm de que "Manchete", a bem da verdade esclareça devidamente os fatos, publicando a presente, anexa à foto em questão, no próximo número de "Manchete", no local e com o mesmo destaque da publicação a ser retificada, em cumprimento ao que determina o artigo 29 e parágrafos da Lei nº 5.250, de 9 de fevereiro de 1967.⁷²

Nesta carta, podemos perceber toda a indignação de Gasa e Seyboth com os disparates criados sobre ambos. O mesmo ocorreu com a publicação da revista Realidade, de fevereiro de 1976, que também reproduziu a fotografia dos dois como sendo Bormann e seu amigo Adolf Hundhammer. Os rondonenses enviaram uma carta ao diretor da revista exigindo a retratação da matéria:

Senhor Diretor, a sua revista chama-se "Realidade" portanto dê crédito e honra a verdade publicando no próximo número a realidade: a foto em questão foi tomada durante as festividades do dia 7 de Setembro no ano 1970 em Marechal Cândido Rondon [...]. É lamentável que a prestigiosa revista "Realidade" tenha sido vítima das tiradas sensacionalistas de Erich Erdstein, um misto de escroque e 007, o qual, faz alguns anos, andou pela cidade de Marechal Cândido Rondon, onde sua vocação para fantasia rendosa e para a emissão de cheques sem fundo se tornou por demais conhecida. Pois foi Erdstein o primeiro que divulgou a malsinada história

⁷² Trecho retirado da carta mandada por Gasa e Seyboth ao editor da revista Manchete. Mal. Cdo. Rondon, Pr., 8 de setembro de 1975. À DIREÇÃO DA REVISTA MANCHETE – Rio de Janeiro.

[...]. Porque [sic] a sua revista não procura uma reportagem sobre a verdade? Ou a “Realidade” não se identifica com a “Verdade”? Face ao ocorrido, vêm agora os signatários perante V.Sa. afim de que “Realidade”, a bem da verdade esclareça devidamente os fatos [...] no próximo número de “Realidade, no local e com o mesmo destaque da publicação a ser retificada, em cumprimento ao que determina o artigo 29 e parágrafos da Lei nº 5.250, de 09 de fevereiro de 1967.⁷³

Ao contrário da revista *Manchete*, o diretor responsável da revista *Realidade* à época enviou uma carta aos rondonenses reconhecendo o engano e que foram induzidos não só pelos indivíduos de “Erich Erdstein e Ladislav Farago (e respectivo livro), mencionados em sua carta, como também pelas reportagens publicadas nas revistas, sem dúvida idôneas, ‘L’Expresso’ (Itália) e ‘Paris Match’ (França)”.⁷⁴ Apesar de reconhecer o erro, a revista não poderia mais reparar o engano, pois esta deixou de circular no país após o lançamento da edição de março de 1976.

Mas não foram apenas Gasa e Seyboth que se manifestaram contra essas acusações. As celeumas causadas pela teoria conspiratória criada por Erdstein, relacionando Marechal Cândido Rondon com a criação do IV Reich, já haviam sido alvo de intervenções por parte dos políticos da cidade e região. No dia 12 de junho de 1968, o deputado federal paranaense Lyrio Bertoli, do partido Aliança Renovadora Nacional (ARENA-Paraná), pronunciou-se na Câmara dos Deputados, em Brasília, contestando as denúncias feitas por Erdstein e reproduzidas pelo *Jornal da Tarde*. O discurso de Bertoli foi intitulado de “Defesa de Nossa Terra, Nossa Gente e Nossa História”.⁷⁵ Outro político que se pronunciou sobre o caso foi o deputado Roberto Wypych, em sessão plenária do dia 11 de julho de 1968, na Assembleia Legislativa do estado do Paraná.

Queremos aqui tratar, senhor presidente e senhores deputados, de uma escandalosa reportagem publicada no “*Jornal da Tarde*”, de São Paulo, em 1º de maio próximo findo, conteúdo mal cheiroso de um autêntico excremento jornalístico [...]. Às acusações de ressurreição do nazismo, de proteção a criminosos de guerra se mesclam com as mais soeses intrigas em que o conceito, reputa-

⁷³ Trecho retirado da carta enviada por Gasa e Seyboth ao editor da revista *Realidade*. Mal. Cdo. Rondon, Pr., 6 de março de 1976. À DIREÇÃO DA REVISTA REALIDADE – São Paulo.

⁷⁴ Trecho retirado da carta enviada pela diretoria da revista *Realidade*, da Editora Abril, a Heribert Gasa. São Paulo, 25 de março de 1976.

⁷⁵ BERTOLLI, Lyrio. *Em Defesa de Nossa Terra, Nossa Gente e Nossa História*. Discurso proferido na Câmara dos Deputados. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional. 12 de junho de 1968. Arquivo do Museu Histórico Willy Barth (Stein, 2000, p. 43).

ção, a dignidade, a honra e o passado probo e correto de ilustres rondonenses são chafurdados na lama da peçonha destilada por pessoas inescrupulosas que não sabem avaliar a real valia de uma boa imprensa.⁷⁶

Wypych continuou com o seu discurso defendendo os moradores de Marechal Cândido Rondon que foram acusados de serem os conspiradores nazistas: Friedrich e Ingrun Seyboth, Ernest August Von Blucher (bisneto do Marechal de campo prussiano que liderou um exército contra as forças de Napoleão na Batalha das Nações em 1813 e na Batalha de Waterloo em 1815), Heribert Hans-Joachim Gasa, José Wenzler, Reschke (que não foi identificado. Existiam na cidade muitas famílias com o sobrenome Reschke) e Iseberg (nascido na Alemanha, foi soldado de infantaria durante a guerra). No dia 4 de setembro de 1968, foi a vez do prefeito da cidade à época, Werner Wanderer, se pronunciar. Wanderer enviou um ofício ao Secretário de Segurança do estado em Curitiba com a finalidade de levar ao conhecimento os fatos que ocorreram e “continuavam a ocorrer nesta região”:

Em meados do mês de abril do corrente ano, estive neste município o senhor Erich Ersthstain [sic], dizendo ser agente especial dessa Secretaria de Segurança, com a missão de localizar e capturar criminosos de guerra que nesta região encontrasse [...]. Após ter desenvolvido o seu trabalho nesta região, ausentou-se o Senhor Erich, retomando dias após, acompanhado do Senhor Moysés Rabmowiteh [sic], do Jornal “O Estado de São Paulo”. Nos dias 18 e 20 de maio a população deste Município foi desagradavelmente surpreendida com duas reportagens, acusando pessoas aqui residentes de praticantes do nazismo. Houve protestos na Assembléia Legislativa; no Congresso Nacional e principalmente nesta região ficaram as Autoridades Estaduais, Municipais e Federais, como se coniventes com uma irregularíssima situação que aqui se estaria gerando [...]. Recentemente fomos surpreendidos com a notícia de que o Senhor Erich encontra-se atualmente em Foz do Iguaçu, e preparando nova reportagem sobre este Município, desta vez com o Jornal do Brasil e sobre o mesmo assunto. Rogamos a Vossa Excelência providências no sentido de evitar que nova reportagem inverídica venha trazer aborrecimentos e perturbar a paz que reina nesta região.⁷⁷

⁷⁶ Trecho retirado da carta enviada pelo prefeito Werner Wanderer ao Secretário de Segurança do estado do Paraná. 4 de setembro de 1968. Dossiê nº 0551, Cx 062 – DOPS. Arquivo Público do estado do Paraná, 1968.

⁷⁷ Trecho retirado da carta enviada pelo prefeito Werner Wanderer ao Secretário de Segurança do estado do Paraná. 4 de setembro de 1968. Dossiê nº 0551, Cx 062 – DOPS. Arquivo Público do Estado do Paraná, 1968.

De fato, desde a passagem de Erdstein pela cidade em 1968 e a consequente publicação de suas “aventuras” pelo oeste paranaense no Jornal da Tarde, os moradores acusados já se pronunciavam contra o “007 tupiniquim” (O Estado do Paraná, 1969, p. 8). Como exemplo, temos a publicação do jornal O Estado do Paraná, de fevereiro de 1969. Antes de chegar na América, “a figura inescrupulosa” de Erdstein foi procurada na Europa pela Interpol por exploração de jogos de azar e fraudes. Já na América foi acusado de estelionato no Uruguai e em 1943 foi preso pelas autoridades argentinas sob suspeita de ser agente de potência estrangeira. A Interpol de Paris apurou os seguintes registros policiais sobre o “caçador de nazistas”: 28/02/1940, apropriação indébita; 18/08/1946, jogos de azar; 08/10/1945, imputado em crime de fraude; 10/09/1957, investigações pelo juiz do 1º turno; 30/12/1957, requerida a investigação pelo juiz de 4º turno; 01/08/1960, investigação de juiz de 1º turno (O Estado do Paraná, 1969, p. 8).

Depois da celeuma levantada por suas “investigações” em Marechal Cândido Rondon – que motivaram manifestações de protesto do deputado estadual Roberto Wypych e do deputado federal Lyrio Bertoli – a cúpula da Polícia Civil do Paraná “achou melhor colocar o 007 trapalhão na geladeira” (I IV [...], 1991a, p. 32), transferindo-o para Foz do Iguaçu como intérprete, função que jamais assumiu. Na cidade da Tríplice Fronteira, reiniciou a hipotética caçada aos nazistas, mostrando na época (julho de 68) um cartão afirmando que ele era o chefe do Serviço Secreto Alemão no Brasil, do qual recebia mensalmente uma ajuda de custo. “Com habilidade para a mistificação que lhe era peculiar, infiltrou-se nos círculos sociais e econômicos de Foz do Iguaçu e começou a aplicar pequenos golpes” (I IV [...], 1991a, p. 32).

A Polícia Federal apresentou um rol das aventuras realizadas por Erdstein na cidade: dívida de 2 mil cruzeiros novos para com o sr. Chunter Solzemberg (refeições e dinheiro emprestado) proprietário do restaurante “Canequinho”; cheque sem fundos no valor de 136 cruzeiros novos, contra a agência Ortega; dívida de 2 mil e 500 cruzeiros novos, no Hotel Cassino Acaray, no Paraguai; cheque sem fundos de 235 cruzeiros novos, contra o sr. Nagib, proprietário de um restaurante em Foz do Iguaçu; parte da dívida de 2.500 cruzeiros novos (1.546,00) foi pago em cheque sem fundos ao Palace Hotel, da mesma cidade (O Estado do Paraná, 1969, p. 8). Dessa forma, não demorou muito e a sua permanência no local se tornou insustentável devido aos seus “calotes”, não lhe restando outra alternativa a não ser fugir. No final de setembro de 1968, o agente especial jogou fora a estrela de xerife e atravessou a “fronteira com o Paraguai, deixando para trás uma pilha de cheques frios e de contas a pagar. Os credores, furiosos, bem que tentaram localizá-lo. Mas foram tentativas inúteis, porque Erdstein cruzara o Atlântico” (I IV [...], 1991a, p. 32). Do Paraguai foi para Lon-

dres, Inglaterra, quando as notícias sobre o seu paradeiro se tornaram escassas. Nossa última informação consta que da Inglaterra mudou-se para os Estados Unidos na década de 1970.

Desde que o discurso sobre o envolvimento da cidade com a formação do IV Reich foi formado em 1968, ele volta e meia ganha novos capítulos. Como aconteceu em 1991, quando a abertura dos arquivos da DOPS paranaense resuscitou momentaneamente a fábula escrita há quase cinquenta anos por Erich Erdstein. Entre os arquivos, uma novidade, encontrava-se o Dossiê nº 0551, na caixa nº 062, elaborado pelo “007”, no qual relatou as suas investigações quando passou pela cidade, investido como “agente especial” da DOPS. De acordo com o dossiê, o fato de o município ser formado na sua grande maioria por descendentes e imigrantes alemães, alguns deles combatentes nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, mostrava-se como um forte indício de que a cidade recebia constantemente criminosos de guerra, notadamente Mengele e Bormann:

Existe, situada no município de Marechal Cândido Rondon e se estendendo pelas localidades vizinhas, próximo e na faixa de fronteira com o Paraguai, extensa área de terras que é ocupada por um núcleo de colonização alemã. Seus ocupantes, colonos e comerciantes mostraram-se revoltados com a existência de certos grupos de alemães com eles, que proibem a seus filhos de aprenderem nosso hino nacional, enfim, exigem uma segregação severa, esforçando-se por manter intactas as tradições, filosofia e cultura da terra de origem. Mantêm correspondência com revistas e entidades culturais e assistenciais alemãs, reivindicando auxílio financeiro para a continuidade da *cultura germânica*.⁷⁸

Esse dossiê redescoberto em 1991 reviveu não só a história de Marechal Cândido Rondon, como também de Rio do Sul, possibilitando uma nova onda de reportagens sobre a temática. A maioria dessas publicações rechaçaram os fatos narrados por Erdstein, mas encontramos aquelas que ainda deram crédito às “investigações do 007”. Como foi o caso do jornal O Estado do Paraná do dia 6 de agosto de 1991: *O “Anjo da Morte” morou no Paraná*.

O médico nazista Josef Mengele, um dos maiores criminosos de guerra que o mundo já viu, esteve no Oeste do Paraná em 1968. Segundo um relatório produzido pelo agente austríaco Erich Erdstein, da extinta DOPS, mantido em sigilo até agora, o “Anjo da Morte” refugiou-se no município de Marechal Cândido Rondon

⁷⁸ ERDSTEIN, Erich. *Criminosos de Guerra no Brasil: sua localização e atividades no estado do Paraná*. Curitiba, PR, dossiê nº 062-DOPS. Arquivo Público do Estado do Paraná, 1968. Fonte: Stein (2002).

[...]. Na cidade existia um núcleo de neonazistas “que colocava a segurança nacional em perigo”. Este núcleo teria dado cobertura a criminosos de guerra, entre eles Josef Mengele, que o austríaco garante ter sido vista na região Oeste do Estado em várias ocasiões (O Estado do Paraná, 1991, p. 2).

A reportagem segue questionando as razões pelas quais as autoridades ligadas ao sistema de segurança do estado mantiveram silêncio total e absoluto sobre a passagem de Mengele pelo Paraná, mesmo tendo conhecimento de um relatório produzido por um agente especial da DOPS paranaense, portanto “um documento oficial”. As razões para esse “silêncio comprometedor, deveriam ser agora esclarecidas pelas pessoas que tomaram a decisão de esconder tais evidências, pelo menos em respeito a opinião pública ou para resgatar a dignidade histórica do Paraná” (O Estado do Paraná, 1991, p. 2). Fica evidente a falta de uma pesquisa séria por parte do jornal para averiguar a veracidade das informações contidas no relatório, o que incorreu na reprodução do discurso criado por Erdstein no final da década de 1960 como se fosse verdadeiro.

Em 1995, foi a vez da jornalista Clarinha Glock, do jornal Zero Hora de Porto Alegre, embarcar nessa carruagem e acusar Gasa de ser um saudoso nazista. Segundo Glock, a arquitetura “bizarra” e de “guerra” da sua residência foi o motivo de denúncia feita por um “caçador de nazistas” (Erdstein, 1977).

A estante de uma das salas da enorme residência localizada na área central da cidade paranaense tem poucos livros mas esconde, atrás de si, uma outra estante – esta, cheia de obras em alemão. No assoalho da moradia, Gasa abre um alçapão que dá para uma ampla sala, lembrando um *bunker*. O abrigo, garante o dono da residência, foi sugerido por amigos da década de 60 [...]. Em uma outra dependência da casa, decorada com pôsteres de cidades alemãs nas paredes, o que mais chama a atenção são os desenhos moldados na lareira. O ex-combatente mandou colocar a figura de uma águia, que pode lembrar o símbolo nazista (Zero Hora[...], 1969).

Não tardou e Gasa solicitou direito de resposta ao diretor do jornal Zero Hora, com uma carta datada do dia 24 de novembro de 1995.

O Jornal ZERO HORA, respectivamente em suas edições de 31 de julho de 1995, veiculou matéria intitulada “Saudosistas veneram ditador alemão”, e “Adeptos do ódio revêem a história”, entestada por uma fotografia do ora signatário, Heribert Hans Joachim Gasa. A reportagem em epígrafe emite juízos e conceitos, a par de fatos inverídicos ou incorretos, que atentam contra a honorabilidade e boa fama do atingido, além de induzir os leitores do Zero Hora,

que se contam aos milhares no sul do País, à prática do ódio racial, exatamente aquilo que a reportagem afirma combater. Assim sendo, com base na Lei nº. 5.520, de 9 de fevereiro de 1967, artigos 30 a 36, o signatário vem à presença de Vossa Senhoria, para, no uso do direito legal de resposta, pedir seja publicada a matéria enviada em anexo, no mesmo espaço e com o mesmo destaque dado às publicações que motivaram o presente pedido, sem ônus para o requerente, dentro do prazo legal estipulado pelo art. 31 do mencionado diploma legal.⁷⁹

De acordo com o direito de resposta de Gasa, essas reportagens da jornalista Clarinha Glock requestraram as fantasias em torno das supostas atividades neonazistas na “pacata cidade de Marechal Cândido Rondon”, possuindo carga maldosa e efeitos difamatórios sobre algumas pessoas e sobre toda uma comunidade paranaense. Por esses motivos, sentiu-se obrigado a escrever:

Para compreender o material em cima do qual você procurou trabalhar – o neo-nazismo em Marechal Rondon – é preciso remontar ao ano de 1970, quando apareceu em nossa região um pseudo-jornalista e escroque internacional, cujo nome, por uma questão de higiene, prefiro não enunciar. Este indivíduo insinuou-se no meio das melhores famílias, comeu e bebeu de graça, proclamando a todos que viera para cá para fazer reportagens sobre o novel e próspero município de Marechal Cândido Rondon. Dizia estar a serviço de diversas revistas de prestígio internacional. De um dia para outro, desapareceu da cidade, deixando atrás de si um rosário de cheques sem fundos e contas a pagar. Pouco tempo depois, apareceu na revista argentina “Siete Dias” uma reportagem sensacionalista. Na reportagem, o jornalista fez estampar uma foto do signatário, numa festividade local, e a legendou como se fosse do famigerado e procurado líder nazista Martin Bormann, em companhia de um amigo na Bolívia! Segundo a publicação, eu não seria Heribert Gasa, e sim Martin Bormann! Por incrível que pareça, esta reportagem mistificadora ganhou o trânsito internacional. Além da “Siete Dias”, publicaram a matéria as revistas alemãs “Neue Revue” e “Quick”, carregando na fantasia e na pimenta. A história foi repetida mundo afora, e até foi incluída no livro sensacionalista do americano Ladislao Fargo, intitulado “Aftermath” [...]. Em nosso país, a matéria foi divulgada pela revista “Realidade” [...]. Os ecos desta fantasias doentias e desonestas, espalhadas pelo mundo, certamente chegaram a você, Clarinha; a você que, à época, nem tinha nascido ou então era criança de colo [...]. Ao

⁷⁹ GASA, Heribert Hans Joachim. *Carta à direção do Jornal Zero Hora*. 24 nov. 1995.

invés de encontrar um “bunker”, e literatura subversiva, você apenas viu, em desenho, uma ave símbolo dos povos andinos (que na sua fantasia transformou em águia nazista), o retrato de um herói brasileiro e livros escritos em idiomas que você deveria aprender [...]. Pode ficar tranquila, Clarinha, minha casa nunca foi cenário de reuniões clandestinas e subversivas. Nunca foi valhacouto de criminosos de qualquer espécie. O único criminoso que esteve na minha casa, sem que eu soubesse que o era, e gozou da minha hospitalidade, foi o tal “escroque-jornalista”, autor de uma série de publicações infames contra mim, indivíduo procurado pela polícia de vários países.⁸⁰

Apesar do pedido, sua retratação não foi atendida. Isso pode ser analisado em entrevista à revista *Circus* de junho de 1997, quando Gasa fala sobre a construção e estrutura de sua casa, ainda repercutindo a reportagem de Glorinha Glock:

Eu comecei a construí-la em 1965. Ela foi feita no eixo leste-oeste justamente porque aqui é muito quente no verão, e deste jeito, o sol esquenta mais o teto e não só uma das paredes, como a maioria das casas aqui [...] Pode-se dizer que minha casa é uma miscelânea de culturas. Há traços gregos, germânicos, italianos, astecas, entre outros. Inclusive há algum tempo atrás a interpretação errônea de algumas figuras de minha casa trouxeram-me incômodo. Uma jornalista do Zero Hora (Glorinha Glock) cismou que a figura da águia que está em cima da lareira na sala onde era o café colonial era um símbolo nazista (na verdade é um símbolo asteca e nada tem a ver com a águia-símbolo do nazismo). Outro fato curioso com a mesma jornalista aconteceu quando ela avistou uma fotografia do Mal. Cândido Mariano da Silva Rondon que tenho pendurada em uma das paredes, ela pensou que fosse algum general nazista. Devido a esta jornalista ter publicado a matéria com informações incorretas ao meu respeito no referido jornal, fui obrigado a invocar meu direito de resposta, que até hoje não foi atendido (Entrevista [...], 1997).

Essa nova “onda” de reportagens motivadas pela abertura dos documentos da DOPS, colocando novamente o assunto em evidência, confirmou o que as fontes já haviam nos contado, ou seja, as histórias alternativas conspiratórias formadas sobre Marechal Cândido Rondon e sobre o Vale do Itajaí encontram condições de produção no fato de ambos municípios, nas décadas de 1960 e

⁸⁰ GASA, Heribert Hans Joachim. *Carta à direção do Jornal Zero Hora*. 24 de novembro de 1995.

1970, serem compostos por cidadãos, na sua grande maioria, descendentes ou imigrantes de alemães que mantiveram certas tradições culturais germânicas como a língua.

Claramente, temos aqui deduções influenciadas pelo imaginário conspiratório do “perigo alemão” existente desde a segunda metade do séc. XIX. Se antes esses imigrantes e descendentes alemães da América do Sul ajudariam a Alemanha em uma suposta dominação do continente, depois da Segunda Guerra Mundial, como estamos analisando ao longo desse capítulo, eles estariam empenhados em formar o IV Reich. Um “agravante” que preocupava, por exemplo, Erdstein era o fato de alguns dos seus habitantes terem participado da guerra compondo as tropas nazistas, como Gasa e Seyboth, ainda mais quando se encontravam na cidade Ingrun Klagges, filha do homem que possibilitou a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha. O que prevalecia era a ideia generalizada do pós-guerra de que essas pessoas levariam adiante a ideologia nazista, pois “uma vez nazista, sempre nazista”.

Para finalizar a “saga” de Erich Erdstein e tirá-lo de cena, sua reivindicação de ter assassinado Mengele às margens do Rio Paraná, na Tríplice Fronteira entre o Brasil, Paraguai e Argentina, caiu por terra quando a polícia alemã encontrou a sua sepultura no cemitério do Embu, São Paulo, em 1985. Após exumação do corpo e realização de um exame de DNA, foi confirmado que se tratava do “anjo da morte”. Este falecera na cidade de Bertioga, litoral paulista, em 1979, vítima de um derrame enquanto nadava em uma praia, morrendo afogado. Na época, estava usando uma identidade falsa com o nome de Wolfgang Gerhard.

Mesmo com essas provas científicas da morte de Mengele, existiram aqueles que mantiveram as suas dúvidas sobre ela. Como foi o caso de Ben Abraham, um sobrevivente e historiador do Holocausto, que insistiu na ideia na qual Mengele morreu nos Estados Unidos em 1992. Segundo Abraham, ele era protegido pela CIA e os rumores da descoberta de seus restos mortais em 1985 no cemitério de Embu não passavam de uma farsa internacional montada pelos Estados Unidos e aceita por Israel devido a pressões sofridas e impostas pelos norte-americanos (Camarasa, 2008, p. 139). Em 1989, Wiesenthal se mostrou cético em relação à ossada e expressou suas “graves dúvidas” se Mengele estava de fato morto. Mesmo em abril de 1992, quando uma equipe de cientistas britânicos liderados pelo geneticista Alec Jeffreys teve sucesso ao corresponder o DNA do esqueleto encontrado no cemitério de Embu com o de Rolf Mengele, filho do “anjo da morte”, Wiesenthal continuou com suas incertezas (Walters, 2009, p. 556).

Como na imaginação de Wiesenthal e de Abraham, Mengele sobrevive até hoje no mundo da cultura de massa e em 2009 tivemos mais uma prova disso: uma nova teoria conspiratória se formou sobre a sua suposta passagem pela cidadezinha gaúcha de Cândido Godói, localizada no noroeste do Rio Grande do Sul, próximo à fronteira com a Argentina e a 413 quilômetros da capital Porto Alegre. Dessa vez ele não foi acusado de estar conspirando para reerguer o nazismo, mas sim de ser o responsável por realizar experiências em mulheres na década de 1960, resultando no alto índice de nascimento de gêmeos no município. Novamente, as pessoas que foram afetadas por essa teoria conspiratória tiveram que agir sobre a realidade.

4.1.3 Mengele em Cândido Godói – Rio Grande do Sul

Durante o período de domínio nazista na Alemanha, o médico do campo de concentração de Auschwitz, Josef Mengele, estava diretamente envolvido no programa genético responsável pela tarefa de criar uma raça superior de arianos, levando-o a se tornar obcecado em descobrir a chave genética para aumentar as chances de uma mãe alemã dar à luz gêmeos. Para alcançar tal objetivo, Mengele não poupou vidas. Fez inúmeras experiências desumanas em gêmeos (estima-se que cerca de três mil pares foram levados para Auschwitz), nas quais a grande maioria acabou morrendo com os resultados de cirurgias ou de ferimentos infectados.

Com o final da guerra, o seu sonho de desvendar o “mistério” dos gêmeos acabou, pelo menos é o que sabemos da história acadêmica. Mas ele teria persistido com suas experiências genéticas depois de ter desembarcado na América do Sul? Segundo uma teoria conspiratória, sim. Mengele supostamente deu continuidade ao projeto eugênico de Hitler na cidade brasileira de Cândido Godói, localizada no Oeste do estado do Rio Grande do Sul, na década de 1960.

Tal cidade ficou famosa no início da década de 1990, quando foi comprovado que em uma pequena área do município a taxa de nascimento de gêmeos era de 10%, muito acima da média geral do restante do país: 1% dos nascimentos. Mas foi no começo de 2009 que a cidade ganhou um verdadeiro destaque mundial, quando o jornalista argentino Jorge Camarasa, em sua história alternativa conspiratória, *Mengele: o Anjo da Morte na América do Sul*, formulou a hipótese na qual o fenômeno dos nascimentos de gêmeos seria fruto de manipulações genéticas feitas por Mengele, quando teria passado na região durante a década de 1960.⁸¹ Segundo Camarasa, o “anjo da morte” se escondeu na cidade

⁸¹ Além do livro aqui abordado, também escreveu sobre a imigração nazifascista para a América Latina: *Los Nazis en la Argentina* de 1992, *Odessa al Sur* (1995), *Puerto Seguro* (2006) e *América Nazi* (2011).

devido à grande maioria de descendentes alemães do local (algo em torno de 85%) que falavam o dialeto da região de “Hunsrück”, escutavam música alemã e em dias de festa se vestiam com trajes típicos da Alemanha, portanto um bom esconderijo para o ex-médico nazista. “Eu penso que Cândido Godói pode ter sido o laboratório de Mengele onde ele finalmente conseguiu realizar o seu sonho criando uma raça superior de arianos loiros e de olhos azuis”, afirmou o autor (Camarasa, 2008, p. 45).

Camarasa não tem nenhuma evidência concreta indicando o momento exato da chegada de Mengele na cidade de Cândido Godói, mas tudo assinalava que deveria ter sido em 1963, com a identidade falsa de Alfredo Mayen, época, segundo ele, coincidente com os primeiros relatos de sua entrada no Brasil. As suas atividades – na cidade e nos povoados de Santo Cristo, Cerro Largo, linha São Antonio e São Pedro de Butiá – variavam entre tratamentos como dentista ou médico rural, reuniões com agricultores em que se apresentava como veterinário para conversar sobre inseminação artificial e visitas noturnas à casa de uma mulher. “Continuava sendo um personagem evasivo e escorregadio.”

Ele não ficava muito tempo em nenhum lugar, não tinha um domicílio fixo, ia e vinha o tempo todo, e tudo indica que, pelo menos no início, continuava morando no Paraguai, na casa da família Krug, e que voltava para lá depois de suas excursões pelo Rio Grande. Hoje, quarenta e cinco anos depois, o fantasma daquela presença continua saltando de um lugar para outro (Camarasa, 2008, p. 147).

A narrativa do jornalista argentino segue apresentando pessoas as quais, supostamente, mantiveram contato com Mengele no período que teria passado pela cidade. O primeiro foi Siegfried Schwertner, na época proprietário do único armazém da localidade de Cerro Largo. Schwertner hospedou por duas noites do ano de 1963, um homem que se apresentou como veterinário:

Chegou à minha casa em Cerro Largo e me perguntou se podia ficar duas noites. Disse que era veterinário e que estava trabalhando na região. Falava pouco; disse que se chamava Rudolph Wiess e que, durante a guerra, havia sido oficial aviador no exército nazista (Camarasa, 2008, p. 148).

De acordo com Camarasa, Schwertner não sabia que seu visitante se tratava do “anjo da morte”, reconhecendo-o posteriormente devido a um incidente ocorrido durante uma reunião, organizada por Mengele, com os fazendeiros da região. Esse fato aconteceu na linha “San Antonio” e Aloisio Finkler, outro morador da região, recordava-se dos detalhes

Ele também nos disse que era veterinário e que estava hospedado na casa de Schwertner. Na reunião, falou-se das doenças que nossos animais tinham, e ele nos disse para não nos preocuparmos, que ele poderia curá-los. Parecia um homem culto e muito preparado. Falava de penicilina e de terramicina, que para nós eram coisas quase desconhecidas naquela época. No final da reunião, nos deu algumas receitas, mas quando fomos comprar o remédio, nos disseram que ele havia comprado toda a existência, e depois nos revendeu. Quando percebemos que ele estava nos vendendo amostras grátis, fomos procurá-lo e o ameaçamos de denunciá-lo à polícia. Então, ele ficou indignado conosco, nos disse como podíamos fazer isso com ele, que ele era um médico muito importante [...] (Camarasa, 2008, p. 148).

Apesar desse incidente com os medicamentos, Leonardo Boufler, um amigo próximo de Schwertner, lembrava alguns detalhes do trabalho do “veterinário” Mengele. Segundo ele, o “anjo da morte” passava de propriedade em propriedade analisando o gado. Colocava um aparelho para analisar os pulmões dos animais para ver se estavam doentes e aplicava vacinas àqueles teoricamente infectados por tuberculose. Afirmava ainda que podia fazer inseminação artificial em vacas e seres humanos, “mas nós achávamos que era impossível porque naquela época era uma técnica desconhecida” (Camarasa, 2008, p. 149).

Depois da ameaça dos fazendeiros em acionar a polícia, o “veterinário” precisou mudar-se para uma pensão administrada por um tal de Alban Jungker e ali permaneceu até desaparecer da região. Antes disso, teve tempo para fazer “visitas misteriosas” à casa de uma mulher em “San Pedro de Butiá”, a menos de cinquenta quilômetros de Cândido Godói. Segundo testemunhas do povoado, Mengele chegava em um carro negro de modelo argentino, sempre acompanhado por dois homens e uma “religiosa chamada Elisa”. A mulher visitada era conhecida como Leonor, em cuja casa o médico de Auschwitz ficava por alguns dias, só saindo durante a noite. Leonor dizia tratar-se de seu irmão, “embora todos soubessem que ele não tinha família” (Camarasa, 2008, p. 149).

Novamente, segundo “várias testemunhas” (anônimas, uma vez que não temos nomes, datas ou algo que prove a veracidade destes testemunhos), uma das relações mais constantemente mantidas por Mengele durante os anos que passou pela região foi com um alemão chamado Ferdinando Wessler, falecido em 1992 na cidade de Santo Cristo, próxima a Cândido Godói. Sem surpresas, Wessler participou da Segunda Guerra Mundial incorporando as tropas nazistas, mudando-se para o Brasil depois do conflito. “Em uma festa em sua casa,

Wessler se emocionou ao ouvir discursos de Hitler e de seu ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, que o anfitrião havia colocado para homenageá-lo” (Camarasa, 2008, p. 150). A relação estava clara para Camarasa, os dois já eram amigos durante a guerra e continuaram a se encontrar em suas novas *Heimats*.

Mas o principal testemunho cedido ao autor foi o do médico Anencir Flores da Silva, que também tentava desvendar a origem do fenômeno dos gêmeos.

as histórias que ouvi de mulheres que foram atendidas por ele, parecia tratar-se de uma espécie de médico rural que ia de casa em casa. Ele atendia as mulheres que tinham varizes e aplicava um líquido que levava em uma garrafa, ou as fazia tomar alguns comprimidos e uns pós que trazia com ele. Às vezes também fazia trabalhos de dentista, e o que todas lembravam era que ele havia tirado sangue delas (Camarasa, 2008, p. 151).

Segundo relatos coletados por Silva, Mengele deslocava-se pela região acompanhado de duas ou três pessoas, nunca sozinho, usando o nome falso de “Alfredo”, figurante nos documentos usados para escapar da Argentina ao Paraguai. Tanto o veterinário bovino dos fazendeiros como o médico rural que ia de casa em casa consultando mulheres, pareciam ser “inequivocamente Joseph Mengele”. De acordo com Camarasa, todas as testemunhas entrevistadas por ele reconheceram o “anjo da morte” por suas fotos, e “e como se tudo isso não bastasse, ainda havia os gêmeos” (Camarasa, 2008, p. 152).

Será uma casualidade que os índices de nascimento de gêmeos em Cândido Godói tenham se intensificados em 1963, ano no qual Mengele começou a frequentar a região? Segundo Camarasa, é possível. Foi um fenômeno biológico natural que Mengele se interessou e quis ver com os próprios olhos? Também é possível, conforme o autor. Inclusive, o médico Anencir Flores teria afirmado a ele: “Eu não tenho nenhuma dúvida de que Mengele esteve na região de Cândido Godói no início dos anos sessenta, quando começaram a nascer os primeiros gêmeos. Mas não acredito que isso tenha sido obra dele; não acredito, não me parece possível” (Camarasa, 2008, p. 153). Flores pensava que o “anjo da morte” ficou sabendo da existência dos gêmeos e foi lá verificar, ver com os próprios olhos como era de fato aquilo que havia sonhado tanto.

Depois desses vários testemunhos da hipotética passagem de Mengele pela região, Camarasa abordou os grupos científicos dedicados a desvendar o “misterioso” fenômeno geminiano. O primeiro interessado pelo caso, em 1999, foi o Grupo de Estudos Genéticos do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, que só conseguiu explicar o fato do fenômeno ser único. Nos anos seguintes, foi a vez de geneticistas norte-americanos e europeus desenvolverem uma investi-

gação especial por parte de um grupo da Universidade de Nantes, França, “as ninguém conseguiu chegar a uma explicação científica e razoável, e nenhum gene em comum foi encontrado que pudesse esclarecer o que estava acontecendo” (Camarasa, 2008, p. 154). O fato de nenhum geneticista conseguir explicar cientificamente a alta incidência de gêmeos mostrou-se como um forte indício de que esse fenômeno poderia ser resultado da passagem do médico de Auschwitz pela região.

Camarasa finaliza sua história alternativa conspiratória explicando as razões para a visita de Mengele na cidade. Suas hipóteses se reduzem a duas: Cândido Godói foi para ele um laboratório de trabalho, ou foi de observação. Quem sustenta este último argumento insiste que a origem da explosão geminiana é anterior à chegada dele e, advertido do fato por um amigo, foi até o local por curiosidade.

Mas se o discurso oficial foi construído sobre a imagem de um Mengele observador que não se envolveu no assunto, as características de sua presença na região levantam enormes dúvidas: há testemunhos de que ele atendia mulheres e depois acompanhava suas gestações, que falava sobre inseminação artificial em seres humanos e que continuava trabalhando com animais, afirmando também que era capaz de fazer com que as vacas paríssem bezerros gêmeos. O fantasma de Joseph Mengele, esquivo e errático como o personagem que o inspirou, ainda paira sobre Cândido Godói (Camarasa, 2008, p. 186).

Como podemos perceber, o autor acredita veementemente que a passagem de Mengele pela região foi responsável pelo fenômeno dos gêmeos. Na sua narrativa, ainda cita Roberto Botacini como um “investigador sério” e Ladislav Farago como um “notável investigador de criminosos de guerra”. Isso, por si só, já desqualifica muito o trabalho de Camarasa, uma vez que usa outras histórias alternativas conspiratórias como base e sustentação de sua própria pesquisa, fato, como analisamos, recorrente nas obras dos teóricos conspiratórios.

Em entrevista cedida à jornalista russa Valentina Yuchinaem em 2009, ele fala sobre suas conclusões:

VALENTINA: Tenho alguma dúvida sobre os factos citados, parecem-me inacreditáveis. Terá sido mesmo assim?

CAMARASA: Sim, tudo foi assim mesmo. Mengele chegou à Argentina em 1949 e morou no subúrbio de Buenos Aires até 1960. Aproximadamente, desde 1967 começa a fazer viagens ao sul do Brasil, à cidade de Cândido Godói, povoada por imigrantes ale-

mães. Após a sua passagem, na cidade começam a nascer gêmeos. Se a incidência normal de gêmeos é de uma em vinte gestações, já com a passagem de Mengele, aumentou para uma a cada cinco.

VALENTINA: Terá sido mesmo Joseph Mengele, e ninguém mais, a fazer estas experiências na América Latina? O que o leva a esta conclusão?

CAMARASA: Este fenômeno foi estudado por cientistas europeus, norte-americanos e brasileiros, e eles não encontraram uma outra explicação mais ou menos racional. A hipótese avançada no meu livro tem como fundamento o facto de a taxa de nascimento de gêmeos ter aumentado nesta região após a passagem de Mengele. Encontrei as mulheres observadas por ele durante a gestação. Dizem terem sido submetidas a vários exames. Quando a incidência de gêmeos aumentou, o fenômeno atraiu a atenção de cientistas genéticos de diversas universidades do mundo. Eles examinaram os gêmeos nascidos, mas não conseguiram dar uma explicação científica a este fenômeno estranho.

CAMARASA: Este fenômeno foi estudado por cientistas europeus, norte-americanos e brasileiros, e eles não encontraram uma outra explicação mais ou menos racional. A hipótese avançada no meu livro tem como fundamento o facto de a taxa de nascimento de gêmeos ter aumentado nesta região após a passagem de Mengele. Encontrei as mulheres observadas por ele durante a gestação. Dizem terem sido submetidas a vários exames. Quando a incidência de gêmeos aumentou, o fenômeno atraiu a atenção de cientistas genéticos de diversas universidades do mundo. Eles examinaram os gêmeos nascidos, mas não conseguiram dar uma explicação científica a este fenômeno estranho.⁸²

Camarasa se contradiz na entrevista quando afirma que Mengele começou a frequentar a região em 1967, porém no livro nos é apresentado o ano de 1963. Apesar de tudo, a sua teoria teve ampla recepção, ganhando destaque em dezenas de artigos de jornais do Brasil e do mundo, principalmente em janeiro de 2009, embora sendo duramente criticado pela comunidade dos cientistas e dos historiadores por não apresentar evidências concretas ou testemunhas fidedignas. A seguir temos uma lista de alguns portais reprodutores da sua teoria conspiratória:

⁸² Entrevista em: <https://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/2009/02/26/543021.html>. Acesso em: 26 mar. 2016.

- Época – Brasil – 22/01/2009
- *The Daily Telegraph* – Reino Unido – 21/01/2009
- *The Sun* – Reino Unido – 23/01/2009
- *The Standard* – Hong Kong – 23/01/2009
- *Israel National News* – Israel – 22/01/2009
- *Portal DNA* – Índia – 22/01/2009
- *Fox News* – Estados Unidos – 22/01/2009
- *Estadão* – Brasil – 23/01/2009
- *BBC Brasil* – Brasil – 23/01/2009

A narrativa ainda ganhou um documentário, com quase uma hora de duração, produzido pelo canal National Geographic, em 2011. *Os Gêmeos de Mengele*, título da série, aborda as denúncias do autor sobre a passagem do médico nazista pela cidade brasileira, onde “os rumores que se ouvem na região há vários anos dão conta de um médico alemão que andava de quinta em quinta a observar os pacientes”.

As histórias relatam que o homem tinha um laboratório ambulante, recolhia amostras de sangue e fazia experiências com as mulheres da aldeia. Essas experiências, segundo alguns locais, implicavam injeções, comprimidos, novos tipos de medicamentos e até inseminações artificiais. Mengele ter-se-á valido dos seus conhecimentos médicos para administrar substâncias desconhecidas às mulheres da povoação de Cândido Godói, o que causaria o elevado número de gêmeos.⁸³

Diferentemente do padrão, o documentário termina por refutar a teoria de Camarasa, afirmando que somente pesquisas genéticas conseguirão provar os reais motivos da alta incidência de gêmeos na cidade e, dessa forma, Mengele não possuía relação com o fenômeno: “a resposta para o mistério será encontrada na ciência real e não na especulação”, ou seja: a National Geographic teve o cinismo de refutar as teorias de Camarasa depois de usar um título sensacionalista como esse. Um mau-caratismo jornalístico.

Embora a história alternativa conspiratória relacionando Mengele e o nascimento de gêmeos esteja absolutamente enraizada no imaginário popular

⁸³ Reportagem em: <https://3bsimielli.wordpress.com/2015/02/07/candido-godoi-a-terra-dos-gemeos/>. Acesso em: 16 out. 2023.

de Cândido Godói, os seus moradores contestaram as afirmações de Camarasa. Mais uma vez, portanto, as pessoas afetadas por uma teoria conspiracionista agiram sobre as suas realidades. Primeiro foi o historiador e organizador do museu da imigração alemã da cidade, Paulo Sauthier – um dos gêmeos da região. Em entrevista cedida ao portal G1, afirmou:

É uma total falta de respeito. Nós, gêmeos, jamais admitimos que somos resultado de uma manipulação genética de um criminoso nazista [...]. Nenhuma pessoa da nossa região jamais simpatizou com o nazismo. Nós éramos vitimados por perseguições pós-45 pelo fato de falarmos alemão. Isso é uma total falta de respeito [...]. Não tem ninguém que fale abertamente: “eu falei com o Mengele”.⁸⁴

O prefeito de Cândido Godói à época, Valdi Goldschimdt concordava ser um pouco pejorativa essa ligação, considerando que a cidade possui uma população composta por 90% de origem alemã.

É um resgate do passado que fez o município ter essa denominação de ‘cidade dos gêmeos’, explica. “Hoje em dia, se formos analisar o índice de nascimento de gêmeos, ele não foge mais da média mundial. Dentre as pessoas de mais idade, dentre as pessoas que tiveram gêmeos, nenhuma, nesses 22 anos que estou aqui, me disse que teve um sujeito que disse que era para tomar isso ou fazer aquilo. Posso te dizer de boca cheia. Acho que em algum momento nesses 22 anos de contato com a população, como a cidade é pequena, eu teria ouvido isso se tivesse acontecido.”⁸⁵

Outro indignado com a teoria conspiratória formada por Camarasa, o ex-prefeito e médico Anencir Flores, citado inúmeras vezes pelo autor, declarou não ter sido procurado pelo jornalista argentino quanto à sua suposta passagem por Cândido Godói, muito menos ter cedido entrevistas a ele afirmando que Mengele teria *feito* experimentos em mulheres: “Não falei, nem conheço ninguém que tenha falado nem com esse alemão nem com esse argentino”.⁸⁶

A prova mais contundente da farsa criada por Camarasa vem da própria ciência. Segundo a geneticista Úrsula Matte, a história das experiências genéticas de Mengele em Cândido Godói tem alguns “furos de roteiro”. O principal,

⁸⁴ Reportagem do portal G1 intitulada: *Cidade gaúcha recusa título de “terra dos gêmeos de Mengele”*. 10 fev. 2009. Publicada em: <https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL995232-5598,00-CIDADE+GAUCHA+RECUSA+TITULO+-DE+TERRA+DOS+GEMEOS+DE+MENGELE.html>. Acesso em: 16 out. 2023.

⁸⁵ *Ibid.*

⁸⁶ *Ibid.*

para ela, é o tempo: “Se a gente for olhar as idades, temos gêmeos muito antes de ele ter ido e temos gêmeos muito depois de ele ter ido. Eu estudei crianças que nasceram em 1990, 1994. O que ele poderia ter feito em 1960 que fez mulheres em 1994 terem filhos gêmeos?”⁸⁷

O mais intrigante para Matte, no entanto, não foi a taxa de nascimentos de 10% de gêmeos, mas a variedade:

60% deles eram gêmeos não-idênticos (ou “dizigóticos” no termo científico) e 40% eram idênticos (ou “monozigóticos”). Para ter gêmeos dizigóticos, a gente espera que a mãe tenha algum fator genético que faça com que ela ovule duas vezes. Para ter monozigóticos, não se espera que a mãe tenha nada. É um fator genético que se expressa no embrião. É difícil você achar uma explicação para os dois ao mesmo tempo.⁸⁸

Conforme Matte, apesar da alegação de Camarasa sobre o número de gêmeos ter aumentado após a suposta passagem de Mengele, há casos de nascimentos de múltiplos em Cândido Godói durante as décadas de 1930, 1940 e 1950. Acontece que os registros de qualquer nascimento na área só começaram a ser feitos a partir de 1963, quando a região se torna, oficialmente, um município. Até então, as crianças eram registradas nas cidades vizinhas de Santa Rosa ou de São Luís.

Na visão de Matte, é muito difícil não encontrarmos a explicação fora do fator genético:

Em 1960, nem a tecnologia mais avançada disponível era capaz de fazer inseminação artificial em humanos. O primeiro bebê de proleta só nasceu em 1979. E até hoje, com todos os avanços da medicina moderna, os médicos não sabem como fazer uma mulher ter gêmeos idênticos artificialmente. “Se eu quero ter filhos gêmeos, o que eu faço? Bom, se eu quero filhos dizigóticos, posso tomar um remédio que estimule a ovulação. Mas se eu quero ter filhos monozigóticos, o que eu faço? Não sei”, afirma Mattes.⁸⁹

Mengele teria uma tecnologia tão avançada na época para conseguir fazer tal experimento? Matte acha muito improvável, pois na Alemanha ele estava no topo da carreira, podendo fazer o que quisesse. Se naquela época ele não foi capaz de “mostrar nenhum grande resultado, nenhuma grande descoberta, não vai ser depois que ele fugiu, que ele foi para a Argentina, que ele está no meio

⁸⁷ *Ibid.*

⁸⁸ *Ibid.*

⁸⁹ *Ibid.*

do nada, que ele ia conseguir”.⁹⁰ Para a geneticista, chega a ser uma ofensa considerar Mengele um cientista. Isso seria dar uma legitimidade para a pesquisa que ele fazia, que ela não tem. “Uma pessoa que injeta tinta no olho de alguém para saber como é que funciona a cor do olho não entende nada de genética. Essa pessoa não é capaz de criar isso. Ele não tem essa credibilidade científica.”⁹¹

Segundo outro geneticista, Sérgio Danilo Pena, professor de Bioquímica da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a hipótese de Camarasa é “patética”: “As experiências nazistas, além do enorme custo humano, nunca produziram resultado com veracidade científica [...]. Em Minas Gerais, também há uma cidade com alta incidência de gêmeos e Mengele nunca passou por lá”, afirma o professor.⁹²

De fato, a tese de Camarasa já foi contestada por vários pesquisadores brasileiros, para os quais o fenômeno explica-se pela superabundância, entre a população da cidade, de genes relacionados ao nascimento de gêmeos. Segundo Lavínia Schüller-Faccini, geneticista da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, se uma pessoa, naquela época, tivesse descoberto a manipulação genética para aumentar hereditariamente a frequência de gêmeos na espécie humana, certamente teria ganhado o Prêmio Nobel. Schüller-Faccini ainda explica que a taxa de natalidade de gêmeos da cidade estava mais relacionada com o chamado “Efeito Fundador”, ou seja: trata-se de mudanças genéticas provenientes de comunidades formadas originalmente por apenas poucos pioneiros (Schuler-Faccini, 2019).

Por último, essa teoria da conspiração esbarra em um problema do ponto de vista “cultural”. De acordo com Vanuza Breche, secretária da cultura de Cândido Godói em 2009, “era muito improvável que senhoras alemãs tradicionais e conservadoras lá nos anos 1960 fossem confiar em um homem estranho, vindo de fora, querendo fazer exames nelas para engravidar”.⁹³

Apesar da história alternativa conspiratória de Camarasa ter sido rechaçada por vários geneticistas e historiadores, provavelmente ela ressonará por muito tempo no imaginário coletivo da cidade e também do nazismo, assim como a imagem de Mengele como um sádico médico nazista do mal, sem escrúpulos para atingir seus objetivos. Agora, chegou a hora de o “anjo da morte”

⁹⁰ *Ibid.*

⁹¹ *Ibid.*

⁹² Entrevista. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/livro-atribui-a-medico-nazista-boom-de-gemeos-no-rs,3e8868f40d94b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 16 out. 2023.

⁹³ Reportagem do portal G1 intitulada: *Cidade gaúcha recusa título de “terra dos gêmeos de Mengele”*. 10 fev. 2009. Publicada em: <https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL995232-5598,00-CIDADE+GAUCHA+RECUSA+TITULO+-DE+TERRA+DOS+GEMEOS+DE+MENGELE.html>. Acesso em: 16 out. 2023.

finalmente sair de holofotes para deixar o seu comparsa, Martin Bormann, a eminência parda de Hitler, brilhar no mundo conspiracionista.

4.2 A IDENTIDADE BORMANN

Martin Bormann foi um personagem perfeito para o mundo das teorias conspiratórias – ele foi, afinal, uma figura poderosa e secreta. De acordo com o historiador judaico Josef Wulff, ele era a “sombra de Hitler”, ou melhor dizendo, o “espírito do mal de Hitler”. Da mesma forma que seu “comparsa” Josef Mengele, histórias, versões e teorias das mais absurdas e fantasiosas circularam sobre o que teria acontecido com esse personagem aparentemente tão esquivo, dissimulado e poderoso.

Martin Ludwig Bormann nasceu em Wegeleben, Alemanha, em 17 de junho de 1900. Iniciou a sua carreira política aos dezoito anos e depois da Primeira Guerra Mundial, na qual fez uma pequena participação como artilheiro já nos momentos finais. Depois, ingressou na Freikorps Rossbach, um dos grupos proto-fascistas que se opuseram à República de Weimar. Nesse período, envolveu-se em alguns escândalos, o principal deles aconteceu quando foi preso em março de 1924, com Rudolf Hess, sob a acusação de ter vingado a morte de seu ex-professor Walther Kadow.

Depois de sair da prisão, entrou para o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) em meados da década de 1920, ocupando o cargo de assessor de imprensa, gerente de negócios e, depois, delegado nazista do Reichstag (parlamento alemão). Após o começo da Segunda Guerra Mundial, foi encarregado de comandar a máquina do partido, tornando-se Reichsleiter da Alemanha (o segundo cargo mais alto dentro da hierarquia nazista), secretário de Hitler e chefe da Chancelaria nazista. Todas as ordens altamente confidenciais passavam pela sua mesa, como o aniquilamento dos judeus e de outras etnias consideradas “raças inferiores”, as perseguições por motivos religiosos e o genocídio nos institutos de eutanásia e nos campos de concentração. Decidia quem era permitido ver Hitler e afastava pessoas que podiam exercer uma influência moderada sobre ele. Além disso, era um administrador eficiente, conseguindo em pouco tempo apoio e doações de grandes empresários do país para a máquina de propaganda alemã.

Nos momentos finais da guerra, Bormann ficou responsável por planejar a continuação do poder e da ideologia nazista. Para alcançar esse objetivo, teria transferido da Alemanha para bancos da Suíça e do mundo dinheiro, ouro, ações, títulos, patentes e *copyrights*. Em uma reunião entre oficiais do Partido Nazista, líderes empresariais e industriais alemães declarou a necessidade de

perceber a derrota iminente na guerra, assim devendo tomar medidas para se preparar para uma campanha comercial do pós-guerra, garantindo, com o tempo, o ressurgimento econômico da Alemanha e do nazismo.

Com o final do conflito, o seu paradeiro ficou muito tempo sob mistério, sem explicação. Ninguém sabia ao certo o que havia acontecido com um dos líderes do movimento nazista e detentor dos segredos e planos traçados para o pós-guerra. De acordo com Hugh Trevor-Roper, várias testemunhas sustentaram a possibilidade de Bormann ter morrido em um tanque explodido por um *Panzerfaust* (bazuca) na Ponte Weidendammer, enquanto tentava fugir entre os dias 1º e 2 de maio de 1945. Por outro lado, todas essas testemunhas admitiram que a cena era de grande confusão e nenhuma delas afirmou ter visto realmente o corpo de Bormann (Trevor-Roper, 1947). Apesar de o autor ter concluído, em 1945, que Bormann “certamente morreu naquela noite”, muitas versões foram dadas ao seu destino, até que em 1973 os seus restos mortais foram encontrados durante escavações em Berlim. Todavia, somente no final de 1998, exames de DNA realizados na ossada comprovaram se tratar realmente de Martin Bormann, morto em 1945 enquanto tentava fugir da capital alemã.

O fato de ele ter morrido não impediu a formação de romances e teorias conspiratórias envolvendo o seu nome, ainda mais quando seu corpo demorou muito tempo para ser encontrado e identificado. No mundo conspiratório, ele teve um pós-vida nas sombras, manipulando uma vasta e clandestina rede nazista. No campo da ficção, a “eminência parda” foi caçada em *Act of Violence* (1954), escrita por Basil Heatther, e *The Expendable Spy* (1965), de Jack Hunter. Em 1966, Bormann teve um papel mais central no romance de Geoff Taylor *Court of Honor: the Nazis Go Underground in a Nightmarish Plan to Establish a Fourth Reich with a new Führer!*, no qual o Reichsleiter conspira, com apoio de uma sociedade secreta composta por nazistas, para colocar os russos e americanos em uma Terceira Guerra Mundial. Depois de os dois países se destruírem como a guerra, Bormann estabeleceria o IV Reich na Alemanha com ele como novo *Führer* (Taylor, 1967).

No mesmo ano, foi produzido o filme italiano *Borman*, no qual o braço direito de Hitler é chefe de uma organização cujo objetivo é destruir a humanidade e dar vida a um novo mundo de super-homens arianos. Isso aconteceria por meio da utilização de uma bomba atômica que Bormann pretendia usar para provocar uma Terceira Guerra Mundial entre Estados Unidos e União Soviética, levando à inevitável destruição da humanidade.

Em 1977, Harry Patterson – mais bem conhecido pelo seu pseudônimo Jack Higgins – juntou-se a essa onda e produziu *The Valhalla Exchange*, no qual é revelado como o sempre astuto Bormann conseguiu fugir das ruínas de Berlim

tentando trocar a sua liberdade por cinco importantíssimos prisioneiros aliados (Patterson, 1977).

Se tais ficções já são absurdas e exageradas, não são mais que os livros sobre Bormann pretendentes a um patamar histórico. Muitos autores afirmaram ter visto e se encontrado com ele, seja na América do Sul, na Europa, na África ou na Rússia, onde estaria exercendo as mais variadas funções e atividades: padre em Roma; padre no Brasil; pastor protestante na floresta colombiana; guarda-florestal na região de Kassel, Alemanha; caçador no Tyrol, Áustria, chamado “Carlo”; espião dos soviéticos; empresário madeireiro na Bolívia; dono de uma fábrica de geladeiras industriais no Chile; líder dos Piratas de Edelweiss (um grupo de jovens da resistência alemã ao regime nazista durante a guerra) nas montanhas Tolzer; pessoa que estava sofrendo de gastrite em um hotel de Córdoba no centro da Argentina; frequentador do clube noturno Ali Baba em Assunção, Paraguai, com Josef Mengele, etc.

Para além dessas profissões, Bormann pareceu ser um viajante constante mesmo morto. Ele foi avistado, cronologicamente:

- 1947: Bormann em Sidney;
- 1947: Bormann no Egito;
- 1947, março: o Serviço Secreto americano procura Bormann na Espanha;
- 1947, julho: chegam rumores à Europa de que Bormann está vivendo ao pé dos Andes;
- 1949, novembro: Bormann “visto” em Munique;
- 1950, abril: um jornal dinamarquês informa que Bormann está na África do Sul;
- 1950, outubro: o emigrante alemão Hesslein informa que Bormann está no Chile;
- 1958: Bormann “visto” no Equador;
- 1960: Bormann “visto” na Argentina;
- 1961, abril: o Promotor Distrital Fritz Bauer, de Frankfurt, declara: “Bormann ainda está vivo”;
- 1961, maio: Bormann vive no Brasil;
- 1961, novembro: Bormann agora está no Chile?;
- 1962, junho: informa-se que Bormann fugiu da Alemanha num submarino alemão. Foi para a Argentina. Visita a Alemanha uma vez por ano;
- 1964, março: descoberto “túmulo” de Bormann no Paraguai (morto em fevereiro de 1959);

- 1964, março: Simon Wiesenthal – “Bormann está vivo na América do Sul”;
- 1964, abril: o tcheco Jaroslav Dedic declara – “enterrei Bormann em Berlim, em 1945”;
- 1966: Bormann vivendo numa tribo de índios em Mato Grosso, no Brasil;
- 1967: correm boatos sobre Bormann em *Kolonie Waldner 555*, na América do Sul (Whiting, 1977, p. 10).

Todos esses avistamentos foram reproduzidos em reportagens de jornais e revistas em todo o mundo.

Embora hoje seja fato comprovado a sua morte em 1945, com a confirmação apenas em 1998, a falta de um cadáver levou ao fato inevitável da sua milagrosa aparição em vários locais do mundo, assim como a de Hitler. Tais aparições e a falta de um corpo resultaram na recompensa de vinte e cinco mil dólares oferecida pelo governo da Alemanha ocidental pela sua captura, no qual só serviu para encorajar muitas outras especulações. Centenas de investigadores profissionais e independentes, agências de inteligência militar e diplomáticas de várias nações, jornalistas em busca de uma boa história e grupos não oficiais em busca de vingança juntaram-se a essa perseguição que parece ser interminável. A frequência de seus avistamentos também foi intensificada devido à existência de um monte de imigrantes alemães robustos, carecas, brancos, de meia idade, semelhantes a Bormann. Wiesenthal (1967) o resumiu como sendo um homem corpulento, com “pescoço de touro” e um rosto frio e “bastante brutal”, um “*Bierkopftípico*” (cabeça de cerveja).

A imprensa brasileira não ficou de fora da onda de avistamentos. Durante as décadas de 1960 e 1970, ela cedeu um espaço considerável em suas folhas aos criminosos de guerra fugitivos, como já observamos nos casos sobre Rio do Sul, Cândido Godói e Marechal Cândido Rondon. Os meios de comunicação, notadamente os jornais e revistas, não se importavam muito com a procedência das fontes. O que estava em jogo era o tão almejado furo jornalístico e por causa disso publicavam qualquer informação sobre criminosos nazistas que chegasse à redação (Pastor de Carvalho, 2015, p. 64).

Em 1960, o jornal carioca *Tribuna de Imprensa*, por exemplo, noticiou na sua capa que o “herdeiro de Hitler” residiu primeiramente na Bahia com o nome de José Posea e depois no estado de Santa Catarina, onde desde 1952 havia formado um reduto nazista (Martin[...], 1960, p. 1). O jornal *Diário Carioca* (1961, p. 2), por sua vez, publicou no dia 27 de maio de 1960 a versão na qual Bormann e Mengele se encontravam regularmente em Minas Gerais. Em junho de 1961, foi a vez de outro jornal carioca, o *Última Hora*, anunciar o aparecimento

de Bormann, visto várias vezes perambulando pelas imediações de Vicente de Carvalho no Guarujá. Segundo Bruno Leal:

Geni Masceno da Silva, a “Dona Geni”, uma viúva de 46 anos residente do bairro, era a informante do jornal. “Dona Geni” contou que conheceu o homem que ela acreditava ser Bormann em janeiro de 1960. Ele estava com fome e cansado. Tinha vindo a pé do Paraná. O Bormann de “Dona Geni” revelou que estava fugindo de seus compatriotas e que não poderia regressar ao seu país de origem por ter ocupado cargos muito importantes no regime nazista. A testemunha teria se encontrado com ele várias vezes desde então. Em uma das visitas, ele teria dito: “a que ponto chegou Martin, pedindo esmolas” (Carrasco[...], 1960, p. 2).

No dia 20 de março de 1964, o Última Hora publicou na sua primeira página a informação cuja “eminência parda” estava vivendo no estado do Mato Grosso (Homiziado [...], 1964, p. 1). Segundo Pastor de Carvalho (2015), na década de 1960, o nome Martin Bormann foi citado 63 vezes no jornal Correio da Manhã. No decorrer da década de 1970, o número aumentou para 81. O mesmo aconteceu com o Jornal do Brasil: 67 citações na década de 1960, e 87 em 1970.

Mas como Bormann supostamente escapou? Há numerosas versões, cada uma alimentando a outra. Fritz Bauer (caçador de nazistas, juiz e advogado que conseguiu levar antigos nazis como Adolf Eichmann à justiça) admitiu, em abril de 1961, estar convencido de que Bormann estava longe da morte em algum lugar da América do Sul sendo protegido por uma “secreta organização internacional”. Em julho de 1964, ele anunciou ter provas apontando Bormann no Paraguai, onde foi visto várias vezes jantando com Josef Mengele. Até o dia da sua morte em junho de 1968, por um ataque do coração enquanto estava em uma banheira, Bauer continuou caçando Bormann. Naturalmente, muitos suspeitaram que havia algo mais por trás do seu falecimento. De acordo com conspiracionistas, ele foi morto com spray de cianureto sobre as ordens de Heinrich Müller, o ex-cabeça da Gestapo (Walters, 2009, p. 478).

O “especialista” em criminosos de guerra, Roberto Botacini (1964), em seu livro *Nazistas na América*, também destacou algumas páginas do seu trabalho para falar do caso Bormann. Ele teria conseguido fugir do *bunker* de Hitler por vias subterrâneas indo para a Espanha, onde permaneceu por cerca de dois meses. Quando arranjou documentação falsa, embarcou em um dos submarinos alemães, o U-530 ou o U-977, que, alguns meses após a rendição da Alemanha, chegaram à Argentina. Logo depois teria se refugiado no Paraguai “onde mantinha contacto e encontrava-se com seus velhos camaradas, entre eles Eichmann e Ante Pavelic, este último antigo regente da Croácia e, na época, chefe

da Polícia Secreta do ditador Perón”. Realmente, Pavelic trabalhou como assessor de segurança do presidente argentino, e não como chefe da Polícia Secreta (Walters, 2009).

Em 1951, Bormann voltou à Argentina, onde mantinha contato com a vasta rede nazista ramificada por todo o mundo. Depois da queda de Perón em 1955, ele teria se tornado um andarilho, deslocando-se constantemente: Peru, Europa e Paraguai novamente, onde, no final de 1958, foi descoberto por um comando de caçadores de nazistas judeus. Bormann, informado sobre isso, imediatamente preparou uma farsa: “alguns de seus colaboradores propagaram a falsa notícia de sua morte” (Botacini, 1964, p. 63). Em julho de 1959, a imprensa noticiava a morte de Martin Bormann, ocorrida no Paraguai. A suposta notícia foi assim apresentada:

Martin Bormann, que vivia em constantes fugas de um país para outro, viveu completamente só, sem poder dar o menor sinal de vida à sua família que ficara na Europa. Estava isolado do mundo, esta vida triste afetou gravemente sua saúde. Quando seu estado piorou e suas dores se tornaram intoleráveis, partiu para Assunção a fim de ver seus amigos; ai chegou no começo de 1959, em estado bastante grave. O sr. Jung ao receber a comunicação sobre o estado de saúde de Bormann, procurou certa noite o dr. Otto Bliss, pedindo-lhe que fosse a sua casa, examinar um doente. O dr. Bliss diagnosticou câncer no estômago, em estado evoluído demais para ser operado. Em 15 de fevereiro quando Bormann teria falecido, o dr. Otto Bliss estaria presente, porém não assinou atestado de óbito, alegou mais tarde que o casal Jung ia enterrar clandestinamente o cadáver. Pela madrugada de 17 de fevereiro de 1959, Bormann foi transportado a Ita, numa camioneta e, imediatamente, sepultado sem cruz e sem lápide, na presença de Jung e outras testemunhas, um dos quais seria o dr. Mengele (Botacini, 1964, p. 64).

Depois da propagação desta notícia falsa, Bormann foi localizado no Brasil, no Peru e na cidade chilena de Pisagana, mas como sempre conseguiu despistar os seus perseguidores. Botacini termina afirmando que “hoje, em alguma parte do mundo, vive alguém solitário; alguém, cujo desaparecimento representa um dos mais espantosos mistérios de nossa época: o paradeiro de Martin Bormann” (Botacini, 1964, p. 49).

Por sua vez, o jornalista russo Alexander Bezymensky, no livro *Na Pista de Martin Bormann* (1967), dedicou-se a explicar como o braço direito de Hitler conseguiu escapar de Berlim no final da guerra. Para provar o seu ponto, ele citou várias “testemunhas”, entre elas o farsante já citado Angel Alcazar de Velasco,

que teria se encontrado com Bormann na Espanha, no inverno de 1946, para ajudá-lo a atravessar o oceano. Segundo o relatório de Velasco:

Um alemão chamado Felipe, que trabalhou na minha organização, na Espanha, durante a guerra, me visitou em dezembro de 1945. Disse-me que ainda trabalhava para os nazistas e, antes de sair, me deu um embrulho que disse conter importante informação. Depois de decifrada, descobri que era este o seu contexto: “Uma pessoa importante chegará a Madri, entre os dias 1º e 15 de janeiro. Essa pessoa, que o senhor logo reconhecerá, lhe será encaminhada pelo portador desta carta”. No dia 3 de janeiro de 1946, Felipe se encontrou com Velasco. Ele estava acompanhado pelo Dr. Fleischmann, que Velasco logo reconheceu ser Martin Bormann. Os três foram para Condor, um castelo perto de Valência, onde ficaram como hóspedes de um certo Makario. Um submarino alemão, pareceu no dia 3 de maio, perto da pequena aldeia de pescadores de Villa Garcia, na costa noroeste da Espanha. Velasco e Bormann atravessaram toda a Espanha e para lá se dirigiram. O submarino [...] tinha recebido ordens de ir buscar Bormann. A travessia durou 18 dias, e a 25 de maio de 1946, Bormann desembarcou na Argentina, perto de Coile (Patagônia). Ainda a bordo, Bormann declarou que boatos a respeito de sua morte deveriam ser espalhados. Disse, depois, a Velasco: “A Europa ainda ouvirá falar de mim. Isso não é uma retirada definitiva, mas apenas um interlúdio. Ainda há de chegar o dia em que a Alemanha, uma nova Alemanha de Hitler, será vitoriosa” (Bezymensky, 1967, p. 177).

Para Bezymensky, entretanto, havia um testemunho muito mais seguro ao de Velasco que reforçava a versão da sua fuga para a América do Sul. “Antes de qualquer outro, temos um depoimento feito pelo *ex-Obergruppenfuhrer*, Gottlob Berger, que era membro do ‘conselho de deuses’ das SS e conhecia Bormann muito bem” (Bezymensky, 1967, p. 177). Em entrevista a uma rádio, em 1964, afirmou que ele era covarde demais para não ter providenciado um bom esconderijo para esconder-se caso perdessem a guerra. “Direi mais do que isso. Tenho certeza de que ele não morreu em Berlim. Foi para a parte do mundo em que mais facilmente se pudesse esconder – América do Sul” (Bezymensky, 1967, p. 177). Até mesmo a sua sogra teria dito “o canalha continua vivo”.

Além desses testemunhos, a prova cabal da fuga para Bezymensky encontrava-se em um telegrama deixado por Bormann em sua escrivaninha, datado do dia 22 de abril de 1945, o qual dizia: “Concordo com a proposta de transferência para o sul transoceânico. Bormann” (Bezymensky, 1967, p. 178). Portanto, depois de todas essas evidências, a possibilidade da fuga da “eminência parda”

para a América do Sul não poderia ser desprezada, uma vez que “quando analisamos a situação daquele continente e constatamos a existências de forças neozistas, que se estão cada vez mais ativas, não devemos deixar que a história de Bormann nos cegue” (Bezymensky, 1967, p. 178).

Em 1968, foi a vez do jornalista israelense Michael Bar-Zohar descrever a suposta odisseia de Bormann no seu livro *The Avengers*. Nessa versão, o braço direito de Hitler fugiu para a Itália guiado por Rudolf Blass, conhecido por também ter ajudado Heinrich Müller na mesma empreitada. A fuga foi supostamente administrada por uma organização chamada Die Schleue (“Fechaduras”), que escondeu Bormann no Tirol italiano para ele ficar perto da cidade de Merano, onde sua esposa, afetada por um câncer, estava vivendo. No entanto, um dia Bormann foi reconhecido pela viúva de um médico judeu, sendo forçado a se refugiar em um mosteiro perto do Lago de Garda, norte da Itália. Depois disso, viajou para Roma, onde permaneceu até o final de 1947, quando embarcou em um barco para Buenos Aires, portando um bilhete de “classe turística”, como se fosse um passageiro comum (Bar-Zohar, 1968). Em sua narrativa, Bar-Zohar, descartou outras versões da fuga de Bormann, não oferecendo, contudo, evidências concretas para comprovar a sua tese.

De acordo com Wiesenthal na obra *Os Assassinos entre Nós* (1967), os nazistas mais importantes interrogados por ele, quando questionados sobre o paradeiro da “eminência parda”, estavam convencidos da sua sobrevivência. “A opinião geral é de que ‘Bormann foi sempre uma raposa matreira, o homem capaz de ludibriar mesmo a morte’” (Wiesenthal, 1967, p. 339). Wiesenthal nos traz a história de “um tal Peter Franz Kubainsky”, o qual teria admitido que, em 12 de dezembro de 1945, conduziu Bormann de Reichenhall, na Baviera, para Salzburgo, Innsbruck e Nauders, esta última localidade perto da fronteira italiana com a Áustria. Porém, Kubainsky não sabia no primeiro momento de quem se tratava. O “homem” – de aparência rústica e com um pequeno bigode – possuía documentos de viagem italianos, cedidos por uma organização do Vaticano, e um endereço em Merano, Itália, “para onde conduzi Bormann”.

De facto (disse Kunainsky), vi que Monsignore Heinemann dera um traje monástico dos jesuítas a Bormann e assisti ao seu embarque em Génova com destino à Argentina... Tenho conhecimento de que Bormann vive no Peru, com o nome falso de José Perez, e é proprietário de uma firma de importação-exportação cuja escritura tem o nome de solteira da sua actual mulher. A primeira mulher de Bormann morreu na Itália em 1945 (Wiesenthal, 1967, p. 340).

“Pondo de lado todas as afirmações que suscitam dúvidas” (Wiesenthal, 1967, p. 340), para Wiesenthal há alguns fatos verificáveis muito interessantes:

1º) com o auxílio de um amigo suíço, teve conhecimento do depoimento de uma mulher absolutamente certa de ter visto Bormann em 1956, quando estava sentada em um ônibus na cidade de São Paulo, Brasil. Ela teria o avistado entre os passageiros, imediatamente chamando a sua atenção em alemão: “Hello Her Bormann, como é bom ver você novamente. Bormann olhou para mim, pareceu perplexo, ergueu-se sem uma palavra, encaminhou-se para a porta e saiu mesmo antes do ônibus parar. Depois, desapareceu” (Wiesenthal, 1967, p. 341);

2º) em maio de 1962, um dos seus colaboradores entrou em contato com Paula Riegler, antiga governanta da casa de Bormann em Pullach, Baviera. Riegler estava convencida de que ele ainda estava vivo;

3º) em 1962, recebeu uma visita do jornalista italiano, Luciano Doddoli, do jornal Espresso, de Milão, o qual declarou conhecer uma mulher chilena que viveu com Bormann entre 1948 a 1951;

4º) durante as suas investigações relacionadas com Josef Mengele, recebeu uma carta de Jhonny Sommer, um alemão residente na América do Sul e antigo proprietário de um clube noturno em Assunção, Paraguai, chamado Ali Babá. Na carta Sommer afirma que Bormann e Mengele frequentavam o seu clube e iam frequentemente pescar juntos no rio Paraná;

5º) Wiesenthal possuía uma foto de Bormann passeando com seu cachorro pelas ruas de Assunção, mas infelizmente não podia fazer nada naquele momento (Wiesenthal, 1967, p. 341).

A “última peça do mosaico Bormann” foi fornecida a Wiesenthal por um estudante de Viena em 1964, que telefonou para o seu escritório convidando-o a ir a um café. Ele precisa conversar sobre uma jovem brasileira de Curitiba, estado do Paraná, estudante de arte em Viena à época. “Tentei não me mostrar interessado. No Paraná há mais colônias alemãs onde estão escondidos alguns dos meus mais proeminentes ‘clientes’. São grandemente admirados lá. A mentalidade é estritamente Terceiro Reich” (Wiesenthal, 1967, p. 346). A brasileira era casada com um alemão proprietário de uma empresa de importação-exportação, acompanhando-o muitas vezes para Barcelona em viagens de negócios. Em uma delas permitiu que a mulher fosse para Viena, ela tinha uma bela voz e desejava receber lições de canto e a capital austríaca era o melhor local para isso, afirmou o jovem à Wiesenthal. Ali se conheceram e se apaixonaram.

Conheço o nome dela, mas não posso revelá-lo – disse o jovem.
– É uma situação delicada. A minha amiga não se dá bem com o marido. Tem de ser prudente. Bem, certo dia, estávamos ambos

num café, li uma história sobre Bormann num dos magazines. Começamos a falar sobre o assunto. Estas coisas fascinam-me. A minha amiga riu e disse que me podia contar muitas coisas sobre o caso. Tirou uma fotografia da bolsa. Fora tirada em 1964 e mostra um grupo de pessoas. Uma delas, um homem corpulento e calvo, tinha a mão direita meio levantada quando foi tirada a fotografia, como se desejasse esconder o rosto. Na verdade, está apenas a cobrir a orelha direita. A minha amiga disse: “Olha para ele. Todos os judeus e muitos alemães procuram-no. Era um dos nazis mais importantes. O meu marido trabalha para ele”. Herr Wiesenthal, estou absolutamente certo de que aquele homem era Bormann. Conheci, com certeza, Bormann apenas das fotografias dos magazines, mas o homem que procurava ocultar a cara parecia exatamente aquele que tenho visto nas fotografias dos jornais. Obviamente, o marido da minha amiga deve ser um nazi importante, pois de outro modo Bormann não o utilizaria em missões internacionais. Pensamos... isto é, pensei que se lhe der o nome dele e o prender na próxima vez que ele for a Espanha (Wiesenthal, 1967, p. 347).

A ideia do jovem era que Wiesenthal prendesse o marido da mulher para assim viver feliz com ela. Para isso, ele entregaria em suas mãos o endereço de Bormann em Curitiba. Mas o “caçador de nazistas” não pareceu muito confiante com tal relato: “supondo que eu poderia apresentar provas de que Bormann vive em determinada residência em Curitiba – que aconteceria? 24 horas mais tarde desapareceria facilmente na América do Sul. Possui dinheiro e uma rede de auxiliares fanáticos” (Wiesenthal, 1967, p. 348).

[...] Fritz Bauer, o promotor de Frankfurt [sic], duvida que algum país da América do Sul o extraditasse. O mistério de Martin Bormann – que muito provavelmente vive perto da fronteira argentina com o Chile, no momento em que escrevo este capítulo, nos princípios de 1966 – degenerará numa simples equação biológica. Está bem protegido. Nenhum país desejará um segundo caso Eichmann. Bormann morrerá um dia, e a recompensa de 100 000 marcos jamais será paga. A morte não necessita de dinheiro (Wiesenthal, 1967, p. 348).

Essa história contada por Wiesenthal ganhou repercussão no Brasil. Em janeiro de 1968, o jornal O Estado do Paraná publicou uma reportagem sobre o assunto desmentindo as afirmações feitas pelo caçador de nazistas em seu livro. Segundo a reportagem, ele estava equivocado, não passando tudo de invenção do estudante que lhe deu essa informação em Viena afirmando tê-la

recebido de uma cantora de Curitiba. Essa “cantora” era bastante conhecida na cidade brasileira. Tratava-se de Rita Eliana, famosa principalmente pelos seus recitais na televisão. O homem que seria Bormann era, na verdade, o cidadão Otto Riderer, de 52 anos, nascido em Viena, radicado no Brasil desde 1956. Rita Eliana era casada com João Graf Scharap, que afirmou estar surpreendido pelos dados constantes no livro: “De fato nós estivemos em Viena em 1964. Estranho que um senhor, tão mundialmente famoso como Simon Wiesenthal, cometesse tamanho engano. Eu sempre considerei esse senhor um homem meticoloso, certo daquilo que escrevia” (Mengele [...], 1968). Scharap refuta toda a teoria de Wiesenthal e sobre a foto que supostamente aparecia Bormann tapando o rosto, “tudo não passa de invenção do estudante [...]. É uma coisa tão ridícula que não compreendo como o sr. Wiesenthal pode entrar numa fria tamanha. Não sei mesmo” (Mengele..., 1968).

Apesar disso, o “caçador de nazista” nunca se retratou sobre o ocorrido, diferentemente da sua crença sobre a sobrevivência de Bormann. No final da década de 1970, principalmente depois de terem encontrado a sua ossada, Wiesenthal se retratou das suas afirmações.

Em 1972, foi a vez de o escritor de romances e historiador militar, o britânico Charles Whiting, narrar a sua própria odisseia em busca do braço direito de Hitler no livro de história alternativa conspiratória *À Caça a Martin Bormann*. “A minha própria caça a Martin Bormann levou-me a dois continentes e seis nações” averiguando pistas, entrevistando testemunhas e apresentando os mais diversos homens que hipoteticamente se encontraram com Bormann. “Este livro é a estória daquele homem gordo que começou a correr naquela noite de 1º para 2 de maio de 1945 e da maior caçada humana jamais conhecida pelo mundo” (Whiting, 1977, p. 16).

A procura de Martin Bormann tornou-se a maior estória de detetive jamais conhecida pelo mundo. Era uma estória com lances de deslealdade e fraude, vivida em cenários exóticos e inacessíveis, de uma extremidade à outra do globo. Tinha suas doses de sexo, bem apimentadas, com o poder de atração que um triângulo amoroso a longo prazo consegue gerar. Tinha aquele “que” de alta sociedade; as melhores pessoas, desde bispos até princesas, estavam envolvidas. E tinha toques bizarros e excêntricos, indispensáveis às estórias de detetives desde a invenção de Sherlock Holmes [...]. Era uma história impossível. Que escritor ousaria criar um personagem procurado durante vinte e sete anos desde os fiordes noruegueses até as selvas sula-americanas? Nenhum editor aceitaria publicar uma estória tão fantástica. Todavia, a estória de Martin Bormann não é ficção. É fato (Whiting, 1977, p. 16).

Na primeira parte do livro, Whiting dedica-se a traçar o roteiro de fuga de Bormann de Berlim para depois entrar na sua própria busca por informações a respeito de seu paradeiro.

Na noite de primeiro para dois de maio de 1945, um homem gordo começou a correr. Naquela noite terrível o alemão baixinho, quarenta e cinco anos, ombros e queixo boxeur, começou a maior aventura de sua vida. Contra o cenário avermelhado de sangue e chamas da agonizante Berlim nazista, ele se precipitou pelas ruas destroçadas, correndo para salvar a sua vida. Tentava escapar à terrível vingança que os vitoriosos tirariam dele se o capturassem. Assim Martin Bormann escapou da História. A grande ilusão de um Império Nazista que duraria mil anos, mas que na realidade durou apenas doze, havia desmoronado. Em maio daquele ano da vitória, a cortina desceu, as luzes se extinguiu, e o palco estava finalmente vazio. Mas se o Terceiro Reich entrara em colapso, a caça a seus líderes havia apenas começado. Um por um eles foram capturados e levados a julgamento. Porém, o “homem das trevas”, a *éminence grise* de Hitler, havia simplesmente desaparecido. O homem gordo que começara a correr naquela noite de maio ainda estava em campo. A grande caçada havia começado. Os ingleses, os alemães, os israelitas, os americanos e sua indefectível CIA, jornalistas, policiais, serviços secretos mais ou menos pretensiosos, e mesmo indivíduos isolados – o mundo inteiro lançou-se à procura do ex-*Reichsleiter* Martin Bormann, com mais empenho e furor que os espanhóis em busca do Eldorado (Whiting, 1977, p. 1).

Dentre as teorias coletadas pelo autor, podemos destacar aquela na qual Bormann teria sido um espião soviético por mais de três anos, fornecendo aos russos dados altamente sigilosos que tiveram um papel preponderante na derrota da Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial. Depois de 1945, ele estaria trabalhando junto de Stalin contra o mundo capitalista. Essa versão foi criada por Reinhard Gehlen, antigo dirigente do serviço de inteligência do exército alemão durante o conflito, em livro sobre suas memórias, *The Service: The Memoirs of General Reinhard Gehlen*, de 1972 (Gehlen, 1972). Contudo, suas fontes não eram confiáveis, logo foi rechaçado por especialistas no assunto.

Não havia provas, evidências nem conhecimento da possibilidade de Bormann ter ido à Rússia. A teoria mais aceita é a de que Gehlen publicou suas memórias para prejudicar e sabotar as tentativas de Willy Brandt, chanceler da República Federal da Alemanha entre 1969 e 1974, em uma possível reaproximação com a Rússia – tentativas que lhe renderam o Prêmio Nobel da Paz em 1971. Gehlen, um fanático anticomunista que acreditava piamente na existência de

centenas de agentes comunistas infiltrados na Alemanha Ocidental, pressentiu que a publicação das suas memórias seria encarada como um aviso para o eleitorado alemão a respeito do que poderia acontecer caso dessem apoio às “traíçoeiras políticas advogadas por pessoas como Willy Brandt” (Whiting, 1977, p. 218).

Outra informação sobre o paradeiro de Bormann explorada por Whiting colocou-o morando em uma colônia sul-americana denominada Waldner 555. Em 1967, um ex-cabo da Waffen SS alemã apareceu oferecendo provas “convincentes” sobre o paradeiro do *Reichsleiter*. O cabo em questão era Erich Karl Wiedwald e, segundo ele, Bormann estava vivendo na zona mais meridional da fronteira Brasil-Paraguai, um quilômetro a oeste da margem ocidental do rio Paraná e a vinte quatro quilômetros da fronteira com o Paraguai, em uma colônia criada por ele mesmo chamada Waldner 555 (Whiting, 1977, p. 174).

Essa colônia, seria um conjunto de cabanas de sapê localizadas “em uma das maiores fortalezas naturais do mundo”. As dimensões da propriedade eram de aproximadamente quarenta por cem milhas, protegida de um lado pelo rio Paraná e por outro por uma floresta “praticamente impenetrável”, repleta de índios “ferozes” e guardas europeus que faziam parte da folha de pagamentos de Bormann. Segundo Wiedwald, ele possuía muito dinheiro proveniente do Partido Nazista, total de trinta e cinco milhões de libras, e outro da SS, cerca de treze milhões, podendo comprar toda a proteção do mundo com a maior facilidade. Wiedwald declarou haver dois fatos cruciais sobre o braço direito de Hitler: estava morrendo e irreconhecível. Primeiro, devido a uma cirurgia plástica mal executada em Buenos Aires em 1947, o seu rosto estava inchado, cheio de manchas e com cicatrizes horríveis na testa. Em segundo lugar, ele estava morrendo por causa de um câncer no estômago. Nem mesmo Mengele conseguiu curá-lo.

Porém, quando Wiedwald foi intimado a contar a sua história sob juramento ele simplesmente não conseguiu, pois estava mentindo. Para Whiting, outra decepção, outro indício, na sua longa caçada de mais de anos a Martin Bormann, acabava em confusão, perplexidade, dúvida e “uma decepção amarga” (Whiting, 1977, p. 183). No final das contas, depois de “tantas decepções” em suas investigações, o caçador de nazistas não foi capaz de localizar o braço direito de Hitler, muito menos prendê-lo.

No mesmo ano de 1972, foi a vez do ex-agente da inteligência britânica Ronald Gray publicar sua versão sobre o caso no livro de história alternativa conspiratória “I Killed Martin Bormann!”. “A verdadeira história sobre o que aconteceu com o notório braço direito de Hitler – o nazista mais odiado, mais procurado no mundo!”, afirma o texto da capa. De acordo com Gray, “Bormann está morto, seu corpo foi perfurado por uma metralhadora modelo Sten. E foi o meu dedo que puxou o gatilho”. O autor começa a narrar a sua história quando

foi morar no norte da Alemanha em 1946. Ali estabelecido, um misterioso alemão entrou em contato para ajudar no “contrabando” de uma pessoa anônima por quase dez mil dólares. Ele aceitou a missão, pensando que desmascararia a rede clandestina de assistência a criminosos de guerra que os ajudava a fugir do país. Uma vez dentro de sua van, ele percebeu que seu passageiro anônimo se tratava de Martin Bormann. Estava tarde da noite, mas havia luz da lua o suficiente para confirmar a identificação quando o levaram para o seu destino, no norte da Alemanha, onde dois homens estavam a sua espera. Repentinamente, Bormann começou a correr em direção aos seus camaradas e Gray logo realizou que se tratava de uma emboscada a sua pessoa. Não pensou duas vezes e abriu fogo contra o braço direito de Hitler, vendo-o cair, morto, em sua frente. Depois disso, jogou-se no chão fingindo de morto, observando o corpo sem vida de Bormann sendo carregado pelos dois homens que estavam à sua espera, em um pequeno barco a remos. Cerca de quarenta metros mar adentro, jogaram o corpo na água. “Quando você mata um homem, eu pensei, você deve ter alguns sentimentos mesmo que ele sendo mal por completo. É difícil racionalizar uma situação quando você está carregado de emoção, mas, Deus me ajude, eu tentei” (Gray, 1972, p. 184).

Entretanto, sem sombras de dúvidas, as mais sensacionais versões sobre a fuga de Bormann e suas subseqüentes atividades clandestinas (formação do IV Reich) apareceram em outras histórias alternativas conspiratórias com pretensão à realidade: *The Bormann Brotherhood* (1973), de William Stevenson; *Aftermath* (1974), de Ladislav Farago; e *Martin Bormann: Nazi in Exile* (1981), de Paul Manning.

William Stevenson, jornalista e aviador da Marinha inglesa durante a Segunda Guerra Mundial, relatou em *The Bormann Brotherhood* o resultado de sua “pesquisa cuidadosa e precisamente documentada” à “eminência parda”, que pode até fazer lembrar do filme *O Dossiê ODESSA*, exceto por um detalhe: segundo Stevenson, “os fatos narrados são, assustadoramente, reais e não ficção”. O livro, com mais de 1,5 milhões de cópias vendidas, conta como Bormann começou a planejar um IV Reich após a derrota nazista em Stalingrado, convocando reuniões secretas em 1943 com os industriais que financiaram a ascensão de Hitler ao poder dez anos antes. Eles ouviram Bormann, porque ele tinha demonstrado um talento superior no jogo do dinheiro e da conspiração. A sua proposta era distribuir ativos líquidos para partes seguras do mundo, esconder ouro e outros tesouros nos Alpes e formar uma espécie de assembleia de guarda-costas composta pelos mais devotos soldados nazistas em uma fortaleza com rotas de fuga para países vizinhos. Na Suíça, existiam vinte mil “casas seguras”, onde os colaboradores nazistas conseguiam “recuperar o fôlego” para planejar essa

transferência de fundos para outros países para, assim, formar o IV Reich. Desta forma cresceram algumas organizações notórias, entre elas a ODESSA, que na versão de Stevenson não era mais uma ficção, mas sim uma “dura realidade”. Tratava-se de uma organização para a proteção dos antigos homens da SS e da Gestapo, que se tornaram, por sua vez, os guardiões do partido nazista e de sua filosofia (Stevenson; William, 1973, p. 66).

Bormann, por meio da ODESSA, tinha dirigido um plano meticuloso para a distribuição dos fundos nazistas por meio de 750 empresas estrangeiras espalhadas pela Europa, Oriente Médio e América Latina. Havia 200 na Península Ibérica; 35 na Turquia; 98 na Argentina; e 214 na Suíça. Instituições de pesquisa foram criadas perto de lagos e usinas hidrelétricas para os “engenheiros” do IV Reich camuflar, com investigação científica, a acumulação de materiais e fundos. Assim, Bormann tornou-se o novo *Führer* de um possível IV Reich. Onde esse novo estado nazista iria se erguer? Para o espanto do leitor, na América Latina, um local onde o sonho nazista poderia continuar sem nunca ser notado. No entanto, o propósito de revitalizar o nazismo era difundir novamente o seu evangelho e não havia motivos em esconder um “belo” IV Reich na selva. Mas isso seria o começo de um grandioso futuro para os nazistas comandados por Bormann, afirma Stevenson.

Em 1981, foi a vez do jornalista norte-americano Paul Manning descrever, na sua história alternativa conspiratória *Martin Bormann: Nazi in Exile*, como a “eminência parda” havia enganado a morte no final da guerra. Segundo o autor, o corpo encontrado em 1972, nas proximidades de Berlim, era de um judeu prisioneiro oriundo dos campos de concentração, que teve seus dentes modificados para ficarem idênticos ao padrão dentário de Bormann. Assim como narrou Stevenson em 1973, Manning afirmou que, antecipando a derrota nazista em 1943, o *Reichleiter* teria criado a *Operação Tierra del Fuego*, responsável por construir 750 corporações em vários países do mundo, preparados para receber ouro, dinheiro, ações, obras de arte, além de patentes e outras tecnologias do III Reich. Isso serviria para o nazismo se reestruturar, após o final do conflito, em um novo local, mais especificamente na América do Sul, onde teria administrado uma espécie de “Reich no exílio”, com ele como novo *Führer*. Com poder econômico e contando com o silêncio dos Aliados Ocidentais, a “Organização Bormann” exercia um poderoso controle monetário mundial, um dos mais influentes e importantes de toda a história. Uma das razões para o sucesso de Martin Bormann em usar a América do Sul como base para o “IV Reich” foi o fato de fazer as pazes com os judeus ricos da América do Sul e empregá-los em posições de liderança em seus negócios, uma vez que ele, segundo Manning, não havia participado das questões relacionadas ao Holocausto (Manning, 1981).

Essas obras, contudo, não chegam perto das pretensões do escritor Ladislav Farago. Foi no dia 27 de novembro de 1972 que muitos leitores do tabloide estadunidense, *Chicago Tribune*, ficaram espantados com cobertura da “verdadeira busca por Martin Bormann”. Em uma série de cinco de artigos escritos por Farago, o jornal revelou como Bormann teve sucesso ao escapar do *führerbunker* em 1945, vivendo a maior parte dos últimos 27 anos em uma rica reclusão em terras da América do Sul. Os artigos, completos de fotografias e imagens de Bormann tiradas naquele ano, foram apresentados como provas incontestáveis da sobrevivência do braço direito de Hitler após o conflito. Por exemplo, na terceira reportagem da série temos a seguinte descrição:

Está é a terceira de cinco séries bem documentadas, com fotos, provando que o criminoso nazista Martin Bormann não está morto, mas está, de fato, levando a vida de próspero homem de negócios na América Latina. A série, feita por Ladislav Farago [...], é baseada em uma investigação que durou nove meses (*Search* [...], 1972).

Não acreditando que os restos mortais encontrados em Berlim no mesmo ano fosse de Bormann, pois “falharam em achar algum sinal de que ele havia morrido naquele local há mais de vinte anos”, Farago demonstra como ele chegou à Argentina no dia 17 de maio de 1948, a bordo do navio *Giovani C*, viajando na classe para turistas, que saiu de Gênova, na Itália. Desembarcou no norte da Argentina, perto da fronteira com o Chile, portando o passaporte falso com o nome de Ricardo Bauer.

Rapidamente Farago transformou em livro essa série de reportagens investigativas. Trata-se da obra de história alternativa conspiratória, *Aftermath: Martin Bormann and the Fourth Reich*, publicada em 1974.⁹⁴ Na sua descrição encontramos o aviso da conspiração existente na América do Sul empenhada em formar o IV Reich:

Baseado em entrevistas (algumas das quais fizeram parte de manchetes em todo o mundo), documentos e arquivos secretos, *Aftermath* é o primeiro registro real de uma notável e bem sucedida conspiração mundial, que teve início nas ruínas flamejantes da derrotada Alemanha nazista e terminou em um outro continente em uma nova hierarquia nazista, com o evasivo gran fugitivo, Martin Bormann, na sua liderança (Farago, 1974, p. 1).

⁹⁴ Farago foi um escritor de *Best-Sellers*. Publicou vários livros de história e espionagem, tratando especialmente sobre a Segunda Guerra Mundial. Entre outros, escreveu: *Abyssinia on the Eve* (1935), *Burn After Reading* (1961), *The Tenth Fleet* (1962), *War of Wits* (1962), *Patton: Ordeal and Triumph* (1963), *The Broken Seal: "Operation Magic" and The Secret Road to Pearl Harbor* (1967), *Spymaster* (1972), *The Last Days of Patton* (1981).

Bormann teria conseguido escapar à Argentina em 1948, com a ajuda de Perón, de Evita Perón e do Bispo do Vaticano, Guiseppe Siri. Farago conversou com ele pessoalmente em fevereiro de 1973, na Bolívia. “Homem muito doente, estava internado em um convento perto de Tupiza, uma remota região da província de Potosí nos Andes, aos cuidados de quatro enfermeiras alemãs da Ordem Redentorista” (Farago, 1974, p. 9). Depois desse fatídico encontro, Bormann teria se mudado para a Argentina, aproveitando, mais uma vez, a hospitalidade e proteção do homem que ele chama de “o grande benfeitor”, o presidente Juan Domingo Perón. Agora, ele estava vivendo tranquilamente em uma “propriedade isolada de amigos ao norte da estrada ‘General Paz’, com vista para o Rio da Prata. Está bem e confortável como um homem da sua idade pode estar – ele celebrou o seu 74º aniversário no dia 17 de junho de 1974” (Farago, 1974, p. 9).

passando seus dias de aposentadoria, seguro e tranquilo [...] por trás das paredes de um casarão em uma província de Buenos Aires. Ao norte da grande capital, no distrito de San Isidro, isolado da confusão e agitação da cidade por altas cercas e densos arbustos, e por seu imenso tamanho. O enclave é dividido em várias propriedades, cada um composto com sua própria piscina, quadras de tênis, jardins bem cuidados e garagens. Situado em terras altas, cerca de 250 pés do rio, a estância é acessível por barco através de um cais privado ou por um portão fortemente vigiado. É patrulhado dia e noite por guardas com cães. Acesso ao local somente com convite (Farago, 1974, p. 432).

Afirmando em quase toda obra que a América do Sul era o local do nascimento do IV Reich (a quarta parte do livro é intitulada *Trouble in the Fourth Reich – Problemas no IV Reich*), Farago tenta desvendar o paradeiro de Bormann por todo o continente, inclusive passando supostamente, como analisamos, pela cidade paranaense de Marechal Cândido Rondon. Para comprovar a sobrevivência da “eminência parda”, o autor apresenta uma série de documentos e fotos (uma delas a de Gasa e Seyboth) como provas incontestes das suas atividades em várias localidades do continente: “uma cidade do Paraná”, Curitiba, Mato Grosso, Santa Catarina, Assunção no Paraguai, Valdivia no Chile, Buenos Aires, Bariloche, Ascochinga na Argentina, Córdoba etc.

A principal fonte de informação de Farago era, como de outros teóricos conspiratórios aqui analisados, Jose Jaun Velasco (Don Angel Alcazar de Velasco), que forneceu uma série de documentos timbrados do governo argentino comprovando a estadia de Bormann na América do Sul, assim como suas atividades conspiratórias.

Farago utilizou esses documentos, estas “cópias fiéis” com emblemas da Polícia Federal da Argentina, para legitimar a sua busca, pois ninguém até então havia conseguido provar que Bormann estava morto. Contudo, logo depois de Farago publicar as suas investigações no jornal Chicago Tribune e, posteriormente, no seu livro, as polêmicas sobre a veracidade das suas fontes começaram a surgir. No dia 14 de novembro de 1974, Hugh Trevor-Roper publicou um *review* da obra de “*Aftermath*”, questionando a autenticidade da documentação apresentada por Farago, afirmando que, em quase trinta anos à época, nenhuma evidência concreta da sobrevivência de Bormann havia sido encontrada, havendo apenas rumores da sua fuga para a América do Sul. Na visão de Trevor-Roper era mais fácil gerar um mito sobre um homem morto do que esconder, por tanto tempo e de um mundo extremamente vigilante, um homem realmente vivo.

A evidência de Farago, publicada na imprensa popular, não era muito convincente. Consistia de asserções baseadas em documentos supostamente extraídos de arquivos do governo argentino. Estes documentos, não estando disponíveis para inspeção, não puderam ser testados e nenhuma autoridade responsável admitiu sua autenticidade. Além disso, o argumento do Sr. Farago foi prejudicado por uma gafe infeliz. Seus artigos foram ilustrados por uma suposta fotografia de Martin Bormann em conversa com um oficial de segurança argentino, Juan José Velasco. De fato, logo foi revelado que havia “um caso genuíno de identificação equivocada”. A pessoa identificada como Bormann não era, de fato, Bormann, mas “um respeitado professor de Buenos Aires chamado Nicolas Siri”, que contestou a insinuação.⁹⁵

Trevor-Roper acreditava na versão na qual Bormann tinha morrido em Berlim quando tentava escapar do Bunker de Hitler. Contudo, no dia 20 de fevereiro de 1975, a sua *review* foi contestada pelo advogado norte-americano Joel H. Weinberg:

Quando, em setembro de 1972, o Sr. Farago conseguiu obter certos documentos dos arquivos dos Serviços Secretos argentinos, apresentando provas aparentemente conclusivas de que o ex-Reichsleiter Martin Bormann conseguira escapar e se instalar na Argentina, imediatamente me convidou para se juntar a ele em Buenos Aires para ajudá-lo na autenticação dos documentos e em seus esforços para estabelecer, “além de uma dúvida razoável”, que os documentos eram autênticos.⁹⁶

⁹⁵ A *review* pode ser visualizada em: <http://www.nybooks.com/articles/1974/11/14/bormanns-last-gasp/>. Acesso em: 16 out. 2023.

⁹⁶ A *review* pode ser visualizada em: <http://www.nybooks.com/articles/1975/02/20/the-bormann-documents/>. Acesso em: 16 out. 2023.

Weinberg afirmou ter chegado a Buenos Aires no dia 14 de setembro de 1972, conduzindo uma “investigação profissional” sobre as origens e a autenticidade dos documentos sobre Bormann em posse de Farago. Depois de interrogar vários agentes especiais cujos nomes foram citados em tais documentos, verificou que eles eram, de fato, genuínos e originários, como alegado, da Segurança Federal da Argentina. Portanto, com base na sua investigação e no seu interrogatório “das partes envolvidas na aquisição dos documentos, não tenho nenhuma hesitação em afirmar que os documentos classificados em que se baseia a parte Bormann de *‘Aftermath’* são cópias autênticas dos originais”, que estavam, recentemente, na agência de Segurança Federal em Buenos Aires. Para Weinberg, a opinião de Trevor-Roper sobre os documentos consistia em pura suposição, na ignorância dos fatos, decorrente de sua “lamentável falta de investigar adequadamente o caso antes de expressar suas dúvidas”.⁹⁷

Trevor-Roper ficou incomodado com as declarações de Weinberg e publicou sua resposta ao advogado sobre o caso.

Entre os documentos do Sr. Farago, o Sr. Weinberg garante a autenticidade de apenas um grupo, a saber: os documentos oficiais argentinos. Nunca neguei que esses documentos em particular possam ser genuínos. Mas assinalo que, uma vez admitido que o sr. Velasco enganou Farago com uma fotografia fraudulenta de Bormann, tomada em circunstâncias da mais grosseira credulidade, não podemos assumir a autenticidade de quaisquer outros documentos por ele fornecidos; e como o Sr. Farago aparentemente continua, mesmo depois desse episódio, a confiar no senhor Velasco, podemos legitimamente desconfiar do próprio julgamento de Farago.⁹⁸

Para Trevor-Roper, mesmo que todos os documentos argentinos do Sr. Farago fossem genuínos, eles não provavam nada sobre Bormann. Longe de dar “provas conclusivas” de que Bormann tinha escapado para a América do Sul e estava morando lá, eles apenas mostram que o Serviço de Inteligência argentino tem um arquivo no qual diversos relatórios sobre Bormann eram colocados. O que Farago chamava de “documento chave” sobre o caso, apenas mostrava que um padre argentino tinha escutado uma história, de um informante anô-

⁹⁷ A review pode ser visualizada em: <http://www.nybooks.com/articles/1975/02/20/the-bormann-documents/>. Acesso em: 16 out. 2023.

⁹⁸ *Ibid.*

nimo, sobre a presença de Bormann no país. “Esse documento não prova absolutamente nada. Autenticidade e veracidade são coisas diferentes e limpas.”⁹⁹

O Sr. Farago cita certos documentos que, se genuínos, provariam a sobrevivência de Bormann por alguns anos na América do Sul. Mas estes não são documentos oficiais argentinos e não são autenticados pela autorização do Sr. Weinberg. Acredito que esses documentos sejam falsificações. Não vou incomodá-lo com minhas razões; mas o Sr. Weinberg seria bem aconselhado a não supor que minha crença é uma mera suposição baseada na ignorância ou no fracasso lamentável em investigar o assunto. Além disso, o Sr. Weinberg precisa ser informado de que a credibilidade é indivisível. Se o Sr. Farago foi enganado pelo Senhor Velasco, ele pode muito bem ter sido enganado por outros [...]. A experiência do Sr. Farago prova, pelo menos, uma coisa: que há uma lucrativa indústria sobre Bormann na América do Sul; e que a verdade não será descoberta por quem é ingênuo o suficiente para acreditar em tudo o que ele encontra nos documentos, mesmo se esses documentos forem autenticados por um advogado.¹⁰⁰

Além dessa polêmica envolvendo Trevor-Roper e Weinberg, de acordo com Guy Walter, “ironicamente”, foi Wiesenthal quem mais tentou destruir as reivindicações feitas por Farago. Claramente incomodado por alguém intrometido no seu “território”, Wiesenthal asseverou que a história não era nada mais do que uma tentativa de desacreditar Perón, uma mentira de “A a Z”. Wiesenthal desafiou Farago a fornecer evidências conclusivas sobre a sobrevivência de Martin Bormann depois da guerra em vários países. “Se você tem contatos com o serviço secreto argentino, você deve ter as impressões digitais de Bormann. Eu tenho as impressões digitais de Bormann, das autoridades da Alemanha Ocidental. Nós podemos estabelecer em 48 horas se o seu homem é Bormann”. Wiesenthal ainda “teve a ousadia” de repudiar a história de Farago como sendo somente outra em uma longa linha de aparições sem prova, “eu sou muito, muito cético porque há 25 ou 30 Bormanns desde a guerra”, disse ele, convenientemente ignorando o fato de que muitas delas foram suas próprias criações (Walters, 2009, p. 480).

De fato, Farago foi ridicularizado quando se revelou que ele tinha sido enganado por Velasco, um corrupto espião e policial argentino, que vendeu, em 1972, os documentos sobre Bormann utilizados pelo autor em seu livro. Somem-

⁹⁹ *Ibid.*

¹⁰⁰ *Ibid.*

te em abril de 1992, o farsante revelou como havia o enganado Farago, vendendo-lhe documentos falsos:

Eu havia estado com ele duas vezes em setembro e no princípio de dezembro de 1972, eu sabia que ele estava interessado em conseguir materiais sobre Bormann. Foi muito fácil fazer porque eu tinha papel timbrado. Só foi questão de inventar informes e colocar neles selos e códigos para que parecessem autênticos. Ele comprou todo o material. Na realidade, tudo parecia muito confiável (Burnside, 2000, p. 563).

Apesar de tudo isso, a obra de Farago ganhou a segunda edição em inglês e uma versão em alemão, como já vimos. Isso atesta a boa circularidade que as supostas investigações do autor tiveram durante a década de 1970.

No final das contas, Ronald Gray, William Stevenson, Wiesenthal, Farago, Charles Whiting, Paul Manning e tantos outros falharam em dismantelar o IV Reich em instalação na América e falharam em conseguir prender ou encontrar o paradeiro final de Martin Bormann. Aos que fracassaram nessa odisséia em busca da “eminência parda”, restou o epílogo do livro de Charles Whiting:

Bormann está em algum lugar por ali; o “homem nas sombras” até o fim. Talvez enterrado em algum quintal de Berlim: um punhado de cinzas escuras ou uma pequena caveira branca, sem demonstrar a maneira como morreu [...]. Ou talvez um velho desdentado, vivendo de suas lembranças, refastelado sob uma palmeira, saboreando alguma bebida local com coca-cola, divertindo-se com os tolos esforços de todos aqueles homens – ingleses, americanos, russos, israelitas, brasileiros, alemães – que o procuraram, sem sucesso, durante tanto tempo. Quem sabe? (Whiting, 1977, p. 250).

Bormann saiu de cena na noite entre 1º a 2 de maio de 1945, fato comprovado em testes de DNA realizados em 1998. Contudo, existem aqueles crenes que Bormann realmente fugiu e, quando faleceu, em 1972, sua ossada foi transportada para Berlim, depositada no local onde ela foi encontrada, perto da Chancelaria, para esconder sua sobrevida no pós-guerra. Mesmo com provas científicas, as mentes conspiratórias encontram uma maneira de continuar perpetuando a sua ideia através do tempo. Em 2016, uma representante do canal History Channel no Brasil me entrevistou para recolher dados sobre a suposta passagem de Martin Bormann pela cidade de Marechal Cândido Rondon. Depois de conversarmos, afirmei a ela que a história não passava de lenda, sem evidências, pois sua ossada havia sido encontrada em 1972. Entretanto, ela me respondeu que os organizadores do programa “Caçando Hitler” acreditavam na teoria sobre o transporte dela para a Alemanha depois da sua morte.

4.3 A CIRCULARIDADE DA MENSAGEM

Analizamos neste capítulo como os habitantes das cidades de Marechal Cândido Rondon, Dona Ema, Curitiba, Rio do Sul e Cândido Godói, por exemplo, tiveram suas realidades afetadas pelas teorias conspiratórias presentes em várias histórias alternativas. Em consequência disso, muitos não se calaram e agiram por meio de cartas, artigos, entrevistas e, até mesmo, discursos na Câmara de Deputados.

Podemos afirmar a existência de uma indústria formada sobre a sobrevivência nazista, que com certeza manterá Bormann e Mengele vivos no cerne das histórias alternativas conspiratórias. Enquanto o maniqueísmo entre Bem e Mal for uma forma constante de como as pessoas analisam a sociedade e realidade, os nazistas mais conhecidos persistirão em nosso imaginário e em nossa memória, representando o mal absoluto.

Essa indústria coloca em circularidade a mensagem de um Bormann e de um Mengele conspirando para reerguer o nazismo depois da Segunda Guerra Mundial, no cinema, na televisão, em jornais, revistas, romances, na internet, na história (mesmo que esta última careça de uma documentação autêntica ou reconhecida como autêntica no plano da produção acadêmica e ou jurídica), que constantemente se retroalimentam. Essa retroalimentação acaba tendo como efeito a repetição das mesmas fontes várias vezes, produzindo uma espécie de pseudoconfirmação que faz as pessoas acreditarem naquilo que estão lendo ou pelo menos que seja passível ou plausível de se acreditar. Pois “uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”.

Por exemplo, em 2010 as aventuras de Erdstein foram “requeentadas” por Luiz Monteiro Franco e Christiane Lopes Pereira, ambos médicos da cidade paranaense de Foz do Iguaçu, em uma série de quatro livros intitulados de *K.B.K.*, totalizando quase duas mil páginas. Nos livros, os autores narram “a saga” de Magda Goebbels e sua filha, Holdine Kathrin, na América do Sul após a Segunda Guerra Mundial, contrariando a versão oficial dos fatos, na qual Magda envenenou seus seis filhos com cianureto no final da guerra, em seguida cometendo suicídio junto de seu marido, Joseph Goebbels. No quarto livro da série, os autores retomam os escritos de Erdstein, bem como o relatório enviado ao DOPS sobre a cidade de Marechal Cândido Rondon, admitindo que eles eram “ricos em detalhes, revelando locais e atributos de cada um daqueles envolvidos na suposta organização” (Franco; Pereira, 2010, p. 628) nazista do continente.

Por fim, a coleção apresenta o dossiê de Erik Erdstein [sic], nos anos 1960, demonstrando que naquela época pairava um ar promissor entre ex-nazistas frequentemente reunidos na cidade de Mal. C.

Rondon, no sudoeste do estado do Paraná, Brasil. A partir daí, a história ganha um entendimento amplo da possibilidade de um novo Reich nazista em terras distantes da sua origem, já que Magda Goebbels e filha, ainda não identificadas por Erdstein, foram avistadas convivendo com seus companheiros naquela cidade (Franco; Pereira, 2010, p. 1).

Mesmo tendo passado quatro décadas das investigações de Erdstein pelas cidades brasileiras, sendo rechaçado por suas publicações conspiratórias, os seus escritos ainda recebem alguma credibilidade. Isso destaca a grande circularidade e retroalimentação desse imaginário conspiratório: *Aftermath*, de Farago, ganhou duas edições e uma edição em alemão; *Renascimento da Suástica*, de Erdstein, teve uma versão em português e outra em inglês; Camarasa já escreveu vários livros sobre a suposta passagem de Mengele por várias cidades do continente; engrossando a lista, temos as obras de Whiting, Alexander Bezymensky, Wiesenthal, Ronald Gray e William Stevenson; vários filmes foram produzidos sobre o tema, como o clássico *The Boys from Brazil*; inúmeras páginas de jornais foram estampadas com manchetes relacionadas à conspiração nazista desde o final da Segunda Guerra Mundial; milhares de comentários em sites e blogs da internet de pessoas que acreditam nesse imaginário; as celeumas causadas por essas teorias conspiratórias em várias cidades; etc. Quanto mais pessoas são expostas a uma determinada ideia, mais provável será que a aceitemos como verdadeira, como parte de nossa visão do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ponderamos ao longo deste trabalho, os imaginários políticos e sociais estão inseridos em um meio no qual já existe uma certa “predisposição, receptividade e verossimilhança com a realidade para que possa ter alguma efetividade sobre as mentes humanas. A “predisposição”, “verossimilhança” e a “receptividade” para que o imaginário conspiratório da formação do IV Reich possa ter surgido no pós-guerra, encontrou seu alicerce em vários fatores:

- 1) a existência de crenças ocultistas e esotéricas no cerne dos movimentos nacionalistas germânicos que influenciaram, de certa maneira, a ideologia nazista;
- 2) a transformação do nazismo em praticamente uma religião a ser seguida fielmente pelos alemães e a construção de Hitler como uma figura mitológica – praticamente um Messias;
- 3) a suposta relação dos nazistas com agentes ocultos e das trevas;
- 4) o interesse da Alemanha na região da Antártida durante a guerra;
- 5) o contexto da Guerra Fria – um período crítico da sociedade;
- 6) a existência do imaginário conspiratório do “perigo alemão” na América Latina, que depois da Segunda Guerra Mundial transformou-se no “novo perigo alemão”;
- 7) a história dos submarinos U-530 e U-977;
- 8) a fuga de vários criminosos de guerra para a América Latina;
- 9) a Operação Paperclip;
- 10) o resgate de cientistas nazistas por Perón na Argentina;
- 11) a Operação Highjump;
- 12) a existência de partidos nazistas na América Latina; e
- 13) a representação no imaginário coletivo da Segunda Guerra Mundial como uma batalha épica entre as forças do mal (nazistas) contra as forças do bem (países Aliados).

As histórias alternativas conspiratórias produzidas desde 1945 até os dias de hoje, representadas em livros, filmes, documentários e reportagens de jornais e revistas, deslocaram o nazismo da realidade para o mundo da mitologia, do imaginário, cujos eventos causados por ele durante 1933 a 1945 são explicados por suas pretensas inspirações demoníacas. Nesse tipo de produção, o efeito mais preocupante é que o nazismo, tal como ele vem sendo representado na cultura de massa, tem sido removido quase completamente de seu contexto histórico. Tal procedimento elide os fatos da ditadura, do terror, da guerra, da opressão, do Holocausto, transformando o seu passado em uma mitologia muito mais fascinante que a própria realidade histórica. O que é mais admirável são as supostas ligações de Hitler e dos nazistas com forças sobre-humanas, extraterrestres e demoníacas. Dessa forma, torna-se difícil aprender lições com esse passado.

Em um segundo plano, há uma leitura política também fantasiosa, mas menos sobre-humana, ou seja: a de se recriar o poder institucional dos nazistas por meio de uma articulação social, centrípeta, dos fiéis à causa, notadamente dos fugitivos mais famosos, que angariariam fundos, criariam uma plataforma e um dia voltariam à Alemanha para mais uma vez comandá-la. Nesse plano, de acordo com Rosenfeld (2022), a ideia de um IV Reich e o seu uso no mundo pós-guerra reverberou o medo de um possível retorno nazista ao poder, e esse medo foi uma presença constante na vida política, intelectual e cultural do Ocidente. É importante reavaliar como gerações passadas responderam a seus próprios medos analisando a história de “um pesadelo que nunca aconteceu – a criação de um Quarto Reich” (Rosenfeld, 2022, p. 12). estudar o imaginário do IV Reich ajuda a perceber que os medos, as incertezas, a insegurança e os temores do pós-guerra de um possível retorno dos nazistas ao poder também se baseavam em perigos reais, que poderiam ter se concretizado se as circunstâncias tivessem sido, segundo ele, um pouco diferentes.

O mais importante a reconhecer sobre a representação das histórias alternativas conspiratórias na cultura massa é seu imenso alcance público. Milhões de pessoas são expostas a filmes históricos, programas de televisão e novelas, por isso é bem provável que o mercado de massa esteja moldando a consciência histórica popular a uma extensão muitas vezes maior que os estudos produzidos por historiadores profissionais. Seja em forma de romances best-seller, filmes, ou programas de televisão, histórias alternativas alcançam milhões de leitores e telespectadores, sendo fácil para a representação do nazismo como a epítome do mal se tornar uma visão majoritária para grande parte da população. Isso reflete como a Segunda Guerra Mundial, um dos eventos mais marcantes da história, está sendo memorizada e lembrada pela sociedade. Analisando como esse fato histórico tem sido representado ao

longo do tempo, como aqui fizemos, nós podemos aprender muitíssimo sobre qualquer ponto de vista de uma sociedade sobre seu passado.

Uma consequência disso é que os teóricos conspiratórios estão destruindo, aos poucos, a verdade e a memória histórica desse evento. Nesse sentido, como analisa Primo Levi (1990), a memória nos revela um passado que precisa ser lido politicamente, cujo testemunho tem uma função política. As histórias alternativas conspiratórias não fazem isto, despolitizam a questão ao tratá-la como um mal demoníaco.

Qual seria a solução? Talvez não haja uma única resposta correta e certa a esse problema, mas acreditamos que a História Pública seja uma alternativa bem viável para, pelo menos, diminuir a lacuna existente entre historiadores profissionais e o público não especialista. De acordo com o historiador norte-americano Robert Kelley, o termo “História Pública”:

se refere à atuação dos historiadores e do método histórico fora da academia: no governo, em corporações privadas, nos meios de comunicação, em sociedades históricas e museus, até mesmo em espaços privados. Os historiadores públicos estão atuando em todos os lugares, empregando suas habilidades profissionais, eles são parte do processo público. Uma questão precisa ser resolvida; uma política pública precisa ser elaborada; o uso de um recurso ou uma atividade precisa ser melhor planejada – eis que os historiadores serão convocados para trazer à baila a questão do tempo: isso é História Pública (Pastor de Carvalho, 2017).

Em linhas gerais, com a História Pública podemos criar a possibilidade de difundir o conhecimento histórico – de maneira responsável, crítica, participativa e emancipatória – para amplos públicos não especialistas, extrapolando os espaços acadêmicos, por meio de vários recursos tecnológicos e metodológicos: ela deve ser feita nas ruas, nos arquivos, nos centros de memória, nos museus, nas bibliotecas, na televisão, nos rádios, nas editoras, nos jornais, nas revistas, nas escolas, em organizações governamentais e não governamentais e no interior de instituições privadas (Pastor de Carvalho, 2017).

A intenção é promover a divulgação histórica procurando estimular reflexões sobre a atuação do profissional capaz de motivar a formação de uma consciência histórica para um público amplo, não exclusivamente acadêmico. O objetivo é fazer isso com o auxílio do público em um panorama dialético, do qual participam diversos agentes profissionais, não apenas historiadores: museólogos, arquivistas, curadores, cineastas, documentaristas, criadores de web sites, e uma variedade de outros profissionais.

Para que isso possa acontecer, Gerald Zahavi, historiador norte-americano, sugere uma série de práticas fundamentais dentro e fora da academia:

gerenciamento de coleções históricas; práticas curatoriais; estudos arquivísticos; preservação histórica (documentos e mídia); estudos de cultura material; estudos museológicos; história pública e ficção; história pública e arte dramática (reencenações e teatro não-ficcional); história pública e cinema; estudos de locais comemorativos e herança; história aural (trabalho documental de áudio); história oral; história digital/museus virtuais; história dos negócios e das corporações; história das políticas públicas; estudos de documentários; estudos de sabedorias e vidas populares; edição histórica. O campo é amplo e ainda demanda muitos estudos e comprometimento de pessoas envolvidas com a comunidade acadêmica interessada em dialogar com a sociedade civil e entender suas necessidades e riquezas de experiências histórico-culturais (Zahavi, 2013, p. 4).

A História Pública pode ser vista como um ambiente de múltiplas possibilidades, considerando o outro em sua diferença e estabelecendo diálogos, promovendo trocas e liberando uma pluralidade de sentidos epistêmicos em prol de um saber histórico maior. “Considera-se, assim, a necessidade da não supressão da ciência em favor da história pública, porém o desejo de pensar uma ponte de comunicação com a recepção social do trabalho acadêmico” (Zahavi, 2013, p. 3).

Talvez assim, um conhecimento histórico responsável, crítico e participativo possa ser disseminado de uma maneira mais atrativa para o público não especializado, que hoje em dia está formando sua consciência histórica muito mais com o History Channel e com youtubers, do que por um professor da área. Podemos evitar, dessa forma, que certas incoerências históricas, generalizações absurdas e, por que não, teorias conspiratórias se espalhem como forma de explicar e compreender a realidade.

A abundância desse tipo de narrativa no mercado reverbera a forte influência da Internet sobre os imaginários políticos sociais existentes, pois ela é responsável por disseminar as teorias conspiratórias, não apenas sobre Hitler mas também do nazismo em geral, pelo mundo. Graças ao seu alcance global e a seu caráter anônimo, sem editores e produtores, sem barreiras à publicação de qualquer indivíduo, acessível a uma enorme quantidade de pessoas no mundo, a “World Wide Web” é considerada a grande impulsionadora e facilitadora dessas teorias, possibilitando inúmeras maneiras e formas, anteriormente inimagináveis, de representar os nazistas. A internet coloca em evidência não só

as novas produções sobre o tema como também as produzidas desde o final da Segunda Guerra Mundial, fazendo com que ela tenha um papel importante em moldar nosso ponto de vista sobre o passado nazista.

Como nos lembra Rosenfeld, o nazismo tem se tornado um significante flutuante que pode significar qualquer coisa e assustadoramente nada. O autor argumenta que esse processo é parte de uma ampla “normalização” do passado nazista na consciência popular – removendo o senso de anormalidade ou status especial à história do III Reich, assim permitindo todas as maneiras de tratamento desse passado. Nessa perspectiva, o nazismo está sendo representado no cerne do imaginário cultural contemporâneo como a epítome do mal, a encarnação do diabo no mundo moderno. Enquanto o nazismo for analisado por essa dicotomia entre Bem e Mal, Hitler e seus asseclas continuarão presentes no mundo conspiratório por muito tempo.

Essa persistência da sobrevivência nazista no cerne do imaginário político contemporâneo sugere alguns usos desse passado por parte dos teóricos conspiratórios que, muitas vezes, falam mais do presente de quando escreveram do que necessariamente sobre o contexto da Alemanha sob o governo de Hitler ou sobre a Segunda Guerra Mundial. Tabor e Santander a utilizaram de acordo com sua agenda política, ou seja, para criticar o governo de Juan Domingo Perón ao mesmo tempo em que se preocupavam com o movimento nazista na Argentina. O periódico norte-americano *Police Gazette* ajudou a produzir e reproduzir o imaginário da formação do IV Reich e da sobrevivência nazista para fins publicitários, na qual suas publicações usavam o passado para vender sensações, ou seja, uma literatura de entretenimento não interessada em uma investigação séria com fontes plausíveis. O brasileiro Roberto Botacini escreveu em uma época quando se pensava que o governo brasileiro era conivente com os criminosos de guerra residentes no país. Utilizou esse passado para criticar o seu presente.

Os autores que ligaram o nazismo a forças sobrenaturais com bases secretas na Antártida, profetizando a recuperação e ressurreição da Alemanha nazista, como Miguel Serrano, Wilhelm Landig e Ernst Zundel (os dois últimos donos da editora neonazista *Samisdat Publications*), ajudaram a difundir a ideologia fascista, racista e extremista entre os grupos neonazistas existentes na Europa e nas Américas. As histórias alternativas serviram para esses autores como uma ferramenta de difusão de suas ideias. Dessa forma, o imaginário conspiratório da formação do IV Reich e da sobrevivência de Hitler na América transformou-se em uma metáfora para qualquer grupo que sustentava uma ideologia fascista ao redor do mundo, servindo-lhes com elementos de identificação e formação de identidade.

Por sua vez, os autores que escreveram suas obras sobre a sobrevivência de Hitler no final do século passado até os dias de hoje, criticam o status quo internacional.¹⁰¹ Eles acreditam que o mundo é regulamentado por uma poderosa rede conspiratória, detentora de todos os segredos do mundo e encobridora dos fatos. Os teóricos conspiratórios, nesse ponto, estão corretos sobre uma coisa: o *status quo* não é aceitável. Eles têm entendido com precisão a existência de desigualdades de poder e privilégio no mundo que precisam ser corrigidas. O que lhes falta é o desejo ou a capacidade de seguir as regras básicas da lógica e da pesquisa investigativa (Berlet, 2009, p. 4).

Finalmente, os “caçadores de nazistas” entraram para o “tsunami” depois da prisão de Eichmann em Buenos Aires. Pareciam não se importar com as fontes de informação, acreditando na existência de uma vasta conspiração nazista, encabeçada pelos criminosos de guerra fugitivos, empenhada em formar o IV Reich na América Latina. Revelando uma certa preocupação com o renascimento do nazismo, esses autores que acreditaram na conspiração, foram afetados por ela e, mais importante, afetaram a realidade de muitas pessoas nos países por onde passaram ou que falaram sobre.

Retroalimentando essas ideias dos teóricos conspiracionistas, colocando-as em circularidade e atestando a grande recepção no imaginário da sociedade contemporânea, documentários de televisão e reportagens de jornais, revistas e portais da internet também utilizaram o passado nazista com objetivos que variaram de acordo com seus contextos históricos. Ora denunciando o “perigo alemão” do ressurgimento do nazismo em terras latino-americanas (principalmente nas décadas de 1950, 1960 e 1970), ora utilizando a imagem de Hitler e seus asseclas como a epítome do mal para entretenimento, o importante é que estampar uma manchete com o nome nazismo, ou seus símbolos, vende.

É importante termos em mente que os crentes em teorias conspiratórias às vezes agem sobre essas crenças irracionais, tendo consequências concretas no mundo real. Dessa forma, as ideias, no caso a conspiratória, desprezadas por boa parte dos historiadores devido ao pensamento iluminista, por serem consideradas fora do campo racional, por não originarem reconstituições históricas fidedignas dos fatos pesquisados, podem conter dimensões simbólicas importantíssimas, revelando um rico e fértil terreno à análise histórica. Assim, apesar desse certo desprezo dos intelectuais, uma coisa pode ser dita em favor dos teóricos da conspiração: desafiam-nos a melhorar nossas explicações, ou pelo menos torná-las mais didáticas, acerca da realidade social.

¹⁰¹ Conquanto alguns textos dos últimos anos não apelem para criticar o *status quo* internacional, porque estão mais interessados em usar esse passado para fins de entretenimento, colaboram para isto.

Por fim, somos da opinião na qual enquanto a ameaça do extremismo de Direita ainda existir no mundo, Adolf Hitler e seus asseclas poderão permanecer presentes nas nossas mentes. Quer Bormann, Hitler, Mengele e tantos outros estejam vivos quer estejam mortos, pouco importa. Muito mais importante é o destino das ideias e da política na qual eles são símbolos. As teorias conspiratórias podem ser interpretadas como uma resposta a essa ameaça, ou pelo menos como uma reação quase automática a tal sentimento.

Portanto, a “ameaça fantasma” continuará pairando sobre o ar, pois “o passado nunca está morto, ele nem mesmo é passado”. Quando Hitler proferiu que o *III Reich* duraria mil anos, talvez, bem lá no fundo, ele tivesse razão, uma vez que fantasmas não morrem. O regime totalitário nazista durou apenas 12 anos, mas produziu um impacto profundo na mentalidade ocidental deixando uma marca permanente na história do séc. XX. Isso explica o motivo por que seu lugar na história do mundo será estudado durante muito tempo, pois “nós não terminamos ainda com o nazismo”.

REFERÊNCIAS

Livros e entrevistas

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- ARBIVOHN [Raimundo Bandeira]. **O perigo prussiano no Brasil**. Rio de Janeiro: Typ. do "Jornal do Comércio", 1914.
- ARENDRT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- ATHAIDES, Rafael. **O Partido Nazista no Paraná**. Maringá, PR: EDUEM, 2011.
- BAKER, Alan. **Invisible eagle**: the history of Nazi occultism. United Kingdom: Virgin Books, 2000.
- BARDINI, Roberto. **Tacuara, la pólvora y la sangre**. México: editorial Océano, 2002.
- BARKUN, Michael. **A culture of conspiracy**: apocalyptic visions in contemporary America. London: University of California Press, 2003.
- BERLET, Chip. **Toxic to democracy**: conspiracy theories, demonization, & scapegoating. Somerville, EUA: Political Research Associates, 2009.
- BERTRAND, Kenneth John. **Americans in Antarctica 1775-1948**. New York: American Geographical Society (Special Publication 39), 1971.
- BOWER, Tom. **The paperclip conspiracy**: the hunt for the Nazi scientists. Boston: Little Brown & Co., 1987.
- BREPOHL DE MAGALHÃES, Marion. **Imaginação literária e política**: os alemães e o imperialismo 1880/1945. Uberlândia, MG: EDUFU, 2010.
- BREPOHL DE MAGALHÃES, Marion. **Pangermanismo e nazismo**: a trajetória alemã rumo ao Brasil. Curitiba, PR: SAMP, 2014.
- BRION, David. **The fear of conspiracy**: images of Un-American subversion from the revolution to the present. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1971.
- BULLOCK, Allan. **Hitler**: a study in tyranny. United Kingdom: Odhams Press Limited, 1952.
- BURNETT, Thon. **Conspiracy encyclopedia**: the encyclopedia of conspiracy theories. United Kingdom: Chamberlain Bros, 2005.
- BUTTER, Michael. **The epitome of evil**: Hitler in American fiction, 1939-2002. EUA: Palgrave Macmillan, 2009.
- BUTTSWORTH, Sara; ABBENHUIS, Maartje. **Monsters in the mirror**: representations of Nazism in post-war popular culture. Santa Barbara, CA: Praeger, 2010.
- BYFORD, Jovan. **Conspiracy theories**: a critical introduction. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011.
- CAMP, Gregory. **Selling fear**: conspiracy theories and end-times paranoia. Michigan: Baker Pub Group, 1997.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

CASTORIADIS, Cornélius. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

CEANA (COMISIÓN PARA EL ESCLARECIMIENTO DE LAS ACTIVIDADES DEL NAZISMO EN ARGENTINA). **Decreto n. 1.391/2001**. Argentina: Ministerio de Justicia de la Nación, 1999. Disponível em: <https://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/65000-69999/69801/norma.htm>. Acesso em: 20 ago. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

COWLEY, Robert. **What if? 2: eminent historians imagine what might have been**. New York: Putnam, 2001.

COWLEY, Robert. **What if? The world's foremost military historians imagine what might have been**. New York: Putnam, 1999.

DARCANCHY, Raul. **O pangermanismo no sul do Brasil**. Rio de Janeiro: [s. n.], 1915.

DEMANDT, Alexander. **History that never happened: a treatise on the question, what would have happened if...?** Jefferson, NC: McFarland, 1993.

DENTITH, Methew. **In defence of conspiracy theories**. Auckland, New Zealand: The University of Auckland, 2012.

DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo tropical?: o partido nazista no Brasil**. São Paulo: Todas as Musas, 2012.

ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

EVANS, Richard. **Conspirações sobre Hitler: o Terceiro Reich e a imaginação paranoica**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

FARÍAS, Víctor. **Los nazis en Chile**. Barcelona: Planeta, 2000.

FELTON, Marc. **Os últimos nazistas: a caçada aos seguidores de Hitler**. São Paulo: Madras, 2012.

FENSTER, Mark. **Conspiracy theories: secrecy and power in American culture**. Minnesota: Univ. of Minnesota Press, 2008.

FERGUSON, Niall. **Virtual history: alternatives and counter-factuals**. New York: Basic Books, 1999.

FERRO, Marc. **História e cinema**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FERRO, Marc. **O ressentimento na história**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

FEST, Joachim. **Hitler**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

FEST, Joachim. **No bunker de Hitler: os últimos dias do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

FICO, Carlos. **O golpe de 1964: momentos decisivos**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

FINKELSTEIN, Norman. **A indústria do Holocausto**. São Paulo: Record, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GERTZ, René. **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1987.

GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 1991.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GODMAN, Peter. **Hitler and the Vatican**. Nova York: Free Press, 2004.

GODWIN, Joscelyn. **Arktos: the polar myth in science, symbolism, and nazi survival**. Kempton, IN: Adventures Unlimited Press, 1996.

- GOÑI, Uki. **A verdadeira Odessa**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOODRICK-CLARKE, Nicholas. **Raízes ocultistas do nazismo**: cultos secretos arianos e sua influência na ideologia Nazi. Lisboa: Terramar, 2002.
- GOODRICK-CLARKE, Nicholas. **Sol negro**: cultos arianos, nazismo esotérico e políticas de identidade. São Paulo: Madras, 2004.
- GRAUMANN, Serge Moscovici Carl F.; MOSCOVICI, Serge (eds.). **Changing conceptions of conspiracy**. New York: Springer, 1987.
- GRIFFIN, Roger. **Fascism**. Oxford, England: Oxford University Press, 1995.
- GRIFFIN, Roger. **The nature of Fascism**. London, England: Pinter Publishers, 1991.
- GUÉRIN, Daniel. **Fascismo y gran capital**. Madrid, España: Editorial Fundamentos, 1977.
- GUTERMAN, Marcos. **Nazistas entre nós**: a trajetória dos oficiais de Hitler depois da guerra. São Paulo: Contexto, 2016.
- HELLEKSON, Karen. **The alternative history**: refiguring historical time. Ohio: Kent State University Press, 2001.
- HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- HUNT, Linda. **Secret agenda**: The United States Government, Nazi scientists, and project paperclip, 1945 to 1990. New York: St. Martin's Press, 1991.
- ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.
- JACKISCH, Carlota. **El nazismo y los refugiados alemanes en la Argentina**. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1997.
- JACKISH, Carlota. Cuantificación de criminales de guerra según fuentes argentinas. *In*: CEANA (COMISIÓN PARA EL ESCLARECIMIENTO DE LAS ACTIVIDADES DEL NAZISMO EN ARGENTINA). **Decreto n. 1.391/2001**. Argentina: Ministerio de Justicia de la Nación, 1999. Disponível em: <https://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/65000-69999/69801/norma.htm>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- JACOBSEN, Annie. **Operation paperclip**: the secret intelligence program that brought Nazi scientists to America. New York: Back Bay Books, 2015.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à história literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- KELLNER, Douglas. **Cultura de mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- KERSHAW, Ian. **The "Hitler Myth": image and reality in the Third Reich**. New York: Oxford University Press, 1987.
- KINGSEPP, Eva. Hitler as our Devil? Nazi Germany in mainstream media. *In*: BUTTSWORTH, Sara; ABBENHUIS, Maartje. **Monsters in the mirror**: representations of Nazism in post-war popular culture. Santa Bárbara, Califórnia: Praeger, 2010.
- KRACAUER, Siegfried. **De Caligari a Hitler**: uma história psicológica do cinema alemão. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.
- KURLANDER, Eric. **Hitler's Monster**: a supernatural history of the Third Reich. New Haven: Yale University Press, 2017.

- LANGER, Walter. *The mind of Adolf Hitler: the secret wartime report*. New York: Livros Básicos, 1972
- LARSEN, Stein Ugelvik (ed.). *Fascism outside Europe: the European impulse against domestic conditions in the diffusion of global Fascism*. New York: Columbia University, 2001.
- LENARD, Alexander. *Ein Tag im unsichtbaren Haus*. Stuttgart: Deutsche Verlagsanstalt, 1970.
- LENARD, Alexander. *The valley of the Latin bear*. Dutton: Victor Gollancz, 1965.
- LENHARO, Alcir. *Nazismo: "o triunfo da vontade"*. São Paulo: Ática, 1990.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LODI-RIBEIRO, Gerson. *Ensaio de história alternativa*. Rio de Janeiro: Scarium Magazine, 2003.
- LORCH, Mark. *Por que as pessoas acreditam nas teorias da conspiração, e como conseguir que mudem de opinião*. *El País Brasil*, 27 ago. 2017.
- LUKACS, John. *O Hitler da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MACFARLANE, Daniel. *Projecting Hitler: representations of Adolf Hitler in English-language film, 1968-1990*. Dissertation (Master's degree in History) – University of Saskatchewan, Saskatoon, Canada, 2004.
- MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- MCKALE, Donald. *Hitler: the survival myth*. New York: First Cooper Square Press, 1981.
- MCKALE, Donald. *The Swastika outside Germany*. Kent: Kent University Press, 1977.
- MILLS, Sara. *Michel Foucault*. London; New York: Routledge, 2003.
- NAGORSKI, Andrew. *In pursuit: the men and women who hunted the Nazis*. Great Britain: Simon and Schuster, 2016.
- NEWTON, Michael. **The encyclopedia of conspiracies and conspiracy theories**. USA: Facts on File, 2006.
- NEWTON, Ronald. *Actividades clandestinas de la marina alemana en aguas Argentinas, 1930-1940, com referencia especial a la rendicion de los submarinos alemanes em Mar del Plata em 1945*. In: CEANA (COMISIÓN PARA EL ESCLARECIMIENTO DE LAS ACTIVIDADES DEL NAZISMO EN ARGENTINA). **Terceiro informe de avence**. [Argentina]: CEANA, [1998].
- ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. [S. l.]: Brasiliense, 1983.
- PAXTON, Robert Owen. **A anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PAYNE, Stanley. **A History of Fascism. 1914-1945**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995.
- PIPES, Daniel. **The hidden hand: Middle East fears of conspiracy**. New York: St Martin's, 1995.
- RAMBO, Arthur Blásio. *Nacionalidade e etnia*. In: MAUCH, Cláudia. **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas, RS: ULBRA, 1994.
- REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 81.
- RIBEIRO JÚNIOR, João. **Que é nazismo?** São Paulo: Mandarim, 1996.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Tradução: Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papi-rus, 1997.
- ROMERO, Sílvio. **O allemanismo no Sul do Brasil: seus perigos e meios de os conjurar**. Rio de Janeiro: Typ. Heitor Ribeiro & C., 1906.
- ROSE, Lisle Abbott. **Assault on eternity: Richard E. Byrd and the exploration of Antarctica 1946-47**. Annapolis: Naval Institute Press, 1980.
- ROSENBAUM, Ron. **Explaining Hitler: the search for the origins of his evil**. New York: Randon House, 1998.

- ROSENFELD, Alvin. **Imagining Hitler**. Indiana: Indiana University Press, 1985.
- ROSENFELD, Gavriel. **Hi Hitler**: how the Nazi past is being normalized in contemporary culture. United Kingdom: Cambridge University Press, 2015.
- ROSENFELD, Gavriel. **O Quarto Reich**: da Segunda Guerra Mundial aos dias de hoje, a ameaça do fantasma do nazismo e o avanço da extrema direita autoritária. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.
- ROSENFELD, Gavriel. **The world Hitler never made**: alternate History and the memory of Nazism. EUA: Cambridge University Press, 2005.
- RÜSEN, J. **Razão histórica**: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília, DF: UNB, 2001.
- SANFILIPPO, Matteo. Los papeles de Hudal como fuente para la historia de la migración de alemanes y nazis después de la Segunda Guerra Mundial. In: CEANA (COMISIÓN PARA EL ESCLARECIMIENTO DE LAS ACTIVIDADES DEL NAZISMO EN ARGENTINA). **Decreto n. 1.391/2001**. Argentina: Ministerio de Justicia de la Nación, 1999. Disponível em: <https://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/65000-69999/69801/norma.htm>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- SEBOTTENDORF, Rudolf. **Bevor Hitler kam**. Universidade Northwestern: Faksimile-Verlag/Versand, 1982.
- SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil vai à guerra**. Barueri, SP: Manole, 2003.
- SILVA, Francisco (org.). **Enciclopédia de guerras e revoluções**: v. II: 1919-1945: a época dos fascismos, das ditaduras e da Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.
- STAHL, Daniel. **Nazi-jagd**: südamerikas diktaturen und die ahndung von ns-verbrehen. Düsseldorf: Wallstein Verlag, 2013.
- STERNHELL, Zeev. **El nacimiento de la ideología Fascista**. Madrid: Siglo XXI, 1994.
- SULLIVAN, Walter. **Quest for a continent**. New York: McGraw-Hill, 1957.
- TODOROV, Tzvetan. **Em face ao extremo**. São Paulo: Papirus, 1995.
- TOLAND, John. **Adolf Hitler**: the definitive biography. Garden City: Doubleday, 1976.
- TREVOR-HOPER, Hugh. **The last days of Hitler**. United Kingdom: Heron Books, 1947.
- WAITE, Robert. **The psychopathic god**: Adolf Hitler. New York: Basic Books, 1977.
- WALTERS, Guy. **Hunting evil**: how the Nazi war criminals escaped and the hunt to bring them to justice. Great Britain: Bantam Press, 2009.
- WESTLAKE, Steven. **Hitler is alive!**: guaranteed true stories reported by the National Police Gazette. New York: Mysterious Press, 2015.
- WIESENTHAL, Simon. **Eu persegui Eichmann**. Lisboa, Portugal: Círculo de Leitores, 1961.

Teses e dissertações

- ABAL, Felipe Cittolin. **O oscilar da balança**: o processo decisório na extradição de fugitivos nazistas em uma análise histórico-jurídica. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2016.
- ABAL, Felipe Cittolin. **Visitantes indesejados**: os pedidos de extradição de Franz Stangl e Gustav Wagner em uma análise histórico-jurídica. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2012.
- BARBOSA DA SILVA, José. **História invisível**: uma análise psicossocial das raízes mágico-religiosas do Nacional-Socialismo. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, SP, 2009.
- CAMPELO LUCAS, Taís. **Nazismo d'além mar**: conflitos e esquecimento. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

GAUTHIER, Rodolfo. **A invenção dos discos voadores (1947-1958)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

GUTERMAN, Marcos. **A moral nazista: uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler**. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, 2013.

MEINERZ, Marcos. **O imaginário da formação do IV Reich na América Latina após a Segunda Guerra Mundial**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, 2013.

MORAES, Luís Edmundo de Souza. **Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer!** A seção brasileira do Partido Nazista e a Questão Nacional. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1996.

PASTOR DE CARVALHO, Bruno Leal. **O “homem dos pedalinhos”**: Herberts Cukurs, o Estado brasileiro e a questão dos criminosos nazistas no Brasil do pós-guerra (1945-1965). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2015.

SAMWAYS, Daniel Trevisan. **Inimigos imaginários, sentimentos reais**: medo e paranoia no discurso anticomunista do serviço nacional de informações (1970-1973). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, 2014.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. **Associações Nazistas no Brasil (1938-1945)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, 1999.

SCHENKEL, Guido. **Alternate history**: alternate memory: counterfactual literature in the context of German normalization. Tese (Doctorate in Philosophy) – University of British Columbia, Vancouver, Canada, 2012.

SILVA, Sandra. **Teorias da conspiração**: sedução e resistência a partir da literacia mediática. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2010.

STEIN, Marcos. **A Construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2000.

Artigos

BALE, Jeffrey. Political paranoia v. political realism: on distinguishing between bogus conspiracy theories and genuine conspiratorial politics. **Patterns of Prejudice**, [s. l.], v. 41, n. 1, 2007.

BERTONHA, João Fabio. Nazismo, ocultismo e conspirações. **História Unisinos**, [s. l.], v. 11, n. 3, p. 381-384, 2007.

BERTRAND, K. A look at Operation Highjump twenty years later. **Antarctic Journal of the United States**, [s. l.], p. 5-12, 1967.

BIAGI, Orivaldo Leme. O imaginário da Guerra Fria. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, 2001.

CALDEIRA NETO, Odilon. Intolerância e negacionismo: Sérgio Oliveira e Revisão Editora. **Revista História e-história**, 2009.

CAMPELO LUCAS, Taís. Nazistas pelo mundo: a organização para o exterior do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. **OPIS**, Catalão, GO, v. 12, n. 2, p. 281-307, jul./dez. 2012.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História pública: uma breve bibliografia comentada (bibliografia

comentada). **Café História**, 2017. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Acesso em: 22 jan. 2018.

CASTRO, Ricardo. Extrema-direita, pseudohistória e conspiracionismo: o caso do negacionismo do holocausto. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: SABERES E PRÁTICAS CIENTÍFICAS, 16., 2014, [s. l.]. **Anais [...]**. [S. l.: s. n.], 2014.

CLARKE, Steve. Conspiracy theories and conspiracy theorizing. **Philosophy of the Social Sciences**, [s. l.], v. 32, n. 2, p. 131-150, 2002.

COGO, Denise. Los estudios de recepción en América Latina: perspectivas teórico-metodológicas. **Portal Comunicación**, 2009. Disponível em: <https://incom.uab.cat/portacom/los-estudios-de-recepcion-en-america-latina-perspectivas-teorico-metodologicas/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

GERTZ, Rene. Brasil e Alemanha: os brasileiros de origem alemã na construção de uma parceria histórica. **Textos de História**, Brasília, DF, v. 16, n. 2, p. 119-149, 2008.

HOFSTADTER, Richard. The paranoid style in American politics. **Harper's Magazine**, [s. l.], 1964.

ISSIT, Micah. Conspiracy theories: an overview. *In*: MCCAFREEY, Paul. **The reference shelf**: conspiracy theories, [s. l.], v. 84, n. 1, 2012.

LENARD, Alexander. Como cheguei a ser Bormann e Mengele: um relatório da floresta virgem. **Stuttgarter Zei-tung**, [s. l.], n. 84, 9 abr. 1968.

LOWENTHAL, David. The past is a foreign country. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MAGALHÃES, Marionilde D. B. 1945 – Hora zero de um novo tempo: cinquentenário do final da Segunda Guerra Mundial. Curitiba, PR: Instituto Goethe de Curitiba, 1995.

PASTOR DE CARVALHO, Bruno. O passado em revisão: considerações sobre as tentativas de esclarecimento das atividades nazistas na argentina. *In*: SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA, 6.; SEMANA NACIONAL DE HISTÓRIA: POLÍTICA E CULTURA & POLÍTICA E SOCIEDADE, 3., Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UERJ, 2011.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo. **História: Questões & Debates**, Curitiba, PR, n. 38, p. 101-131, 2003.

RAMOS, Danille. Memória e literatura: contribuições para um estudo dialógico. **Linguagem em (Re) vista**, Niterói, RJ, ano 6, n. 11-12, 2011.

ROSENFELD, Gavriel. Why do we ask “What if?”: reflections on the function of alternate history. **History and Theory**, [s. l.], n. 41, p. 90-103, Dec. 2002.

SANTOS, Elza H. L. G. Negacionismo no Brasil: as obras de S. E. Castan. *In*: ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, 13., 2008, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: [s. l.], 2008.

SCHULER-FACCINI, Matte; CARDOSO DOS SANTOS, Rodrigues; OLIVEIRA, TAGLIANI-RIBEIRO, Heck; DRESCH, Schossler. Decifrando o “mistério dos gêmeos”: vinte anos de pesquisa em Cândido Godói, Rio Grande do Sul. **Clin Biomed Res.**, [s. l.], v. 39, n. 2, p. 107-115, 2019.

STEIN, Marcos Nestor. Imigração alemã e repressão policial: a ação da DOPS em Marechal Cândido Rondon. **Esboços**, Chapecó, SC, v. 10, n. 10, 2002.

SUMMERHAYES, Colin; BEECHING, Peter. Hitler's Antarctic base: the myth and the reality. **Polar Record**, United Kingdom, v. 43, n. 224, p. 1-21, 2007.

VOGT, Olgario Paulo. O Alemanismo e o “Perigo Alemão” na literatura brasileira da primeira metade do século XX. **Signo**, Santa Cruz do Sul, RS, v. 32, n. 53, p. 225-258, dez. 2007.

ZAHAVI, Gerald. Ensinando história pública no século XXI. *In*: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). **História pública**: entre as “políticas públicas” e os “públicos da

história". In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal, RN: [s. l.], 2013.

Literaturas – histórias alternativas

BENFORD, Timothy. **Hitler daughter... wants to occupy the White House**. New York: Pinnacle Books, 1983.

BUKOWSKI, Charles. "Swastika". In: BUKOWSKI, Charles. **Erections, ejaculations, exhibitions and general tales of ordinary madness**. San Francisco: City Lights Books, 1972.

BULLOCK, Alan. **Hitler: a study in tyranny**. Harmondsworth: Penguin, 1962.

CHARNAY, David. **Operation Lucifer: the chase, capture, and trial of Adolf Hitler**. New York: Squire General, 2002.

CHARROUX, Robert. **Legacy of gods**. London: Sphere, 1979.

CHARROUX, Robert. **One hundred thousand years of man's unknown history**. London: Sphere, 1981.

DICK, Philip. **The man in the high castle**. USA: G. P. Putnam's Sons, 1962.

ERICKSON, Steve. **Tours of the black clock**. New York: Avon, 1989.

FORSYTH, Frederick. **The Odessa file**. United Kingdom: Hutchinson, 1972.

FRÈRE, Jean-Claude. **Nazisme et société secrète**. Paris: Grasset, 1974.

GARDNER, John. **The werewolf trace**. USA: Bantam Books, 1977.

GIFFORD, Thomas. **O vento frio do passado**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

GOSS, Gary. **Hitler's daughter**. Secaucus, NJ: Lyle Stuart, 1973.

HARRIS, Robert. **Fatherland**. Reino Unido: Bertrand, 1992.

HERBERT, James. **The spear**. London: Chacellor, 1978.

HEYWOOD, Joseph. **The berkut**. USA: Random House, 1987.

HIGGINS, Jack. **The Bormann testament**. USA: Reissue edition, 2006.

HIGGINS, Jack. **The testament of Caspar Schultz**. EUA: Harper, 2011.

HOYLE, Trevor. **Through the eye of time**. Great Britain: Panther Books, 1977.

HUGO, Richard. **The Hitler diaries**. USA: William Morrow, 1982.

ILES, Greg. **Spandau Phoenix**. USA: Signet, 1993.

KING, Francis. **Satan and Swastika**. St. Albans: Mayflower, 1976.

KING, Harold. **Closing ceremonies**. USA: Pockett Books, 1980.

KYLE, Duncan. **Black Camelot**. New York: St. Martin's Press, 1978.

LESSNER, Erwin. **Phantom victory: the fourth Reich: 1945-1960**. New York: G.P. Putnam's Sons, 1944.

LEVIN, Ira. **The boys from Brazil**. USA: Random House, 1976.

LODI-RIBEIRO, Gerson. **A ética da traição**. São Paulo: Draco, 2012.

LUDLUM, Robert. **The holcroft covenant**. United Kingdom: Granada, 1978.

MACINNES, Helen. **The Salzburg connection**. USA: Titan Books, 2013.

MARKSTEIN, George. **The Goering testament**. United Kingdom: Ballantine Books Copyright, 1978.

MIRALLES, Francesc. **O quarto reino**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2009.

PATTERSON, Harry. **The Valhalla exchange**. New York: Stein & Day Pub, 1977.

PENNICK, N. **As ciências secretas de Hitler**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RAUSCHNING, Hermann. **Hitler speaks**. London: Thornton Butterworth, 1939.

RAVENS-CROFT, Trevor. **Hitler: la conspiración de las tinieblas**. Madrid: América Ibérica, 1994.

RAVENS-CROFT, Trevor. **The spear of destiny**. London: Neville Spearman, 1972.

SELLAR, Maurice. **The front man**. London: Firecrest Pub, 1985.

SINCLAIR, Michael. **A long time sleeping**. United Kingdom: United Kingdom Littlehampton Book Services Ltd., 1975.

SPINRAD, Norman. **The iron dream**. USA: Avon Books, 1972.

STEIN, Walter. **Weltgeschichte im lichte des heiligen Gral: das neunte Jahrhundert**. Stuttgart: Orient-Occident Verlag, 1928.

STEVENS, Gordon. **Spider**. Philadelphia: Coronet Books, 1984.

TAYLOR, Geoff. **Court of honour: the nazis go underground in a nightmarish plan to establish a Fourth Reich with a new Führer**. New York: Avon, 1967.

VEIGA, José. **A casca da serpente**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

VERMES, Timur. **Ele está de volta**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

WEILL, Gus. **The Führer seed**. New York: William Morrow, 1979.

FONTES

Histórias alternativas conspiratórias

ALEGRETTI, Pablo. **Hitler sigue vivo: de los secretos nazis a los experimentos globalistas para implantar un nuevo orden mundial**. Buenos Aires: Planeta, 2015.

ALLEAU, René. **Hitler et les sociétés secrètes**. Paris: Grasset, 1969.

ANGEBERT, Jean-Michel. **Hitler e la tradition cithara**. Paris: Laffont, 1971.

ANGEBERT, Jean-Michel. **Os filhos místicos do sol**. São Paulo: Difel, 1976.

ANGEBERT, Jean-Michel. **The occult and the Third Reich**. Nova York: McGrawHill, 1971.

BAR-ZOHAR, Michael. **The avengers**. Portland: Hawthorn Books, 1968.

BASTI, Abel. **Bariloche Naxzi**. Buenos Aires: Planeta, 2004.

BASTI, Abel. **El exílio de Hitler en Argentina**. Buenos Aires: Planeta, 2010.

BASTI, Abel. **Hitler en Argentina**. Buenos Aires: Planeta, 2006.

BASTI, Abel. **Los secretos de Hitler**. Buenos Aires: Planeta, 2011.

BASTI, Abel. **Tras los pasos de Hitler: la investigación definitiva**. Buenos Aires: Planeta, 2014.

BAUMANN, Hans D.; HANSIG, Ron T. **Hitler's escape**. Portsmouth, USA: Piscataqua Press, 2005.

BERGIER, Jacques; PAUWELS, Louis. **O despertar dos mágicos: introdução ao realismo fantástico**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

BERGIER, Jacques; PAUWELS, Louis. **The morning of the magicians**. St. Albans: Mayflower, 1971.

BERGMANN, O. **Deutsch Flugscheiben und U-Boote überwachen die Weltmeere**. Wetter, Germany: Hugin, 1988-1989.

BERNARD, Raymond. **A Terra oca**. Rio de Janeiro: Record, 1969.

BEZYMENSKY, L. **Na pista de Martin Bormann**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

- BLAVATSKY, Helena. *Ísis sem véu*. São Paulo: Pensamento, 1991.
- BOTACINI, Roberto. **A fuga de Hitler**. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1965.
- BOTACINI, Roberto. **Nazistas na América**. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1964.
- BOTACINI, Roberto. **O Nazismo sobrevive ao Terceiro Reich**. Ribeirão Pires: Combrig, 1977.
- BOTACINI, Roberto. **Onde estará Hitler?** São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1964.
- BOTACINI, Roberto. **Perón, a volta do Nazismo**. Ribeirão Pires: Combrig, 1973.
- BRENNAN, James Herber. **Occult Reich**. London: Futura, 1974.
- BRENNAN, James Herber. **Reich oculto: o ocultismo na história de Hitler e do Terceiro Reich**. São Paulo: Madras, 2007.
- BRONDER, Dietrich. **Bevor Hitler kam**. Hanover: Hans Pfeiffer, 1964.
- BUECHNER, Col Howard. **Adolf Hitler and the secrets of the Holy Lance**. Canada: Thunderbird Press, 1989.
- BUECHNER, Col Howard. **Emerald cup—Ark of God: the quest of SS Lt. Otto Rahn of the Third Reich**. Metairie, LA: Thunderbird Press, 1991.
- BUECHNER, Howard; BERNHART, Wilhelm. **Hitler ashes: seeds of a new Reich**. Louisiana: Thunderbird Press, 1989.
- BURNSIDE, Patrick. **El escape de Hitler**. Buenos Aires: Planeta, 2000.
- BYRD, Richard. **The missing diary of admiral Richard E. Byrd**. United Kingdom: Inner Light—Global Communications, 2014.
- CAMARASA, Jorge. **Mengele: el angel de la muerte en Sudamérica**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2008.
- COOPER, Harry. **Escape from the bunker**. Canada: Poisoned Pen, 2006.
- COOPER, Harry. **Escape from the bunker: Hitler's escape from Berlin**. USA: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2010.
- COOPER, Harry. **Hitler in Argentina: the documented truth of Hitler's escape from Berlin**. USA: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2014.
- CORSI, Jerome. **Hunting Hitler: new scientific evidence that Hitler escaped Nazi Germany**. New York: Skyhorse Publishing, 2014.
- CORSI, Jerome. **The great oil conspiracy: how the U.S. government hid the Nazi discovery of abiogenic oil from the American people**. New York: Skyhorse Publishing, 2012.
- CORSI, Jerome. **The Obama nation: leftist politics and the cult of personality**. New York: Simon & Schuster, 2008.
- COSTA, Juracy. **O IV Reich: o ressurgimento do nazismo**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.
- DIAS, Simoni Renée Guerreiro. **Hitler No Brasil: sua vida e sua morte**. Mato Grosso, Brasil: Simone René Guerreiro Dias, 2012.
- DOUGLAS, Gregory. **Gestapo chief: the 1948 interrogation of Heinrich Müller**. San Jose, CA: R. James Bender, 1995.
- ERDSTEIN, Erich; BEAN, Bárbara. **Inside the Fourth Reich: the real story of the nazis in Brazil by the hunter they feared most**. London: St. Martin's Press, 1977a.
- ERDSTEIN, Erich; BEAN, Bárbara. **Renascimento da suástica no Brasil**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1977b.
- ETTEL, Ralf; JÜRGEN-RATTHOFER, Norbert. **Das Vrill-Project**. Ardagger: Michael Dämbock, 1992.

- FARAGO, Ladislás. **Aftermath**: Martin Bormann and the Fourth Reich. New York: Simon and Schuster, 1974.
- FARAGO, Ladislás. **Aftermath**: the most daring manhunt of our time. The final search for Martin Bormann. 2. ed. New York: Simon and Schuster, 1975.
- FARAGO, Ladislás. **Scheinot**. Hamburg: Hoffmann and Kampner Verlag, 1975.
- FELTRI, Vittorio; SANGIULIANO, Gennaro. **Il Quarto Reich**: come la Germania ha sottomesso l'Europa. Milano, Italia: Mondadori, 2014.
- FRANCO, Luiz Monteiro; PEREIRA, Christiane Lopes. **K.B.K.**: uma história real São Paulo: Schoba, 2010.
- FRIEDRICH, Christof. **Germany's Antarctic claim**: secret Nazi polar expeditions. Toronto, Canada: Samisdat Publishers, 1979.
- FRIEDRICH, Christof. **Hitler am Südpol?** Toronto: Samisdat, 1979.
- GEHLEN, Reinhard. **The service**: the memoirs of general Reinhard Gehlen. New York: World, 1972.
- GERSON, Werner. **Le Nazisme société secrète**. Paris: N.O.E., 1969.
- GRADDON, Nigel. **The mystery of U-33**: Hitler's secret envoy. Kempton, IN: Adventures Unlimited Press, 2010.
- GRAY, Ronald. **I killed Martin Bormann**. New York: Lancer Books, 1972. p. 184.
- HAARMANN, D. H. **Geheime Wunderwaffen**: über den Krieg jinaus! Wetter, Germany: Hugin, 1985.
- HAARMANN, D. H. **Geheime Wunderwaffen**: und sie fliegen doch! Wetter, Germany: Hugin, 1983.
- HAARMANN, D. H. **Geheime Wunderwaffen**: zerrbild zwischen täuschung und tatsachen. Wetter, Germany: Hugin, 1983.
- HARBISON, W. A. **Genesis**. London: Corgi, 1980.
- HELSING, Jan. **Geheimgesellschaften um ihre Macht im 20**. Meppen, Germany: Ewertverlag, 1993.
- HELSING, Jan. **Unternehmen Aldebaran**: kontakte mit Menschen aus einem anderen Sonnensystem. Grande Canária: Ewertverlag, 1997.
- KEITH, Jim. **Casebook on alternative 3**: UFOs, secret societies and world control. Lilburn: IllumiNet Press, 1994.
- LAFAYETTE, Maximillien. **The complete story of the planned escape of Hitler**. New York: Times Square Press, 2013.
- LANDIG, Wilhelm. **Götzen gegen Thule**: ein Roman voller Wirklichkeit. Hannover: Hans Pfeiffer Verlag, 1971.
- LANDIG, Wilhelm. **Rebellen für Thule**: das Erbe von Atlantis. Wien: Volkstum-Verlag Landig, 1991.
- LANDIG, Wilhelm. **Wolfszeit um Thule**. Viena: Volkstum-Verlag, 1980.
- LANDIG, Wilhelm. **Wolfszeit um Thule**. Wien: Volkstum-Verlag Landig, 1980.
- MANNING, Paul. **Martin Bormann**: Nazi in exile. New York: Lyle Stuart Inc, 1981.
- MARRS, Jim. **The Rise of the Fourth Reich**: the secret societies that threaten to take over America. New York: William Morrow, 2008.
- FRIEDRICH, Mattern; FRIEDRICH, Christof. **UFOs**: Nazi secret weapons? Toronto: Samisdat Pubs, 1975.
- NÁPOLI, Carlos; SALINAS, Juan. **Ultramar sul**: a última operação secreta do Terceiro Reich. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- ROBERT, James. Britain's secret war in Antarctica. **Nexus Magazine**, [s. l.], v. 12, n. 5, 2005. <https://>

nexusmagazine.com/product/britains-secret-war-in-antarctica-part-1-3/?v=19d3326f3137. Acesso em: 20 ago. 2024.

ROLAND, Paul. **Nazis and the Occult: the dark forces unleashed by the Third Reich**. New York: Chartwell Books, 2009.

SANTA CRUZ DE LA VEGA, Pablo. **Proyecto Ovnis**. Cochabamba, Bolivia: Editorial Casa de Tharsis, 2012.

SANTANDER, Silvano. **Técnica de una traición**. Juan D. Perón y Eva Duarte, agentes del nazismo en la Argentina. Buenos Aires: Edición del autor, 1955.

SERRANO, Miguel. **Adolf Hitler, el último avatãra**. Santiago do Chile: La Nueva Edad, 1984.

SERRANO, Miguel. **El cordón dorado**. Bogotá: Solar, 1978.

SERRANO, Miguel. **La Antártica y otros mitos**. Santiago: Titania, 1948.

SERRANO, Miguel. **Manú: por el hombre que vendra**. Santiago de Chile: La Nueva Edad, 1991.

SKLAR, Dusty. **Gods and beasts: the Nazis and the Occult**. Nova York: Thomas Y. Crowell, 1977.

SKLAR, Dusty. **The Nazis and the Occult**. New York: Dorset, 1990.

STEVENS, Henry. **Dark star: the hidden history of German secret bases, flying disks & u-boats**. Kempton, IN: Adventures Unlimited Press, 2011.

STEVENS, Henry. **Hitler's flying saucers**. Illinois: Adventures Unlimited Press, 2003.

STEVENS, Henry. **Hitler's flying saucers: a guide to German flying discs of the Second World War**. Kempton, IN: Adventures Unlimited Press, 2013.

STEVENS, Henry. **Hitler's suppressed and still-secret weapons, science and technology**. Kempton, IN: Adventures Unlimited Press, 2015.

STEVENS, Henry. **The last battalion and German Arctic, Antarctic and Andean bases**. California: The Geran Research Project, 1997.

STEVENSON, William. **The Bormann brotherhood**. London: Bantam Books, 1973.

SZABO, Lasdílao. **Hitler esta vivo**. Argentina: Tabano, 1947a.

SZABO, Lasdílao. **Hitler no murió en el Bumker**. Buenos Aires: Circulo Latino, 2006.

SZABO, Lasdílao. **Je sais que Hitler est vivant**. Paris: Sfelt, 1947b.

TABORDA, Raúl Damonte. **Ayer fue San Perón: 12 años de humillación Argentina**. Buenos Aires: Cure, 1955.

TABORDA, Raúl Damonte. **O caso Perón: uma conspiração continental**. Porto Alegre, RS: Globo, 1954.

VELASCO, Angel Alcázar. **Memorias de un agente secreto**. Barcelona: Ed. Plaza & Janés, 1979.

WHITING, Charles. **À caça de Martin Bormann**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

WIESENTHAL, Simon. **Os assassinos entre nós**. Lisboa: Portugalíia, 1967.

WIESENTHAL, Simon. **The murderers among us**. New York: Bantmam Books, 1973.

WILLIAMS, Gerrard; DUNSTAN, Simon. **The grey wolf: the escape of Adolf Hitler**. United Kingdom: Sterling, 2011.

Jornais e revistas

AGENTES de Israel em Minas: polícia observa. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 20 maio 1961.

BITTENCOURT, Mariana. Conspiração e 11/9: teorias simplificam o mundo, diz analista. **Portal on-**

line Terra, 8 nov. 2011. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/estados-unidos/conspiracao-e-119-teorias-simplificam-o-mundo-diz-analista,2cf1c4bdea737310VgnCLD100000bbccce-boarCRD.html>. Acesso em: 15 out. 2023.

BORMANN mora em Rondon? **Rondon Hoje**, Marechal Cândido Rondon, PR, 10-17 jul. 1978.

BRASIL, uma opção na fuga de nazistas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 9 jun. 1985.

CARRASCO-fantasma em Santos está faminto e maltrapilho. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 1 jul. 1960.

CASO “Bormann”. **O Paraná**, Cascavel, PR, 11 set. 1976.

EICHMANN'S capture spotlights Hitler's Hideout. **Police Gazette**, [s. l.], set. 1960.

ENTREVISTA: Heribert Hans Joachim Gasa. **Revista Circus**, [s. l.], jun. 1997.

ENTREVISTA: recordações do III Reich. **Revista Oeste**, Cascavel, PR, n. 81, abr. 1993.

HITLER is alive: prepares to return! **Police Gazette**, [s. l.], jun. 1953.

HOMIZIADO em Mato Grosso o braço direito de Hitler. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1964.

L'UOMO CHE parlò com Bormann. **Revista L'Espresso**, Itália, s. d.

MARTIN Bormann, herdeiro de Hitler, vive em Santa Catarina. **Tribuna da Imprensa**, [s. l.], 27 maio 1960.

MENGELE e Bormann, fatos e boatos. **O Estado do Paraná**, Curitiba, PR, 13 jan. 1968.

NAZISMO – do III Reich a Marechal Cândido Rondon Nazismo – do III Reich a Marechal Cândido Rondon. **O Paraná**, Cascavel, PR, 2 out. 1976.

NAZISMO – do III Reich a Marechal Cândido Rondon. **O Paraná**, Cascavel, PR, 3 out. 1976.

O “ANJO da Morte” morou no Paraná. **O Estado do Paraná**, Curitiba, PR, 6 ago. 1991.

O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, PR, 13 dez. 1967a.

O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, PR, 14 dez. 1967b.

O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, PR, 15 dez. 1967c.

O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, PR, 16 dez. 1967d.

O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, PR, 26 fev. 1969.

O IV Reich em Rondon. **Revista Oeste**, Cascavel, PR, n. 65, out. 1991c.

O IV Reich em Rondon. **Revista Oeste**, Cascavel, PR, n. 67, out. 1991a.

O IV Reich em Rondon. **Revista Oeste**, Cascavel, PR, n. 68, out. 1991b.

O IV Reich. **Revista Realidade**, São Paulo, ano X, n. 119, fev. 1976.

O PARANÁ. Cascavel, PR, 1 out. 1976.

ONDE está nascendo o IV Reich. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 18 maio 1968.

SEARCH for Martin Bormann. **Jornal Chicago Tribune**, Chicago, 29 nov. 1972.

TRIBUNA DO PARANÁ. Curitiba, PR, 15 agosto 1976.

ZERO HORA. Porto Alegre, RS, 31 jul. 1995.

Este livro foi composto com as famílias das fontes
Alegreya Sans e Steelfish
Feito no Brasil - 2024

No dia 18 de maio de 1968, o Jornal da Tarde, do estado de São Paulo, estampava a capa de sua edição com a seguinte manchete Onde está nascendo o IV Reich: “A nove mil quilômetros de Berlim, no Brasil, no interior do Paraná, em Marechal Cândido Rondon, a polícia descobriu uma nova Alemanha. Num relatório oficial, já entregue ao governador Paulo Pimentel, um investigador garante: ‘É uma Alemanha nazista. Seus cidadãos mais importantes e protegidos são Martin Bormann e Joseph Mengelle’. A nova Alemanha, há 23 anos do fim da guerra contra Hitler, é presidida por seis nazistas, segundo a polícia. E é também o IV Reich em instalação no Brasil”.

Discursos como este não se restringiram à pequena cidade de Marechal Cândido Rondon, mas foram produzidos sobre várias cidades do Brasil e da América Latina após o final da Segunda Guerra Mundial. Afinal de contas, representados como encarnação do Diabo, muitos acreditavam que os nazistas sobreviventes nunca se dariam por vencidos.

Descubra um pouco mais sobre umas das consequências do nazismo nesse livro: estariam os nazistas conspirando para formar um IV Reich a partir da América Latina?



Marcos Eduardo Meinerz possui graduação em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2010), Mestrado em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR (2013) e Doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná (2018), na linha de pesquisa: Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na História.

Pesquisa principalmente os seguintes temas: imaginário, conspiração, nazismo, negacionismos e extrema-Direita. Atuou e atua nos Ensinos Fundamentais, Médios e Superior na rede particular e pública no estado do Paraná. É membro dos grupos de pesquisa: Direitos Humanos e políticas de Memória (DIHPOM) [UFPR], sob coordenação da Profa. Dra. Marionilde Brepohl de Magalhães.

